



TORMENT



A FALLEN NOVEL

THE NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

LAUREN KATE



Torment

Fallen II

Lauren Kate



Sinopse:

Inferno na terra.

É assim que Luce se sente quando é separada de seu namorado anjo caído, Daniel.

Eles levaram uma eternidade para se encontrar, mas agora ele lhe falou que precisava ir embora. Somente o tempo suficiente para caçar os Excluídos - Imortais que querem matar Luce. Daniel esconde Luce em Shoreline, uma escola na rochosa costa da Califórnia que possui estudantes com dons incomuns : Nephilim, a prole de anjos caídos e humanos.

Em Shoreline, Luce aprende o que são as sombras e como ela pode usar elas como janelas para suas vidas anteriores. Porém, quanto mais Luce aprende, mais ela suspeita que Daniel não a contou tudo. Ele está escondendo algo - algo perigoso.

E se a versão de Daniel sobre o passado não for exatamente verdade? E se Luce estiver realmente destinada a ficar com outro?

O segundo livro da viciante serie Fallen ... onde o amor nunca morre.

*Para Elizabeth, Irdy, Anne, e Vic.
Eu tenho sido tão sortuda em ter vocês.*

Reconhecimentos:

Primeiro, inexpressíveis agradecimentos para os meus leitores pelo efusivo e generoso suporte. Por causa de vocês, talvez eu tenha que simplesmente continuar escrevendo para sempre.

Para Wendy Loggia, cuja crença nessa série foi um grande presente, e sabe como fazer ela sempre quis que fosse. Para Beverly Horowitz, cujos e-mails de boas novas tem alegrado muitos dos meus dias. Para Ângela Carlino e a equipe de design, pela jaqueta que podia lançar mil navios. Para meu sócio de viagem Noreen Marchisi, Roshan Nozari, e o resto da tremenda equipe de marketing da Random House. Vocês são mágicos. Para Michel Stearns e Ted Malawer, genuínos incansáveis. A esperteza e encorajamento de vocês os fazem quase divertidos demais para trabalhar junto.

Para meus amigos, que me mantem sã e inspirada. Para minha família no Texas, Arkansas, Baltimore e Florida por tanta exuberância e amor. E para Jason, por cada dia.

*Pois, se doar minhas asas a finura
Aflição avançara o vôo em mim.*

—GEORGE HERBERT, *Easter Wings*

Prólogo

Águas Neutras

Daniel olhou para a baía. Seus olhos eram tão cinzentos quanto o espesso nevoeiro envolvendo o litoral de Sausalito, enquanto a água agitada marulhava os seixos da praia debaixo de seus pés. Não havia, agora, nem um pouco de violeta em seus olhos; ele conseguia sentir isso. Ela estava longe demais.

Ele se preparou contra a revolta da água. Mas mesmo enquanto puxava mais para perto seu casaco grosso e preto estilo navy*, ele sabia que era inútil. A caça sempre o deixava com frio.

<http://www.moderndandies.com/files/images/Pea-Coat.jpg>

Só uma coisa poderia aquecê-lo hoje, e ela estava fora de seu alcance. Ele sentia falta de como o topo da cabeça dela formava a base perfeita para ele descansar seus lábios. Ele imaginou preencher o círculo que seus braços formavam com o corpo dela, inclinando-se para beijá-la no pescoço. Mas era uma coisa boa Luce não poder estar com ele agora. O que ela veria a deixaria horrorizada.

Atrás dele, o gemido dos leões marinhos deitados em pilhas ao longo da costa sul da Ilha Angel soava como ele se sentia: estranhamente solitário, sem ninguém por perto para ouvir.

Ninguém, exceto Cam.

Ele estava agachado na frente de Daniel, amarrando uma âncora enferrujada em torno da figura curvada e molhada a seus pés. Mesmo envolvido em algo tão sinistro, Cam ficava bem. Seus olhos verdes brilhavam e seu cabelo negro estava curto. Ele era a trégua; ela sempre trazia um brilho

mais intenso às bochechas dos anjos, um resplendor mais reluzente aos seus cabelos, um recorte ainda mais distinto aos seus impecáveis corpos musculosos. Os dias de trégua eram, para os anjos, o que férias na praia eram para os seres humanos.

Assim, mesmo que Daniel sentisse uma dor por dentro toda vez que era forçado a acabar com uma vida humana, para qualquer outra pessoa, ele parecia como um cara que acabou de passar uma semana no Havaí: relaxado, descansado, bronzeado.

Apertando um de seus intrincados nós, Cam disse, "Típico Daniel. Sempre se afastando e me deixando o trabalho sujo."

"Do que você está falando? Fui eu quem acabou com ele!" Daniel olhou para o homem morto, para o resistente cabelo grisalho emaranhado em sua testa oleosa, para suas mãos nodosas e para suas galochas baratas de borracha e o rasgo vermelho escuro em seu peito. Isso fez ele se sentir frio novamente. Se as mortes não fossem necessárias para garantir a segurança de Luce, para salva-lá, Daniel nunca levantaria outra. Nunca entraria em outra luta.

E algo sobre matar este homem não parecia muito certo. Na verdade, Daniel tinha um sentido vago e perturbador que algo estava profundamente errado.

"Terminar com eles é a parte divertida." Cam envolveu a corda em torno do peito do homem e apertou-a sob seus braços. "O trabalho sujo é jogá-los ao mar."

Daniel ainda segurava o galho sangrento de árvore em suas mãos. Cam tinha rido de sua escolha, mas Daniel nunca se importou com a arma que usava. Ele conseguia matar com qualquer coisa.

"Depressa," ele rosnou, nauseado pelo óbvio prazer que Cam tinha no derramamento de sangue humano. "Você está desperdiçando tempo. A maré vai baixar."

"E a não ser que façamos isso do meu jeito, a maré alta de amanhã trará o Morto aqui de volta à costa. Você é muito impulsivo, Daniel, sempre foi. Você alguma vez pensa mais do que um passo à frente?"

Daniel cruzou os braços e olhou para trás para as cristas brancas das ondas. Um catamarã de um turista do píer de São Francisco estava

deslizando em direção a eles. Em outros tempos, a visão do barco poderia ter trazido uma enxurrada de lembranças. De mil viagens prazerosas que ele tinha feito com Luce por oceanos de mil vidas. Mas agora – agora que ela poderia morrer e não voltar, nesta vida, onde tudo era diferente e não haveria mais reencarnações – Daniel estava sempre muito consciente de como a memória dela estava em branco. Esta era a última chance. Para os dois. Para todos, na verdade. Então era a memória de Luce, e não de Daniel, que importava, e tantas verdades chocantes teriam que ser cuidadosamente trazidas à tona se ela fosse sobreviver. Pensar no que ela teria que aprender fez seu corpo inteiro ficar tenso.

Se Cam pensava que Daniel não estava pensando no próximo passo, ele estava errado.

"Você sabe que eu só estou aqui ainda por uma razão," Daniel disse. "Precisamos falar sobre ela."

Cam riu. "Eu estava falando sobre ela." Com um gemido, ele ergueu o corpo encharcado do homem por cima do seu ombro. O terno azul-escuro do morto estava amontoado nas linhas da corda que Cam tinha amarrado. A pesada âncora descansava em seu peito ensangüentado.

"Este aqui é um tanto cartilaginoso, não é?" Cam perguntou. "Estou quase ofendido pelos Anciões não terem enviado um assassino mais desafiador."

Então – como se ele fosse um arremessador de pesos olímpico – Cam dobrou os joelhos, girou três vezes para conseguir velocidade, e jogou o homem morto sobre a água, viajando trinta metros pelo ar.

Por alguns longos segundos, o cadáver navegou pela baía. Então o peso da âncora o arrastou pra baixo... para baixo... para baixo. Ele espirrou grandiosamente sobre a profunda água marinha. E afundou imediatamente para fora de vista.

Cam limpou as mãos. "Acho que acabei de marcar um recorde."

Eles eram parecidos de tantas maneiras. Mas Cam era pior, um demônio, e isso fazia ele ser capaz de atos desprezíveis sem te remorso algum. Daniel ficava aleijado pelo remorso. E, neste momento, ele estava ainda mais aleijado pelo amor.

"Você toma a morte humana de forma tão leve," Daniel disse.

"Esse cara mereceu," disse Cam. "Você realmente não vê a graça nisso tudo?"

Foi quando Daniel ficou cara-a-cara com ele e cuspiu: "Ela não é uma brincadeira pra mim!"

"E é exatamente por isso que você vai perder."

Daniel agarrou Cam pela gola de seu trench coat cinza-azul. Ele considerou jogá-lo na água da mesma maneira que ele tinha feito com o predador.

Uma nuvem passou pelo sol, sua sombra escurecendo seus rostos.

"Calma," disse Cam, empurrando as mãos de Daniel para longe. "Você tem muitos inimigos, Daniel, mas agora eu não sou um deles. Lembre-se da trégua."

"Bela trégua," disse Daniel. "Dezoito dias com outros tentando matá-la."

"Dezoito dias para você e eu pegá-los," Cam corrigiu.

Era uma tradição celeste que as tréguas durassem dezoito dias. No Céu, dezoito era o número mais sortudo, mais divino: uma contagem otimista de dois grupos de sete (os arcanjos e as virtudes cardinais), equilibrados pelo alerta dos quatro cavaleiros do Apocalipse. Em algumas línguas mortais, dezoito viria a significar a própria vida - contudo, nesse caso, para Luce, podia tão facilmente significar a morte.

Cam estava certo. A medida que a notícia da sua mortalidade escorria pelas camadas celestiais, as fileiras dos seus inimigos iriam dobrar e redobrar a cada dia. A Senhorita Sophia e seus cúmplices, os Vinte e quatro Anciões de Zhmaelin, ainda estavam atrás de Luce. Daniel havia vislumbrado os Anciões nas sombras lançadas pelos Anunciantes bem naquela manhã. Ele tinha vislumbrado outra coisa, também - outra escuridão, uma profunda astúcia, uma que ele não tinha reconhecido à primeira vista.

Um raio de sol perfurou as nuvens, e algo brilhou no canto da visão de Daniel. Ele virou-se e se ajoelhou para encontrar uma única flecha plantada na areia molhada. Era mais fina do que uma flecha normal, de uma

cor prata fosca, atada com desenhos gravados em espiral. Estava quente ao toque.

A respiração de Daniel ficou presa em sua garganta. Faziam eternidades desde que ele tinha visto uma starshot*. Seus dedos tremeram enquanto ele gentilmente tirava-a da areia, tomando cuidado para evitar a sua mortal extremidade sem corte.

* achei melhor não traduzir, já que é um termo inventado pela autora para designar uma arma.

Agora Daniel sabia de onde aquela outra escuridão tinha vindo com os Anunciadores, esta manhã. A notícia era ainda mais assustadora do que ele temia. Ele virou-se para Cam, a flecha leve como uma pluma equilibrada em suas mãos. "Ele não estava agindo sozinho."

Cam endureceu à visão da flecha. Ele moveu-se em direção a ela quase com reverência, esticando-se para tocá-la da mesma maneira que Daniel tinha feito. "Uma arma tão valiosa para ser deixada para trás. O Banido devia estar com muita pressa de ir embora."

Os Banidos: uma seita de anjos covardes e evasivos, marginalizados tanto pelo Céu quanto pelo Inferno. Sua grande força era o recluso anjo Azazel, o único ferreiro de estrelas remanescente, que ainda conhecia a arte de produzir starshots. Quando solta de seu arco de prata, uma starshot pouco mais podia fazer do que ferir um mortal. Mas para anjos e demônios, era a arma mais mortal de todas.

Todos a queriam, mas ninguém estava disposto a se associar com os Banidos, então o escambo pelas starshots era sempre feito clandestinamente, via mensageiro. O que significava que o homem que Daniel tinha matado não era um assassino enviado pelos Anciões. Ele era apenas um escambador. O Banido, o verdadeiro inimigo, tinha fugido impetuosamente – provavelmente assim que viu Daniel e Cam. Daniel estremeceu. Esta não era uma boa notícia.

"Nós matamos o cara errado."

"Que cara 'errado'?" Cam afastou-o. "O mundo não fica melhor com um predador a menos? A Luce não fica melhor?" Ele olhou para Daniel, e depois para o mar. "O único problema é—"

"Os Banidos."

Cam assentiu. "Então agora eles querem ela também."

Daniel podia sentir as pontas de suas asas eriçando sob seu suéter de cashmere e seu pesado casaco, uma coceira ardente que o fez recuar. Ele ficou parado, com seus olhos fechados e seus braços ao seu lado, esforçando-se para dominar a si mesmo antes que suas asas irrompessem como o desenrolar violento de velas de um barco e o levassem para cima e para fora desta ilha e sobre a baía e para longe. Diretamente para ela. Ele fechou seus olhos e tentou imaginar Luce. Ele teria que se arrastar para longe daquela cabana, de sono pacífico dela naquela pequenina ilha a leste de Tybee*. Seria noite lá agora. Será que ela estaria acordada? Será que ela estaria com fome?

* Tybee Island é uma cidade localizada no estado americano de Geórgia, no Condado de Chatham.

A batalha na Espada & Cruz, as revelações, e a morte de sua amiga – isso tinha causado bastante dano em Luce. Os anjos esperavam que ela dormisse o dia todo e pela noite também. Mas amanhã de manhã eles precisariam de um plano em ação.

Esta foi a primeira vez que Daniel havia proposto uma trégua. Definir os limites, fazer as regras, e elaborar um sistema de conseqüências se ambos algum dos lados transgredisse – era uma enorme responsabilidade para arcar com Cam. É claro que ele faria isso, ele faria qualquer coisa por ela... ele só queria se certificar de que estava fazendo isso certo.

"Nós temos que escondê-la em algum lugar seguro," disse ele. "Há uma escola no norte, perto de Fort Bragg–"

"A Escola Shoreline." Cam assentiu. "Meu lado investigou a escola também. Ela vai ser feliz lá. E educada de uma maneira que não a colocará em perigo. E, mais importante, ela ficará protegida."

Gabbe já explicara a Daniel o tipo de camuflagem que Shoreline poderia proporcionar. Em pouco tempo, a notícia de que Luce estava escondida lá se espalharia, mas por um tempo, pelo menos, dentro do perímetro da escola, ela ficaria quase invisível. Lá dentro, Francesca, a anjo mais próxima de Gabbe, iria cuidar de Luce. Do lado de fora, Daniel e Cam iriam caçar e matar qualquer um que ousasse se aproximar dos limites da escola.

Quem teria dito sobre Shoreline para Cam? Daniel não gostava da idéia do lado de Cam sabendo mais do que o dele. Ele já estava xingando a

si mesmo por não ter visitado a escola antes de fazerem esta escolha, mas tinha sido difícil o bastante deixar Luce quando ele fizera.

"Ela já pode começar amanhã... Supondo" - os olhos de Cam correram pelo rosto de Daniel - "supondo que você diga sim."

Daniel pressionou uma mão sobre o bolso interno de sua camisa, onde mantinha uma fotografia recente. Luce no lago da Espada & Cruz. O cabelo molhado brilhando. Um raro sorriso no rosto. Normalmente, quando ele tinha a chance de obter uma imagem dela em uma de suas vidas, ele já tinha perdido-a novamente. Desta vez, ela ainda estava aqui.

"Vamos lá, Daniel," Cam dizia. "Nós dois sabemos do que ela precisa. Nós vamos matriculá-la - e depois deixá-la em paz. Não podemos fazer nada para apressar esta parte, exceto deixá-la sozinha."

"Eu não posso deixá-la sozinha por tanto tempo." Daniel tinha disparado as palavras muito rapidamente. Ele olhou para a flecha em suas mãos, sentindo-se enojado. Ele queria arremessá-la para o oceano, mas não podia.

"Então." Cam olhou com os olhos parcialmente fechados. "Você não contou pra ela."

Daniel congelou. "Eu não posso contar nada a ela . Poderíamos perdê-la."

"Você poderia perdê-la." Cam zombou.

"Você sabe o que eu quero dizer." Daniel enrijeceu. "É muito arriscado supor que ela poderia assimilar tudo sem..."

Ele fechou os olhos para banir a imagem da labareda em brasas agonizante. Mas sempre queimava no fundo de sua mente, ameaçando se espalhar rapidamente. Se ele dissesse a verdade à ela e isso a matasse, desta vez ela realmente partiria. E seria culpa dele. Daniel não podia fazer nada - ele não podia existir - sem ela. Suas asas queimavam só de pensar. Melhor protegê-la por um pouco mais de tempo.

"Como é conveniente para você," Cam murmurou. "Eu só espero que ela não fique desapontada."

Daniel ignorou-o. "Você realmente acredita que ela vai ser capaz de aprender nesta escola?"

"Eu acho," respondeu Cam lentamente. "Assumindo que concordemos que ela não tenha distrações externas. Isso significa nada de Daniel, e nada de Cam. Essa tem de ser a regra fundamental. "

Não vê-la por dezoito dias? Daniel não conseguia compreender isso. Mais ainda, ele não conseguia compreender que Luce concordasse com isso. Eles tinham acabado de se encontrar nessa vida e finalmente tinham uma chance de estarem juntos. Mas, como de costume, explicar os detalhes poderia matá-la. Ela não podia ouvir sobre suas vidas passadas pelas bocas dos anjos. Luce não sabia ainda, mas muito em breve, ela estaria sozinha para descobrir... tudo.

A verdade enterrada – especificamente o que Luce pensaria dela – apavorava Daniel. Mas Luce descobri-la por si mesma era a única maneira de se livrar deste ciclo terrível. Era por isso que sua experiência em Shoreline seria crucial. Durante dezoito dias, Daniel poderia matar todos os Banidos que aparecessem pelo caminho. Mas quando a trégua acabasse, tudo estaria nas mãos de Luce novamente. Somente nas mãos de Luce.

O sol estava se pondo sobre o Mount Tamalpais e o nevoeiro da noite estava adentrando.

"Deixe-me levá-la para Shoreline," disse Daniel. Essa seria a sua última chance de vê-la.

Cam olhou para ele curiosamente, se perguntando se deveria consentir. Pela segunda vez, Daniel teve que forçar fisicamente suas asas doloridas a voltarem para sua pele.

"Tudo bem," disse Cam por fim. "Em troca da starshot." Daniel entregou a arma, e Cam a deslizou para dentro de seu casaco.

"Leve-a até a escola e depois me encontre. Não estrague tudo; eu estarei observando."

"E então?"

"Você e eu temos uma caçada para fazer."

Daniel assentiu e libertou suas asas, sentindo o prazer profundo da liberação delas por todo o seu corpo. Ele ficou parado por um momento, juntando energia, sentindo a áspera resistência do vento. Hora de fugir deste maldito e horrendo lugar, de deixar suas asas levarem-no para um lugar onde ele poderia ser ele mesmo.

De volta para Luce.

E de volta para a mentira que ele teria que viver por um pouco mais.

"A trégua começa à meia-noite de amanhã." Daniel disse, chutando para trás uma grande quantidade de areia na praia enquanto se elevava e levantava vôo pelo céu.

Capítulo 1

Dezoito Dias

Luce planejava manter seus olhos fechados durante todas as seis horas do voo através do país da Geórgia para Califórnia, até o momento em que as rodas do avião encostassem no chão de São Francisco. Meio dormindo, ela achava bem mais fácil fazer de conta que já estava reunida com Daniel.

Parecia que uma vida havia se passado desde que ela havia visto ele, apesar de ter se passado somente alguns dias. Desde que eles haviam se despedido em Sword & Cross na sexta-feira de manhã, Luce sentia o corpo todo meio grogue. A ausência da voz dele, do seu calor, do toque das suas asas: tinha penetrado em seus ossos, como uma estranha doença.

Um braço se esfregou contra o seu e Luce abriu seus olhos. Ela estava cara a cara com um cara de olhos arregalados e de cabelos castanhos alguns anos mais velho que ela.

“Desculpa.” Os dois falaram ao mesmo tempo, cada um recuando alguns centímetros em cada lado do braço da poltrona do avião.

Do lado de fora da janela a visão era surpreendente. O avião estava fazendo sua descida em São Francisco e Luce nunca havia visto nada como aquilo antes. Enquanto eles traçavam o lado sul da baía um sinuoso afluente azul parecia cortar através da terra em seu caminho para o mar. O fluxo dividia um vibrante campo verde de um lado de um redemoinho de algo vermelho claro e branco do outro. Ela pressionou sua testa na janela dupla de plástico e tentou ter uma visão melhor.

“O que é aquilo?” ela se perguntou em voz alta.

“Sal.” O cara respondeu apontando. Ele se inclinou mais perto. “Eles retiram do Pacífico.”

A resposta era tão simples, tão... humana. Quase uma surpresa depois do tempo que ela havia passado com Daniel e o outro – ela ainda estava sem prática de usar o termo literal – anjos e demônios. Ela olhou através da água azul meia noite que parecia se esticar eternamente. Sol-sobre-água sempre significou amanhecer para a criada na costa do Atlântico Luce. Mas aqui era quase meia noite.

“Você não é daqui, é?” seu colega de acento perguntou.

Luce sacudiu a cabeça mas segurou a língua. Ela continuou olhando para fora da janela. Antes de deixar Geórgia nesta manhã, Sr. Cole havia instruído ela sobre manter-se discreta. Os outros professores haviam sido avisados que os pais de Luce haviam pedido sua transferência. Isso era uma mentira. Até onde os pais de Luce, Callie e qualquer outra pessoa sabia, ela ainda estava matriculada em Sword & Cross.

A algumas semanas atrás isso iria enfiar-se nela. Mas as coisas que haviam acontecido naqueles dias finais em Sword & Cross haviam deixado Luce uma pessoa que levava o mundo mais seriamente. Ela havia vislumbrado uma foto de outra vida – uma dentre tantas que ela havia dividido com Daniel antes. Ela havia descoberto um amor mais importante para ela que qualquer coisa que havia pensado ser possível. E então ela havia visto tudo isso ser ameaçado por uma velha louca empunhando uma adaga que ela achava que podia confiar.

Haviam mais lá fora como Miss Sophia, isso Luce sabia. Mas ninguém havia lhe dito como reconhecer eles. Miss Sophia havia parecido normal até o final. Poderiam os outros parecer tão inocentes quanto ... esse cara de cabelos castanhos sentado próximo a ela? Luce engoliu em seco, dobrou as mãos em seu colo e tentou pensar em Daniel.

Daniel estava levando ela a algum lugar a salvo.

Luce imaginou ele esperando por ela em uma daquelas cadeiras de plástico cinza de aeroporto, cotovelos nos joelhos, sua cabeça loira enfiada entre os ombros. Se balançando para frente e para trás em seus tênis pretos Converse. Se levantando a cada alguns minutos para andar ao redor do carrossel de bagagens.

Teve um solavanco quando o avião tocou o chão. De repente ela estava nervosa. Ele estaria tão feliz de vê-la quanto ela estava de vê-lo?

Ela se focou no desenho marrom e bebe do acento em frente a ela. Seu pescoço parecia duro da longa viagem e suas roupas tinham um rançoso, abafado cheiro de avião. A tripulação vestida de azul marinho do lado de fora parecia estar levando um tempo anormalmente longo para direcionar o avião até a ponte de saída dos passageiros.

Seus joelhos sacudiam com impaciência.

“Então você vai ficar em Califórnia por algum tempo?” o cara próximo a ela ofereceu um sorriso preguiçoso que só fez Luce mais ansiosa para se levantar.

“Por que você diria isso?” ela perguntou rapidamente. “O que o faria pensar isso?”

Ele piscou. “Com essa enorme mochila vermelha de tecido e tudo.”

Luce se afastou dele. Ela nem havia notado aquele cara até dois minutos atrás quando ele havia rangido a acordando. Como ele sabia sobre a bagagem dela?

“Ei, nada assustador.” Ele a lançou um olhar estranho. “Eu só estava parado atrás de você na fila quando você fez o check in.”

Luce sorriu sem jeito. “Eu tenho namorado.” Flui pela boca dela. Instantaneamente suas bochechas avermelharam.

O cara tossiu. “Entendido.”

Luce fez um careta. Ela não sabia por que ela havia dito aquilo. Ela não queria ser rude, mas a luz do cinto de segurança havia apagado e tudo que ela queria era passar pela cara e sair do avião. Ele deve ter tido a mesma idéia, porque ele avançou para trás no corredor e passou sua mão para frente. O mais educadamente que ela pode, Luce passou por ele o empurrando e delimitando a saída.

Somente para ser pega em um gargalo de agonizante lentidão na ponte de saída de passageiros. Silenciosamente amaldiçoando todos os casuais californianos se embaralhando em frente a ela, Luce ficou na ponta dos pés e mudou de um pé para o outro. Quando ela colocou o pé no terminal, já havia ficado meio louca com a impaciência.

Finalmente ela conseguia se mover. Ela passou eficientemente através da multidão e esqueceu-se do cara que ela recém havia conhecido no avião. Ela se esqueceu de se sentir nervosa por nunca ter estado em Califórnia na vida – nunca havia estado mais longe do que Branson, Missouri, naquela vez que seus pais a arrastaram para ver Yakov Smirnoff se apresentar. E pela primeira vez em dias, ela até se esqueceu brevemente das terríveis coisas que ela havia visto em Sword & Cross. Ela estava se dirigindo a única coisa no mundo que tinha o poder de fazê-la se sentir melhor. A única coisa que podia fazê-la sentir que a angústia que ela havia passado – todas as sombras, a batalha irreal no cemitério e, pior de tudo, o coração partido pela morte de Penn – podia valer a pena sobreviver.

Lá estava ele.

Sentado exatamente como ela havia imaginado que ele estaria, no final de uma fileira de tristes cadeiras cinza, próximo a uma porta automática que ficava abrindo e fechando atrás dele. Por um segundo, Luce ficou parada aproveitando a vista.

Daniel estava usando chinelos e jeans escuros que ela nunca havia visto antes, e uma camiseta vermelha esticada que estava rasgada próximo ao bolso na frente. Ele parecia o mesmo, e ao mesmo tempo de alguma maneira diferente. Mais descansado do que ele havia estado quando disseram adeus no outro dia. E era só que ela sentia tanto a falta dele ou a pele dele estava ainda mais radiante do que ela se lembrava? Ele olhou para cima e finalmente viu ela. O sorriso dele praticamente brilhava.

Ela saiu correndo em direção a ele. Em segundos os braços dele estavam ao redor dela, o rosto dela enterrado no peito dele e Luce soltou o mais longo e profundo suspiro. A boca dela encontrou a dele e ele afundaram em um beijo.

Ela ficou solta e feliz nos braços dele.

Ela não havia percebido até agora, mas parte dela se perguntava se ela o veria de novo, se tudo aquilo podia ter sido um sonho. O amor que ela sentia, o amor que Daniel reciprocava, tudo ainda parecia surreal.

Ainda presa no seu beijo, Luce beliscou levemente seu bíceps. Não é um sonho. Pela primeira vez em que ela nem sabia a quanto tempo, ela se sentia em casa.

“Você está aqui.” Ele sussurrou no ouvido dela. “Você está aqui.”

“Nós dois estamos aqui.”

Eles riram, ainda se beijando, devorando cada pedaço do doce embaraço por estarem se reencontrando.

Mas quando Luce menos esperava, sua risada se tornou em um fungar. Ela estava procurando por uma maneira de dizer o quão difícil os últimos dias tinham sido para ela – sem ele, sem ninguém, meio dormindo e grogueamente consciente que tudo havia mudado – mas agora nos braços de Daniel, ela falhava em encontrar as palavras.

“Eu sei,” ele falou. “Vamos pegar sua bolsa e sair daqui.”

Luce se virou em direção ao carrossel de bagagens e encontrou seu vizinho do avião parado em frente a ela, as alças da enorme bolsa dela agarrados nas mãos dele. “Eu vi isso passar,” ele falou, um sorriso forçado no rosto dele, como se ele estivesse até o fim tentando provar suas boas intenções. “É sua, não é?”

Antes que Luce tivesse tempo de responder, Daniel aliviou o cara da pesada bolsa, usando somente uma mão.

“Brigada, cara. Eu tomo conta daqui.” Ele falou, decisivamente o bastante para encerrar a conversa.

O cara assistiu Daniel deslizar sua outra mão ao redor da cintura de Luce e carregá-la dali. Essa era a primeira vez desde *Sword & Cross* que Luce havia sido capaz de ver Daniel como o mundo via, sua primeira chance de se perguntar se as outras pessoas podiam notar, só de olhar, que havia algo extraordinário sobre ele.

Então eles saíram pela porta de correr de vidro e respiraram o primeiro real ar da costa oeste.

O ar do início de novembro tinha a sensação de fresco e rápido e saudável de alguma maneira, não humido e frio como o ar de Savana naquela tarde quando o avião havia partido. O céu era um brilhante azul, nenhuma nuvem no horizonte. Tudo parecia novo – cunhado e limpo – até o estacionamento tinha filas e filas de carros recém lavados.

Uma linha de montanhas moldurava tudo, marrom amarelado com pontos de árvores verdes irregulares, um morro rolando até o outro.

Ela não estava mais em Geórgia.

“Eu não consigo me decidir se estou surpreso,” Daniel brincou. “Eu deixo você de fora da minha asa por dois dias e outro cara já aparece.”

Luce revirou os olhos. “Qual é. Nós mal nos falamos. Mesmo, eu dormi durante todo o vôo.” Ela o cutucou. “Sonhando com você.”

Os lábios franzidos de Daniel se transformaram em um sorriso e ele deu um beijo no topo da cabeça dela.

Ela ficou parada, querendo mais, nem percebendo que Daniel havia parado na frente do carro. E não qualquer carro, um Alfa Romeo preto.

O queixo de Luce caiu quando Daniel destrancou a porta do passageiro.

“E-esse ..,” ela gaguejou. “Esse é ... você sabia que esse é o meu absoluto carro dos sonhos?”

“Mais que isso,” Daniel riu. “esse costumava ser seu carro.”

Ele riu quando ela praticamente pulou com as palavras dele. Ela ainda estava se acostumando com a parte de reencarnação da história deles. Era tão injusto. Um carro todo com o qual ela não tinha nenhuma memória. Vidas inteiras que ela não conseguia se lembrar.

Ela estava desesperada para saber sobre elas, quase como se seuseus anteriores fossem parentes dos quais ela havia sido separada no nascimento. Ela colocou sua mão no pára-brisa, procurando por um resquício de algo, por um déjà vu.

Nada.

“Foi um presente dos seus pais pelo seu aniversário de dezesseis anos a umas duas vidas atrás.” Daniel olhou para os lados, como se ele estivesse tentando se decidir o quanto dizer. Como se ele soubesse que ela estava faminta por detalhes mas podia não conseguir engolir muitos de uma vez só. “Eu acabei de comprar de um cara em Reno. Ele comprou após você, uh... bom, após você...”

Esponaneamente entrar em combustão, Luce pensou, sentindo a amarga verdade que Daniel não diria. Aquela era a única coisa sobre seu passado: o final raramente mudava.

Exceto, parecia que dessa poderia. Dessa vez eles podia segurar as mãos, beijar, e ... ela não sabia o que mais eles podiam fazer. Mas ela iria descobrir. Ela se segurou. Eles tinha que ser cuidadosos.

Dezessete anos não era o bastante, e nessa vida, Luce estava decidida a ficar par aver o que era realmente estar com Daniel.

Ele limpou a garganta e bateu no brilhante capô preto. “Aind anda como um campeão. O único problema é ...” ele olhou para o pequeno porta malas do conversível, e então para a bolsa de Luce, e então de volta para o porta mala.

Sim, Luce tinha o terrível habito de carregar bagens exageradas, ela havia sido a primeira a admitir. Mas pela primeira vez essa não tinha sido sua culpa. Arriane e Gabbe haviam arrumado suas coisas do quarto em Sword & Cross, cada peça de roupa preta e não preta que ela nunca teve a chance de usar.

Ela havia estado ocupada demais se despedindo de Daniel e de Penn para fazer as malas. Ela se contraiu sentindo-se culpada por estar ali na Califórnia com Daniel, tão distante de onde ela havia deixado sua amiga enterrada. Isso não parecia justo. Sr. Cole ficava reafirmando ela que Sra. Sophia ia responder pelo que havia feito, mas quando Luce tinha pressionado ele sobre o que ele queria dizer exatamente, ele mexeu no bigode e se esquivou.

Daniel olhou desconfiado ao redor do estacionamento. Ele abriu o porta malas, a bolsa massiva de Luce em sua mão. Era impossível de caber, mas então um leve som de sucção vindo de detrás do carro e a bolsa de Luce começou a encolher. Um momento depois, Daniel fechou o porta mala.

Luce piscou. “Faça aquilo de novo!”

Daniel não riu. Ele parecia nervoso. Ele deslizou para o banco do motorista e ligou o carro sem nenhuma palavra. Isso uma coisa nova e estranha para Luce: ver o rosto dele parecer tão sereno na superfície, mas conhecer ele o bastante para sentir algo mais profundo por baixo.

“O que foi?”

“Sr. Cole lhe falou sobre manter a descrição, não falou?”

Ela assentiu com a cabeça.

Daniel manobrou o carro para fora da vaga, então saiu do estacionamento deslizando o cartão de crédito na máquina na saída. “Aquilo foi idiota. Eu deveria ter pensado-”

“Qual é o problema?” Luce colocou seu cabelo escuro para trás da orelha enquanto o carro começou a acelerar.

“Você acha que colocando minha bolsa na porta malas vai atrair a atenção de Cam?”

Daniel tinha um olhar distante e sacudiu sua cabeça. “Não Cam. Não.” Um momento depois, ele apertou o joelho dela. “Esqueça que eu falei alguma coisa. Eu só - Nós dois só precisamos ter cuidado.”

Luce o ouviu, mas estava sobrecarregada para ouvir com atenção. Ela amava assistir Daniel manobrar a direção enquanto eles pegaram a rampa para a rodovia e passar pelo tráfego, amava sentir o vento bater no carro enquanto aceleravam em direção ao gigantesco horizonte de São Francisco; amava - mais que tudo - só estar com Daniel.

Na própria São Francisco, a estrada se tornou bem mais cheia de ladeiras. Cada vez que eles atingiam um pico e começavam a descer outro, Luce tinha uma visão da cidade. Parecia antiga e nova ao mesmo tempo: arranha-céus com janelas espelhadas iam de encontro a bares e restaurantes que pareciam ter um século. Pequenos carros alinhados nas ruas, estacionados em ângulos que desafiavam a gravidade. Cachorros e carrinhos de bebês por todos os lados.

O brilho da água azul ao redor da cidade toda. E o primeiro maço do amor vislumbre do Golden Gate Bridge na distancia.

Os olhos dela corriam ao seu redor tentando acompanhar todas as vistas. E mesmo ela tendo passado a maior parte dos seus últimos dias dormindo, ela de repente se sentiu uma onda de exaustão.

Daniel esticou seu braço ao redor dela e guiou sua cabeça até seu ombro. “Pouco conhecido fato sobre anjos: Nós fazemos ótimos travesseiros.”

Luce riu, erguendo sua cabeça para beijar a bochecha dele. “Eu não poderia dormir,” ela falou esfregando o nariz no pescoço dele.

Na Golden Gate Bridge, multidões de pedestres, motociclistas de espandex e corredores flanqueavam os carros. Bem abaixo era a brilhante baía, dotada com barcos brancos e o indicio de um por do sol com notas de violeta. “Faz dias que não nos vimos. Eu quero recuperar o tempo perdido,” ela falou. “Me diga o que tem feito. Me diga tudo.”

Por um instante ela pensou ter visto as mãos de Daniel tencionar ao redor da direção.

“Se seu objetivo é não dormir,” ele falou, abrindo um sorriso, “então eu realmente não devia entrar nos detalhes da reunião de oito-horas-de-duração do Conselho dos Anjos que eu fiquei preso o dia todo ontem. Veja, o conselho se encontrou para discutir uma emenda para a proposta 362B, que detalha a sanção formatada para a participação de querubins no terceiro circuito de-”

“Ok, eu entendi.” Ela o estapeou. Daniel estava brincando, mas era um estranho e novo tipo de piada. Ele estava realmente sendo aberto com relação a ser um anjo, o que ela amava – ou ao menos ela iria amar uma vez que ela tivesse um pouco mais de tempo para processar. Luce ainda sentia como se seu coração e cérebros estavam lutando para acompanhar as mudanças na vida dela.

Mas eles estavam juntos de novo e para sempre agora, então tudo era definitivamente mais fácil. Não havia masi nada para os separar. Ela puxou o braço dele. “Ao menos me diga onde nós estamos indo.”

Daniel se esquivou e Luce sentiu um nó de frio se desdobrar dentro do peito dela. Ela se moveu para colocar sua mão na dele, mas ele se mexeu para mudar de marcha.

“Um escola em Fort Bragg chamada Shoreline (margem da praia). As aulas começam amanhã.”

“Nós vamos nos matricular em outra escola?” ela perguntou. “Por quê?” Soava tão permanente. Isso era para ser uma viagem provisória. Os pais dela nem sabiam que ela havia saído do estado da Geórgia.

“Você vai gostar de Shoreline. É bastante progressiva e bem melhor que Sword & Cross. Eu acho que você poderá ... se desenvolver aqui. E nenhum mal irá acontecer com você. A escola tem uma qualidade especial de proteção. “Uma camuflagem em forma de escudo.”

“Eu não entendo. Por que eu preciso de um escudo protetor? Eu pensei que vindo para cá, para longe da Sra. Sophia, era o bastante.”

“Não é só a Sra. Sophia,” Daniel falou baixo. “Existem outros.”

“Quem? Você pode me proteger de Cam, ou Molly, ou quem quer que seja.” Luce riu, mas a sensação fria no peito dela se espalhou para seu estômago.

“Não Cam ou Molly, também. Luce, eu não posso falar sobre isso.”

“Vai ter alguém que conhecemos lá? Algum outro anjo?”

“Tem alguns anjos lá. Nenhum que você conheça, mas eu tenho certeza que irão se dar bem. Tem mais uma coisa.” O tom dele era sem inflexão enquanto ele olhava reto a sua frente. “Eu não vou me matricular.” Os olhos dele nenhuma vez se desviaram da estrada. “Só você. É por pouco tempo.”

“Quão pouco?”

“Algumas... semanas.”

Se tivesse sido Luce atrás do volante, aquele seria o momento que ela iria pisar no freio.

“Algumas semanas?”

“Se eu pudesse ficar com você, eu ficaria.” A voz de Daniel era tão sem inflexão, tão nivelada, que fez Luce ficar ainda mais aborrecida. “Você viu o que aconteceu com a sua bolsa e o porta malas. Aquilo foi como atirar um sinalizador no céu para deixar todos saberem onde estamos. Para alertar qualquer um que estiver procurando por mim – e por mim, eu quero dizer

você. Eu sou fácil demais de achar, fácil demais para que os outros rasteiem. E aquele truque com a sua bolsa? Aquilo não é nada comparado com as coisas que eu faço todos os dias e que atrairia a atenção de ..." ele sacudiu a cabeça veemente. "Eu não vou colocar você em perigo, Luce, não vou."

"Então não coloque."

O rosto de Daniel pareceu aflito. "É complicado."

"E me deixe adivinhar: Você não pode explicar."

"Eu queria poder."

Luce recolheu seus joelhos até o peito, se afastou dele se recostando contra a porta do caroneiro se sentindo de alguma forma claustrofóbica sob o grande azul céu da Califórnia.

Por meia hora os dois ficaram em silêncio. Dentro e fora de trechos de fumaça, para cima e para baixo no arenoso e árido terreno. Eles passaram placas para Sonoma e enquanto o carro cruzava através do exuberante verde dos vinhedos.

Daniel falou. "São mais três horas até Fort Bragg. Você vai ficar zangada comigo o tempo todo?"

Luce ignorou ele. Ela pensou e se recusou a dar voz às centenas de perguntas, frustrações, acusações, e - enfim - se desculpou por agir como uma fedelha mimada.

No desvio para Anderson Valley, Daniel bifurcou para o oeste e novamente tentou segurar a mãos dela. "Talvez você me perdoe em tempo para nossos últimos minutos juntos?"

Ela queria. Ela realmente queria não estar brigando com Daniel agora. Mas a recente mensão de ter algo como "últimos minutos juntos," de ele a deixar sozinha por razões que ela não podia entender e que ele sempre se recusava a explicar - deixava Luce nervosa, e então aterrorizada, e então frustrada novamente. No decorrer do mar do novo estado, nova escola, novos perigos em todos os lugares, Daniel era a única rocha que ela tinha para se segurar. E ele estava prestes a deixar ela? Ela não tinha passado pelo suficiente? Eles dois já não tinham passado pelo bastante?

Foi só depois de eles terem passado através das sequóias e saírem em uma noite estrelada azul real que Daniel falou algo que chegou até ela. Eles tinha recém passado por uma placa que dizia BEM VINDOS A MENDOCINO, e Luce estava olhando oeste.

Uma lua chia brilhava sobre um aglomerado de edifícios: um faroleiro, varias torres cobre d'água, e fileiras de casas de madeira velhas bem conservadas.

Em algum lugar além de tudo isso estava o oceano, ela podia ouvir, mas não podia ver.

Daniel apontou para o leste, para uma escura, densa floresta de pau-brasil e arvores de marmelo. “Vê aquele trailler estacionado ali na frente?”

Ela nunca teria se ele não tivesse apontado, mas agora Luce apertou os olhos para enxergar entrada estreita onde uma placa de madeira verde limão que dizia com letras gastas CASAS MOVEIS DE MENDOCINO.

“Você costumava viver bem aqui.”

“O quê?” Luce sugou o ar tão rápido que começou a tossir. O parque parecia triste e solitário, uma linha sem graça de casas idênticas quadradas com tetos baixos ficava ao longo de uma estrada de cascalhos barata. “Isso é horrível.”

“Você morou aqui antes de ser um acampamento de trailler,” Daniel falou, diminuindo o carro até parar no acostamento. “Antes de casas moveis existirem. Seu pai naquela vida trouxe sua família de Illinois durante a febre do ouro.” Ele parecia olhar para o interior de algum lugar, e sacudiu a cabeça tristemente. “Costumava ser um lugar muito bonito.”

Luce assistiu um homem careca com uma barriga de barril puxar um cachorro laranja na coleira. O homem estava usando uma camiseta branca e cuecas boxers de flanela. Luce não conseguia se imaginar ali de jeito nenhum.

Ainda assim era tão claro para Daniel. “Você tinha uma cabine de dois quartos e sua mãe era uma cozinheira terrível, então o lugar todo sempre cheirava a repolho. Você tinha essas cortinas gigantes azuis que eu

costumava abrir para que eu pudesse entrar pela sua janela a noite após seus pais dormirem.”

O carro se desligou. Luce fechou os olhos e tentou lutar contra suas lágrimas estúpidas.

Ouvir a história deles sendo contada por Daniel fez sentir ser possível e impossível ao mesmo tempo. Ouvir também a fez sentir extremamente culpada. Ele ficou preso com ela por tanto tempo, por tantas vidas. Ela havia se esquecido o quão bem ele a conhecia. Melhor até do que ela se conhecia a si mesma. Daniel saberia o que ela estava pensando agora? Luce se perguntou se em algumas maneiras, seria mais fácil ser ela e nunca ter se lembrado de Daniel do que era para ele passar por isso de novo e de novo.

Se ele falou que precisava deixá-la por algumas semanas e não podia explicar por que ... ela teria que confiar nele.

“Como foi a primeira vez que você me conheceu?” ela perguntou.

Daniel sorriu. “Eu cortava madeira em troca de refeições naquela época. Uma noite no horário no jantar eu estava passando pela sua casa. Sua mãe tinha o repolho cozinhando, e fedia tanto que eu quase pulei a sua casa. Mas então eu vi você pela janela. Você estava costurando. Eu não consegui tirar meus olhos das suas mãos.”

Luce olhou para suas mãos, seus pálidos, cônicos dedos e pequenas palmas quadradas. Ela se perguntou se elas sempre foram assim. Daniel pegou as mãos dela através do console. “Elas são tão macias agora quanto eram antes.”

Luce sacudiu a cabeça. Ela amou a história, queira ouvir mais mil iguais a ela, mas isso não era o que ela quis dizer. “Eu quero saber sobre a primeira vez que você me conheceu,” ela falou. “A primeiríssima vez. Como foi?”

Após uma longa pausa, ele finalmente disse, “Esta ficando tarde. Eles estão esperando por você em Shoreline antes da meia noite.”

Ele acelerou, dando uma rápida virada para a esquerda em direção a Mendocino. No espelho lateral, Luce observou o acampamento de casas moveis ficar menor, mais escuro, até desaparecer completamente. Mas então, alguns segundos depois, Daniel estacionou o carro em frente a uma

lanchonete vinte quatro horas fazia com paredes amarelas e janelas da frente que iam do teto ao chão.

A quadra estava cheia de peculiares, antigos prédios que lembravam Luce de uma versão menos metida da costa da Nova Inglaterra próxima a antiga escola preparatória de New Hampshire, Dover. A rua era pavimentada com paralelepípedos irregulares que brilhavam amarelo na luz das lâmpadas da rua. Ao seu final, a estrada parecia cair diretamente no oceano. Um calafrio a surpreendeu. Ela precisava ignorar seu reflexivo medo do escuro. Daniel havia explicado sobre as sombras – que elas não eram nada para se ter medo, meramente mensageiros. O que devia ter sido confortante, exceto pelo difícil de ignorar fato que significavam que tinha coisas maiores para se temer.

“Por que você não me conta?” ela não conseguia se conter. Ela não sabia porque parecia tão importante perguntar. Se ela ia confiar em Daniel quando ele falava que precisava abandoná-la após ansiar por toda a vida dela por esse reencontro – bem, talvez ela só quisesse entender as origens dessa confiança. Saber quando e como tudo começou.

“Você sabe o que meu sobrenome significa?” ele falou, a surpreendendo.

Luce mordeu os lábios, tentando lembrar da pesquisa que ela e Penn haviam feito. ‘Eu lembro Miss Sophia falando algo sobre Watchers (Observadores). Mas eu não sei o que significa, ou até se eu deveria acreditar nela.’ Os dedos dela foram em direção ao seu pescoço, ao local onde a faca de Miss Sophia havia estado.

“Ela estava certa. Os Grigoris são um clã. São um clã nomeado em meu nome, na verdade. Porque eles observam e aprendem com o que acontece quando ... quando eu ainda era bem vindo no Céu. E naquela época quando você era ... bem, isso tudo aconteceu a muito tempo atrás, Luce. É difícil para eu me lembrar a maior parte.”

“Onde? Onde eu estava?” ela pressionou. “Eu me lembro Miss Sophia falando algo sobre os Grigoris se misturando com mulheres mortais. É isso o que aconteceu? Você...?”

Ele olhou para ela. Algo mudou na face dele, e na fraca luz do luar, Luce não conseguia dizer o que significava. Era quase como se ele estivesse aliviado que ela havia adivinhado, então ele não teria que ser aquele que diria com todas as letras.

“A primeiríssima vez que eu vi você,” Daniel continuou, “não foi nada diferente das outras vezes que eu a vi desde então. O mundo era mais novo, mas você era igual. Era -”

“Amor a primeira vista.” Essa parte ela sabia.

Ele assentiu com a cabeça. “Assim como sempre. A única diferença era que, no começo, você era proibida para mim. Eu estava sendo punido, e havia caído por você no pior possível momento. As coisas estavam muito violentas no céu. Por cause de quem ... eu sou ... Eu era esperado ficar longe de você. Você era uma distração.

O foco deveria ser em ganhar a guerra. É a mesma guerra que ainda está acontecendo.” Ele suspirou. “E se você não notou, eu ainda estou bastante distraído.”

“Então você era um anjo bem importante,” Luce murmurou.

“Claro.” Daniel parecia miserável, pausando e então parecendo, quando falou novamente, morder cada palavra: “Era uma queda de um dos mais altos galhos.”

Mas é claro. Daniel teria que ser importante no Céu para causar tanto distúrbio. Para que seu amor por uma garota mortal seja tão fora dos limites.

“Você desistiu de tudo? Por mim?”

Ele tocou sua testa na dela. “Eu não mudaria nada.”

“Mas eu não era nada,” Luce falou. Ela se sentia pesada, como se estivesse se arrastando. Arrastando ele para baixo. “Você teve que abrir mão de tanto!” ela se sentiu doente no estomago. “E agora você está condenado para sempre.”

Desligando o carro, Daniel deu um sorriso triste. “Pode não ser para sempre.”

“O que você quer dizer?”

“Vamos lá,” ele falou, pulando para fora do carro e circulando para abrir a porta. “Vamos dar uma caminhada.”

Eles foram até o final da rua, que não tinha um final sem saída no final das contas, mas levava até uma escadaria íngreme e rochosa que descia até a água. O ar era frio e úmido com o spray do mar. Do lado esquerdo dos degraus, uma trilha indicava o caminho. Daniel pegou a mão dela e foi até a beira do precipício.

“Onde nós estamos indo?” Luce perguntou.

Daniel sorriu para ela, endireitando os ombros e abrindo as asas.

Lentamente, elas se estenderam para cima e para fora dos seus ombros, se desdobrando com uma quase inaudível série de estalos. Totalmente estendidas, elas fizeram um som gentil e suave, como o de um edredom sendo estendido sobre a cama.

Pela primeira vez, Luce notou a parte de trás da camiseta de Daniel. Havia dois pequenos quase imperceptíveis rasgos, que se abriram agora para deixar as asas dele saírem por elas. Será que todas as roupas de Daniel tinham alterações angelicais? Ou ele tinha certas roupas especiais que ele usava quando planejava voar?

De qualquer maneira. As asas dele nunca falhavam em deixar Luce sem palavras.

Elas eram enormes, se elevando três vezes mais alta que Daniel, e se curvavam para cima em direção ao céu em ambos os lados como duas amplas velas brancas. Sua ampla extensão pegava a luz das estrelas e refletia-as ainda mais intensamente, tanto que elas brilhavam com uma radiante luminosidade. Próximo do corpo dele elas se escureciam, sombreando até uma cor rica de marrom creme onde elas encontravam seus músculos dos ombros. Mas ao longo de suas cônicas beiras, elas ficavam mais finas e reluziam, se tornando quase translúcida nas pontas.

Luce ficou olhando para elas, capturada, tentando se lembrar a linha de cada gloriosa pena, segurar tudo em si para quando ele fosse embora. Ele brilhava tanto, o sol podia ter pegado luz emprestada dele.

O sorriso em seus olhos violeta a disseram o quão bem ele se sentia ao deixar suas asas saírem. Tão bem quanto Luce se sentia quando era enlaçada por elas.

“Voe comigo,” ele sussurrou.

“O quê?”

“Eu não vou ver você por um tempinho. Eu preciso dar a você algo para se lembrar de mim.”

Luce beijou ele antes que ele pudesse dizer mais nada, enlaçando seus dedos ao redor do seu pescoço, segurando ele o mais apertado que ela pode, esperando dar a ele algo para se lembrar dela, também.

Com suas costas pressionadas contra o peito dele, e a cabeça dele sobre o ombro dela, Daniel traçou a linha do pescoço dela com beijos. Ela segurou a respiração, esperando. Então ele flexionou as pernas e se jogou da beirada do precipício.

Eles estavam voando.

Para longe da beirada rochosa da costa, por cima das quebrantes ondas prateadas abaixo, se erguendo através do céu como se eles estivessem voando em direção a lua. O abraço de Daniel a protegia de cada sopro do vento, cada roçar do frio do oceano. A noite estava absolutamente quieta. Como se eles fossem as únicas pessoas restantes no mundo.

“Isso é o céu, não é?” ela perguntou.

Daniel riu. “Eu queria que fosse. Talvez um dia em breve.”

Quando eles haviam voado longe o bastante que não podiam ver terra em ambos os lados, Daniel se dirigiu para o norte e eles mergulharam em um amplo arco passando a cidade de Mendocino, a qual brilhava calorosamente no horizonte. Eles estavam bem acima do prédio mais alto na cidade e se momento incrivelmente rápido.

Mas Luce nunca havia se sentido mais a salvo ou mais apaixonada em toda a sua vida.

E então, de repente, eles estavam descendo, gradualmente se aproximando de uma diferente beira de precipício.

Os sons do oceano cresciam mais alto novamente. Uma rua escura de mão única se separava da via principal.

Quando os pés deles tocaram levemente o chão em um pedaço frio de grama, Luce suspirou.

“Onde nós estamos?” ela perguntou, apesar de que era claro que ela já sabia.

A escola Shoreline. Ela podia ver um prédio grande na distância, mas dali parecia completamente escuro, meramente uma forma no horizonte. Daniel a segurou e a pressionou contra ele, como se eles ainda estivessem no ar. Ela esticou a cabeça para trás para olhar para a expressão dele. Os olhos dele estavam marejados.

“Aqueles que me condenaram ainda estão observando, Luce. Eles tem feito por milênios. E eles não querem que nós fiquemos juntos. Eles farão qualquer coisa que puderem para nos impedir. É por isso que não é seguro para eu ficar aqui.”

Ela acentiu com a cabeça, seus olhos ardendo. “Mas por que eu estou aqui?”

“Porque eu farei tudo em meu poder para manter você segura, e este é o lugar para você agora. Eu amo você, Luce. Mais do que qualquer coisa. Eu voltarei para você assim que puder.”

Ela queria protestar, mas se parou. Ele havia desistido de tudo por ela. Quando ele a libertou de seu abraço, ele abriu sua palma e uma forma pequena vermelha dentro começou a crescer. Sua mochila. Ele havia pegado do carro sem que ela sequer notasse, carregado o caminho todo dentro de sua mão. Em apenas alguns segundos, havia crescido inteiramente de volta ao seu tamanho normal. Se ela não estivesse tão de coração partido sobre o que significava para ele entregar para ela, Luce teria amado o truque.

Uma única luz se ascendeu dentro do prédio. Uma silhueta apareceu na porta.

“Não é por tanto tempo. Assim que as coisas estiverem mais seguras, eu voltarei para você.”

A mão quente dele pegou seu pulso e antes que ela percebesse, Luce estava envolvida em seu abraço, se afogando nos lábios dele. Ela deixou tudo o mais se esvaír, seu coração transbordar. Talvez ela não podia se lembrar de suas vidas passadas, mas quando Daniel a beijava, ela se sentia mais próxima do seu passado. E do futuro.

A figura na porta estava andando em direção a ela, uma mulher em um vestido branco curto.

O beijo que Luce havia repartido com Daniel, doce demais para ser tão breve, a deixou tão sem ar quanto os beijos dele sempre a deixavam.

“Não vá,” ela sussurrou, seus olhos fechados. Estava tudo acontecendo rápido demais. Ela não podia abrir mão de Daniel. Ainda não. Ela não achava que jamais poderia.

Ela sentiu um sopro de ar que significava que ele já havia partido. Seu coração foi atrás dele enquanto ela abria os olhos e via o último traço das suas asas desaparecer dentro de uma nuvem, na noite escura.

Capítulo 2

Dezessete Dias

Thwap.

Luce recuou e esfregou seu rosto. Seu nariz doía.

Thwap. Thwap.

Agora eram suas bochechas. Suas pálpebras se abriram e, quase imediatamente, ela enrugou seu rosto em surpresa. Uma garota atarracada com cabelo loiro-cor-de-água-suja, aspecto carrancudo e sobrancelhas enormes inclinava-se sobre ela. Seu cabelo estava amontoado bagunçadamente no topo de sua cabeça.

Ela usava calça de yoga e uma regata de camuflagem com suportes que combinava com seus olhos avelã com manchinhas verdes. Ela segurava uma bola de ping-pong entre seus dedos, preparada para arremessar. Luce arrastou-se para trás com seu lençol e escondeu seu rosto. Seu coração já doía pela falta de Daniel. Ela não precisava de mais dores. Ela olhou para baixo, ainda tentando se orientar, e se lembrou da cama onde tinha indiscriminadamente caído na noite anterior.

A mulher de branco que tinha aparecido assim que Daniel partira tinha se apresentado como sendo Francesca, uma das professoras em Shoreline. Mesmo em seu estupor de surpresa, Luce podia afirmar que a mulher era linda. Ela estava nos seus trinta e pouco, com cabelo loiro roçando seus ombros, bochechas redondas, e traços amplos e suaves.

Anjo, Luce decidira quase instantaneamente.

Francesca não fizera nenhuma pergunta a caminho do quarto de Luce. Ela deveria estar esperando a entrega de fim de noite, e deveria ter sentido a suprema exaustão de Luce.

Agora essa estranha que havia jogado Luce de volta à consciência parecia pronta para atirar outra bola. “Que bom,” ela disse numa voz dura. “Você está acordada.”

“Quem é você?” Luce perguntou sonolentemente.

“Quem é *você*, isso sim. Tirando a estranha intrometendo-se no meu quarto, que eu encontro ao acordar. Tirando a menina interrompendo o meu mantra matinal com seu papo pessoal sonâmbulo estranho. Sou a Shelby. *Enchantée*.”

Não é anjo, Luce supôs. Apenas uma californiana com uma forte noção de que algo lhe pertence.

Luce sentou-se na cama e olhou ao redor. O quarto era um pouco apertado, mas era bem mobiliado, com piso de madeira clara; uma lareira que funcionava; um micro-ondas; duas escrivaninhas profundas e largas; e prateleiras de livros embutidas que também serviam de escada para o que, Luce percebera agora, era o beliche de cima.

Ela conseguia ver um banheiro particular depois de uma porta corrediça de madeira. E – ela teve que piscar algumas vezes para ter certeza – uma vista do oceano pela janela. Nada mal para uma garota que tinha passado o último mês espiando um velho cemitério enfileirado num quarto mais apropriado para um hospital do que para uma escola. Mas também, pelo menos aquele cemitério enfileirado e aquele quarto significavam que ela estava com Daniel. Ela mal tinha começado a ficar confortável na Espada & Cruz. E agora ela estava de novo começando do zero.

“Francesca não mencionou nada sobre eu ter uma colega de quarto.” Luce soube instantaneamente, pela expressão no rosto de Shelby, que essa era A Coisa Errada Para Se Dizer.

“Está bem.” Shelby tomou um longo fôlego. “Frankie não mencionou na noite passada que você tinha uma colega de quarto porque ela teria que ter ou notado – ou, se ela já tivesse notado, revelado – que eu não estava na cama quando você chegou. Eu entrei pela janela” – ela apontou – “por volta das três.”

Pela janela, Luce conseguia ver um amplo peitoril conectando-se a uma porção angular do telhado. Ela imaginou Shelby lançando-se sobre toda uma rede de peitoris no telhado para voltar aqui no meio da noite.

Shelby bocejou. “Veja bem, quando se trata dos Nephilim na Shoreline, a única coisa sobre a qual os professores são rígidos é o *fingimento* de disciplina. Disciplina, por si só, não existe muito. É claro que, contudo, Frankie não vai propagandear isso para a novata. Especialmente não para Lucinda Price.”

Ali estava, de novo. Aquela aspereza na voz de Shelby quando ela disse o nome de Luce. Luce queria saber o que significava. E onde Shelby estivera até as três. E como ela tinha entrado pela janela, no escuro, sem derrubar todas aquelas plantas. E quem eram os Nephilim?

Luce teve flashbacks vívidos e súbitos da selva mental do ginásio por onde Arriane tinha levado-a quando se conheceram. O exterior duro de sua colega de quarto na Shoreline era muito parecido com o de Arriane, e Luce lembrou-se de uma sensação similar de como-eu-poderei-ser-sua-amiga em seu primeiro dia na Espada & Cruz.

Mas apesar de Arriane ter parecido intimidadora e até mesmo um pouco perigosa, havia algo encantadoramente excêntrico nela desde o começo. A nova colega de quarto de Luce, pelo contrário, simplesmente parecia irritante.

Shelby saiu da cama e movimentou-se pesadamente até o banheiro para escovar seus dentes. Após caçar em sua mochila de tecido para achar sua escova de dentes, Luce seguiu-a e gesticulou timidamente para a pasta de dentes.

“Esqueci de trazer a minha.”

“Sem dúvida o brilho da sua fama te cegou para as pequenas necessidades da vida,” Shelby retrucou, mas pegou o tubo e estendeu-o na direção de Luce.

Elas escovaram em silêncio por cerca de dez segundos até que Luce não conseguiu mais aguentar. Ela cuspiu um bocado de espuma.

“Shelby?”

Com sua cabeça na barriga da pia de porcelana, Shelby cuspiu e disse, “O quê?”

Ao invés de fazer qualquer uma das perguntas que estiveram correndo por sua cabeça um minuto atrás, Luce se surpreendeu e perguntou, “O que eu estava dizendo enquanto dormia?”

Esta manhã fora a primeira de pelo menos um mês de sonhos vívidos, complicados e governados por Daniel em que acordara incapaz de se lembrar de uma única coisa de seu sonho.

Nada. Nem um roçar da asa de um anjo. Nem um beijo dos lábios dele.

Ela encarou o rosto irritado de Shelby no espelho. Luce precisava da garota para ajudá-la a refrescar sua memória. Ela *devia* ter sonhado com Daniel. Se ela não sonhara... o que isso poderia significar?

“Não faço a menor ideia,” Shelby disse finalmente. “Você dizia só coisas abafadas e incoerentes. Da próxima vez, tente enunciar.” Ela deixou o banheiro e calçou um par de chinelos laranjas. “É hora do café da manhã. Você vem ou não?”

Luce apressou-se para fora do banheiro. “O que eu visto?” Ela ainda estava de pijamas.

Francesca não dissera nada na noite passada sobre um código de vestimenta. Mas, também, ela falhara em mencionar o negócio sobre a colega de quarto.

Shelby deu de ombros. “O que, sou a polícia da moda? O que quer que leve o menor tempo possível. Estou com fome.”

Luce entrou rapidamente numa calça jeans skinny e num suéter preto com botões. Ela gostaria de passar mais alguns minutos no seu visual do primeiro dia de escola, mas simplesmente agarrou sua mochila e seguiu Shelby porta afora.

O corredor do dormitório era diferente à luz do dia. Em todo lugar onde olhava havia janelas claras e excessivamente grandes com vistas para o oceano, ou estantes de livros embutidas estufadas com livros de capa dura grossos e coloridos. Os pisos, as paredes, os tetos rebaixados e as escadarias íngremes e curvadas eram todos feitos da mesma madeira de

bordo usada para construir a mobília de dentro do quarto de Luce. Isso deveria ter dado ao lugar todo uma sensação calorosa de uma cabana rústica, exceto que a estrutura da escola era tão intrincada e bizarra quanto o dormitório da Espada & Cruz fora tedioso e simples. A cada poucos passos, o corredor parecia se dividir em pequenos corredores afluentes, com escadas em espiral levando mais adiante para o labirinto pobremente iluminado.

Dois lances de escadas e o que parecia ser uma porta secreta depois, Luce e Shelby passaram por um par de janelas de batente duplamente reforçadas e foram para a luz do dia. O sol estava incrivelmente claro, mas o ar estava frio o bastante para Luce ficar feliz de ter usado um suéter. Cheirava ao oceano, mas não como em casa. Menos salgado, mais gregoso que as praias da costa leste.

“O café da manhã é servido no terraço.” Shelby gesticulou para uma ampla expansão verde de terra. Esse gramado era limitado em três lados por espessos arbustos de hortênsias azuis, e no quarto lado, pela descida íngreme e direta até o oceano. Era difícil para Luce acreditar em como o ambiente da escola era tão bonito. Ela não conseguia imaginar ser capaz de ficar dentro tempo o bastante para aturar uma aula.

Enquanto se aproximavam do terraço, Luce viu outro prédio, uma estrutura longa e retangular com telhas de madeira e vidraças adornadas por um amarelo vibrante. Uma ampla placa carvada a mão pendia sobre a entrada: “REFEITÓRIO*,” lia-se em aspas, como se estivesse tentando ser irônico. Era certamente a bagunça mais bonita que Luce já vira.

* há um trocadilho aqui, já que refeitório = mess hall (e mess pode ser traduzido como 'bagunça')

O terraço estava cheio de mobília de jardim feita de ferro pintado de branco e cerca de cem dos alunos mais despreocupados que Luce já havia visto. A maioria deles estava sem os sapatos, seus pés apoiados nas mesas enquanto se alimentavam de pratos detalhes no café da manhã. Ovos Benedict, waffles belgas com frutas em cima, quiches deliciosas em formato triangular de folhados cobertos de espinafre. Garotos liam o jornal, tagarelando em seus celulares, jogando croquet no gramado. Luce conhecia os riquinhos da Dover, mas os riquinhos da costa leste eram mesquinhos e esnobes, não bronzeados e despreocupados. O cenário todo parecia mais com o primeiro dia do verão do que com uma terça do começo de novembro**. Era tudo tão agradável, era quase difícil se ressentir dos olhares de satisfação nos rostos desses garotos. Quase.

* * como a história se passa no hemisfério norte, em novembro eles estão no finzinho do outono.

Luce tentou imaginar Arriane aqui, o que ela acharia de Shelby ou dessa comida servida ao lado do mar, como ela provavelmente não saberia do que tirar sarro primeiro. Luce desejou poder contar com Arriane agora. Seria bom ser capaz de rir.

Olhando ao redor, ela acidentalmente fez contato visual com um casal de estudantes. Uma garota bonita com pele azeitonada, um vestido de bolinhas, e um lenço verde amarrado em seu lustroso cabelo preto. Um garoto com cabelo cor de areia e ombros largos devorando uma pilha enorme de panquecas.

O instinto de Luce era desviar seu rosto assim que fez contato visual – sempre a melhor opção na Espada & Cruz. Mas... nenhum dos dois olhou feio para ela. A maior surpresa em Shoreline não era a luz do sol cristalina ou o terraço confortável do café da manhã ou da aura de rios de dinheiro pairando sobre todos. Era que os estudantes aqui sorriam. Bem, a maior parte deles sorria. Quando Shelby e Luce alcançaram uma mesa desocupada, Shelby pegou um pequeno letreiro e o atirou no chão. Luce inclinou-se para o lado para ver a palavra **RESERVADO** escrito nele bem quando um garoto da idade delas com um traje de garçom completo aproximou-se delas com uma bandeja de prata.

“Hm, essa mesa está re-” ele começou a dizer, sua voz quebrando inoportunamente.

“Café, preto,” Shelby disse, então abruptamente perguntou a Luce, “O que você quer?”

“Hm, o mesmo,” Luce disse, desconfortável por estar sendo servida. “Talvez um pouco de leite.”

“Garotos com bolsa de estudos. Tem que se escravizar para sobreviver.” Shelby girou seus olhos para Luce enquanto o garçom corria para longe para conseguir o café delas. Ela pegou o *San Francisco Chronicle* do meio da mesa e desdobrou a página principal com um bocejo.

Foi bem por aí que Luce teve o bastante.

“Ei.” Ela empurrou o braço de Shelby para que pudesse ver o rosto dela atrás do jornal.

As pesadas sobrancelhas de Shelby se levantaram em surpresa. “Eu costumava *ter* uma bolsa de estudos,” Luce disse a ela.

“Não na minha última escola, mas na antes dessa—”

Shelby retirou a mão de Luce. “Deveria ficar impressionada por essa parte do seu currículo, também?”

Luce estava prestes a perguntar o que Shelby tinha ouvido falar sobre ela quando ela sentiu uma mão quente em seu ombro.

Francesca, a professora que encontrara Luce na porta na noite passada, estava sorrindo para ela.

Ela era alta, com uma atitude imperiosa, e estava arrumada com um estilo que parecia não requer esforço algum. O macio cabelo loiro de Francesca estava voltado para um lado com simplicidade. Seus lábios eram de um rosa brilhoso. Ela usava um vestido preto apertado e justo com um cinto azul e salto alto peep-toe combinando. Era o tipo de roupa que faria qualquer um se sentir desleixado em comparação. Luce desejou que pelo menos tivesse passado rímel. E talvez não usado seu all-star encrostado de lama.

“Ah, que bom, vocês duas se deram bem.” Francesca sorriu. “Sabia que ficariam amigas rápido!”

Shelby estava quieta, mas farfalhou seu jornal. Luce simplesmente limpou sua garganta.

“Acredito que achará Shoreline bem simples de se ajustar, Luce. Foi programada dessa maneira. A maior parte dos nossos estudantes dotados se encaixa sem problemas.” *Dotados?* “É claro, você pode vir até mim com qualquer pergunta. Ou simplesmente depender da Shelby.”

Pela primeira vez na manhã, Shelby riu. Sua risada era algo grosseiro e empedrado, o tipo de gargalhada que Luce teria esperado de um homem mais velho, um fumante por toda sua vida, não uma adolescente entusiasta de yoga.

Luce conseguia sentir seu rosto retorcendo-se em uma carranca. A última coisa que ela queria era “se encaixar sem problemas” em Shoreline. Ela não pertencia junto a um monte de garotos dotados e mimados num

penhasco com vista para o oceano. Ela pertencia junto a pessoas de verdade, pessoas com alma invés de raquetes de squash, que sabiam como era a vida. Ela pertencia junto a Daniel. Ela ainda não fazia ideia do que estava fazendo aqui, fora se escondendo por um tempo *muito* temporário enquanto Daniel lidava com sua... guerra. Depois disso, ele iria levá-la de volta para casa. Ou algo assim.

“Bem, vejo vocês duas na aula. Desfrutem do café da manhã!” Francesca anunciou sobre os ombros enquanto deslizava para longe. “Provem a quiche!” Ela acenou com sua mão, sinalizando para o garçom trazer para cada uma das garotas um prato.

Quando ela se fora, Shelby tomou um gole de seu café, fazendo barulho, e limpou sua boca com as costas da mão.

“Hm, Shelby—”

“Já ouviu falar em comer em silêncio?”

Luce bateu sua xícara de café de volta em seu pires e esperou impacientemente para que o garçom agitado servisse suas quiches e desaparecesse novamente. Parte dela queria achar outra mesa. Havia zumbidos felizes de conversas ao redor dela. E se ela não pudesse se juntar a um deles, mesmo sentar-se sozinha seria melhor que isso. Mas ela estava confusa sobre o que Francesca havia dito. Por que fazer propaganda de que Shelby era uma ótima colega de quarto, quando estava claro que a menina odiava tudo? Luce triturou uma mordida de quiche em sua boca, sabendo que não seria capaz de comer até que falasse.

“Está bem, sei que sou nova aqui, e por algum motivo, isso te irrita. Acho que você tinha um quarto só para você antes de mim, sei lá.”

Shelby abaixou o jornal logo abaixo de seus olhos. Ela levantou uma sobrancelha gigantesca.

“Mas não sou *tão* mal assim. E daí que tenho algumas perguntas? Me desculpe por não chegar na escola sabendo que diabos são Nephermans—”

“*Nephilim.*”

“Que seja. Não ligo. Não tenho interesse nenhum em fazer de você minha inimiga – o que significa que parte disso,” Luce disse,

gesticulando para o espaço entre as duas, “vem de você. Então qual o seu problema, afinal?”

A lateral da boca de Shelby contorceu-se. Ela dobrou e abaixou o jornal e inclinou-se para trás em sua cadeira.

“Você *deveria* ligar para os Nephilim. Seremos seus colegas de classe.” Ela fez um gesto com sua mão, acenando para o terraço. “Olhe para o lindo e privilegiado corpo estudantil do Colégio Shoreline. Você nunca verá novamente metade desses idiotas, exceto como objeto das nossas pegadinhas.”

“Nossas?”

“Sim, você está no ‘programa de honra’ com os Nephilim. Mas não se preocupe; caso não seja muito inteligente” - Luce bufou - “o registro de dons por aqui é quase que só um meio de encobertar, um lugar para armazenar os Nephs sem que ninguém tenha muitas suspeitas. De fato, a única pessoa que já teve suspeitas é Beaker Brady.”

“Quem é Beaker Brady?” Luce perguntou, inclinando-se para que não tivesse que gritar sobre a estática áspera das ondas batendo na praia abaixo.

“Aquele nerdinho que só tira A, duas mesas daqui.” Shelby assentiu para um gordinho vestido de xadrez que tinha acabado de derramar iogurte sobre seu enorme livro. “Os pais dele odeiam o fato que ele nunca foi aceito nas aulas de honra. A cada semestre, eles travam uma campanha. Ele traz notas da Mensa International, resultados de feiras de ciência, ganhadores famosos do prêmio Nobel que ele impressionou, esse negócio todo. E todo semestre, Francesca tem que inventar alguma besteira de teste impossível de passar para impedi-lo de entrar.” Ela bufou. “Tipo, ‘Hey, Beaker, resolva esse cubo mágico em menos de trinta segundo.’” Shelby estalou sua língua contra seus dentes. “Só que o retardado passou nesse.”

“Mas se é para encobertar,” Luce perguntou, sentindo-se meio mal por Beaker, “é para encobertar o quê?”

“Pessoas como eu. Sou uma Nephilim. *N-E-P-H-I-L-I-M*. Isso quer dizer qualquer coisa com algo de anjo em seu DNA. Mortais, imortais, transeternos. Tentamos não discriminar.”

“O singular não deveria ser, sabe, *nephil*, como *cherub* de *cherubim* e *seraph* de *seraphim**?”

* o plural dessas palavras, em inglês, são formados pelo acréscimo de 'im' no final, o que no português não ocorre. (*cherub/cherubim* = *querubim/ns*; *seraph/seraphim* = *serafim/ns*)

Shelby fez carranca. “Sério? Você iria querer ser chamada de *nephil*? Soa como uma sacola onde você carrega o seu vexame dentro. Não, valeu. É *Nephilim*, não importa sobre quantos de nós você esteja falando.”

Então Shelby *era* um tipo de anjo. Estranho. Ela não parecia ou agia como um. Ela não era linda como Daniel, Cam, ou Francesca. Não possuía o magnetismo de alguém como Roland ou Arriane. Ela simplesmente parecia meio grosseira e mal-humorada.

“Então, é como uma escola particular para anjos,” Luce disse. “Mas por quê? Vocês vão pra faculdade para anjos depois?”

“Depende do que o mundo precisa. Muitos tiram um ano de folga e vão para a Unidade Militar *Nephilim*. Você pode viajar, ter um casinho com um estrangeiro, etcetera. Mas isso é em tempos de, sabe, paz relativa. Neste momento, bem...”

“Neste momento o quê?”

“Que seja. Shelby parecia estar mastigando a palavra. “Simplesmente depende de quem você é. Todos aqui tem, sabe, níveis variáveis de poder,” ela continuou, parecendo ler a mente de Luce. “Uma escala deslizante que depende da sua árvore genealógica. Mas no seu caso—”

Isso Luce sabia. “Só estou aqui por causa do Daniel.”

Shelby jogou seu guardanapo em seu prato vazio e levantou-se. “É um jeito realmente impressionante de se ver, Luce. A garota cujo namorado figurão puxou alguns pauzinhos.”

Era isso o que todos pensavam dela aqui? Era essa... a verdade?

Shelby esticou a mão e roubou o último pedaço de quiche do prato de Luce. “Se quiser um fã-clube da Lucinda Price, tenho certeza de que poderá achar aqui. Só me deixe fora dessa, está bem?”

“Do que você está falando?” Luce se levantou. Talvez ela e Shelby precisassem rebobinar novamente. “Não quero um fã-clube-”

“Está vendo, eu te *disse*,” ela escutou uma voz aguda, mas bonita, dizer.

De repente, a garota com o lenço verde estava perante ela, sorrindo e cutucando outra garota para que fosse em frente. Luce espiou além delas, mas Shelby já estava bem longe – e provavelmente não valia a pena alcançá-la. De perto, a garota do lenço verde parecia meio que uma Salma Hayek jovem, com lábios cheios e um peito ainda maior. A outra garota, com sua cor pálida, olhos avelã, e cabelo preto curto, parecia meio com a Luce.

“Espera, então você realmente é a Lucinda Price?” A garota pálida perguntou. Ela tinha dentes brancos muito pequenos e usava-os para segurar um par de grampos de cabelo revestidos de lantejoulas enquanto retorcia algumas mechas escuras em pequenos nós. “Luce de Luce-e-Daniel? A garota que acabou de chegar daquela escola horrível no Alabama-”

“Georgia.” Luce meio que assentiu.

“Mesma coisa. Aimeudeus, *como* era o Cam? Eu o vi uma vez num show de death metal... é claro, eu fiquei nervosa demais para me apresentar. Não que você fosse ficar interessada no Cam, porque, obviamente, -*Daniel!*” Ela riu com a garganta. “Sou a Dawn, a propósito. Esta é Jasmine.”

“Oi,” Luce disse lentamente. Isso era inédito. “Hm...”

“Não ligue para ela, ela só bebeu, tipo, onze cafés.” Jasmine falava cerca de três vezes mais lentamente que Dawn. “O que ela quis dizer é que estamos empolgadas em te conhecer. Sempre dizemos como você e Daniel tem, tipo, a maior história de amor. De todos os tempos.”

“Sério?” Luce estalou suas articulações.

“Está brincando?” Dawn perguntou, apesar de Luce esperar que fossem *elas* que estivessem fazendo algum tipo de piada. “Todo aquele negócio de morrer uma vez após outra? Está bem, isso faz você querê-lo ainda mais? Aposto que *sim!* E ohhh, quando aquele fogo que te queima” – ela fechou seus olhos, colocou uma mão sobre seu estômago, então roçou-a

corpo acima, fechando um punho sobre seu coração. “Minha mãe costumava me contar a história quando eu era uma garotinha.”

Luce ficou chocada. Ela espiou o terraço lotado, se perguntando se alguém podia ouvi-las. Falando em queimar, suas bochechas deviam estar vermelhas como uma beterraba agora.

Um sino de ferro tocou do telhado do refeitório para sinalizar o fim do café da manhã, e Luce ficou feliz por ver que todos tinham outras coisas nas quais se focar. Como ir para aula.

“Sua mãe costumava lhe contar que história?” Luce perguntou lentamente. “Sobre eu e o Daniel?”

“Só alguns pontos principais,” Dawn disse, abrindo seus olhos. “Parece com uma onda de calor? Com um tipo de coisa da menopausa, não que você fosse saber-”

Jasmine bateu no braço de Dawn. “Você acabou de comparar a paixão desenfreada de Luce com uma onda de calor?”

“Desculpa.” Dawn deu risada. “Eu só estou fascinada. Parece tão totalmente romântico e incrível. Estou com inveja – de um jeito bom!”

“Com inveja por eu morrer toda vez que tento conseguir o cara dos meus sonhos?” Luce curvou seus ombros. “Na verdade é meio estragaprazeres.”

“Diga isso à garota cujo único beijo até hoje foi com Ira Frank, que sofre de síndrome do cólon irritável.” Jasmine gesticulou implicantemente para Dawn.

Quando Luce não riu, Dawn e Jasmine encheram o silêncio com uma risada apaziguadora, como se elas achassem que ela estava apenas sendo modesta. Luce nunca recebera uma dessas risadas antes.

“O que exatamente a sua mãe disse?” Luce perguntou.

“Ah, só o de sempre: A guerra começou, foi merda pra todo lado, e quando traçaram uma linha nas nuvens, Daniel ficou toda ‘Nada pode nos separar,’ e isso irritou *tudo mundo*. É claro que é a *minha* parte favorita da história. Então agora seu amor tem que sofrer essa punição *eterna* onde

vocês querem um ao outro *desesperadamente* mas não podem, tipo, sabe-”

“Mas em algumas vidas eles podem.” Jasmine corrigiu Dawn, então piscou travessamente para Luce, que quase não conseguia se mover devido ao choque de escutar tudo isso.

“De jeito nenhum!” Dawn atirou uma mão depreciativamente. “O objetivo disso tudo é que ela explode em chamas quando-” Vendo a expressão horrorizada de Luce, Dawn recuou. “*Desculpa*. Não é o que você gostaria de ouvir.”

Jasmine limpou a garganta e se inclinou. “Minha irmã mais velha estava me contando uma história do seu passado que eu juro que iria-”

“Oooh!” Dawn interligou seu braço pelo de Luce, como se esse conhecimento - conhecimento ao qual Luce *não* tinha acesso - fizesse dela uma amiga mais desejável. Isso era enlouquecedor. Luce estava impetuosamente envergonhada. E, tudo bem, um pouco animada. E absolutamente incerta se algo disso era verdade. Uma coisa *era* certa: Luce era, de repente, meio... famosa. Mas parecia estranho. Como se ela fosse uma dessas peruas sem nome do lado DO astro de um filme numa foto dos paparazzi.

“Gente!” Jasmine apontava exageradamente para o relógio em seu telefone.

“Estamos tão super atrasadas! Temos que ir correndo para aula.”

Luce fez caretas, rapidamente agarrando sua mochila. Ela não fazia ideia quais aulas tinha primeiro, ou onde achá-las, ou como assimilar o entusiasmo de Jasmine e Dawn. Ela não vira sorrisos tão prolongados e ávidos desde - bem, desde sempre.

“Alguma de vocês sabe como eu descubro onde a minha primeira aula é? Não acho que eu tenho um horário.”

“Dãh,” Dawn disse. “Siga-nos. Estamos todas juntas. O tempo todo! É tão divertido.”

As duas garotas andaram com Luce, uma em cada lado, e levaram-na numa excursão em espiral entre as mesas dos outros que terminavam

seus cafés da manhã. Apesar de estarem “tão super atrasadas,” tanto Jasmine quanto Dawn praticamente vagavam pela grama recém cortada.

Luce pensou em perguntar a essas garotas qual era o problema da Shelby, mas ela não queria começar já parecendo uma fofqueira. Além do mais, as garotas pareciam legais e tudo, mas não era como se Luce precisasse fazer nenhuma melhor amiga. Ela tinha que ficar se lembrando: Isso era apenas temporário.

Temporário, mas ainda assim impressionantemente lindo. As três andaram pelo caminho de hortênsias, que curvava pelo refeitório. Dawn tagarelava sobre alguma coisa, mas Luce não conseguia tirar seus olhos da dramática beirada do penhasco, como o terreno caía abruptamente centenas de metros até o oceano cintilante. As ondas iam na direção do pequeno trecho de praia marrom-avermelhada no pé do penhasco quase tão casualmente quanto o corpo estudantil da Shoreline ia para aula. “Aqui estamos,” Jasmine disse.

Uma cabana impressionante de dois andares e em formato de A pairava sozinha no fim do caminho. Tinha sido construída no meio de uma bolsa arborizada de sequóias canadenses, então seu telhado íngreme e triangular e o vasto gramado aberto na frente dele estavam cobertos com um cobertor de folhas caídas. Havia um belo caminho relvado com algumas mesas de piquenique, mas a principal atração era a própria cabana: Mais da metade dela parecia ser feita de vidro, toda ampla, as janelas escurecidas e as portas deslizantes abertas. Como algo que Frank Lloyd Wright poderia ter projetado. Diversos estudantes relaxavam num convés de dois andares com vista para o oceano, e mais diversos garotos subiam pelas escadarias duplas que acabavam no caminho.

“Bem vinda ao alojamento-Nephi,” Jasmine disse.

“É *aqui* que vocês tem aula?” Luce ficou boquiaberta. Parecia mais como uma casa de férias do que um prédio escolar.

Próxima a ela, Dawn gritou e apertou o pulso de Luce.

"Bom dia, Steven!" Dawn chamou do outro lado do gramado, acenando para um homem mais velho que estava ao pé da escada. Ele tinha um rosto fino, óculos retangulares elegantes, e cabelo grisalho grosso e ondulado. "Eu simplesmente *amo* quando ele veste o terno de três peças," ela sussurrou.

"Bom dia, garotas." O homem sorriu para elas e acenou. Ele olhou para Luce tempo o suficiente para fazê-la começar a ficar nervosa, mas o sorriso permaneceu no rosto dele. "Vejo-as em um instante," ele chamou, e começou a subir as escadas.

"Steven Filmore," Jasmine sussurrou, informando Luce enquanto se arrastavam atrás dele pela escada. "Também conhecido como S. F., ou seja, Silver Fox*." Ele é um dos nossos professores, e sim, Dawn é verdadeiramente, loucamente, profundamente apaixonada por ele. Mesmo ele já tendo dona. Ela não tem vergonha."

* Raposa Prateada.

"Mas eu amo a Francesca, também." Dawn deu um tapa em Jasmine, então virou-se para Luce, seus olhos escuros sorrindo. "Eu desafio você a não ter uma quedinha em casal por eles."

"Espera." Luce fez uma pausa. "O Silver Fox e a Francesca são nossos professores? E você os chama pelo primeiro nome? E eles estão *juntos*? Quem ensina o quê?"

"Chamamos o bloco inteiro da manhã de humanas," Jasmine disse, "embora *angelicais* fosse mais adequado. Frankie e Steven lecionam juntos. Parte do acordo aqui, uma espécie de yin e yang. Sabe, para que nenhum dos alunos fique ... balançado."

Luce mordeu seu lábio. Elas tinham chegado no topo das escadas e estavam em uma multidão de estudantes no convés. Todos os outros estavam começando a caminhar vagarosamente pelas portas deslizantes de vidro. "O que você quer dizer com 'balançado'?"

"Ambos caíram, é claro, mas escolheram lados diferentes. Ela é um anjo, e ele é mais tipo um demônio." Dawn falou despreocupadamente, como se estivesse falando sobre a diferença entre os sabores de iogurte congelado. Vendo os olhos de Luce salientarem, ela acrescentou: "Não é como se eles pudessem se casar ou qualquer coisa - apesar que esse seria o casamento mais quente do mundo. Eles meio que simplesmente... vivem no pecado."

"Um demônio leciona a nossa aula de humanas?" Luce perguntou. "E isso não tem problema?"

Dawn e Jasmine se entreolharam e riram. "Problema *nenhum*," Dawn disse. "Você vai aprender a gostar do Steven. Vamos, temos que ir."

Seguindo o fluxo dos outros, Luce entrou na sala de aula. Era ampla e tinha três plataformas baixas, com mesas em cima, que davam em duas mesas longas. A maior parte da luz vinha pelas claraboias. A iluminação natural e o teto alto fazia o cômodo parecer ainda maior do que era. Uma brisa do oceano soprava pelas portas abertas e mantinha o ar confortável e fresco. Não poderia ser mais diferente da Espada & Cruz.

Luce achou que podia quase gostar de Shoreline, se não fosse pelo fato de que sua verdadeira razão para estar aqui – a pessoa mais importante em sua vida – estar faltando. Ela se perguntou se Daniel estava pensando nela. Ele sentia falta dela do jeito que ela sentia falta dele?

Luce escolheu uma mesa perto das janelas, entre Jasmine e um menino comum e bonitinho que usava bermudas cortadas, um boné dos Dodgers, e um suéter marinho. Algumas garotas estavam agrupadas perto da porta do banheiro. Uma delas tinha o cabelo encaracolado e óculos roxos quadrados. Quando Luce viu o perfil da menina, ela quase fugiu de seu assento.

Penn.

Mas quando a menina virou-se para Luce, seu rosto era um pouco mais quadrado e suas roupas eram um pouco mais apertadas e sua risada era um pouco mais alta e Luce quase sentiu que seu coração estava murchando. Claro que não era a Penn. Nunca seria ela, nunca mais.

Luce podia sentir os outros olhando para ela – alguns encarando abertamente. A única que não olhou foi Shelby, que deu um aceno de reconhecimento para Luce.

Não era uma sala enorme, apenas vinte mesas dispostas nas plataformas, de frente para as duas mesas longas de mogno na frente. Havia dois quadros-branco com pincel atômico atrás das mesas.

Duas estantes de livros em cada lado. Duas latas de lixo. Duas lâmpadas de mesa. Dois laptops, um em cada mesa. E os dois professores, Steven e Francesca, reunidos perto da frente da sala, sussurrando.

Num movimento que Luce não esperava, eles se viraram e encararam-na também, então deslizaram para as mesas. Francesca sentou-se no alto de uma, com uma perna dobrada abaixo dela e um dos seus saltos altos tocando o chão de madeira. Steven inclinou-se contra a outra mesa, abriu uma pasta de couro marrom pesada, e descansou sua caneta entre seus

lábios. Para um homem mais velho, ele era bonito, com certeza, mas Luce quase desejou que ele não fosse. Ele lhe lembrava de Cam, e de como o charme de um demônio podia ser enganador.

Ela esperou que o resto da turma pegasse os livros didáticos que ela não tinha, que mergulhassem em alguma tarefa de leitura em que ela estivesse atrasada, para que pudesse se render a sentir-se sobrecarregada e simplesmente sonhar acordada com Daniel.

Mas nada disso aconteceu. E a maioria dos alunos ainda roubava olhadelas para ela.

"A esta altura todos já devem ter notado que estamos acolhendo uma nova aluna." A voz de Francesca era baixa e cheia de mel, como uma cantora de jazz.

Steven sorriu, mostrando um relampejo de dentes brancos brilhantes. "Diga-nos, Luce, está gostando de Shoreline até agora?"

A cor se esvaiu do rosto de Luce enquanto as mesas dos outros alunos fizeram sons raspando no chão. Eles realmente estavam se virando em seus lugares para se concentrar nela.

Ela podia sentir seu coração acelerar e suas palmas ficarem úmidas. Ela se encolheu em seu assento, desejando que fosse apenas uma garota normal numa escola normal lá em casa, na normal Thunderbolt, Georgia. Por vezes, ao longo dos últimos dias, ela desejara nunca ter visto uma sombra, nunca ter se metido no tipo de problemas que faz seus amigos queridos morrerem, ou se envolver com Cam, ou tornar impossível para Daniel estar perto dela. Mas era aí que sua mente ansiosa e baderna sempre chegava ao ponto final: Como ser normal e ainda ter Daniel? Que estava muito longe de ser normal. Era impossível. Então aqui estava ela, engolindo isso.

"Acho que ainda estou me acostumando à Shoreline." Sua voz tremeu, traíndo-a, ecoando pelo teto inclinado. "Mas parece boa até agora."

Steven riu. "Bem, Francesca e eu pensamos que para ajudar você a se acostumar, nós mudaríamos as engrenagens das nossas apresentações estudantis habituais de terça de manhã—"

Do outro lado da sala, Shelby piou, "Sim!" e Luce notou que ela tinha uma pilha de cartões em sua mesa e um grande cartaz em seus pés

onde se lia **APARIÇÕES NÃO SÃO TÃO RUINS**. Então Luce tinha acabado de livrá-la de uma apresentação. Isso tinha que valer algo no sistema de colega de quarto.

"O que Steven quer dizer," Francesca opinou, "é que vamos jogar um jogo, para quebrar o gelo." Ela deslizou de sua mesa e andou ao redor da sala, os saltos estalando enquanto distribuía uma folha de papel para cada estudante.

Luce esperou o coro de gemidos que essas palavras geralmente evocavam de uma turma de adolescentes. Mas eles todos pareciam tão agradáveis e bem ajustados. Eles estavam, na verdade, apenas seguindo o fluxo.

Quando ela deitou a folha na mesa de Luce, Francesca disse, "Isso deve lhe dar uma ideia sobre quem são alguns dos seus colegas de classe, e que objetivos planejamos alcançar nesta sala."

Luce olhou para o papel. Linhas tinham sido desenhadas na página, dividindo-o em vinte quadros. Cada quadro continha uma frase. Era um jogo que ela tinha jogado antes, uma vez no acampamento de verão no oeste da Georgia quando criança, e novamente duas vezes em suas aulas na Dover. O objetivo era ir ao redor da sala e combinar um aluno diferente com cada frase. Principalmente, ela estava aliviada; havia maneiras de se quebrar o gelo definitivamente mais embaraçosas por aí. Mas quando ela olhou com mais atenção as frases – esperando coisas normais como "Tem uma tartaruga de estimação" ou "Quero saltar sem pára-quedas algum dia" – ela ficou um pouco assustada ao ver coisas como "Fala mais de dezoito línguas" e "Já visitou o mundo exterior."

Estava prestes a ficar dolorosamente óbvio que Luce era a única não-Nephilim da sala.

Ela lembrou do garçom nervoso que tinha trazido o seu café da manhã e o de Shelby.

Talvez Luce ficasse mais confortável entre os alunos com bolsa de estudo. Beaker Brady nem sabia que tinha escapado de uma enrascada.

"Se ninguém tiver perguntas," Steven disse da frente da sala, "você está livre para começar."

"Vão para fora, divirtam-se," Francesca acrescentou. "Leve o tempo que precisar."

Luce seguiu o resto dos alunos para o convés. Enquanto caminhavam ao corrimão, Jasmine se inclinou sobre o ombro de Luce, apontando uma unha envernizada de verde para um dos quadros. "Eu tenho um parente que é um querubim puro-sangue," ela disse. "O louco e velho do tio Carlos."

Luce assentiu, como se soubesse o que aquilo significava, e anotou o nome de Jasmine.

"Ooh, e eu posso levitar," Dawn gorjeou, apontando para o canto superior esquerdo da página de Luce.

"Não, tipo, cem por cento do tempo, mas geralmente depois que eu tomei meu café."

"Uau." Luce tentou não encarar – não parecia que Dawn estava fazendo piada. Ela podia *levitar*?

Tentando não mostrar que estava se sentindo cada vez mais inadequada, Luce procurou na página por algo, qualquer coisa que ela soubesse alguma coisa sobre.

Tem experiência em convocar os Anunciantes.

As sombras. Daniel havia dito que o nome correto para elas naquela última noite na Espada & Cruz. Apesar de ela nunca ter realmente "convocado" elas – elas sempre simplesmente apareciam – Luce tinha um pouco de experiência.

"Você pode me escrever ali." Ela apontou para o canto inferior esquerdo do papel. Tanto Jasmine quanto Dawn olharam para ela, um pouco espantadas, mas não descrentes, antes de continuarem a preencher o resto de suas folhas. O coração de Luce desacelerou um pouco. Talvez isso não fosse ser tão ruim.

Nos próximos minutos ela conheceu Lilith, uma ruiva delicada que era uma dos trigêmeos Nephilim ("Você pode nos diferenciar pelas nossas caudas vestigiais," ela explicou. "A minha é curvada"); Oliver, um garoto de voz profunda e atarrachado que havia visitado o mundo exterior nas férias de verão ano passado ("Tão totalmente superestimado que não

consigo nem começar a te contar"); e Jack, que sentia que estava na iminência de ser capaz de ler mentes e achava que não teria problema se Luce escrevesse seu nome por isso. ("Sinto que você não tem problema com isso, estou certo?" Ele fez uma arma com seus dedos e estalou a língua.) Ela tinha três quadros sobrando quando Shelby puxou o papel de suas mãos.

"Posso fazer essas duas," ela disse, apontando para dois dos quadros. "Qual deles você quer?"

Fala mais de dezoito línguas ou Vislumbrou uma vida passada.

"Espere um minuto," Luce sussurrou. "Você ... você pode vislumbrar vidas passadas?"

Shelby balançou suas sobrancelhas para Luce e correu sua assinatura no quadro, acrescentando seu nome no quadro "dezoito línguas" como bônus. Luce encarou o papel, pensando em suas próprias vidas passadas e como elas eram frustrantemente fora dos limites para ela. Ela havia subestimado Shelby.

Mas sua colega de quarto já tinha ido. Parado no lugar de Shelby estava o garoto que havia sentado ao lado dela na sala de aula. Ele era uns bons quinze centímetros mais alto que Luce, com um sorriso brilhante e simpático, um respingo de sardas no nariz, e olhos azuis claros. Algo nele, até a maneira como ele estava mastigando sua caneta, parecia... vigoroso. Luce percebeu que esta era uma palavra estranha para descrever alguém com quem nunca tinha falado, mas não pôde evitar.

"Oh, graças a Deus." Ele riu, batendo na testa. "A única coisa que posso fazer é a única coisa que lhe resta."

"‘Pode refletir uma imagem de espelho de si ou de outros?’" Luce leu devagar.

Ele jogou a cabeça de um lado para o outro e escreveu seu nome no quadro. Miles Fisher.

"Realmente impressionante para alguém como você, tenho certeza."

"Hm. É." Luce virou-se. Alguém como ela, que nem sabia o que isso significava.

"Espere, ei, onde você está indo?" Ele puxou a manga dela. "Uh-oh. Você não entendeu a piada modesta?" Quando ela balançou sua cabeça, o rosto de Miles ficou desapontado. "Eu só quis dizer que, em comparação com todos os outros da sala, eu mal estou aguentando. A única outra pessoa que já fui capaz de refletir além de mim foi a minha mãe. Enlouqueceu o meu pai por cerca de dez segundos, mas depois desapareceu."

"Espera." Luce piscou para Miles. "Você fez uma imagem espelho da sua mãe?"

"Por acaso. Dizem que é fácil de fazer com as pessoas que você, tipo, ama." Ele corou, o mais fraco e rosado rosa em suas bochechas. "Agora você vai achar que sou algum tipo de filhinho da mamãe. Eu só quis dizer que "fácil" é onde meus poderes acabam. Enquanto que você - você é a famoso Lucinda Price." Ele acenou suas mãos numa versão muito masculina de spirit fingers*.

* algo difícil de explicar, só vendo mesmo:

http://www.youtube.com/watch?v=YDbnkfHtD_E&feature=related

"Eu queria que todos parassem de dizer isso," ela disparou. Então, sentindo rude, ela suspirou e encostou-se contra o corrimão do convés para olhar para a água. Era simplesmente tão difícil processar todos aqueles indícios que as outras pessoas aqui sabiam mais sobre ela do que ela sabia sobre si mesma. Ela não quis descontar no cara. "Sinto muito, é só que, eu pensei que era a única que mal estava aguentando. Qual é a sua história?"

"Ah, eu sou o que chamam de "diluído," ele disse, fazendo aspas exageradas no ar. "Mamãe tem anjo em seu sangue de algumas gerações atrás, mas todos os meus outros parentes são mortais. Meus poderes são vergonhosamente de nível baixo. Mas estou aqui porque os meus pais providenciaram a escola com, hum, este convés onde você está parada."

"Uau."

"Não é realmente impressionante. Minha família é obcecada em estar na Shoreline. Você devia ouvir a pressão que recebo em casa para namorar uma 'garota Nephilim agradável para variar.'" Luce riu - uma das primeiras risadas verdadeiras que ela tivera em dia. Miles revirou os olhos afavelmente.

"Então, te vi tomando café da manhã com a Shelby esta manhã. Ela é a sua colega de quarto?"

Luce assentiu. "Falando de garotas Nephilim agradáveis," ela brincou.

"Bem, eu sei que ela é meio, hm..." Miles assobiou e fez um movimento de arranhar com uma mão, fazendo com que Luce soltasse gargalhada de novo. "De qualquer forma, não sou o aluno exemplar aqui nem nada, mas estou por aqui há algum tempo, e metade do tempo eu ainda acho que este lugar é muito louco. Então se você quiser alguma vez ter um café da manhã bem normal ou algo assim—"

Luce se pegou balançando sua cabeça. Normal. Música para os seus ouvidos mortais.

"Tipo... amanhã?" Miles perguntou.

"Está ótimo."

Miles sorriu e acenou adeus, e Luce percebeu que todos os outros alunos já tinham voltado para dentro. Sozinha pela primeira vez durante toda a manhã, ela olhou para a folha de papel em sua mão, sem saber sobre como se sentir sobre os outros da Shoreline. Ela sentia falta de Daniel, que podia ter decodificado uma porção disso para ela se simplesmente não estivesse – onde ele estava, afinal? Ela nem sabia.

Longe demais.

Ela pressionou um dedo nos lábios, lembrando o seu último beijo. O incrível abraço de suas asas. Ela sentiu tanto frio sem ele, mesmo sob o sol da Califórnia. Mas ela estava aqui por causa dele, aceita nesta classe de anjos ou o que quer que eles sejam, completa com sua nova reputação bizarra, tudo graças a ele. De uma forma estranha se sentiu bem de estar ligado a Daniel tão inexplicavelmente. Até que ele volte para ela, isso era tudo que ela tinha que se agarrar.

Capítulos 3

Dezesseis Dias

“Certo, desembucha, qual é a coisa mais esquisita sobre Shoreline até agora?”

Era quarta-feira de manhã antes da aula e Luce estava sentada numa ensolarada mesa de café da manhã no terraço, dividindo um bule de chá com Miles. Ele estava usando uma camiseta vintage amarela com um logo do Sunkist nela, um boné de baseball puxado para baixo um pouco acima de seus olhos azuis, chinelos e jeans gastos. Sentindo-se inspirada pelo código de vestimenta relaxado em Shoreline, Luce havia trocado suas roupas pretas padrão.

Ela estava usando um vestido vermelho com um cardigan branco curto, o que parecia meio que o primeiro dia de sol após um longo tempo de chuva.

Ela derrubou uma colher cheia de açúcar dentro da sua xícara e riu. “Eu nem sei por onde começar. Talvez minha colega de quarto, a quem eu acho que entrou escondida no quarto um pouco antes do nascer do sol esta manhã e havia sumido novamente antes de eu acordar. Não, espere, é estar tendo aulas dadas por um casal de demônio e anjo. Ou” – ela engoliu em seco – “o modo como os garotos me olham como se eu fosse algum tipo de esquisita lendária. Esquisita anônima, eu estou acostumada. Mas esquisita notória –”

“Você não é notória.” Miles deu uma gigantesca mordida no seu croissant. “Eu vou cuidar desses um de cada vez,” ele falou, mastigando.

Enquanto ele limpava o canto da sua boca com seu guardanapo, Luce meio maravilhada, meio se rindo da ocasional impecável boas

maneiras à mesa dele. Ela não pode se conter em imaginar ele tendo aulas de etiqueta em algum clube de golfe chique quando menino.

“Shelby é áspera pelas beiradas,” Miles falou, “mas ela pode ser legal, também. Quando ela tem vontade. Não que eu tenha testemunhado esse lado dela alguma vez.” Ele riu. “Mas tem rumores.” E a coisa de Frankie/Steven era estranha no início para mim também, mas de alguma forma ele fazem funcionar. É como um ato de equilíbrio celestial. Por algum motivo ter os dois lados presentes da aos estudantes aqui mais liberdade para se desenvolverem.”

Ali estava aquela palavra de novo. Desenvolver. Ela se lembrava que Daniel havia usado ela quando ele havia lhe contado que não estaria se juntando a ela em Shoreline. Mas desenvolver em o que? Só poderia se aplicar aos garotos que eram Nephilim. Não Luce, que era a única inteiramente humana na sua aula de quase anjos, esperando até que seu anjo sentisse vontade de voltar para salvá-la.

“Luce,” Miles falou, interrompendo seus pensamentos. “O motivo pelo qual as pessoas te encaram é porque todos já ouviram sobre você e Daniel, mas ninguém sabe a real historia.”

“Então ao invés de simplesmente me perguntar-“

“O quê? Se vocês dois realmente fazem ‘aquilo’ nas nuvens? Ou se a incontrollável, voce sabe, ‘gloria’ dele já sobrecarregou o seu mortal”- ele parou, percebendo o olhar horrorizado no rosto de Luce, então engoliu em seco.

“Desculpe. Quer dizer, você esta certa, eles deixaram as coisas saírem do controle se transformar em um grande mito. Os outros, quer dizer. Eu tendo não, hum, especular.” Miles abaixou sua xícara de chá e olhou para seu guardanapo. “Talvez parece pessoal demais para se perguntar sobre isso.”

Miles mudou seu olhar e agora estava olhando para ela, mas isso não deixava Luce nervosa. Ao invés disso, ela sentia seus claros olhos azuis e seu sorriso ligeiramente torto a faziam como uma porta aberta, um convite para falar mais sobre as coisas que ela não havia conseguido contar para mais ninguém ainda. Por mais que fosse ruim, Luce entendia porque Daniel e Mr. Cole haviam a proibido de contatar Callie ou seus pais. Mas Daniel e Mr. Cole eram quem haviam a matriculado em Shoreline. Eles eram os que

havam dito que ela estaria bem ali. Então ela não podia ver nenhuma razão para manter sua história em segredo de alguém como Miles.

Especialmente desde que ele já sabia uma versão da verdade.

“É uma longa história,” ela falou. “Literalmente. E eu ainda não sei toda ela. Mas basicamente, Daniel é um anjo importante. Acho que ele era meio que uma grande coisa antes da Queda.” Ela engoliu, não querendo encontrar os olhos de Miles. Ela se sentiu nervosa. “Pelo menos ele era até se apaixonar por mim.”

Tudo começou a se esvaír dela. Tudo do primeiro dia dela em Sword & Cross, como Arriane e Gabbe cuidaram dela, como Molly e Cam atentaram ela, o sentimento angustiante de ver uma fotografia de si mesma em uma vida anterior. A morte de Penn e o como isso a devastou. A batalha surreal no cemitério. Luce deixou de fora alguns dos detalhes de Daniel, momentos privados que eles tiveram juntos ... mas quando terminou, pensou ter dado a Miles uma bem completa imagem do que havia acontecido – e esperava ter quebrado o mito da sua conspiração ao menos para uma pessoa.

Ao final, ela se sentiu mais leve. “Uau. Eu nunca havia realmente contado essas coisas para ninguém. É realmente bom dizer em voz alta. É como se fosse mais real agora que eu admiti para alguém.”

“Você pode continuar se quiser,” ele falou.

“Eu sei que estou aqui somente por um curto tempo,” ela falou. “E em uma maneira, acho que Shoreline irá me ajudar a me acostumar com pessoas – quero dizer, anjos como Daniel. E Nephilim como você. Mas eu ainda não consigo deixar de me sentir deslocada. Como se eu estivesse fingindo ser quem eu não sou.”

Miles havia ficado assentindo com a cabeça e concordando com Luce o tempo todo que ela contava sua história, mas agora ele sacudiu a cabeça. “De jeito nenhum – o fato de você ser mortal, mas a coisa toda ainda mais impressionante.”

Luce olhou a sua volta no terraço. Pela primeira vez, ela notou uma linha clara dividindo as mesas dos garotos Nephilim do resto do corpo estudantil. Os Nephilim clamaram todas as mesas do lado oeste, mais perto da água. Havia poucos deles, não mais que vinte, mas eles ocupavam muito mais mesas, as vezes com apenas um garoto em uma mesa que poderia

caber seis, enquanto o resto dos garotos tinham que se espremer nas mesas restantes do lado leste. Pegue Shelby, por exemplo, que sentava sozinha, batalhando a força do vento sobre o papel que ela estava tentando ler. Haviam muitas cadeiras musicais, mas nenhum dos não-Nephilim parecia considerar atravessar para se sentar com os garotos ‘dotados’.

Luce havia conhecido alguns dos outros não-dotados garotos ontem. Após o almoço, as aulas eram dadas no prédio principal, uma estrutura muito menos impressionante onde assuntos mais tradicionais eram ensinados. Biologia, geometria, Historia Européia. Alguns daqueles estudantes pareciam legais, mas Luce sentiu uma distancia não dita – tudo porque ela estava na rota dos dotados – que frustrava a possibilidade de uma conversa.

“Não me entenda mal, eu fiquei amigos de alguns dos garotos.” Miles apontou para uma mesa lotada. “Eu escolheria Connor ou Eddie G. para um jogo de futebol qualquer dia ao invés de um dos Nephilim. Mas seriamente, você acha que qualquer um daquele lado poderia lidar com o que você lidou e viver para contar?”

Luce esfregou seu pescoço e sentiu lágrimas nos cantos de seus olhos. A adaga de Miss Sophia ainda estava fresca em sua mente e ela não conseguia pensar naquela noite sem seu coração doer por Penn.

Sua morte havia sido tão sem sentido. Nada era justo. “Eu mal sobrevivi,” ela falou suavemente.

“Sim,” Miles falou, tremendo. “Dessa parte eu fiquei sabendo. É estranho: Francesca e Steven são grandes em nos ensinar sobre o presente e o futuro, mas não sobre o passado. Tem algo a ver com dar poder a nos.”

“O que você quer dizer?”

“Me pergunte qualquer coisa sobre a grande batalha que esta vindo e o papel de um jovem Nephilim como eu pode vir a fazer. Mas as coisas antigas de que você esta falando? Nenhum das lições realmente falam disso. Falando nisso”- Miles apontou para o Terraço, que estava esvaziando- “nós devemos ir. Você quer fazer isso de novo?”

“Definitivamente.” E Luce falava serio; ela gostava de Miles. Ele era tão mais facil de conversar do que qualquer um que ela havia conhecido até agora. Ele era amigável e tinha o tipo de senso de humos que deixava Luce instantaneamente tranqüila.

Mas ela estava distraído por algo que ele havia dito. A batalha estava vindo, a batalha de Daniel e Cam. Ou seria a batalha com Miss Sophia e o grupo de Anciãos? Se até os Nephilim estavam se preparando para isso, onde isso deixava Luce?

Steven e Francesca tinham um modo de se vestir em cores complementares que os fazia parecer melhor vestidos para uma seção de fotos do que para uma aula. No segundo dia de aula de Luce em Shoreline, Francesca estava usando uma sandália dourada estilo gladiador com salto alto e um vestido cor de abóbora com decote em formato de A. Ele tinha um arco solto ao redor do seu pescoço e combinando, a gravata laranja que Steven estava usando com sua camisa de Oxford cor de marfim e um blazer azul marinho.

Eles eram deslumbrantes de olhar, e Luce era atraída por eles, mas não exatamente do jeito que casais se atraíam. Dawn havia previsto no dia anterior. Assistindo seus professores a partir da sua mesa entre Miles e Jasmine, Luce se sentiu atraída por Francesca e Steven por razões mais próximas ao coração: Eles a faziam lembrar da sua relação com Daniel.

Apesar de ela nunca ter visto eles se tocarem, quando estavam próximos um do outro – o que era quase sempre – o magnetismo entre eles praticamente descascava a tinta das paredes. Claro que aquilo tinha alguma coisa a ver com o poder deles como anjos caídos, mas também tinha a ver com o modo único em que se conectavam. Luce não tinha como não ficar ressentida com eles. Eles eram uma lembrança constante do que ela não podia ter agora.

A maioria dos estudantes havia tomado seus lugares. Dawn e Jasmine estavam falando para Luce sobre se afiliar ao comitê de boas vindas para que ela pudesse ajudar eles em todos aqueles incríveis eventos sociais. Luce nunca havia sido uma garota de fazer atividades extracurriculares. Mas aquelas garotas haviam sido tão legais com ela, e o rosto de Jasmine parecia tão alegre quando ela falava do cruzeiro que estavam planejando fazer mais tarde naquela semana que Luce decidiu dar uma chance ao comitê. Ela estava adicionando seu nome à lista quando Steven deu um passo a frente, jogou seu blazer sobre a mesa atrás dele e sem nenhuma palavra abriu seus braços.

Como se chamada, um pedaço de uma negra sombra pareceu se separar de uma das sequóias do outro lado da janela. Descolou-se da grama

então tomou substancia e entrou na sala através da janela aberta. Era rápida e onde foi o dia escureceu e a sala caiu na escuridão.

Luce engasgou por habito, mas ela não era a única. Em fato, a maioria dos estudantes se afastou nervosamente em suas cadeiras enquanto Steven começava a girar a sombra. Ela só esticou sua mão e começou a puxá-la mais rápido e mais rápido, parecia que lutava contra algo. Logo a sombra estava rodopiando na frente dele tão rápido e ficou embaçada como os ferros de uma roda gigante. Uma espessa rajada de vento foi emitida de seu interior, braços tensionados, de uma bagunçada, anamorfe forma para uma esfera negra apertada que não era maior do que uma toranja.

“Classe,” ele falou, brandamente manipulando a bola de escuridão a alguns centímetros acima de seus dedos, “conheça o assunto da aula de hoje.”

Francesca deu um passo a frente e transferiu a sombra para suas mãos. Em seu salto alto ela era quase tão alta quanto Steven. E, Luce imaginava, que ela era tão habilidosa quando Steven em lidar com as sombras.

“Todos você já viram os Anunciadores em algum momento,” ela falou, andando vagorosamente ao longo da mesa do estudante em formato de meia lua para que cada um deles tivesse uma vista melhor. “E alguns de vocês,” ela falou olhando para Luce, “tem até alguma experiência em trabalhar com eles. Mas vocês realmente sabem o que eles são? Vocês sabem o que podem fazer?”

Fofocas, Luce pensou, se lembrando do que Daniel havia lhe contado na noite da batalha. Ela ainda era nova demais em Shoreline para se sentir confortável em responder em voz alta, mas nenhum dos outros estudantes parecia saber. Lentamente ela ergueu a mão.

Francesca ergueu a cabeça. “Luce.”

“Elas carregam mensagens,” ela falou, ficando mais segura conforme falava, se lembrando da afirmação de Daniel. “Mas elas não inofensivas.”

“Mensageiras, sim. Mas, inofencivas?” Francesca olhou para Steven. Seu tom não dizia se Luce estava certa ou errada, o que fez Luce se sentir envergonhada.

A classe inteira ficou surpresa quando Francesca deu um passo para trás AL lado de Steven, segurou um lado da sombra enquanto ele segurava o outro e deu um firme puxão. “Nós chamamos isso de vislumbre,” ela falou.

A sombra se abaloou e se esticou como um balão sendo inflado. Fez um som forte de gorgolejo enquanto sua escuridão se distorcia, mostrando cores mais vividas que qualquer coisa que Luce já havia visto antes. Verde-amarelado profundo, dourado brilhante, marmorizadas misturas de rosa e púrpura. Um mundo inteiro girando em cores brilhantes e mais distintas atrás de uma sombra que desaparecia. Steven e Francesca ainda estavam puxando, andando lentamente para trás até que a sombra estava quase do tamanho e forma de uma tela grande de projetor. Então eles pararam.

Eles não deram nenhum aviso, nenhum “O que vocês estão prestes a ver,” e após um horrificante momento, Luce sabia por que. Não poderia ter nenhuma preparação para isso.

O emaranhado de cores se separaram, se arranjando finalmente em formas distintas. Eles estavam olhando para uma cidade. Uma antiga cidade com paredes de tijolos ... pegando fogo. Com superpopulação e poluída, consumida por raivosas chamas. Pessoas encurraladas pelas chamas, suas bocas vazios escuros, erguendo seus braços para o céu. E por todos os lados uma chuva de brilhantes faíscas e pedaços de fogo, uma chuva de luz mortal caindo por todos os lados e colocando fogo em tudo que tocava.

Luce podia praticamente sentir o cheiro de podridão e desgraça vindo da tela de sombra. Era horrificante de olhar, mas a parte mais estranha, de longe, era que não havia nenhum som. Outros estudantes ao redor dela estavam abaixando suas cabeças, como se estivessem tentando bloquear alguma lamentação, alguma gritaria que para Luce era indistinguível. Não havia nada além de um limpo silêncio enquanto eles assistiam mais e mais pessoas morrerem.

Quando ela não sabia se seu estomago agüentaria muito mais, o foco da imagem mudou meio como se fosse tirado o zoom, e Luce podia ver de uma distancia. Mais ninguém além das duas cidades queimando. Uma estranha idéia veio a ela, gentilmente, como uma memória que ela sempre teve mas não havia pensado nela por um tempo. Ela sabia o que estavam vendo: Sodoma e Gomorra, duas cidades da Bíblia, duas cidades destruídas por Deus.

Então, como desligando uma tomada, Steven e Francesca estalaram seus dedos e a imagem desapareceu.

O restante da sombra se recolheu em uma pequena sombra negra de cinza que se estabilizou no chão da sala de aula. Ao redor de Luce, todos os outros estudantes pareciam voltar a respirar.

Luce não conseguia tirar seus olhos do lugar onde a sombra havia estado. Como havia sido feito aquilo? Estava começando a se solidificar novamente, os pedaços do escuro se unindo, lentamente retornando a uma mais familiar forma de sombra. Seu serviço estava completo, A Anunciadora se esquivou letargicamente ao longo do piso de madeira, então deslizou para fora da sala de aula, como uma sombra lançada por alguém fechando uma porta.

“Você podem estar se perguntando por que acabamos de fazer vocês passarem por aquilo,” Steven falou, se dirigindo à classe.

Ele e Francesca compartilharam um olhar preocupado enquanto olhavam ao redor da sala. Dawn estava choramingando na sua mesa.

“Como vocês sabem,” Francesca falou, “a maioria do tempo nesta classe, nós gostamos de nos focar em o que você como Nephilins tem o poder para fazer. Como podem mudar as coisas para melhor, contudo cada um de vocês decide definir isso. Gostamos de olhar para frente ao invés de para trás.”

“Mas o que vocês viram hoje,” Steven falou, “foi mais do que apenas uma lição de história com incríveis efeitos especiais. E não foram somente imagens que conjuramos. Não, o que vocês estavam vendo era realmente Sodoma e Gomorra, enquanto estavam sendo destruídas pelo Grande Tirano quando ele -“

“Unh - unh- unh!” Francesca falou, sacudindo um dedo. “Nós não chamamos por nomes pejorativos aqui.”

“Claro. Ela está certa, como sempre. Até eu às vezes tenho lapsos de propaganda.” Steven deu um grande sorriso para a turma. “Mas como eu estava dizendo, as Anunciadoras são mais do que meras sombras. Elas podem conter informações muito valiosas. Em uma maneira, elas são sombras - mas sombras do passado, de muito tempo atrás e de eventos de não tanto tempo atrás.”

“O que vocês viram hoje,” Francesca terminou, “foi só uma demonstração de uma habilidade inestimável que alguns de vocês podem ser capazes de aproveitar. Algum dia.”

“Vocês não vão querer tentar agora.” Steven limpos as mão com um lenço que puxou do seu bolso da frente. “Em fato, nós proibimos que tentem isso, para que não percam o controle e se percam na sombra. Mas algum dia, talvez, será uma possibilidade.”

Luce compartilhou um olhar com Miles. Ele deu a ela um sorriso, como se estivesse aliviado de ouvir aquilo.

Ele não parecia se sentir nada excluído, não do modo como Luce se sentia.

“Além disso,” Francesca falou, “a maioria de vocês provavelmente vão descobrir que se sentem fadigados.” Luce olhou ao redor da sala para os rostos dos estudantes enquanto Francesca falava. Sua voz tinha o efeito de aloe vera em um queimado de sol. Metade dos alunos fecharam os olhos como se tivessem sido acalmados. “Isso é muito normal. Vislumbre de sombra não vem sem um grande custo. Leva energia para olhar para o passado até mesmo que seja de alguns dias atrás, mas olhar um milênio no passado? Bom, vocês podem sentir os efeitos vocês mesmos. Em luz disso” – ela olhou para Steven- “nós vamos liberar vocês mais cedo para que descansem.”

“Continuaremos de novo amanhã, então se certifiquem de que tenham feito sua leitura sobre desaparecimento mágico,” Steven falou. “Classe dispensada.”

Ao redor de Luce, estudantes se ergueram lentamente das suas mesas. Eles pareciam confusos, exaustos. Quando ela se levantou, seus joelhos estavam um pouco instáveis, mas de alguma maneira ela se sentia menos afetada do que os outros pareciam estar. Ela puxou mais o cardigam ao redor de seus ombros e seguiu Miles para fora da sala de aula.

“Coisa bem pesada,” ele falou, descendo a escada do deck dois degraus de cada vez. “Você está ok?”

“Estou bem,” Luce falou. Ela estava. “Você está?”

Miles esfregou sua testa. “É só que parecia que estávamos realmente lá. Estou feliz que tenham nos deixado sair mais cedo. Sinto que preciso de uma soneca.”

“Sério!” Dawn adicionou vindo por detrás deles no caminho que se abria de volta para o dormitório. “Aquilo era a última coisa que estava esperando da minha manhã de quarta-feira. Estou tão desgastada.”

Era verdade: A destruição de Sodoma e Gomorra havia sido horrificante. Tão real, a pele de Luce ainda parecia quente do fogo.

Eles pegaram um atalho de volta para o dormitório, ao redor do lado norte do hall da bagunça e para dentro da sombra das sequóias. Era estranho ver o campus tão vazio, com todos os outros alunos em Shoreline ainda nas aulas no prédio principal. Um por um, os Nephilins foram se dispersando do caminho e indo direto para cama.

Exceto por Luce. Ela não estava cansada, não mesmo, ela se sentia fortemente energizada. Ela desejou, de novo, que Daniel estivesse lá. Ela queria tanto conversar com ele sobre a demonstração de Francesca e Steven – e saber porque ele não a contou antes que havia mais do que ela podia ver a respeito das sombras.

A frente de Luce estava as escadas que levavam até seu dormitório. Atrás dela, a floresta de sequóias. Ela andou de um lado para o outro na entrada do dormitório, sem vontade de entrar, sem querer dormir e fazer de conta que ela não havia visto. Francesca e Steven não estariam tentando assustar a classe toda; eles deviam estar tentando ensinar algo a eles. Algo que eles não podiam dizer abertamente.

Mas se as Anunciadoras carregavam mensagens e ecos do passado, então qual era a razão deles terem mostrado aquele?

Ela entrou na floresta.

Seu relógio dizia 11am, mas podia ter sido meia noite sob o dossel de árvores. Arrepios ergueram-se nos braços e pernas delas enquanto ela se aprofundava mais adentro da floresta sombria. Ela não queria pensar muito nisso, pensar só iria aumentar as chances dela se acovardar. Ela estava prestes a entrar em território inexplorado. Território proibido.

Ela ia conjurar uma Anunciadora.

Ela havia feito coisas para elas antes. A primeira vez foi quando ela beliscou uma durante a aula para impedi-la de entrar no seu bolso. Teve uma vez na biblioteca quando ela abanou uma para longe de Penn. Pobre Penn. Luce não podia evitar de se perguntar qual mensagem a Anunciadora havia carregado. Se ela tivesse sabido como manipulá-la naquela época, do modo como Francesca e Steven haviam manipulado aquela hoje – ela poderia ter impedido o que aconteceu?

Ela fechou os olhos. Viu Penn, jogada contra a parede, seu peito coberto de sangue. Sua amiga caída. Não. Pensar naquela noite era doloroso demais, e nunca levou Luce a lugar nenhum. Tudo que ela podia fazer agora era olhar para frente.

Ela tinha que lutar contra o frio medo que se agarrava a ela por dentro. Uma tenebrosa, negra, forma familiar espreitava ao longo de uma sombra verdadeira de um galho baixo de uma sequóia a meros dez metros a frente dela.

Ela deu um passo em direção a ela, e a Anunciadora se encolheu para trás. Tentando não fazer nenhum movimento súbito, Luce foi ainda mais perto, mais perto, motivando a sombra a não escapar.

Isso.

A sombra tremeu embaixo do seu galho da árvore, mas continuou no mesmo lugar.

Coração acelerado, Luce tentou se acalmar. Sim, estava escuro na floresta; e sim, nenhuma alma viva sabia onde ela estava; e ok, claro, havia uma chance de ninguém sentir falta dela por um bom tempo se qualquer coisa acontecesse – mas não havia razão para pânico. Certo? Então por que ela se sentia tomada por um irritante medo? Por que ela estava tendo o mesmo tremor em suas mãos que ela costumava ter quando via as sombras quando era garota, antes de aprender que elas eram basicamente inofensivas?

Era tempo de agir. Ela podia ficar ali congelada para sempre, ou ela podia se acovardar e voltar para o dormitório, ou –

Seu braço se ergueu, não mais tremendo, e agarrou a coisa. Ela puxou para cima e segurou apertado contra seu peito, surpresa pelo seu peso, e por quão fria e úmida ela era. Como uma toalha molhada. Os braços dela estavam tremendo. O que ela faria com aquilo agora?

A imagem daquelas cidades pegando fogo apareceram em sua mente. Luce se perguntou se ela podia agüentar ver essa mensagem agora. Se ela até mesmo conseguiria descobrir como destrancar seus segredos. Como essas coisas funcionam? Tudo que Francesca e Steven haviam feito foi puxar.

Segurando sua respiração, Luce trabalhou os dedos ao longo das extremidades macias da sombra, sugou firme, e deu um gentil puxão. Para sua surpresa, a Anunciadora foi flexível, quase como massa de vidraceiro, e tomou qualquer forma que as mãos dela sugeriram. Fazendo uma careta, ela tentou moldá-la em um quadrado. Em algo como a tela que ela havia visto seus professores formarem.

A principio foi fácil, mas a sombra parecia ficar mais rígida a medida que ela tentava esticar mais ela.

E toda vez que ela reposicionava sua mão para puxar uma outra parte, o resto se recolheria em uma fria, encaroçada massa negra. Logo ela havia ficado sem fôlego e usando seu braço para enxugar o suor da sua testa.

Ela não queria desistir. Mas quando a sombra começou a vibrar, Luce gritou e deixou ela cair no chão.

Instantaneamente, ela se lançou para as árvores. Somente após ela ter se ido que Luce percebeu: não era a sombra que havia vibrado. Era o celular em sua mochila.

Ela havia se acostumado a não ter um. Até aquele momento, até havia até se esquecido que Mr. Cole lhe deu seu antigo celular antes de colocá-la no avião para a Califórnia. Era quase completamente inútil, somente para ele ter um meio de alcançá-la, mantê-la atualizada com as histórias que ele estava contando para seus pais, que ainda acreditavam que ela estava em Sword & Cross. Para que quando Luce falasse com eles, pudesse mentir consistentemente.

Ninguém além de Mr. Cole sequer sabia seu numero. E por realmente irritantes razões de segurança, Daniel não havia dado a ela um meio de contatá-lo. E agora o telefone havia custado a Luce seu primeiro real progresso com a sombra.

Ela o pegou e abriu o texto que Mr Cole havia acabado de mandar:

Ligue para seus pais. Eles pensam que você tirou um A- em um teste de história de eu acabei de lhe dar. E que você fará testes para entrar no time de natação na semana que vem. Não se esqueça de agir como se tudo estivesse ok.

E uma segunda, um minuto depois:

Está tudo ok?

Emburrada, Luce enfiou o celular dentro da sua mochila e começou a vagar através da densa folhagem das sequóias em direção a extremidade da floresta em direção a seu dormitório. A mensagem havia a feito se perguntar sobre o que o resto dos alunos em Sword & Cross. Arriane ainda estava lá, e se estivesse, para quem ela estava mandando aviões de fazer de inimiga agora que Luce havia ido embora? Ou ambas haviam seguido em frente desde que Luce e Daniel haviam ido embora? Randy havia acreditado na história que os pais de Luce haviam a transferido? Luce suspirou. Ela odiava não contar a verdade para seus pais, odiava não poder contar a elas o quão distante ela se sentia, e o quão só.

Mas um telefonema? Cada palavra falsa que ela dizia – A- em um teste falso de história, testes para algum time de natação de faz de conta – só a faria sentir mais falta de casa.

Mr. Cole devia estar louco, dizendo para ela ligar para eles e mentir. Mas se ela contasse a verdade a seus pais – a real verdade – eles pensariam que ela estava louca. E se ela não entrasse em contato com eles, ela saberiam que algo estava acontecendo. Iriam dirigir até Sword & Cross, descobririam que ela havia sumido, e então o quê?

Ela poderia mandar um e-mail a eles. Mentir não seria tão difícil através de e-mail. Iria lhe dar alguns dias de vantagem antes que ela tivesse que ligar. Ela iria mandar um e-mail para eles hoje a noite.

Ela saiu da floresta, entrou no caminho, e engasgou. Era noite. Ela olhou para trás para a exuberante e sombria floresta. Quanto tempo ela ficou lá com a sombra? Ela olhou para o relógio. Era oito e meia. Ela havia perdido o almoço. E suas aulas da tarde. E o jantar.

Estava tão escuro na floresta, ele nem notou o tempo passando, mas agora tudo foi de encontro a ela. Ela estava cansada, com frio e faminta.

Após três viradas erradas no confuso dormitório, Luce encontrou sua porta. Torcendo silenciosamente para que Shelby estivesse onde quer que ela ficava quando desaparecia a noite, Luce deslizou sua enorme, velha chave na fechadura e virou a maçaneta.

As Luzes estavam desligadas, mas o fogo queimava na lareira. Chelby estava sentada de pernas cruzadas no chão, de olhos fechados, meditando. Quando Luce entrou, um olho se abriu, parecendo altamente irritado pelo que via em sua frente.

“Desculpa.” Luce sussurrou, se encolhendo na cadeira da escrivaninha próxima a porta. “Não se importe comigo. Faça de conta que não estou aqui.”

Por um pouco tempo, Shelby fez só isso. Ela fechou seu olho mau e voltou a meditar, e o quarto estava tranquilo. Luce se virou para o computador que veio com sua escrivaninha e olhou para a tela, tentando compor em sua cabeça a mais inocente mensagem possível para seus pais – e, aproveitando que estava ali, uma para Callie, que havia lhe mandado uma corrente constante e e-mails não lidos para sua caixa de entrada durante a última semana.

Digitando o mais lentamente que ela podia para que o barulho do seu teclado não desse a Shelby mais uma razão para odiá-la, Luce escreveu:

Queridos mamãe e papai, eu sinto tanta saudade de vocês. Queria só manter vocês informados. A vida em Sword & Cross é boa.

Seu peito contraiu enquanto ela se segurava para não escrever: *Até onde sei, mais ninguém morreu essa semana.*

Ainda indo bem em todas minhas aulas, ela se forçou a escrever no lugar. *Posso até tentar entrar na equipe de natação!*

Luce olhou pela janela para o limpo e estrelado céu. Ele teve que assinar e mandar rápido. Caso contrário, ela não conseguiria.

Me pergunto quando esse tempo chuvoso vai clarear... Acho que isso é Novembro em Giorgia! Amor, Luce

Ela copiou a mensagem para um novo e-mail para Callie, mudando algumas escolhas de palavras, moveu seu mouse para o botão de enviar, fechou os olhos, deu um clique duplo, e baixou sua cabeça. Ela era

um terrível falsa filha, uma amiga mentirosa. E o que ela havia pensado? Esse eram os mais amenos, mais merecedores de bandeira vermelha e-mails já escritos. Eles iriam só assustar as pessoas.

Seu estômago roncou. Uma segunda vez, mais alto. Shelby limpou a garganta.

Luce se virou na cadeira para encarar a garota, só para encontrá-la em sua posição de cão com focinho para baixo. Luce podia sentir as lágrimas enchendo seus olhos. “Eu estou com fome, ok? Por que você não registra uma reclamação, peça minha transferência para outro quarto?”

Shelby calmamente pulou para frente em seu colchão de yoga, subiu seus braços em uma posição de oração e falou:

“Eu só ia lhe contar sobre a caixa de macarrão com queijo orgânico em minha gaveta de meias. Não precisa abrir o regador. Jeez.”

Onze minutos depois, Luce estava sentada embaixo de um cobertor em sua cama com uma tigela quente de massa com queijo, olhos secos, e uma colega de quarto que de repente havia parado de odiar ela.

“Eu não estava chorando porque estava com fome,” Luce queria deixar isso claro, apesar do macarrão com queijo estar tão bom, o presente tão inesperadamente gentil de Shelby, quase trouxe lágrimas novas a seus olhos. Luce queria se abrir com alguém, e Shelby estava, bem, ali. Ela não tinha descongelado até o fim, mas partilhar o seu estoque de alimentos foi um grande passo para alguém que mal havia falado com Luce até agora. “Eu, um, estou tendo alguns problemas familiares. É difícil estar longe.”

“Boo-hoo,” Shelby falou, mastigando o macarrão da sua tigela. “Me deixe adivinhar, seus pais ainda são felizes casados.”

“Isso não é justo,” Luce falou, se sentando. “Você não tem idéia pelo que eu passei.”

“E você tem alguma idéia pelo que eu passei?” Shelby olhou para Luce de cima. “Foi o que pensei, Olha, essa sou eu: Filha única criada por mãe solteira. Problemas paternos? Talvez. Um saco de conviver porque odeio repartir? Quase certamente. Mas o que eu não suporto é uma carinha doce, alimentada a colher queridinha com uma feliz vida familiar e um

extravagante namorado na minha cola resmungando sobre seu pobre caso a longa distancia.”

Luce inspirou. “Não é isso de jeito nenhum.”

“Oh, não? Me ilumine.”

“Sou uma falsa,” Luce falou. “Eu estou... mentindo para pessoas que amo.”

“Mentindo para seu extravagante namorado?” Os olhos de Shelby vagaram, em um jeito que fez Luce pensar que sua colega de quarto podia realmente estar interessada.

“Não,” Luce balbuciou. “Eu não estou nem falando com ele.”

Shelby se reclinou na cama de Luce e colocou seus pés para cima para que descansassem no lado de baixo do beliche de cima. “Por que não?”

“É longo, estúpido e complicado.”

“Bom, toda garota com meio cérebro sabe que há só uma coisa a se fazer quando você termina com seu homem-”

“Não, nós não terminamos-“ Luce falou, no exato momento em que Shelby falou:

“Mudar seu cabelo.”

“Mudar meu cabelo?”

“Novo começo,” Shelby falou. “Eu pintei o meu de laranja, cortei todo. Diabos, uma vez eu até raspei após um idiota partir meu coração.”

Havia um pequeno e oval espelho anexado a penteadeira do outro lado do quarto.

Da posição dela na cama, Luce podia ver seu reflexo. Ela afastou a tigela de massa e se levantou para se aproximar.

Ela havia cortado o cabelo após Trevor, mas aquilo havia sido diferente. A maior parte dele havia sido chamuscado, de qualquer forma.

E quando ela havia chegado em Sword & Cross, tinha sido o cabelo de Arriane que ela havia cortado. Ainda assim Luce pensou ter entendido o que Shelby quis dizer quando falou ‘Novo começo’. Você podia se tornar outra pessoa, fazer de conta que não é a pessoa que acabou de passar por tanto sofrimento. Apesar de – graças a Deus – Luce não estar sofrendo por uma perda permanente de seu relacionamento com Daniel, ela estava sofrendo por todos os outros tipos de perdas. Penn, sua família, a vida que ela costumava ter antes das coisas ficarem tão complicadas.

“Você está pensando sobre isso, não está? Não me faça tirar a oxigenada de debaixo da pia.”

Luce correu seus dedos pelo seu curto cabelo negro. O que Daniel pensaria? Mas se ele quisesse que ela fosse feliz ali até que eles pudessem ficar juntos novamente, ela tinha que deixar quem ela havia sido em Sword & Cross.

Ela se virou para encarar Shelby. “Pegue a garrafa.”

Capítulo 4

Quinze Dias

Ela não estava *tão* loira assim.

Luce molhou suas mãos na pia e puxou suas ondas curtas e oxigenadas. Ela aturara toda uma carga de aulas na quinta, o que incluía uma aula de duas horas inesperadamente rígida de Francesca para reiterar porque não se deveria mexer casualmente com os Anunciantes (quase parecera que ela estava se dirigindo à Luce diretamente); testes surpresas sem fim em suas aulas “normais” de biologia e de matemática no prédio principal da escola; e o que pareceu serem oito horas diretas de olhares perplexos de seus colegas de classe, tanto Nephilim quanto não-Neph.

Mesmo Shelby tendo gostado do novo visual de Luce na privacidade de seu dormitório na noite anterior, ela não foi efusiva com os elogios do jeito que Arriane foi ou apoiou de maneira confiável do jeito que Penn apoiara. Saindo para o mundo nesta manhã, Luce fora dominada por seu nervosismo. Miles fora o primeiro a vê-la, e ele tinha lhe aprovado. Mas ele era tão bonzinho, ele nunca deixaria transparecer se ele realmente achasse que ela estava horrível.

É claro, Dawn e Jasmine tinham aglomerado-se ao seu lado logo após a aula de humanas, afoitas em tocar seu cabelo, perguntando a Luce quem fora sua inspiração.

“Muito Gwen Stefani,” Jasmine dissera, assentindo.

“Não, é a Madge, certo?” Dawn dissera. “Tipo, fase ‘Vogue’.” Antes que Luce pudesse responder, Dawn gesticulou entre Luce e ela mesma. “Mas acho que não somos mais Gêmulas.”

“Gêmulas?” Luce balançou sua cabeça.

Jasmine olhou de soslaio para Luce. “Que isso, não diga que nunca notou? Vocês duas parecem... quer dizer, *pareciam* tanto. Vocês podiam praticamente ser irmãs.”

Agora, parada sozinha perante o espelho do banheiro do prédio principal da escola, Luce olhou para seu reflexo e pensou na ingênua Dawn. Elas tinham uma cor parecida: Pele pálida, lábios rosados, cabelo escuro. Mas Dawn era menor que ela. Ela usava cores brilhantes seis dias por semana. E ela era muito mais animada do que Luce jamais poderia ser. Deixando de lado alguns aspectos superficiais, Luce e Dawn não poderiam ser mais diferentes.

A porta do banheiro se abriu e uma morena de aparência saudável de calça jeans e suéter amarelo entrou. Luce a reconheceu da sua aula de história europeia. Amy Alguma Coisa. Ela se inclinou contra a pia próxima a Luce e começou a mexer em suas sobrancelhas.

“Por que você fez isso com seu cabelo?” ela perguntou, olhando Luce.

Luce pestanejou. Era uma coisa falar sobre isso com seus amigos – até certo ponto – em Shoreline, mas ela nunca nem falara com esta garota antes.

A resposta de Shelby, *recomeço*, apareceu em sua mente, mas quem ela estava enganando? Tudo que aquele frasco de peróxido tinha feito na noite passada era fazer Luce parecer tão falsa do lado de fora quanto ela já se sentia do lado de dentro. Callie e seus pais mal a reconheceriam agora, o que não era o objetivo, mesmo.

E Daniel. O que Daniel pensaria? Luce de repente se sentiu tão transparentemente falsa; mesmo uma estranha podia ver através dela.

“Eu não sei.” Ela empurrou a garota para passar e saiu pela porta do banheiro. “Não sei porque fiz isso.”

Descolorir seu cabelo não lavaria as memórias sombrias das últimas semanas. Se ela realmente queria um recomeço, ela teria que inventar um. Mas como? Havia tão poucas coisas que ela realmente podia

controlar agora. Seu mundo todo estava nas mãos do Sr. Cole e de Daniel. E ambos estavam tão distante.

Era assustador como ela tinha aprendido tão rapidamente e tanto a contar com Daniel, mais assustador ainda por ela nem saber quando o veria de novo. Comparado aos dias cheios de felicidade com ele que ela esperara na Califórnia, ela nunca se sentira tão sozinha.

Ela andou com dificuldade pelo campus, lentamente percebendo que a única vez que tinha sentido alguma independência desde que chegara em Shoreline fora...

Sozinha na floresta com a sombra.

Depois da demonstração em sala de aula de ontem, Luce estivera esperando mais do mesmo de Francesca e Steven. Ela esperara que talvez os estudantes tivessem a oportunidade de fazer experimentos sozinhos com as sombras hoje. Ela até mesmo tivera uma breve fantasia de ser capaz de fazer o que fizera na floresta em frente de todos os Nephilim.

Nada disso tinha acontecido. De fato, a aula de hoje parecera um grande retrocesso. Uma aula entediante sobre a etiqueta e a segurança dos Anunciantes, e por que os estudantes nunca deveriam, sob nenhuma circunstância, tentar fazer, sozinhos, o que tinham visto no dia anterior. Era frustrante e regressivo. Então agora, ao invés de voltar para o dormitório, Luce se encontrou correndo por trás do refeitório, passando pelo caminho na beirada do penhasco, e pelas escadas de madeira do alojamento dos Nephilim. O escritório da Francesca ficava no anexo do segundo andar, e ela dissera à turma para se sentirem a vontade de passar lá qualquer hora.

O prédio ficava consideravelmente diferente sem os outros alunos para aquecê-lo. Turvo e frio e com uma aparência de quase abandonado. Cada barulho que Luce fazia parecia ser carregado, ecoando pelas vigas de madeira inclinadas. Ela conseguia ver uma lanterna no piso do andar acima e sentir o aroma rico da fermentação de café. Ela ainda não sabia se ia contar à Francesca o que fora capaz de fazer na floresta. Podia parecer insignificante para alguém tão talentoso quanto Francesca. Ou podia parecer uma violação das instruções dela para a turma, hoje.

Parte de Luce simplesmente queria saber quais as opiniões da sua professora, para ver se ela podia ser alguém a quem Luce podia recorrer, em dias como hoje, onde começava a sentir que podia sucumbir.

Ela alcançou o alto da escada e se encontrou de frente a um corredor longo e aberto.

À sua esquerda, além do corrimão de madeira, ela encarava uma sala de aula escura e vazia no segundo andar. À sua direita estava uma fileira de portas pesadas de madeira com vãos de vitrais sobre eles. Andando rapidamente sob as tábuas do chão, Luce percebeu que não sabia qual escritório era o de Francesca. Apenas uma porta estava entreaberta, a terceira da direita, com luz emanando da cena bonita do vitral no vão. Ela achou ter ouvido uma voz masculina dentro. Ela estava pronta para bater quando o tom penetrante de uma mulher a fez congelar.

“Foi um erro simplesmente tentar,” Francesca praticamente sibilou.

“Nós nos arriscamos. Fomos desafortunados.”

Steven.

“*Desafortunados?*” Francesca zombou. “Você quer dizer impulsivos. De um ponto de vista puramente estatístico, as chances de um Anunciante carregar más notícias era muito maior. Você viu o que ele fez com os garotos. Eles não estavam prontos.”

Uma pausa. Luce se aproximou um pouquinho mais junto ao tapete persa no corredor.

“Mas ela estava.”

“Não sacrificarei todo o progresso que uma turma inteira fez só porque uma, uma-”

“Não seja tão limitada, Francesca. Nós bolamos um lindo currículo. Eu sei disso tão bem quanto você. Nossos alunos superam o desempenho de qualquer outro programa Nephilim no mundo. Você fez tudo isso. Você tem razão em sentir orgulho. Mas as coisas estão diferentes agora.”

“Steven está certo, Francesca.” Uma terceira voz. Masculina. Luce achou que soava familiar. Mas quem era? “Você pode muito bem jogar seu calendário acadêmico pela janela. A trégua entre os nossos lados é a única linha do tempo que importa agora.”

Francesca suspirou. “Você realmente acha-”

A voz desconhecida disse, “Se eu conheço o Daniel, ele chegará bem na hora. Ele provavelmente já está contando os minutos.”

“Tem outra coisa,” Steven disse.

Uma pausa, então o que soou como uma gaveta deslizando, e então uma arfada. Luce mataria para estar do outro lado da parede, para ver o que eles podiam ver.

“Onde conseguiu isso?” a outra voz masculina perguntou. “Você vai trocar?”

“É claro que não vai!” Francesca soou ferida. “Steven encontrou na floresta durante uma de suas rondas na outra noite.”

“É autêntico, não é?” Steven perguntou.

Um suspiro. “Faz tempo demais para que eu possa afirmar isso,” o estranho restringiu-se. “Não vejo uma starshot há anos. Daniel saberá. Vou levá-la até ele.”

“Isso é tudo? O que sugere que façamos enquanto isso?” Francesca perguntou.

“Olha, essa não é a minha.” A familiaridade da voz masculina era como uma coceira na parte de trás do cérebro de Luce. “E realmente não faz o meu estilo-”

“Por favor,” Francesca implorou.

O escritório ficou silencioso. O coração de Luce martelava.

“Está bem. Se eu fosse você? Adiantava as coisas por aqui. Aumenta a supervisão deles e faria tudo que puder para preparar *todos* eles. O Fim dos Tempos não deve ser muito bonito.”

Fim dos Tempos. Era isso que Arriane tinha dito que aconteceria se o Cam e seu exército ganhassem naquela noite, na Espada & Cruz. Mas eles não tinham ganho. A não ser que já tivesse havido outra batalha. Mas então, para o que os Nephilim precisariam se preparar?

O som de pernas de cadeiras pesadas arrastando-se pelo chão fizeram Luce pular para trás. Ela sabia que não devia ser pega escutando escondida a conversa. Sobre o que quer que ela fosse.

Pela primeira vez, ela ficou feliz pelo fornecimento sim fim de alcovas misteriosas na arquitetura da Shoreline. Ela mergulhou sob uma cornija com telhas de madeira de decoração entre duas estantes e se pressionou contra o rebaixo na parede.

Um único par de passos saiu do escritório, e a porta se fechou firmemente. Luce segurou sua respiração e esperou que a figura descesse as escadas.

A princípio, ela conseguia apenas ver os pés dele. Botas de couro marrom na altura do joelho. Então uma calça jeans de lavagem escura entrou no campo de vista enquanto ele se curvava ao redor do corrimão em direção ao segundo andar do alojamento. Uma camisa de botões com listras azuis e brancas. E, por fim, a juba distintamente reconhecível de dreadlocks pretos e dourados.

Roland Sparks tinha aparecido na Shoreline.

Luce pulou de seu esconderijo. Ela podia estar, no mínimo, com um comportamento nervoso na frente de Francesca e Steven, que eram assustadoramente lindos e poderosos e maduros... e seus professores. Mas Roland não a intimidava – não muito, de qualquer maneira – não mais. Além do mais, ele era o mais próximo de Daniel que ela chegara há dias.

Ela escapuliu pelos degraus do interior o mais silenciosamente que pode, então irrompeu pela porta do alojamento até o convés. Roland estava passeando na direção do oceano como se não tivesse uma preocupação no mundo.

“Roland!” ela berrou, trovejando pelo último lance de escada até o chão e saindo correndo. Ele ficou de pé onde o caminho acabava e o penhasco ficava íngreme e com pedras ásperas.

Ele estava parado tão imóvel, olhando para a água. Luce ficou surpresa ao sentir frio na barriga quando, muito lentamente, ele começou a se virar.

“Ora, ora.” Ele sorriu. “Lucinda Price descobre peróxido.”

“Ah.” Ela agarrou seu cabelo. Como ela devia parecer estúpida para ele.

“Não, não,” ele disse, indo em direção dela, afofando seu cabelo com seus dedos. “Combina com você. Um exterior duro para tempos duros.”

“O que está fazendo aqui?”

“Me matriculando.” Ele deu de ombros. “Acabei de pegar meu horário de aulas, conheci os professores. Parece um lugar bem maneiro.”

Uma mochila de tecido estava jogada sobre um de seus ombros com algo longo e estreito e prata saindo dela. Seguindo seus olhos, Roland deslocou a mochila para seu outro ombro e apertou a aba superior com um nó.

“Roland.” Sua voz estremeceu. “Você deixou a Espada e Cruz? Por quê? O que está fazendo aqui?”

“Só precisava de uma mudança de ambiente,” ele ofereceu enigmaticamente.

Luce ia perguntar sobre os outros – Arriane e Gabbe. Até mesmo a Molly. Se alguém tinha notado ou ligado que ela tinha ido embora. Mas quando abriu sua boca, o que saiu foi algo muito diferente do que ela esperava. “O que você estava falando lá com a Francesca e o Steven?”

O rosto de Roland mudou repentinamente, endurecido em algo mais velho, menos des preocupado. “Depende. Quanto você escutou?”

“Daniel. Ouvi você dizer que ele... Você não tem que mentir pra mim, Roland. Quanto falta até ele voltar? Porque acho que não consigo-”

“Venha dar uma volta comigo, Luce.”

Tão inábil quanto ela teria sentido para Roland Sparks para colocar o braço em volta dos ombros volta a Sword & Cruz, que era como confortante foi quando ele fez aquele dia no Litoral. Eles nunca foram realmente amigos, mas ele era uma lembrança do seu passado, um vínculo que não podia ajudar voltando-se para agora.

Eles caminharam ao longo da borda do penhasco, por volta do terraço do café da manhã, e ao longo do lado oeste dos dormitórios, além de um jardim de rosas Luce nunca tinha visto antes. Era crepúsculo e água para sua direita foi viva, com cores, refletindo a rosa, laranja e violeta nuvens deslizando em frente ao dom. Roland levou a um banco de frente para a água, longe de todos os prédios do campus. Olhando para baixo, ela pôde ver um conjunto robusto de escadas esculpidas na rocha, começando logo abaixo de onde eles estavam sentados, e levando todo o caminho até à praia.

"O que você sabe que você não está dizendo?" Luce perguntou quando o silêncio começou a chegar nela.

"Que a água é cinqüenta e um graus", disse Roland.

"Não é que eu quis dizer", disse ela, olhando-o bem nos olhos. "Ele o enviou aqui para cuidar de mim? "

Roland coçou a cabeça. "Olhe. Daniel está fora fazendo a sua coisa. "Ele fez um movimento em direção ao céu. "Enquanto isso" e ela achou que ele inclinou a cabeça na direção da floresta atrás do dormitório "você tem a sua própria coisa para cuidar."

"O quê? Não, eu não tenho nada. Eu só estou aqui porque "

"Mentira." Ele riu. "Nós todos temos nossos segredos, Luce. Minas levou-me a linha costeira. O seu está levando-a para aqueles bosques. "

Ela começou a protestar, mas Roland acenou para ela, com um olhar enigmático.

"Eu não vou colocar você em problemas. Na verdade, eu estou torcendo por você. "Seus olhos moveram-se dela, para o mar. "Agora, de volta à água. Ela é frígida. Você já esteve nela? Eu sei que você gosta de nadar. "

Isso golpeou Luce que estava em Shoreline por três dias, com o mar sempre visível, as ondas sempre audível, o ar salgado sempre tudo o revestimento, mas ela ainda não tinha posto os pés na praia. E não era como em Sword & Cruz, onde um rol de coisas estavam fora dos limites. Ela não sabia por que ainda não tinha pensado nisso. Ela balançou a cabeça.

"Sobre tudo o que você pode fazer com uma praia nesse frio é construir uma fogueira."

Roland olhou para ela. "Você já fez algum amigo aqui ?"

Luce encolheu os ombros. "Alguns."

"Traga-os esta noite, depois do anoitecer." Ele apontou para uma estreita península de areia no pé das escadas de pedra. "Logo ali".

Ela olhou para Roland lateralmente. "O que exatamente você tem em mente?"

Roland sorriu diabolicamente. "Não se preocupe, nós vamos manter isso inocente. Mas você sabe como é. Eu sou novo na cidade, eu gostaria de fazer minha presença conhecida".

"Cara. Se você pisar no meu calcanhar mais uma vez, eu vou ter que quebrar seu tornozelo. "

"Talvez se você não estivesse monopolizando todo o feixe da lanterna lá em cima, Shel, o resto de nós poderia ver para onde estamos indo. "

Luce tentou sufocar o riso dela enquanto ela via a briga Miles e Shelby pelo campus no escuro.

Era quase onze horas, e Shoreline estava escuro e silencioso, com exceção do som de uma coruja. Uma lua minguante laranja estava baixa no céu, envolta por um véu de neblina. Entre os três deles, eles só foram capazes de chegar a uma lanterna (Shelby), portanto, apenas um deles (Shelby) tinha uma visão clara do caminho para a água. Para os outros dois, o terreno, que parecia tão viçosa e bem cuidada durante o dia, agora foram armadilhados com queda, samambaias com grossas raízes, e as partes traseiras dos pés de Shelby.

Quando Roland tinha pedido para ela trazer alguns amigos hoje, Luce tinha ficado com uma sensação ruim em seu estômago. Não havia monitores em Shoreline, não havia aterrorizantes câmeras de segurança de gravação de cada movimento dos alunos, de modo que não era a ameaça de ser pega, que a fez se sentir nervosa. Na verdade, esgueirar-se do dormitório tinha sido relativamente fácil. Era sair multidão que seria um grande desafio[?]. Down e Jasmine pareciam as candidatas mais prováveis para uma festa na praia, mas Luce, quando passou por seu quarto no quinto andar, o corredor estava escuro e ninguém respondeu-lhe ao bater na porta. De volta

ao seu próprio quarto, Shelby estava enroscada em algum tipo de pose de yoga tântrico que feria Luce só de olhar. Luce não queria quebrar a concentração feroz da sua companheira de quarto, convidando-a a alguma festa desconhecido, mas em seguida, uma batida forte na porta fez com que ela saísse de sua pose de qualquer maneira. Era Miles, perguntando se Luce queria um sorvete.

Luce olhou de Miles para Shelby e sorriu. "Eu tenho uma idéia melhor. " Dez minutos depois, enrolados em camisolas com capuz, um boné para trás Dodgers (Miles), e meias de lã com biqueira de formas individuais costuradas em que ela ainda pode usar o seu flip-flops (Shelby), e com um sentimento nervoso no estômago sobre Roland misturado com a tripulação de Shoreline (Luce), os três andaram em direção a borda do penhasco. "Então, quem é esse cara, de novo?" Miles perguntou, apontando para um mergulho no caminho pedregoso, pouco antes de Luce sair voando. "Ele é simplesmente um cara da minha última escola. "Luce procurou uma melhor descrição já que os três começaram a descer as escadas de pedra. Roland não era exatamente seu amigo. E mesmo que as crianças no Shoreline pareçam muito mente aberta, ela não tinha certeza se deveria dizer a eles de que lado dos anjos caídos estava Roland. "Ele era amigo de Daniel", disse ela finalmente. "Vai provavelmente ser uma festa muito pequena. Eu não acho que ele conheça alguém além de mim. "

Eles sentiram o cheiro antes de conseguirem ver: a reveladora fumaça de castanheira de uma fogueira de bom tamanho. Então, quando estavam quase no fim da escadaria íngreme, eles deram a volta numa curva de pedras e congelaram a medida em que as faíscas de uma chama laranja selvagem finalmente apareciam.

Devia haver uma centena de pessoas reunidas na praia.

O vento era selvagem, como um animal indomado, mas não era adversário para a brutalidade dos festeiros. No fim da reunião, mais perto de onde Luce estava, uma multidão de caras hippies com barbas longas e grossas e camisetas de tecido caindo aos pedaços tinha formado um círculo de percussão improvisado. Seu batuque fixo providenciada uma batida constantemente em mudança para um grupo próximo de adolescentes dançar. Na outra ponta da festa estava a fogueira propriamente dita, e quando Luce ficou na ponta dos pés, ela reconheceu um monte de alunos da Shoreline amontoados ao redor do fogo, esperando afastar o frio. Todos seguravam um graveto na direção das chamas, manobrando-os para conseguir o melhor lugar para assar seus cachorros-quentes e marshmallows, suas chaleiras de ferro fundido cheias de feijões. Era impossível adivinhar

como todos tinham descoberto isso, mas estava claro que todos estavam se divertindo.

E no meio disso tudo, Roland. Ele tinha trocado sua camiseta bem passada de botões e botas de couro caras e estava vestido, como todos os outros aqui, com um moletom de capuz e calça jeans rasgada. Ele estava parado numa rocha, fazendo gestos desordenados e exagerados, contando uma história que Luce não conseguia escutar. Dawn e Jasmine estavam entre os ouvintes encantados; seus rostos, iluminados pelo fogo, pareciam lindos e vivos.

“Essa é a sua ideia de uma festa pequena?” Miles perguntou.

Luce observava Roland, se perguntando que história ele contava. Algo na maneira de como ele estava no comando fez Luce relembrar do quarto de Cam, da primeira e única festa verdadeira que ela já fora na Espada & Cruz, e isso a fez sentir falta da Arriane. E, é claro, da Penn, que estivera tão ansiosa assim que chegara na festa, mas acabou se divertindo mais que todo mundo. E de Daniel, que mal falava com Luce então. As coisas estavam tão diferentes agora.

“Bom, não sei quanto a vocês,” Shelby disse, chutando seus chinelos e caminhando na areia de meia, “mas eu vou arranjar uma bebida para mim, depois um cachorro-quente, então talvez uma aula de um desses caras do círculo de percussão.”

“Eu também,” Miles disse. “Exceto pela parte do círculo de percussão, caso não tenha sido óbvio.”

“Luce.” Roland acenou de sua posição na rocha. “Você veio.”

Miles e Shelby já estavam bem à frente dela, indo na direção do estande de cachorro-quente, então Luce passou por uma duna de areia fria e úmida em direção à Roland e os outros.

“Você não estava brincando quando disse que queria fazer sua presença conhecida. Isso é algo e tanto, Roland.”

Roland assentiu graciosamente. “Algo e tanto, hein? Algo bom, ou algo ruim”?

Parecia uma pegadinha, e o que Luce quis dizer era que não podia falar mais. Ela pensou na conversa acalorada que tinha escutado no

escritório dos professores. Como a voz da Francesca tinha soado afiada. A linha entre o que era bom e o que era ruim parecia incrivelmente desfocada. Roland e Steven eram anjos caídos aceitos. Demônios, certo? Ela ao menos sabia o que isso significava? Mas também havia o Cam, e... o que Roland quisera dizer com aquela pergunta? Ela espreitou seus olhos para ele. Talvez ele estivesse apenas perguntando se Luce estava se divertindo?

Uma miríade de festeiros coloridos serpenteou ao redor dela, mas Luce conseguia sentir as ondas negras sem fim próximas. O ar próximo à água era frio e açoitava, mas a fogueira estava quente em sua pele. Tantas coisas pareciam estar em conflito naquela hora, todas se empurrando contra ela de uma só vez.

“Quem são todas essas pessoas, Roland?”

“Vamos ver.” Roland apontou para os hippies no círculo de percussão. “São da cidade.” À sua direita, ele gesticulou para um grupo grande de caras tentando impressionar um grupo muito menor de garotas com alguns movimentos de dança muito ruins. “Aqueles caras são da marinha, com base no Forte Bragg. Pela maneira como estão farreando, espero que estejam de licença esse final de semana. Quando Jasmine e Dawn infiltraram-se perto dele, Roland colocou um braço ao redor de cada um do ombro delas. “Essas duas, acredito que você as conheça.”

“Você não nos disse que era tão boa amiga do diretor social celestial, Luce,” Jasmine disse.

“Sério.” Dawn se inclinou para sussurrar audivelmente para Luce, “Só o meu diário sabe quantas vezes desejei ir a uma festa do Roland Sparks. E meu diário nunca contará.”

“Ah, mas talvez eu conte,” Roland brincou.

“Não tem condimento nessa festa?” Shelby apareceu atrás de Luce com Miles ao seu lado.

Ela segurava dois cachorros-quentes em uma mão e estendeu a sua livre para Roland. “Shelby Sterris. Quem é você?”

“Shelby Sterris,” Roland repetiu. “Sou Roland Sparks. Já morou no leste de L.A.? Nós já nos conhecemos?”

“Não.”

“Ela tem memória fotográfica,” Miles interferiu, dando à Luce um cachorro-quente vegetariano, que não era seu predileto, mas era um gesto bacana, mesmo assim. “Eu sou o Miles. Bela festa, a propósito.”

“Belíssima,” Dawn concordou, indo até Roland para as batidas de tambor.

“E quanto a Steven e Francesca?” Luce praticamente teve que gritar para Shelby. “Eles não vão nos ouvir daqui?” Era uma coisa sair escondida sem ninguém notar. Era outra plantar um ruído sônico diretamente sob o nariz deles.

Jasmine olhou novamente na direção do campus. “Eles vão nos escutar, com certeza, mas o nosso limite é bem amplo na Shoreline. Pelo menos para os Nephilim. Contato que continuemos no campus, sob a inspeção deles, nós podemos basicamente fazer o que quisermos.”

“Isso inclui um concurso de limbo?” Roland forçou um sorriso travesso, mostrando um galho amplo e grosso atrás de si mesmo. “Miles, segura a outra ponta para mim?”

Segundos mais tardes, o galho foi levantado, a batida foi mudada, e parecia que a festa toda tinha parado o que estava fazendo para formar uma fila de limbo longa e animada.

“Luce,” Miles a chamou. “Você não vai simplesmente ficar parada aí, vai?”

Ela estudou a multidão, sentindo-se dura e enraizada em seu lugar na areia. Mas Dawn e Jasmine estavam abrindo caminho para ela se espremer na fila entre as duas.

Já em estado de competição – provavelmente nascida em estado de competição – Shelby estava alongando suas costas. Mesmo os caras abotoados da marinha iam brincar.

“Está bem.” Luce riu e entrou na fila.

Uma vez começada a brincadeira, a fila se movia rapidamente; por três rodadas, Luce dançou facilmente sob o galho. Na quarta vez, ela conseguiu passar por baixo com um pouquinho só de dificuldade, tendo que inclinar seu queixo para trás o bastante para conseguir ver estrelas, e

conseguiu uma salva de palmas por fazer isso. Logo ela estava torcendo pelos outros também, só um pouquinho surpresa ao se achar pulando pra cima e pra baixo quando Shelby passou. Havia algo maravilhoso no fato de se esticar depois de uma posição de limbo após uma passada de sucesso – a festa toda parecia se alimentar disso.

Cada vez isso dava a Luce uma onda surpreendente de adrenalina.

Se divertir não era, geralmente, uma coisa tão simples. Por tanto tempo uma risada geralmente tinha sido seguida de perto por culpa, alguma sensação irritante de que ela não deveria estar se divertindo, por uma ou outra razão. Mas, de algum modo, hoje à noite ela se sentia mais leve. Mesmo sem perceber, ela fora capaz de dispersar a escuridão.

Quando Luce deu a volta para sua quinta vez, a fila estava significativamente mais curta. Metade dos adolescentes da festa já tinham saído, e todos estavam amontoados ao redor de Miles ou de Roland, observando os últimos que sobraram. No final da fila, Luce estava tonta e um pouco frívola, então o aperto firme que ela sentiu em seu braço quase a fez perder o equilíbrio.

Ela começou a gritar, então sentiu dedos fixarem-se sobre sua boca.

“Shhh.”

Daniel estava rebocando-a para longe da fila e da festa. Sua mão forte e quente deslizando pelo pescoço dela, os lábios dele roçando a lateral de sua bochecha. Por apenas um instante, o toque da pele dele na dela, junto com o brilho claro e violeta de seus olhos, e sua crescente necessidade diária de segurá-lo e nunca soltá-lo – tudo isso deixou Luce divinamente tonta.

“O que está fazendo aqui?” ela sussurrou. Ela quis dizer Graças a Deus que você está aqui ou Tem sido tão difícil ficar separados ou o que ela realmente quisera dizer, Eu te amo. Mas também havia Você me abandonou e Eu achei que não fosse seguro e Que negócio é esse de trégua? todas se batendo em seu cérebro.

“Eu tinha que te ver,” ele disse. Enquanto ele a direcionava para trás de uma grande rocha magmática na praia, havia um sorriso de conspiração em seu rosto. O tipo de sorriso que era contagioso, encontrando seu caminho até os lábios de Luce também. O tipo de sorriso

que reconhecia que eles não estavam somente quebrando a regra de Daniel - mas que eles estavam gostando de quebrá-la.

“Quando cheguei perto o bastante para ver essa festa, eu notei que todos estavam dançando,” ele disse. “E fiquei com um pouco de ciúmes.”

“Ciúmes?” Luce perguntou. Eles estavam sozinhos agora. Ela jogou seus braços ao redor dos ombros largos dele e olhou profundamente nos olhos violeta dele. “Por que você teria ciúmes?”

“Porque,” ele disse, roçando suas mãos pelas costas dela. “Seu cartão de dança* está cheio. Por toda a eternidade.”

*Nos cartões de dança, as damas anotavam os nomes dos cavalheiros com quem haviam se comprometido a dançar.

Daniel segurou a mão direita dela na dele, entrelaçou a mão esquerda dela no ombro dele, e começou uma dança lenta de dois passos na areia. Eles ainda conseguiam ouvir a música da festa, mas desse lado da rocha parecia um show particular. Luce fechou seus olhos e derreteu contra o peito dele, encontrando o lugar onde sua cabeça encaixava no ombro dele como uma peça de quebra-cabeça.

“Não, isso não está muito direito,” Daniel disse após um momento. Ele apontou para os pés dela.

Ela notou que ele estava descalço. “Tire seus sapatos,” ele disse, “e eu te mostro como anjos dançam.”

Luce tirou suas sapatilhas pretas e jogou-as de lado na praia. A areia entre seus dedos era suave e fria. Quando Daniel puxou-a para mais perto, seus dedos sobreporam-se aos dele e ela quase perdeu o equilíbrio, mas os braços dele a seguraram firme. Quando olhou pra baixo, seus pés estavam em cima dos deles. E quando ela olhou pra cima: a visão que ela sentia falta noite e dia. Daniel desdobrando suas asas branco-prateadas.

Elas encheram seu plano de visão, esticando-se a seis metros para o céu. Amplas e lindas, brilhando na noite, elas devem ter sido as asas mais gloriosas do Paraíso.

Debaixo de seus próprios pés, Luce sentiu os pés de Daniel levantarem-se pouco acima do chão. Suas asas bateram ligeiramente, quase como uma batida de coração, segurando ambos centímetros acima da praia.

“Pronta?” ele perguntou.

Ela não sabia para o que devia estar pronta. Não importava.

Agora eles estavam se movendo de ré no ar, tão suavemente quanto patinadores de gelo se moviam neste. Daniel deslizou sobre a água, segurando-a em seus braços. Luce arfou quando a primeira espuma de onda roçou em seus dedos do pé. Daniel riu e os levantou um pouco mais alto no céu.

Ele mergulhou-a de costas. Eles girou ambos em círculos. Eles estavam dançando. No oceano.

A lua era como um refletor, brilhando só neles. Luce ria de pura alegria, rindo tanto que Daniel começou a rir também. Ela nunca se sentira mais leve.

“Obrigada,” ela sussurrou.

A resposta dele foi um beijo. Ele beijou-a suavemente, no primeiro momento. Em sua testa, então em seu nariz, e então finalmente achou o caminho até seus lábios.

Ela o beijou de volta profunda e famintamente e um pouco desesperadamente, jogando seu corpo todo nisso. Era assim que ela era influenciada pelo Daniel, como ela tocava aquele amor fácil que eles partilhavam a tanto tempo. Por um instante, o mundo todo ficou silencioso; então Luce arfou por ar. Ela não tinha nem mesmo notado que tinham voltado para praia.

A mão dele verteu em copo a nuca dela, o gorro de tricô que ela tinha colocado até suas orelhas. O gorro que escondia seu cabelo descolorido de loiro. Ele o tirou e uma rajada de maresia acertou a cabeça dela. “O que você fez com o seu cabelo?”

A voz dele era suave, mas, de algum modo, parecia uma acusação. Talvez fosse porque a música tinha acabado, e a dança e o beijo também, e eles fossem agora apenas duas pessoas numa praia. As asas de Daniel estavam arqueadas por trás de seus ombros, ainda visíveis, mas fora de alcance.

“Quem se importa com o meu cabelo?” Ela só se importava em segurá-lo. Ele não devia se importar só com isso também?

Luce esticou a mão para pegar de volta o gorro de tricô. Sua cabeça loira nua parecia exposta demais, como uma bandeira vermelha brilhando e alertando Daniel de que ela podia estar se descontrolando. Assim que ela começou a se virar, Daniel colocou seus braços ao redor dela.

“Ei,” ele disse, puxando-a mais para perto novamente. “Sinto muito.”

Ela exalou, aproximou-se dele, e mergulhou-se no toque dele. Ela inclinou sua cabeça pra cima para encontrar os olhos dele.

“É seguro agora?” Ela perguntou, querendo que fosse Daniel quem falasse sobre a trégua. Eles podiam finalmente ficar juntos? Mas o olhar cansado nos olhos dele lhe deu a resposta antes que ele abrisse a boca.

“Eu não deveria estar aqui, mas me preocupo com você.” Ele a segurou na distância de um braço. “E pelo que eu vi, estou certo em me preocupar.” Ele dedilhou uma mecha do cabelo dela. “Não entendo por que fez isso, Luce. Essa não é você.”

Ela o afastou. Sempre a incomodava quando as pessoas diziam isso. “Bem, fui eu que descolori, Daniel. Então, tecnicamente, esta sou eu. Talvez não o ‘eu’ que você quer que eu seja-”

“Isso não é justo. Eu não quero que você seja qualquer outra pessoa que não você mesma.”

“E quem é essa, Daniel? Porque se souber a resposta, sinta-se livre para me informar.” A voz dela ficou mais alta a medida que a frustração tomava conta da paixão que escorria pelos seus dedos. “Estou sozinha aqui, tentando entender por que. Tentando entender o que estou fazendo aqui com todos esses... quando eu nem mesmo...”

“Quando nem mesmo o quê?”

Como eles tinham passado tão rapidamente de dançar no ar para isso?

“Eu não sei. Eu só estou tentando levar isso dia após dia. Fazer amigos, sabe? Ontem eu me juntei a um clube, e estamos planejando uma viagem de iate pra algum lugar. Coisas assim. O que ela realmente queria lhe contar era sobre as sombras. E especialmente o que tinha feito na floresta.

Mas Daniel tinha estreitado seus olhos como se ela já tivesse feito algo errado.

“Você não vai numa viagem de iate a lugar algum.”

“O quê?”

“Você vai ficar bem aqui no campus até que eu diga.” Ele exalou, sentindo a raiva crescente dela. “Odeio te impor essas regras, Luce, mas... faço isso pra te manter a salvo. Não deixarei nada acontecer com você.”

“Literalmente.” Luce cerrou seus dentes. “Bom ou ruim ou outro. Parece que quando você não está por aqui você não quer que eu faça nada.”

“Isso não é verdade.” Ele balançou um dedo para ela. Ela nunca tinha visto ele perder seu temperamento tão rápido. Então ele olhou para o céu, e Luce seguiu seu olhar. Uma sombra moveu-se rapidamente sobre suas cabeças - como um fogo de artifício totalmente preto deixando uma trilha mortífera e fumacenta. Daniel pareceu ser capaz de lê-la instantaneamente.

“Tenho que ir,” ele disse.

“Que choque.” Ela se virou para longe. “Aparecer do nada, arranjar briga, então escapulir. Isso deve ser um amor real e verdadeiro.”

Ele agarrou os ombros dela e balançou-os até que ela encontrasse os olhos dele. “É amor verdadeiro,” ele disse, com tanto desespero que Luce não conseguia afirmar se quebrava ou era acrescentado a dor no coração dela. “Você sabe que é.” Os olhos dele queimavam violeta - não com raiva, mas com desejo intenso. O tipo de olhar que fazia você amar tanto uma pessoa, que sentia falta dela mesmo quando ela estava parada bem na sua frente.

Daniel abaixou sua cabeça para beijar a bochecha dela, mas ela estava a beira de lágrimas.

Envergonhada, ela se virou. Ela ouviu o suspiro dele, e então: o bater de asas.

Não.

Quando ela virou sua cabeça ao redor, Daniel estava levantando vôo pelo céu, no meio do caminho entre o oceano e a lua. As asas dele estavam iluminadas claramente de branco sob um raio do luar. Um instante mais tarde, ficou difícil diferenciá-lo de qualquer uma das estrelas do céu.

Capítulo 5

Catorze Dias

Durante a noite, sem vento, uma camada de névoa se instalou como um exército, estabelecendo-se sobre a cidade de Fort Bragg. Não me levantei com o nascer do sol, a tristeza infiltrou-se em tudo e todos. Durante toda a sexta-feira na escola, Luce sentiu-se como se estivesse sendo arrastada por uma onda em movimento lento. Os professores estavam fora de foco, descompromissados, lentos em suas palestras. Os alunos sentados em um monte letárgico, lutando para ficar acordados, no dia úmido.

Até a classe ser dispensada, o tédio penetrou em Luce á sua essência. Ela não sabia o que estava fazendo nessa escola na qual ela não pertencia, era apenas temporária antes de ter sua vida real e permanente. Tudo o que ela queria fazer era rastejar para sua parte da beliche e dormir, não apenas durante sua primeira semana em Shoreline, mas também sob o argumento do emaranhado de dúvidas e ansiedades que abalaram sua mente a respeito de Daniel.

Dormir na noite anterior tinha sido impossível. Nas horas mais escuras da manhã ela tropeçou de volta sozinha ao seu quarto do dormitório. Ela virava na cama, sem ao menos cochilar. Daniel se fechar já não a surpreendia, mas isso não significava que ainda assim era fácil. E essa ordem insultante e chauvinista que lhe dera para ficar no terreno da escola? O que foi isso, o século XIX? Passou por sua cabeça que talvez Daniel tivesse falado com ela como falou há séculos, mas, tal como Jane Eyre, ou Elizabeth Bennet, Luce tinha certeza que jamais teria se conformado com isso. E ela certamente não seria agora.

Ela ainda estava com raiva e irritada após a aula, movendo-se através da neblina em direção ao dormitório. Seus olhos estavam turvos e ela foi praticamente sonâmbula pelo caminho, e sua mão apertou a maçaneta. Entrou no quarto vazio, e quase não viu o envelope que alguém tinha colocado por baixo de sua porta.

Era de cor creme, frágil e quadrado, e quando ela virou de ponta cabeça, ela viu seu nome digitado em blocos na frente. Ela rasgou o abriu, querendo um pedido de desculpas dele. Sabendo que ela também lhe devia um. A carta estava dentro datilografada em papel de cor creme e dobrado em três partes.

Querida Luce,

Há algo que eu estive esperando muito tempo para te dizer. Encontre-me na cidade, perto Noyo Point, por volta das seis horas da noite? O ônibus n.º 5, juntamente Hwy 1 para a um quarto de milha ao sul de Shoreline. Utilize este passe de ônibus. Estarei esperando em North Cliff. Não posso esperar para vê-la.

Amor, Daniel

Agitando o envelope, Luce sentiu uma pequena tira de papel dentro dele. Ela puxou uma fina azul-e-branca passagem de ônibus com o número cinco impressa na frente e um mapinha tosco de Fort Bragg desenhado em sua de volta. Era isso. Não havia mais nada.

Luce não conseguia entender. Não havia menção da discussão na praia. Não havia indicação de que Daniel tivesse entendido o quanto foi errado ele praticamente desaparecer no ar na noite passada, e ainda esperava que ela viajasse ao seu capricho logo.

Nenhum pedido de desculpas

Estranho. Daniel pode aparecer em qualquer lugar, a qualquer momento. Ele era geralmente é indiferente às realidades logísticas que os seres humanos normais tem que lidar.

A carta era fria e dura em suas mãos. Seu lado mais imprudente foi tentado a fingir que ela nunca a tinha recebido. Ela estava cansada de discutir, cansada de Daniel não confia-la mais detalhes. Mas esse maldito lado que o amava dela perguntava-se se ela não estaria sendo muito dura com ele. Pela relação deles valia a pena o esforço. Ela tentou se lembrar da maneira que seus olhos a olharam e como sua voz soava quando ele lhe contou a história sobre a vida que ela teve na época do ouro na Califórnia. A forma como ele a tinha visto através da janela e se apaixonado pela milésima vez.

Essa era a imagem que ela levava com ela quando eixou o dormitório minutos mais tarde, a fluência ao longo do caminho para portões da frente da shoreline, em direção à parada de ônibus onde Daniel havia instruído a esperar. A imagem de seus olhos violetas tocou seu coração, enquanto ela estava sob um céu cinzento úmido. Ela viu carros incolores materializar-se na névoa, passar pela estrada 1, e desaparecer novamente.

Quando olhou para trás no campus da formidável Shoreline a distância, ela se lembrou das palavras de Jasmine na festa: Enquanto permanecer sob a sua égide da vigilância, podemos muito bem fazer o que quisermos. Luce estava saindo de debaixo da égide, mas onde estava o mal? Ela não era realmente uma estudante de lá, e mesmo assim, ver Daniel novamente valia a pena o risco de ser pega.

Em pouco mais de meia hora, ônibus número cinco parou no ponto.

O ônibus era velho e cinza e parecia frágil, foi o motorista que teve que soltar a alavanca da porta para deixar Luce entrar. Ela pegou uma cadeira vazia na frente. O ônibus tinha cheiro de teias de aranha, ou como um sótão um pouco usado. Ela se segurou no assento de couro barato do ônibus durante as curvas a mais de oitenta quilômetros por hora, como se estivesse apenas alguns centímetros além da estrada, onde havia um precipício de um quilômetro em linha reta para baixo até o oceano acinzentado irregular.

Chovia no momento em que o ônibus chegou à cidade, uma garoa constante lateral, tímida comparando com uma chuva de verdade. A maioria das empresas, na rua principal já estavam fechadas a essa hora da noite, e a cidade parecia úmida e um pouco desolada. Não era exatamente a cena que ela tinha em mente para uma conversa feliz.

Ao descer do ônibus, Luce tirou o gorro de esqui de sua mochila e puxou-o sobre sua cabeça. Ela podia sentir o frio da chuva sobre seu nariz e as pontas dos dedos. Ela viu uma placa de metal verde dobrada e seguiu a seta em direção a Noyo Point.

Noyo Point era uma península de terrenos variados, e não verde exuberante como o terreno do campus da Shoreline, mas uma mistura de grama irregular e crostas de areia cinza molhada. As árvores eram desbastadas aqui, despojadas de suas folhas pelo vento intermitente do oceano. Havia um banco solitário e um trecho de lama por todo o caminho

na borda, cerca de cem metros da estrada. Deveria ser aqui onde Daniel pediu para eles se encontrarem. Mas Luce podia ver de onde ela estava, que ele não estava lá ainda. Ela olhou para o relógio. Ela estava cinco minutos atrasada.

Daniel nunca se atrasava.

A chuva se acumulou sobre as pontas do cabelo dela, em vez de encharcá-lo como geralmente acontecia. Nem mesmo a Mãe Natureza sabia o que fazer com os cabelos de Luce tingidos de loiro. Ela não queria esperar por Daniel em campo aberto. Havia uma fila de lojas na rua principal. Luce parou lá atrás, de pé em um longo pórtico de madeira sob um toldo de metal enferrujado. Fred Fish, acesso à loja fechado era lido em desbotadas letras azuis.

Fort Bragg não era singelo como Mendocino, a cidade onde ela e Daniel tinham parado antes deles voarem para Shoreline. Era mais industrial, uma vila de pescadores real old-fashioned com podres docas instaladas em uma enseada curva, onde a terra era cônica para baixo em direção à água. Enquanto Luce esperava, um barco de pescadores estava ancorando em terra firme. Ela assistiu a linha de homens muito magros e endurecidos encharcados subir as escadas rochosas do cais abaixo.

Quando chegaram ao nível da rua, andavam sozinhos ou em grupos em silêncio, após o banco vazio e das tristes árvores inclinadas, passando em frente a uma fachada de um estacionamento de cascalho vazio na margem sul de Noyo Point. Subiram em caminhões velhos, ligaram os motores, e foram embora, um mar de faces sombrias se diluindo até que um se destacou e ele não estava saindo de qualquer escuna. Na verdade, ele parecia ter surgido de repente pela neblina. Luce saltou de volta contra o obturador de metal do armazem de pescado e tentou recuperar o fôlego.

Cam.

Ele estava caminhando para oeste ao longo da estrada de terra à direita na frente dela, ladeado por dois pescadores vestidos de negro que não pareciam notar sua presença. Ele estava vestido com jeans slim preta e uma jaqueta de couro preta. Seu cabelo escuro estava mais curto do que quando ela tinha visto ele pela última vez, brilhando na chuva. Uma parte da negra tattoo sunburst era visível ao lado do pescoço. Contra o pano de fundo incolor do céu, os seus olhos estavam tão intensamente verdes, como eles nunca haviam sido.

A última vez que tinha visto ele, Cam estava parado na frente de um exército negro de demônios, tão insensível e cruel e simplesmente ... mau. Ele fez seu sangue gelar. Ela pensou numa sequência de maldições e acusações prontas para jogar nele, mas seria melhor ainda se ela pudesse evitá-lo completamente.

Tarde demais. Cam e seus olhos verdes caíram sobre ela, e ela congelou. Não porque ela quase caiu em seus muitos falsos encantos na Sword & Cross. Mas porque ele parecia genuinamente alarmado ao vê-la. Ele desviou, indo contra o fluxo dos poucos pescadores restantes, e num instante estava ao seu lado.

"O que você está fazendo aqui?"

Cam parecia mais assustado, decidiu Luce, olhava quase com medo. Seus ombros estavam rígidos em torno de seu pescoço e seus olhos não viam nada por mais de um segundo. Ele não tinha dito nada sobre o seu cabelo, parecia quase como se ele não tivesse notado. Luce presumiu que Cam não saberia que ela estava aqui na Califórnia. Manter-se longe de caras como ele era o motivo de toda a sua locomoção. Agora ela tinha estragado isso.

"Eu estou apenas" Ela olhou para o caminho de cascalho branco por trás Cam, cortando a relva junto à borda do penhasco. "Estou indo para uma caminhada."

"Você não está."

"Deixe-me sozinha." Ela tentou passar por ele empurrando. "Não tenho nada para te dizer."

"O que seria ótimo, já que supostamente não estamos falando uns com os outros. Mas você não está pensando em deixar a escola."

De repente, ela sentiu nervoso, como ele sabia algo que ela não fez. "Como você sabe que eu estou indo mesmo para a escola aqui?"

Cam suspirou. "Eu sei tudo, ok?"

"Então você está aqui para lutar contra Daniel?"

Os olhos verdes de Cam se estreitaram. "Por que eu - Espere, você está dizendo que você está aqui para vê-lo?"

"Não pareça tão chocado. Nós estamos juntos." Era como Cam ainda não tivesse superado que Daniel pegou seu lugar. Cam coçou a testa, preocupado. Quando ele finalmente falou, suas palavras foram apressadas. "Será que ele virá para você? Luce?"

Ela estremeceu, formando ondas sob a pressão de seu olhar. "Eu recebi uma carta."

"Deixe-me vê-la."

Agora Luce estava rígida, examinando a expressão peculiar de Cam para tentar entender o que ele sabia. Ele parecia tão inquieto como ela se sentia. Ela não se moveu.

"Você foi enganada. Grigori não iria enviar uma carta para você agora."

"Você não sabe o que ele faria para mim." Luce virou, desejando que Cam nunca tivesse visto ela, desejando ela mesma estar distante. Sentiu uma necessidade infantil de se gabar para Cam que Daniel tinha visitado ela na última noite. Mas para que se gabar por aí. Não havia muita glória em divulgar os detalhes de sua discussão.

"Eu sei que ele morreria se você morresse, Luce. Se você quiser viver mais um dia, é melhor você me mostrar a carta."

"Você poderia me matar por um pedaço de papel?"

"Eu não faria isso, mas quem lhe enviou a carta provavelmente pretende."

"O quê?" Sentiu seu bolso quase queimar, Luce resistiu ao impulso de lançar a carta em sua mãos. Cam não sabia o que estava falando. Ele não podia. Mas quanto mais ele olhava para ela, mais ela começava a se perguntar sobre a estranha carta que estava segurando. Essa passagem de ônibus, as instruções eram estranhamente técnicas e formais. Daniel não se parecia com nada disso. Ela pegou-a do bolso, com os dedos tremendo.

Cam arrancou-a dela, fazendo uma careta enquanto lia. Ele murmurou alguma coisa baixinho, enquanto seus olhos dispararam em torno da floresta, do outro lado da estrada. Lúcia olhou em volta também,

mas ela não podia ver nada de suspeito sobre os poucos pescadores remanescentes que seguiam para suas camas no caminhão enferrujado.

"Vamos lá", disse ele, finalmente, agarrando-a pelo cotovelo. "Dá tempo para te levar de volta para a escola."

Ela se afastou. "Eu não vou a lugar nenhum com você. Eu odeio você. O que você está fazendo aqui?"

Ele a circului. "Eu estou caçando."

Ela mediu ele, tentando não deixar transparecer que ainda ficava nervosa. Esse estilo Slim, punk-rock, gunless* dele. "Sério?" Ela inclinou a cabeça. "Caçando o quê?"

* quer dizer mais ou menos pistoleiro

Cam olhou por ela, em direção à floresta varrida pelo crepúsculo. Ele balançou a cabeça uma vez. "Ela".

Luce esticou o pescoço para ver de quem ou do que Cam estava falando, mas antes que pudesse ver qualquer coisa, ele a empurrou bruscamente. Houve um sopro estranho de ar prateado que passou pelo seu rosto.

"Abaixe!" Cam gritou, fazendo pressão sobre os ombros de Luce. Ela caiu no chão da varanda, sentindo o seu peso em cima dela, cheirando a poeira sobre as tábuas de madeira.

"Largue-me!", Ela gritou. Enquanto ela se contorcia de nojo, medo e frio pressionados dentro dela. Seja que for que estivesse lá, deveria ser bem mau. Caso contrário ela não estaria em uma situação em que Cam precisaria protegê-la.

Um momento depois, Cam estava correndo pelo estacionamento vazio. Ele estava correndo em direção a uma menina. Uma menina muito bonita da idade de Luce, vestida com um longo casaco marrom. Ela tinha feições delicadas e cabelos loiros quase brancos, puxados em um rabo de cavalo, mas algo estava estranho em seus olhos. Eles tinham uma expressão vaga que, mesmo a distância, deixou Luce rígida com medo.

Havia mais: A menina estava armada. Ela segurava um arco de prata e às pressas foi colocando uma flecha nele.

Cam saltou para a frente, triturando o saibro com os pés enquanto ele se movia em linha reta na direção da menina, cujo bizarro arco de prata brilhava mesmo no nevoeiro. Como se não fosse deste mundo.

Tirando os olhos da garota lunática com a flecha, Luce ficou de joelhos e examinou o estacionamento para ver se mais alguém parecia em pânico como ela estava. Mas o lugar estava vazio, e estranhamente quieto.

Sentiu seus pulmões se apertar, ela mal conseguia respirar. A menina se moveu quase como uma máquina, sem hesitação. Cam estava desarmado. A menina estava puxando o arco e Cam estava distante em Pointblank.

Mas ela levou uma fração de segundo demasiado longo. Cam se chocou com ela, batendo-a nas costas. Ele brutalmente tirou o arco das mãos dela, empurrando seu cotovelo contra o rosto dela até que ela soltou. A menina deu um grito alto e inocente e recuou no terreno, Cam apontou o arco para ela. Ela levantou a mão aberta em súplica.

Então Cam soltou a flecha diretamente em seu coração.

Do outro lado do estacionamento, Luce gritou e mordeu seu punho. Apesar de querer estar longe, de fugir, seus pés estavam pesados demais para se movimentar. Alguma coisa estava errada. Luce esperava encontrar a menina ali sangrando, mas ela não estava lutando, não chorava.

Porque ela não estava mais lá.

Ela e a seta que Cam havia atirado nela, haviam desaparecido.

Cam percorreu o estacionamento, pegando as flechas que tinham caído como se fosse a mais urgente tarefa que ele tinha que realizar. Luce agachou onde a menina havia caído. Ela passou o dedo sobre o áspero cascalho, confusa e com mais medo do que estava um momento antes. Não havia sinal de que alguém tivesse estado lá.

Cam voltou para o lado de Luce com três flechas em uma mão e o arco de prata no outro. Instintivamente, Luce estendeu a mão para tocá-los. Ela nunca tinha visto nada parecido. Por alguma razão, enviou uma onda estranha de fascinação por ela. Arrepios na sua pele rosa. Sua cabeça flutuava.

Cam sacudiu as flechas para longe. "Não. Elas são mortais."

Elas não pareciam mortal. Na verdade, as flechas não tinham sequer ponta. Eles eram apenas gravetos de prata que terminavam em uma extremidade plana. E tinham feito uma menina desaparecer.

Luce piscou algumas vezes. "O que aconteceu, Cam?" A voz dela estava pesada. "Quem era?"

"Ela era uma renegada." Cam não estava olhando para ela. Ele estava fixado no arco de prata em suas mãos.

"Um quê?"

"O pior tipo de anjo. Eles estiveram com Satanás durante a revolta, mas não puseram os pés no submundo."

"Por que não?"

"Você conhece o tipo. Como aquelas meninas que querem ser convidadas para a festa, mas na verdade, não pretendem aparecer." Ele fez uma careta. "Assim que a batalha terminou, eles tentaram recuar para o lindo céu rapidamente, mas já era tarde demais. Você só tem uma chance nessas nuvens." Olhou para Luce. "A maioria pelo menos"

"Então, se eles não estão com o céu ..." Ela ainda estava se acostumando a falar concretamente sobre essas coisas. "Eles estão ... com o inferno?"

"Difícilmente. Embora eu me lembro quando eles vieram rastejando de volta." Cam deu uma risada sinistra. "Normalmente, nós permitimos qualquer um que queira entrar, mas mesmo Satanás tem seus limites. Ele os expulsou permanentemente, ficaram às cegas", acrescentou"

"Mas essa menina não estava às cegas", sussurrou Luce, recordando a forma como o arco seguiu todos os movimentos de Cam. A única razão para que ela não ter acertado nele, é porque ele moveu-se tão rápido quanto. Luce ainda sabia que havia algo de estranho sobre essa menina.

"Ela era. Ela só estava usando outros sentidos para seguir seu caminho através do mundo. Ela tem seu modo de ver. Tem suas limitações e seus benefícios."

Seus olhos não paravam de rastrear da linha das árvores. Luce pensou se não haveria mais renegados aninhados na floresta. Mais dos arcos e flechas de prata.

"Bem, o que aconteceu com ela? Onde ela está agora? "

Cam olhou para ela. "Ela está morta, Luce. Poof. Foi-se ".

Morto? Lúcia olhou para o lugar no chão onde tinha acontecido, agora tão vazio como o resto do terreno. Ela baixou a cabeça, sentindo-se tonta. "Eu ... eu pensei que você não podia matar anjos."

"Só na falta de uma boa arma." Mostrou as flechas para Luce uma última vez antes de guardá-las em um pano que puxou do bolso e as prendeu dentro de sua jaqueta de couro. "Estas coisas são difíceis de encontrar. Ah, pare de tremer, eu não vou te matar." Ele se virou e começou a testar as portas dos carros no estacionamento, sorriu quando ele avistou um destrancado e se jogou no lado do motorista pela janela do caminhão cinza e amarelo. De dentro ele apertou a trava. "Esteja grata por não ter que voltar a pé para a escola. Vamos lá, entre"

Quando Cam abriu a porta do lado do passageiro, o queixo de Luce caiu. Ela espreitava através da janela aberta e assista ele ligar a ignição. "Você acha que eu vou apenas entrar em um carro com você logo depois de ver você matar alguém?"

"Se eu não tivesse matado ela", ele passou a mão por baixo do volante "ela teria matado você, ok? Quem você acha que lhe enviou essa carta? Você foi atraída para fora da escola para ser assassinada. Será que isso facilita para você entrar?"

Luce encostou no capô do caminhão, não sabendo o que fazer. Ela pensou na conversa que ela teve com Daniel, Ariane e Gabbe antes dela deixar a Sword & Cross. Eles disseram que Srta. Sophia e os outros de sua seita poderiam vir depois atrás dela. "Mas ela não parecia - os renegados fazem parte dos anciãos?"

Até então Cam estava com o motor ligado. Ele rapidamente saltou para fora, deu a volta, e apressou Luce a sentar no banco do passageiro. "Anda, chop-chop. Isto é como cuidar de um gato." Finalmente, ele puxou o cinto de segurança em torno dela. "Infelizmente, Luce, você tem mais de um tipo de inimigo. É por isso que eu vou levar você de volta à escola onde é seguro. Agora mesmo".

Ela não achava que seria inteligente ficar sozinho em um carro com Cam, mas ela não tinha certeza que ficar aqui por conta própria seria mais esperto. "Espere um minuto", disse ela quando ele se virou na direção da Shoreline. "Se esses renegados não fazem parte do céu ou do inferno, de que lado eles estão? "

"Os renegados são uma sombra acinzentada doentia. Caso você não tenha notado, há coisas piores por aí do que eu."

Luce cruzou as mãos no colo, ansiosa para voltar para seu quarto do dormitório, onde ela podia sentir ou pelo menos fingir sentir-se segura. Por que ela deveria acreditar em Cam? Ela havia caído de suas mentiras muitas vezes antes.

"Não há nada pior do que você. O que você quer ... o que tentou fazer na Sword & Cross foi horrível e errado." Ela balançou a cabeça. "Você está apenas tentando me enganar de novo."

"Eu não estou." Sua voz tinha menos do argumento que ela teria esperado. Ele parecia pensativo, mesmo abatido. Até então, ele arrancava para a entrada da garagem longa e arqueada da Shoreline. "Eu nunca quis magoar você, Luce, nunca."

"É por isso que você chamou todas aquelas sombras para a batalha, quando eu estava no cemitério?"

"O bem e o mal não são tão claros como você pensa." Ele olhou pela janela em direção aos edifícios da Shoreline, que pareciam escuros e desertos. "Você é do Sul, certo? Desta vez, pelo menos. Então você deve compreender a liberdade que os vencedores têm em reescrever a história. Semântica, Luce. O que você pensa do mal - bem, para nós, é apenas um problema de conotação".

"Daniel não pensa assim." Luce desejava que ela pudesse ter dito que ela não pensa assim, mas ela não sabia o suficiente ainda. Ela sentia como se estivesse se baseando muito nas explicações de Daniel sobre a fé.

Cam estacionou o caminhão em um trecho de grama por trás de seu dormitório, saiu, e deu a volta para abrir a porta do passageiro. "Daniel e eu somos duas faces da mesma moeda." Ele ofereceu sua mão para ajudá-la a descer, ela o ignorou. "Deve ser doloroso você ouvir isso."

Ela queria dizer que isso não poderia ser verdade, que não havia semelhanças entre Cam e Daniel não importasse o quão Cam tentasse provar o contrário. Mas nessa semana em que ela esteve na Shoreline, Luce tinha visto e ouvido coisas que conflitava com o que ela pensava. Ela pensou em Francesca e Steven. Eles nasceram de um mesmo lugar: Era uma vez, antes da guerra e da queda, havia apenas um lado. Cam não foi o único que afirmou que a divisão entre os anjos e demônios não era simplesmente preto e branco.

A luz estava acesa em sua janela. Luce imaginou Shelby sobre o tapete laranja, de pernas cruzadas em posição de lótus, meditando. Como poderia Luce entrar e fingir que ela não tinha visto um anjo morrer? Ou que tudo o que tinha acontecido esta semana não tinha deixado ela cheia de dúvidas?

"Vamos manter os acontecimentos desta noite entre nós, não é?" Cam disse. "E daqui para frente, faz um favor a todos nós e permaneça no campus, onde você não vai entrar em apuros."

Ela passou por ele, fora do feixe dos faróis do caminhão roubado e camuflou-se nas sombras das paredes de seu dormitório.

Cam voltou para o caminhão, acelerando o motor ofensivamente. Mas antes que ele se afastar, ele rolou até a janela e gritou para Luce, "Você é bem-vinda."

Ela se virou. "Para quê?"

Ele sorriu e acelerou. "Para salvar sua vida."

Capítulo 6

Treze Dias

"É aqui", disse uma voz cantando do lado de fora da porta de Luce na manhã seguinte. Alguém estava batendo na porta. "É finalmente aqui!"

A batida ficou mais insistente. Luce não sabia que horas eram, apenas que era muito cedo para as risadas que estava ouvindo do outro lado da porta.

"Seus amigos," Shelby falou da beliche superior.

Luce gemeu e deslizou para fora da cama. Ela olhou para Shelby, que estava debruçada na parte superior da beliche, já completamente vestido de jeans e um colete vermelho estufado, fazendo as palavras cruzadas sábado.

"Você já dormiu?" Luce murmurou, chegando ao seu armário para arrancar o manto de tartan púrpura que sua mãe tinha costurado no seu décimo terceiro aniversário. Ele ainda servia-um pouco.

Ela pressionou o rosto contra o olho mágico e viu um convexo de rostos sorridentes da Dawn e Jasmine. Elas estavam paradas com lenços brilhantes e bolinhos ondulados. Jasmine levantou um suporte de copo, com quatro cafés como Dawn, que tinha um grande saco de papel marrom em sua mão, bateram novamente.

"Você vai dispensá-los ou devo chamar a segurança do campus?" Shelby perguntou.

Ignorando-a, Luce abriu a porta e as duas meninas passaram por ela invadindo o quarto, falando sem parar.

"Finalmente". Jasmine riu, entregando a Luce uma xícara de café antes de desabar para baixo na parte inferior da beliche. "Temos muito a discutir."

Nem Dawn nem Jasmine jamais estiveram lá antes, mas Luce estava gostando do jeito que estavam agindo no quarto. Ela lembrou-se de Penn, que havia "emprestado" a chave mestra para entrar no quarto de Luce quando ela precisou falar com ela e não a estava encontrando.

Luce olhou para seu café e engoliu em seco. De jeito nenhum ela poderia ficar emocionada aqui, agora, na frente das três.

Dawn estava no banheiro, em frente ao armário ao lado da pia. "Como membro integrante do comitê de planejamento, nós pensamos que você poderia fazer parte do discurso de boas vindas de hoje", disse ela, olhando para Luce com descrença. "Como você ainda não está mesmo vestida? O iate sai em aproximadamente uma hora."

Luce coçou a testa. "Recorde-me?"

"Ugh". Dawn gemeu dramaticamente. "Amy Branshaw? Minha parceira de laboratório? Aquela cujo o pai é dono de um iate monstro? Nada disso soou como um sino?"

Tudo foi vindo para ela. Sábado. A viagem de barco até a costa. Jasmine e Dawn tinham programada a idéia de educação à distância para a comissão de eventos da Shoreline e de alguma forma obtiveram a aprovação de Francesca. Luce havia concordado em ajudar, mas ela não tinha feito nada. Tudo que ela podia pensar agora era no rosto de Daniel, quando ela tinha contado a ele sobre isso, que de imediato, rejeitou a ideia de ter de Luce se divertido sem ele.

Agora Dawn estava vasculhando armário Luce. Ela para fora um vestido de manga comprida cor de berinjela, e atirou para Luce, e enxotou-a para o banheiro. "Não se esqueça de leggings por baixo. Está frio lá fora na água."

No caminho, Luce pegou seu telefone celular do seu carregador. Ontem à noite, depois de Cam havia ido embora, ela estava com muito medo e sozinha, ela quebrou a regra número um do Sr. Cole e enviou uma mensagem para Callie. Se Mr. Cole soubesse o quanto ela precisava ouvir um amigo... ele provavelmente ficaria furioso com ela. Agora é tarde demais.

Ela abriu a pasta de mensagens de texto e lembrou que seus dedos estavam tremendo quando ela escreveu a mensagem cheia de mentira:

Finalmente tenho um telefone celular! A recepção é irregular, mas eu vou ligar quando eu puder. Tudo é grande aqui, mas eu sinto sua falta! Escreverei em breve!

Nenhuma resposta da Callie.

Ela estava doente? Ocupada? Fora da cidade?

Ignorando Luce por ignorá-la?

Luce olhou no espelho. Ela olhou e se sentiu um lixo. Mas ela concordou em ajudar Dawn e Jasmine, então ela pôs o vestido de jersey e torceu os cabelos loiros para trás com um pouco de grampos.

Até o momento em que Luce saiu do banheiro, Shelby estava participando do lanche que as meninas haviam trazido com elas no saco de papel. Ele parecia realmente bom com bolinhos de cereja e maçã, pãezinhos de canela e três diferentes tipos de sucos. Jasmine entregou-lhe um enorme muffin e um pote de requeijão.

"Alimento para o cérebro."

"Que história é essa?" Miles enfiou a cabeça pela porta entreaberta. Luce não podia ver seus olhos sob o seu boné de beisebol puxado para baixo, mas o seu cabelo castanho estava virando para cima nas laterais e suas gigantes covinhas apareceram quando ele sorriu. Dawn imediatamente começou a rir, não por outra razão, além de que Miles era bonito e Dawn era Dawn.

Mas Miles não pareceu notar. Ele era mais alegre e descontraído em um grupo de meninas do que Luce era. Talvez ele tivesse um monte de irmãs ou algo assim. Ele não era como alguns outros alunos de Shoreline, cuja frieza parecia ser uma fachada. Miles era verdadeiro, uma coisa real.

"Não tem nenhum amigo seu próprio sexo?" Shelby perguntou, fingindo estar mais irritada do que ela realmente estava. Agora que ela conhecia um pouco melhor sua companheira de quarto, Luce estava começando a achar que Shelby tinha um senso de humor abrasivo quase encantador.

"Claro." Miles entrou na sala totalmente imperturbável. "É, meus amigos homens não costumam aparecer com lanches." Ele deslizou um enorme pedaço de bolo de canela para fora do saco e deu uma mordida gigante. "Você está bonita, Luce ", disse ele com a boca cheia.

Luce corou e parou de rir, Dawn e Shelby tossiram na manga: "embaraço"

Ao primeiro som do alto-falante no corredor, fez Luce saltar. Todos olharam para ela como se ela fosse louca, mas Luce ainda estava habituada a ouvir punições durante os pronunciamentos na Sword & Cross. Em vez disso, voz âmbar de Francesca entrou pelo quarto:

"Bom dia, Shoreline. Se você irá se juntar a nós na viagem de hoje no iate, o ônibus da marina sai em dez minutos. Estão convocados, na entrada sul para uma contagem. E não se esqueçam de Agasalhar-se!"

Miles pegou outro pastel para a estrada. Shelby colocou um par de galochas de bolinhas. Jasmim apertou a banda de seus protetores de ouvido rosa e encolheu os ombros para Luce. "Tanto para planejar! Nós teremos faixas boas-vindas."

"Sente-se conosco no ônibus," Dawn instruiu. "Nós vamos te guiar totalmente por Noyo Point".

Noyo Point. Luce teve que forçar-se para engolir um bocado de muffin. A menina renegada com sua expressão de morta, mesmo enquanto ela estava viva, a carona terrível com Cam - a memória trouxe arrepios na pele de Luce. Não ajudava que Cam teve que salvar sua vida. Logo depois dizer-lhe para não sair do campus novamente. Uma coisa estranha para se dizer. Quase como se ele e Daniel estivessem em conluio.

Luce se sentou na beirada da cama. "Então nós estamos indo?"

Ela nunca tinha quebrado uma promessa a Daniel antes. Mesmo que ela nunca tenha prometido não ir no iate. A restrição foi tão dura e fora de linha, sua vontade era explodir isso para fora. Mas se ela tivesse jogado pelas regras de Daniel, talvez ela não teria visto cara de ninguém sendo morto.

Apesar de que provavelmente era apenas sua paranóia novamente. O bilhete tinha deliberadamente atraído ela para fora do campus. Uma

viagem de barco na escola era algo totalmente diferente. Não era como se os renegados fossem pilotar o barco.

"É claro que todos nós estamos." Miles agarrou a mão de Luce, puxando-a pelos seus pés e em direção à porta.

"Por que não nós?"

Este era o momento de escolha: Luce poderia ficar em segurança no campus da forma como Daniel (e Cam) disseram a ela. Como uma prisioneira. Ou ela poderia sair por essa porta e provar para si mesma que sua vida era sua.

Meia hora depois, Luce estava, juntamente com metade do corpo estudantil da Shoreline, em um luxuoso iate branco de 130-pés Austal.

O tempo em Shoreline estava claro, mas no litoral sobre a água na marina junto ao cais, havia ainda um fino nevoeiro que restava da véspera. Quando Francesca desceu do ônibus, ela murmurou: "Já basta", e levantou as palmas das mãos no ar.

Muito casualmente, como se estivesse empurrando as cortinas de uma janela, ela literalmente espantou o nevoeiro com os dedos, abrindo um céu claro diretamente sobre o barco reluzente.

Foi feito tão sutilmente, nenhum dos estudantes não Nephilim ou professores poderia dizer que qualquer outra coisa a não ser a natureza estava trabalhando. Mas Luce boquiaberta, não tinha certeza do que ela tinha acabado de ver ou do que ela achava que tinha visto até Dawn começar a bater palmas baixinho.

"Impressionante, como de costume."

Francesca sorriu levemente. "Sim, isso é melhor, não é?"

Luce estava começando a perceber todos os pequenos detalhes que poderiam ter sido obra de um anjo. O passeio de ônibus fretado tinha sido muito mais suave do que o ônibus público que ela tinha pego um dia antes. As fachadas pareciam revigoradas, como se toda a cidade tivesse recebido uma nova camada de tinta.

Os alunos faziam fila para subir no iate, que estava deslumbrante mesmo do ponto de vista luxuoso. O seu perfil era elegantemente curvo

como uma concha, e cada um dos seus três níveis tinha seu próprio branco e largo deck. De onde eles entraram na proa, Luce podia ver através das janelas enormes três camarotes com móveis de pelúcia. No calor, o sol ainda estava baixo na marina, as preocupações de Luce sobre Cam e os renegados pareciam ridículas. Ela ficou surpresa ao senti-las desaparecer.

Ela acompanhou Miles na cabine no segundo andar do iate. As paredes eram de um cinza calmo, com longos banquetas em preto-e-branco que abraçavam as paredes curvas. Uma meia dúzia de alunos já lançaram-se sobre os bancos estofados e foram pegando uma enorme variedade de alimentos que estavam distribuídos nas mesas de café.

No bar, Miles abriu uma lata de Coca-Cola, dividiu-a em dois copos de plástico, e entregou uma a Luce. "Então o demônio disse ao anjo: 'Me processar? Onde você pensa que vai ter que ir para encontrar um advogado?'" Ele cutucou. "Conseguir?" "Porque supostamente todos os advogados..."

Uma piada. Sua mente estava em outro lugar e ela perdeu o fato de que Miles tinha sequer contando uma piada. Ela se forçou a gargalhar, rindo alto, até batendo na parte superior da barra. Miles parecia aliviado, se não um pouco desconfiado de sua reação exagerada.

"Uau", disse Lúcia, sentindo-se mal com seu riso falso. "Essa foi uma das boas."

À sua esquerda, Lilith, a ruiva alta que Luce conheceu no primeiro dia de aula, parou o pedaço de tártaro de atum no caminho até sua boca. "Que tipo de piada meia boca é essa?" Ela estava carrancuda principalmente com Luce, os lábios brilhantes presos em um rosnado. "Você realmente achou isso engraçado? Você sequer foi para o submundo? Não é nenhuma matéria de riso. Esperamos que esse tipo de coisa parta de Miles, mas pensei que você tinha um gosto melhor".

Luce foi pego de surpresa. "Eu não sabia que era uma questão de gosto", disse ela. "Nesse caso, estou definitivamente com Miles."

"Shhhh." Mãos cuidadosas de Francesca pousaram subitamente em ambos os ombros de Lúcia e Lilith.

"Seja lá sobre o que isso se trata, lembrem-se: Vocês estão num navio com setenta e três alunos não-Nephilins. A palavra do dia é discrição."

Isso era ainda uma das partes mais estranhas sobre Shoreline, e deixava Luce preocupada. Todo o tempo eles passavam com os alunos da escola regular, fingindo que não estavam fazendo tudo o que estavam realmente fazendo dentro da sala dos Nephilins. Luce ainda queria falar com Francesca sobre os anunciantes, para contar o que tinha feito no início da semana na floresta.

Francesca deslizou afastando-se e Shelby parou ao lado de Luce e Miles. "Exatamente o quanto discreta vocês acham que devo ser para colocar a cabeça de setenta e cinco estudantes na privada do banheiro da cabine?"

"Você é mau". Luce riu, e depois se surpreendeu quando Shelby estendeu seu prato de antepasto. "Olha quem está de partilhando", disse Lúcia. "E você que se considera como filha única."

Shelby pegou o prato de volta depois que Luce pegou a uma azeitona. "Sim, bem, não se acostume ou algo parecido."

Quando o motor roncou sob seus pés, o grupo de estudantes aplaudiram. Luce preferia momentos como este em Shoreline, quando ela realmente não sabia quem era Nephilim e quem não era. A fila de meninas enfrentavam o frio lá fora, rindo como seus cabelos balançavam com o vento. Alguns dos rapazes de sua aula de história estavam jogando poker juntos em um canto da cabine principal. De tabela foi onde Luce teria esperado encontrar Roland, mas ele estava ausente.

Perto do bar, Jasmine estava tirando fotos de toda a cena, enquanto Dawn acenou para Luce, fazendo mímica com uma caneta e papel no ar que ela ainda tinha que escrever seu discurso. Luce estava indo se juntar a eles quando, pelo canto do olho, avistou Steven através das janelas.

Ele estava sozinho, encostado nas grades com um longo casaco preto, um chapéu tampando seu cabelo-cor-de-pimenta. Ainda a deixava nervosa pensar nele como um demônio, especialmente porque ela realmente gostava dele, ou pelo menos, o que ela sabia dele. Seu relacionamento com Francesca confundia ainda mais. Eles eram como um tipo de unidade: Isso lembrou o que Cam havia dito na noite anterior sobre ele e Daniel não serem tão diferentes. A comparação ainda estava incomodando enquanto ela abria a porta de vidro matizado e saía para o convés.

Tudo o que podia ver no lado oeste do iate foi o azul infinito do oceano e o azul claro céu. A água estava calma, mas um vento forte golpeava em torno dos lados do barco. Luce teve que segurar o parapeito, olhando na luz do sol, protegendo os olhos com a mão enquanto ela se aproximava de Steven. Ela não viu Francesca em qualquer lugar.

"Olá, Lucy." Ele sorriu e tirou o chapéu quando ela alcançou a grade. Seu rosto estava bronzeado para novembro. "Está tudo bem?"

"Essa é a grande questão", disse ela.

"Você já se sentiu sobrecarregada esta semana? Nossa demonstração com o Anunciante a incomodou muito? Você sabe", ele baixou a voz "nunca fizemos isso antes."

"Me chatear? Não. Eu adorei", disse Luce rapidamente. "Quero dizer, foi difícil de assistir. Mas também fascinante. Eu tenho vontade de falar sobre isso com alguém...." Com olhos de Steven nela, ela se lembrou da conversa que ouvira de seus dois professores tendo com Roland. Como tinha sido Steven, e não Francesca, a favor da inclusão de Anunciadores do currículo. "Eu quero aprender tudo sobre eles."

"Tudo sobre eles?" Steven inclinou a cabeça, refletindo o sol em sua pele já dourada. "Isso Pode demorar um pouco. Existem trilhões de Anunciadores, um para quase todos os momentos da história. O campo é infinito. A maioria de nós nem sequer sabem por onde começar."

"É por isso que não foi ensinado antes?"

"É polêmico", disse Steven. "Existem anjos que não acreditam que o Anunciadores têm qualquer valor. Ou que as coisas ruins muitas vezes superam arauto do bem. Historicamente chamam como ratos, demasiado obcecados com o passado em vez de prestar atenção aos pecados do presente."

"Mas isso é como dizer... que o passado não tem qualquer valor."

Se isso fosse verdade, significaria que todas as vidas anteriores Luce não somam nada, que sua história com Daniel também foi inútil. Então tudo o que ela tem era o que ela sabia de Daniel nesta vida. E era realmente o suficiente?

Não. Não era.

Ela tinha que acreditar que havia mais sobre o que ela sentia por Daniel: um valioso, uma história guardada que somava algo maior do que algumas noites de beijos felizes e mais algumas noites de discussões. Porque se o passado não tinha valor, era realmente tudo o que tinham.

"A julgar pelo olhar no seu rosto", disse Steven, "parece que eu tenho mais alguém do meu lado."

"Eu espero que você não esteja enchendo a cabeça de Luce com qualquer uma das suas porcarias diabólicas." Francesca apareceu atrás por deles. Suas mãos estavam na cintura e o rosto numa carranca. Até que ela começou a rir, Luce não sabia que ela estava brincando.

"Estávamos conversando sobre as sombras, quero dizer, os Anunciadores", disse Luce. "Steven me disse que ele acha que existem trilhões deles".

"Steven também acha que não precisa chamar um encanador, quando o cano do banheiro estoura." Francesca sorriu calorosamente, mas houve uma tendência na voz dela que fez Luce sentir-se envergonhada, como se ela tivesse falado também com ousadia. "Você quer testemunhar cenas mais horríveis, como aquela que vimos no filme no outro dia?"

"Não, não é isso que eu quis dizer"

"Há uma razão para que certas coisas seja melhor deixar nas mãos dos especialistas". Francesca olhou Steven. "Temo que, como um banheiro quebrado, os Anunciadores são uma janela sobre o passado, é apenas uma coisa dessas por aí"

"É claro que entendo porque você em particular, poderia se interessar por eles", disse Steven, dando atenção integral à Luce.

Então, Steven conseguiu. Suas vidas passadas.

"Mas você tem que entender", acrescentou Francesca, "que vislumbrar sombras é altamente arriscado, sem o treinamento adequado. Se você está interessada, existem universidades, rigorosos programas acadêmicos, ainda, que eu ficaria feliz em falar com você sobre o ingresso. Mas, por agora, Luce, você deve perdoar o nosso erro em mostrar prematuramente a uma classe do ensino médio, e então você deve deixar por isso mesmo."

Luce sentiu-se estranha e exposta. Ambos estavam olhando para ela.

Inclinando-se sobre o corrimão um pouco, ela pôde ver alguns de seus amigos no convés principal da embarcação abaixo. Miles tinha um par de binóculos pressionado nos olhos e estava tentando apontar algo fora de Shelby, que o ignorou por trás de seu gigante Ray-Ban. Na popa, Dawn e Jasmine estavam sentadas em uma borda com Amy Branshaw. Elas estavam inclinadas sobre uma pasta de documentos, fazendo anotações apressadas.

"Devo ir ajudar com o discurso de boas vindas", disse Luce, afastando-se de Francesca e Steven. Ela podia sentir seus olhos sobre ela todo o caminho até a escada em caracol. Luce atingiu o convés principal, abaixou-se sob uma linha de velas ariadas, e se espremeu em um grupo de estudantes não-Nephilim ficando em um círculo em torno entediado Sr. Kramer, professor de biologia, que estava lecionando algo como o direito do ecossistema frágil sob seus pés.

"Aí está você!" Jasmine puxou Luce. "Um plano está finalmente tomando forma."

"Legal. Como posso ajudar?"

"Em doze horas, vamos tocar a campainha." Dawn apontou para um enorme sino de bronze pendurado em um feixe branco por uma roldana perto da proa do navio. "Então eu vou dar boas-vindas a todos, Amy vai falar de como essa viagem veio a acontecer, e Jas vai falardo programa de eventos sociais deste semestre. Tudo que precisamos é de alguém para dizer alguma coisa sobre o meio ambiente." Todas as três garotas olharam Luce.

"Isso é um iate híbrido ou algo assim?" Luce perguntou.

Amy deu de ombros e sacudiu a cabeça.

O rosto de Dawn se iluminou com uma ideia. "Você pode dizer algo como é importante todos nós alunos estarmos aqui, pois quem está próximo da natureza sabe lidar melhor com ela?"

"Você é boa em escrever poemas?" Jasmine perguntou. "Você poderia tentar fazer isso, você sabe, se divertir?"

Culpada por estar livre de qualquer responsabilidade real, Luce sentiu a necessidade de ser favorável. "Poesia ambiental", disse ela, pensando que a única coisa em que ela era pior do que poesia e biologia marinha era falar em público. "Claro. Eu posso fazer isso. "

"Ok, ufa!" Dawn limpou a testa. "Então, aqui vai a minha visão." Ela pulou na borda de onde ela estava sentada e começou a fazer uma lista das coisas em seus dedos. Luce sabia que ela deveria estar prestando atenção aos pedidos de Dawn ("Não seria fantástico se nós alinhássemos do menor até o mais alto?"), especialmente por que, em um tempo muito curto, ela tinha sido solicitada para dizer alguma coisa inteligente em rimas, sobre o ambiente na frente de uma centena de colegas. Mas sua mente ainda estava obscurecida por essa conversa bizarra com Francesca e Steven.

Deixe o Anunciadores para os especialistas. Se Steven estava certo, e realmente existia um Anunciador para cada momento da história, bem, isso era como dizer a ela para deixar todo o passado para os especialistas. Luce não estava tentando reivindicar conhecimentos sobre Sodoma e Gomorra, era apenas o seu próprio passado, dela e de Daniel, ela estava interessada se alguém era um especialista nisso, Luce pensou que deveria ser ela.

Mas Steven tinha dito a pouco no convés: Havia um trilhão de sombras lá fora. Seria quase impossível apenas para localizar aqueles que tinham alguma coisa a ver com ela e Daniel, muito menos saber o que fazer com as certas.

Ela olhou para o convés do segundo andar. Podia ver apenas as copas das cabeças de Francesca e Steven. Se Luce deixasse sua imaginação correr livremente, ela poderia imaginar uma conversa afiada entre eles. Sobre Luce. E sobre os Anunciadores. Provavelmente um acordo para não trazê-las novamente.

Ela tinha certeza que quando encontrasse suas vidas passadas, ela ia ficar sozinha.

Espere um minuto.

O primeiro dia de aula. Durante as apresentações. Shelby disse-

Luce levantou-se, esquecendo completamente que estava no meio de uma reunião, e já estava atravessando o convés quando um grito agudo soou atrás dela.

Quando ela virou de costas em direção ao som, Luce viu um lampejo de algo negro mergulhando em curva para fora do barco.

Um segundo depois, ele tinha ido embora.

Em seguida, um esguicho.

"Oh meu Deus! Dawn!" Tanto Jasmine e Amy estavam inclinados a meio caminho ao longo da proa, olhando para baixo na água. Elas estavam gritando.

"Vou pegar o barco salva-vidas!" Amy gritou, correndo para dentro da cabine.

Luce pulou na borda ao lado de Jasmine e engoliu com o que viu. Dawn tinha caído ao mar e estava se debatendo na água. No início, a cabeça com cabelos escuros e os braços batendo eram tudo o que era visível, mas então ela olhou para cima e Luce viu o terror em seu rosto branco.

Um horrível segundo depois, uma grande onda ultrapassou o pequeno corpo de Dawn. O barco ainda estava em movimento, ficando ainda mais longe dela. As meninas tremeram, esperando que ela ressurgisse .

"O que aconteceu?" Steven questionou, de repente ao seu lado. Francesca foi se soltando um barco salva-vidas de seus amarras.

Os lábios de Jasmine tremeram. "Ela estava tentando tocar a campainha para chamar a atenção de todos para o discurso. Ela mm-mal se inclinou para fora, eu não sei como ela perdeu o equilíbrio."

Luce lançou um outro olhar doloroso sobre a proa do navio. A queda na água gelada era provavelmente trinta pés. Ainda não havia sinal de Dawn. "Onde ela está?" Luce chorou. "Ela pode nadar?"

Sem esperar por uma resposta, ela pegou o colete salva-vidas fora das mãos de Francesca, passou os braços braço por ele, e subiu ao topo da proa.

"Luce-pare!"

Ela ouviu o grito atrás dela, mas já era tarde demais. Ela mergulhou na água, segurando a respiração, pensando em seu último

mergulho no lago com Daniel. Ela sentiu o frio em suas costelas em primeiro lugar, um aperto duro em torno de seus pulmões com o choque da temperatura.

Ela esperou até que sua descida abrandasse, em seguida, seguiu para a superfície. As ondas derramado sobre sua cabeça, enchendo de sal sua boca e no nariz, mas ela segurou o colete apertado. Era pesado para nadar com ele, mas se ela encontrasse Dawn - quando ela encontrasse Dawn - ela precisaria dele para mantê-la na superfície enquanto aguardavam o resgate.

Ela podia sentir vagamente um clamor em cima do iate, as pessoas gritando e correndo ao redor do deck, chamando por ela. Mas se Luce ia ser de alguma ajuda para Dawn, ela tinha que manter todos os sons para fora.

Luce pensou ter visto o ponto preto da cabeça de Dawn na água gelada. Ela nadou em frente, contra a as ondas, em direção a ela. Seu pé estava conectando a algo - uma mão? Mas depois desapareceu e ela não tinha certeza se tinha visto mesmo Dawn.

Luce não podia submergir enquanto estava segurando o colete salva-vidas, e ela teve um mau pressentimento de que Dawn estava embaixo da água. Ela sabia que não deveria largar o colete salva-vidas. Mas ela não poderia salvar Dawn, a menos que fizesse isso.

Atirando-o de lado, Luce encheu os pulmões com o ar, depois mergulhou no fundo, o calor da superfície desapareceu e a água tornou-se tão fria que doia. Ela não conseguia ver nada, apenas tentando captar em todos os lugares que podia, esperando chegar a Dawn antes que fosse tarde demais.

Foi o cabelo de Dawn que Luce sentiu em primeiro lugar, o choque de finas, curtas e escuras ondas. Continuou a sondar com as mãos. Então, sentiu rosto da amiga, depois o pescoço dela, então seu ombro. Dawn tinha afundado muito longe num tempo curto. Luce deslizou seus braços sob as axilas de Dawn, e depois usou toda sua força para puxá-la para cima, chutando poderosamente para a superfície.

Elas estavam muito debaixo d'água, a luz do dia era um brilho distante.

E Dawn estava mais pesada do que ela poderia ser, como se um grande peso estivesse ligado a ela, arrastando ambas para baixo.

No último momento Luce quebrou a superfície. Dawn tossiu, cuspidando água para fora da boca. Seus olhos estavam vermelhos e seu cabelo estava emaranhado na sua testa. Com um braço enrolado no peito de Dawn, Luce delicadamente remou as duas para o salva-vidas.

"Luce", sussurrou Dawn. Nas ondas quebrando, Luce não podia ouvi-la, mas ela poderia ler os seus lábios. "O que está acontecendo?"

"Eu não sei." Luce sacudiu a cabeça, esforçando-se muito para mantê-las ao mar.

"Nade para o salva-vidas!" O convite veio de trás. Mas nadar em qualquer lugar era impossível. Elas mal conseguiam manter a cabeça para fora da água.

A tripulação estava baixando um bote salva-vidas infláveis. Steven estava dentro dele. Assim que o barco encontrou o oceano, ele começou a remar rapidamente na direção delas. Luce fechou os olhos aliviada e deixou a próxima onda levá-la. Se ela pudesse apenas segurar um pouco mais, elas iam ficar bem.

"Pegue minha mão", Steven gritou para as meninas. Luce sentiu suas pernas como se tivesse nadado por uma hora. Ela empurrou Dawn na direção dele de modo que Dawn fosse a primeira a sair.

Steven estava só com a camisa oxford branca, que estava molhada agora e grudada ao seu peito. Seus braços musculosos eram enormes e ele chegou até Dawn. O rosto estava vermelho com o esforço, ele resmungou e puxou-a. Quando Dawn foi estendida sobre o barco, segura o suficiente para que ela não caísse de volta, Steven voltou e rapidamente e segurou os braços de Luce.

Sentia-se leve, subindo praticamente para fora da água com a sua ajuda. Foi só quando sentiu que seu corpo estava deslizando o resto do caminho para o barco que ela percebeu o quanto encharcada e congelada ela estava.

Exceto onde os dedos Steven estavam.

As gotas de água sobre sua pele estavam cozinhando.

Ela sentou-se, movendo-se para ajudar Steven a puxar Dawn tremendo o resto do caminho até a balsa. Exausta, Dawn mal podia arrastar-se ereta. Luce e Steven cada um tinha que levá-la por um braço. Ela estava quase saindo de dentro do barco, quando Luce sentiu um empurrão chocante puxar Dawn para trás na água.

Os olhos escuros Dawn incharam e ela gritou quando ela escorregou para trás. Luce não estava preparado: Dawn escorregou no piso molhado e Luce caiu contra a lateral da balsa.

"Segure!" Steven pegou de cintura Dawn a tempo. Levantou-se, quase virando o bote. Se esforçando para levantar Dawn para fora da água, Luce viu o mais breve flash de ouro se estender a sua volta.

Suas asas.

A maneira como elas se projetavam instantaneamente, no momento em que Steven necessitava de mais força, parecia acontecer quase que contra a sua vontade. Elas estavam brilhando, a cor do tipo de jóias caras que Luce só tinha visto por trás de caixas de vidro em lojas de departamento. Eles não eram como asas de Daniel. As de Daniel eram quentes e acolhedoras, maravilhosas e sexy, Steven eram esfoladas e intimidantes, irregulares e aterrorizantes.

Steven grunhiu, os músculos de seus braços esticados, e suas asas bateram apenas uma vez, dando-lhe o suficiente impulso para cima para trazer Dawn para fora da água.

O vento das asas foi o suficiente para manter Luce contra o outro lado da balsa. Assim como Dawn estava segura, Steven tocou seus pés novamente no chão do barco. Suas asas deslizaram imediatamente de volta em sua pele. Dois pequenos rasgos estavam na parte traseira de sua camisa, a única prova de que o que Luce vira tinha sido real. Seu rosto estava lavado e suas mãos tremiam.

Os três estavam recolhidos no interior da balsa. Dawn não tinha percebido nada, e Luce queria saber se mais alguém do iate havia assistido também. Steven olhou para Luce como se ela tivesse acabado de vê-lo nu. Ela queria dizer-lhe que tinha sido impressionante ver as suas asas, ela não sabia até então, que mesmo o lado escuro dos anjos caídos poderiam ser tão deslumbrantes.

Ela estendeu a mão para Dawn, em parte com a expectativa de ver sangue em algum lugar em sua pele. Realmente sentia-se como se algo tivesse acertado em sua mandíbula. Mas não havia nenhum sinal de ferimento.

"Você está bem?" Luce finalmente sussurrou.

Dawn sacudiu a cabeça, o envio de gotículas de água que voam fora de seu cabelo. "Eu sei nadar, Luce. Eu sou uma boa nadadora. Alguma coisa me pegou - alguma coisa"

"Ainda está lá embaixo", Steven terminou, pegando o remo para nos levar de volta para o iate.

"Qual foi a sensação?" Luce perguntou. "Um tubarão ou"

Dawn estremeceu. "Mãos".

"Mãos"?

"Luce!" Steven gritou.

Ela se virou para ele: Ele parecia um ser diferente daquele que com quem ela tinha conversado minutos mais cedo no convés. Houve uma dureza em seus olhos que ela nunca tinha visto antes.

"O que você fez hoje foi:" Ele rompeu. Seu rosto escorrendo parecia selvagem. Luce prendeu a respiração, esperando. Imprudente. Estúpido. Perigoso. "Muito corajoso", ele finalmente disse, suas bochechas e testa repousando em sua expressão habitual.

Luce expirou, tendo dificuldade até para encontrar a voz para dizer obrigado. Ela não pode deixar de ver as pernas tremendo Dawn. E as finas marcas vermelhas que estavam em seu torno de seus tornozelos. Marcas que pareciam ter sido deixados pelos dedos.

"Tenho certeza de que as meninas estão com medo", disse Steven calmamente. "Mas não há razão para levar uma histeria geral em toda a escola. Deixe-me ter uma conversa com Francesca. Até que eu fale: Nem uma palavra sobre isso com ninguém. Dawn? "

A menina acenou com a cabeça, olhando aterrorizada.

"Luce?"

Seu rosto se contorceu. Ela não tinha certeza sobre como manter este segredo. Dawn tinha quase morrido.

"Luce". Steven segurou os ombros dela, tirou os óculos quadrados emoldurados, e olhou nos olhos castanhos de Luce com seus próprios olhos marrons. À medida que o bote salva-vidas foi chegando até o deck principal, onde o resto da escola esperava, a respiração dele estava quente em sua orelha. "Nem uma palavra. Para ninguém. É para sua própria proteção."

Capítulo 7

Doze Dias

"Eu não entendo por que você está sendo tão estranha," Shelby disse a Luce na manhã seguinte. "Você está aqui, o que, seis dias? E você é a maior heroína de Shoreline. Talvez você fosse viver a sua reputação depois de tudo."

O céu de domingo de manhã, estava salpicado de nuvens. Luce e Shelby estavam caminhando na prainha de Shoreline, compartilhando uma laranja e uma garrafa térmica de chá. Um vento forte levou um cheiro de sequóias do terreno abaixo do bosque. A maré estava alta e áspera, levantando trechos longos de algas pretas atadas em troncos podres no caminho das meninas.

"Não foi nada", resmungou Luce, o que não era exatamente verdade. Saltar na água gelada após Dawn cair certamente fora algo. Mas Steven - a gravidade no tom de sua voz, a força de seu aperto em seu braço - Colocaram medo em Luce sempre que falava do resgate Dawn.

Ela olhou para a espuma salgada a esquerda, na esteira de uma onda recuando. Ela estava tentando não olhar para as águas profundas e escuras, além do que ela não teria que pensar sobre as mãos nas profundezas geladas. Para sua própria proteção. Steven deve ter querido dizer na forma plural. Como, é para a proteção todos os alunos. Caso contrário, se ele só queria dizer Luce...

"Dawn está bem", disse ela. "Isso é tudo que importa."

"Hum, sim, por causa de você, Baywatch".

"Não comece a me chamar Baywatch".

"Você prefere pensar em si mesma como um tipo jack-of-all-trades* salvador?" Shelby tinha a mais inexpressiva forma de provocação. "Frankie diz alguma coisa misteriosa rastejou à espreita em volta do terreno da escola nas últimas duas noites. Você deveria falar para ele o que era"

*Figura de linguagem que serve de referência a uma pessoas com muitas habilidades.

"O quê?" Luce quase cuspiu seu chai. "Quem é?"

"Repito: uma coisa misteriosa rastejante. Sei lá." Shelby sentou em um pedaço de pedra de calcário, fazendo algumas pedras saltar para o oceano. "Apenas um cara. Ouvi Frankie falando com Kramer no barco, ontem, após toda a publicidade."

Luce sentou ao lado de Shelby e começou a fixar pedras ao redor da areia.

Alguém estava se esgueirando por Shoreline. E se fosse Daniel?

Poderia ser apenas ele. Tão teimoso em manter sua própria promessa de não vê-la, mas incapaz de ficar longe. O pensamento dele a fez ansiar por ele muito mais. Ela podia sentir-se quase à beira das lágrimas, que estava louca. Se não fosse Daniel, poderia ser Cam. Poderia ser qualquer um. Poderia ser um Renegado.

"Será que Francesca parecia preocupada?" Ela perguntou a Shelby.

"Você não estaria?"

"Espere um minuto. É por isso que não saiu na noite passada?" Foi a primeira noite que Luce não tinha sido acordada por Shelby entrando pela janela.

"Não." Shelby soltou seus braços foi atenuados devido a toda sua yoga. Sua próxima pedra saltou seis vezes em um arco largo, chegando quase todo o caminho de volta para elas, como um bumerangue.

"Aonde você vai toda noite, afinal?"

Shelby enfiou as mãos nos bolsos de seu colete inflado de esqui vermelho. Ela estava olhando para as ondas cinzentas tão intensamente que ficou claro que ela queria ver alguma coisa lá fora, ou ela estava evitando a pergunta.

Luce seguiu o olhar dela, quase aliviada ao não ver nada na água, apenas as ondas cinza e branca por todo o caminho até o horizonte.

"Shelby".

"O quê? Eu não vou a lugar nenhum."

Luce começou a levantar-se, irritada por sentir que Shelby não podia dizer-lhe nada. Luce foi escovar a areia úmida nas costas de suas pernas quando a mão de Shelby a puxou de volta para a pedra.

"Ok, eu costumava ir ver o meu miserável namorado." Shelby suspirou pesadamente, lançando uma pedra com menos capricho na água, quase derrubando uma gaivota gora descendo para pegar um peixe. "Antes de se tornar meu miserável ex-namorado."

"Ah. Shel, me desculpe." Luce mastigou o lábio. "Eu nem sabia que você tinha um namorado."

"Eu tive que começar a mantê-lo afastado. Ele pegou demais no fato de eu ter uma nova companheira de quarto. Sempre a chatear-me a deixá-lo vir mais tarde da noite. Queria conhecê-la. Eu não sei que tipo de garota que ele pensa que eu sou. Sem ofensa, mas três é uma multidão no meu livro."

"Quem é ele?" Luce perguntou. "Ele vai vir pra cá?"

"Aves Phillip. Ele é um veterano na escola principal."

Luce não achou que ela conhecesse.

"Aquele garoto pálido com o cabelo descolorido loiro?" Shelby disse. "Parecido com um David Bowie albino? Você não pode realmente sentir falta dele." Sua boca se contorceu. "Infelizmente".

"Por que você não me disse que tinha terminado?"

"Eu prefiro baixar músicas Vampire Weekend que eu dublo quando você não está por perto. Melhor para meus chachas. Além disso", apontou o dedo gorducho para Luce "você é a única pessoa temperamental e toda estranha hoje. Daniel está te tratando mal ou algo assim?"

Luce recostou-se sobre os cotovelos. "Isso exigiria que nós realmente estivéssemos vendo um ao outro, o que aparentemente não estamos autorizados a fazer."

Se Luce fechasse os olhos, ela poderia deixar o som das ondas levá-la de volta para a primeira noite em que ela beijou Daniel. Nesta vida. O emaranhado úmido de seus corpos em Savannah, no calçadão. A pressão faminta de suas mãos puxando-a para perto. Tudo parecia possível então. Ela abriu os olhos. Ela estava tão longe de tudo isso agora.

"Então seu miserável ex-namorado"

"Não." Shelby fez um movimento de zip-lo com os dedos. "Eu não quero falar sobre ele mais do que eu acho que você quer falar sobre Daniel. Próximo."

Isso foi justo. Mas não era exatamente por isso que Luce não queria falar sobre Daniel. Era mais como, se ela comesse a falar sobre Daniel, ela poderia não ser capaz de calar a boca. Ela já soava como um disco quebrado em sua própria mente - a repetição do total de oh, quatro experiências físicas que tiveram nesta vida era cíclico. (Ela escolheu somente começar a contar quando ele parou de fingir que ela não existia.) Imagine quão rapidamente ela iria entediar Shelby, que provavelmente teve toneladas de namorados, toneladas de experiências. Comparado a praticamente inexistente de Luce.

Um beijo que ela mal conseguia se lembrar com um rapaz que achava que ela ia explodir em chamas. Um punhado de momentos muito quentes com Daniel. Isto praticamente resumia. Luce era, sem dúvida nenhuma expert quando se tratava de amor.

Novamente ela sentiu a injustiça de sua situação: Daniel tinha todas essas grandes memórias dos dois juntos para recordar quando as coisas ficassem difíceis. Ela não tinha nada. Até que ela olhou para sua companheira de quarto.

"Shelby?"

Shelby tirou seu inflado colete vermelho puxando sobre a cabeça e foi cutucando uma vara na areia molhada. "Eu disse a você que eu não quero falar sobre ele."

"Eu sei. Eu estava pensando, me lembro quando você mencionou que soubia vislumbrar suas vidas passadas?"

Isso foi o que ela estava prestes a pedir a Shelby quando Dawn caiu no mar.

"Eu nunca disse isso." O graveto fincou mais fundo na areia. O rosto de Shelby estava corado e seu grosso cabelo loiro estava fora de seu rabo de cavalo.

"Sim ... você fez." Luce inclinou a cabeça. "Você escreveu isso no meu papel. Naquele dia, quando estávamos fazendo o quebra-gelo? Você agarrou para fora das minhas mãos e disse: que você poderia falar mais de dezoito línguas e vislumbrar vidas passadas e que eu precisaria de você para preencher uma-"

"Eu me lembro o que eu disse. Mas você entendeu mal o que eu quis dizer."

"Ok", Luce disse lentamente, "bem"

"Só porque eu vislumbrei uma vida passada antes não significa que eu sei como fazê-lo, e não disse que era a minha." "Então, não era sua?"

"Claro que não, a reencarnação é para malucos".

Lúcia franziu a testa e cravou suas mãos na areia molhada, querendo enterrar-se nele.

"Olá, isso foi uma piada." Shelby cutucou Luce de brincadeira." Desenvolvida especialmente para a menina que tinha que passar pela puberdade mil vezes. "Ela fez uma careta." Uma vez foi suficiente para mim, muito obrigada."

Então, Luce era aquela garota. A menina que tinha tido que passar pela puberdade mil vezes. Ela nunca pensou sobre isso desse jeito antes. Era quase engraçado: Por outro lado, passando por infindáveis puberdades parecia ser a pior parte de seu destino. Mas era muito mais complicado que isso. Luce começou a dizer que ela passou por mil espinhas a mais e as flutuações hormonais, se ela pudesse olhar em suas vidas passadas e entender mais sobre si mesma, mas então ela olhou para Shelby. "Se não era a sua, então, qual vida passada você olhou?"

"Por que você está sendo tão intrometida? Droga".

Luce podia sentir a sua pressão sanguínea subir. "Shelby, gente do céu, me jogam um osso!"

"Ok," Shelby disse finalmente, fazendo um movimento com as mãos. "Eu estava em uma festa uma noite em Corona. As coisas ficaram muito loucas, sessões semi-nua e merda, e - bem, essa não é realmente a história. Então eu me lembro de sair num passeio para apanhar ar. Estava chovendo, difícil ver para onde estava indo. Eu virei a esquina em um beco e lá estava esse cara, com um visual meio surrado. Ele estava inclinado sobre uma esfera negra. Eu nunca tinha visto nada assim, em forma de globo, mas tipo, flutuando e brilhando acima de suas mãos. Ele estava chorando."

"O que foi?"

"Eu não sabia então, mas agora eu sei que era um Anunciador."

Luce estava hipnotizada. "E você viu alguma coisa da vida passada que ele estava vislumbrando? Como foi?"

Shelby encontrou os olhos de Luce e engoliu. "Foi muito horrível, Luce."

"Sinto muito", disse Luce. "Eu estava apenas perguntando porque..."

Parecia um grande negócio para admitir o que ela estava prestes a admitir. Francesca iria se opor para isso. Mas Luce precisava de respostas, e ela precisava de ajuda. ajuda de Shelby.

"Eu preciso vislumbrar algumas das minhas vidas passadas", disse Lúcia. "Ou eu preciso pelo menos tentar. As coisas foram acontecendo recentemente e eu deveria simplesmente aceitar porque eu não sei de nada do que eu poderia saber melhor, muito melhor, se eu pudesse ver de onde eu venho. Por onde eu estive. Faz algum sentido?"

Shelby assentiu.

"Eu preciso saber o que eu vivi no meu passado com o Daniel para que eu possa sentir-me mais segura do que estou com ele agora."

Luce respirou. "Aquele cara, aquele no beco ... você viu o que ele fez com o Anunciador?"

Shelby estalou os ombros. "Ele tipo alterou a sua forma. Eu nem sequer sei o que tinha sido na época, e eu não sei como ele rastreou. É por isso que o que Francesca e Steven demonstrou me assustou muito. Eu vi o que aconteceu naquela noite, e eu tenho tentado esquecer desde então. Eu não tinha idéia do que eu estava vendo era um Anunciador."

"Se eu pudesse rastrear um Anunciador, você acha que poderia conduzi-lo?"

"Sem promessas," Shelby disse: "mas eu vou dar-lhe uma chance. Você sabe como encontrá-los?"

"Não na verdade, mas quão difícil pode ser? Eles ficaram me assombrando por toda a minha vida."

Shelby pôs sua mão em concha sobre a de Luce na rocha. "Eu quero te ajudar, Luce, mas é estranho. Estou assustada. E se você vê algo que, você sabe, não?"

"Quando você rompeu com o seu namorado"

"Eu pensei que eu lhe disse que não"

"Apenas ouça: Você não está feliz por você descobrir tudo o que foi que fez você terminar com ele, mais cedo ou mais tarde? Quero dizer, se você ficasse noiva ou algo assim e só depois"

"Chega!" Shelby levantou a mão para parar Luce. "Entendi. Agora, vamos lá, encontrar uma sombra."

Luce conduziu Shelby de volta por toda a praia e subiram as escadas íngremes de pedra, onde traços de verbenas vermelho e amarelo tinha sido empurradas para cima através do solo, na areia molhada. Eles atravessaram a esplanada verde, tentando não interromper um grupo de alunos não-Nephilim em um jogo de Frisbee. Elas passaram a janela da sala do terceiro andar do dormitório e contornaram em torno do edifício. Na margem da floresta de sequóias, Luce apontou para um espaço entre as árvores. "Isso é onde eu encontrei uma da última vez."

Shelby marchou para dentro da floresta à frente de Luce, empurrando através do caminho, as folhas da videira, e as árvores vermelhas entre as sequóias, parando em uma gigante samambaia.

Estava escuro sob as sequóias e Luce estava feliz com a companhia de Shelby. Ela pensou em voltar no outro dia, a rapidez com que o tempo tinha passado, enquanto ela estava perturbando aquela sombra, chegando a lugar nenhum. De repente sentiu-se oprimida.

"Se nós podemos encontrar e capturar um Anunciador, e se pudermos até trabalhar num vislumbre", disse ela, "que chances você acha que o anunciador irá me mostrar algo sobre mim e Daniel? E se tiver outra cena Bíblia terrível como vimos em sala de aula?"

Shelby abanou a cabeça. "sobre Daniel eu não sei. Mas se pudermos mobilizar e vislumbrar um Anunciador, então ele terá que fazer com você. Eles deveriam ser mais específicos, embora você nem sempre esteja interessado no que eles têm a dizer. Mais ou menos quando você recebe um lixo eletrônico misturado com o seus e-mails importantes, apesar de tudo ainda está inderessado à você"

"Como eles poderiam ser ... mais específicos? Isso significaria Francesca e Steven foram à destruição de Sodoma e Gomorra".

"Bem, sim. Eles foram para sempre. Há rumores de que seus currículos são bastante impressionantes."

Shelby olhou estranhamente em Luce. "Ponha seus grandes olhos escuros dentro de sua cabeça. De que outra forma você acha que eles conseguiram os trabalhos em Shoreline? Esta é uma escola muito boa."

Algo escuro e escorregadio movia sobre elas: um pesado manto de um Anunciador se alongava sonolento nas sombras de de um longo galho de uma árvore de pau-brasil.

"Não". Luce apontado, não perca tempo. Ela virou-se para cima em um galho baixo que se estendia atrás Shelby. Luce teve de se equilibrar sobre um pé por todo o caminho para a esquerda apenas para tentar pegar o Anunciador com as pontas dos dedos. "Eu não posso alcançá-lo."

Shelby pegou uma pinha e arremessou no centro da sombra e caiu para baixo.

"Não!" Luce sussurrou. "Você vai espantá-la."

"Está me irritando, sendo tão tímida. Basta segurar a sua mão."

Luce, fez uma careta com o que lhe foi dito.

Ela assistiu a pinha ricochetear do lado oposto da sombra, então ouviu o suave som de farfalhar usado para encher os ouvidos com pavor. Um lado da sombra estava escorregando, muito lentamente, para baixo do ramo. Ele escorregou e caiu através do braço suspenso balançando de Luce. Ela beliscou as suas bordas com os dedos.

Luce pulou do galho onde ela estava de pé e aproximou-se de Shelby, sua oferta, o frio mofo em suas mãos.

"Aqui", disse Shelby. "Vou perggar metade e você pega a metade, como vimos em sala de aula. Eca, é molinho. Ok ... afrouxe seu aperto, ele não vai a lugar nenhum. Deixe-o apenas como um tipo de frio a tomar forma."

Parecia que um longo tempo tinha se passado e a sombra não fez absolutamente nada. Luce sentiu quase como se ela estivesse jogando com o tabuleiro Ouija quando era criança. Uma energia inexplicável na ponta dos seus dedos. A sensação de movimento, contínua e ligeiro antes que ela pudesse ver qualquer diferença na na forma do Anunciador.

Em seguida, houve uma lufada: Foi adjudicante, dobrando lentamente em sua própria escuridão. Logo, um conjunto de coisas haviam assumido o tamanho e a forma de uma caixa grande. Ele ficou pouco acima dos seus dedos.

"Você vê isso?" Shelby ofegante. Sua voz era quase inaudível sobre o chiado da sombra. "Olha, lá no meio."

Como havia acontecido durante a aula, um véu escuro parecia decolar do Anunciador, revelando uma chocante explosão de cores. Luce protegeu os olhos, observando como a luz brilhante parecia resolver voltar para dentro da tela de sombra, em uma nebulosa imagem fora de foco. Então, finalmente, em formas distintas e em cores suaves.

Elas estavam olhando para uma sala de estar. A parte de trás de uma cadeira de xadrez azul com apoio para os pés desgastada no canto inferior. Uma televisão velha, com painéis de madeira ao ar uma reprise de

"Mork & Mindy" com o volume desligado. Um gordo Jack Russell terrier enrolado em uma manta de retalhos redonda.

Luce assistiu a um impulso de abrir porta de vaivém que parecia ser uma cozinha. Uma mulher, com idade superior que a avó de Luce tinha quando morreu, atravessou. Ela estava usando um vestido modelado rosa e branco, pesados tênis branco e óculos grossos em uma corda em seu pescoço. Ela estava carregando uma bandeja de frutas cortadas.

"Quem são essas pessoas?" Luce perguntou em voz alta.

Quando a velha colocou a bandeja sobre a mesa de café, uma mão pintada estendida em torno da cadeira selecionou um pedaço de banana.

Luce se inclinou para ver mais claramente, e o foco da imagem mudou com ela. Como um panorama 3-D. Ela não tinha notado o velho sentado na cadeira. Ele era frágil, com algumas mechas finas de cabelos brancos e manchas de idade em todo testa. Sua boca se movia, mas Lúcia não podia ouvir qualquer coisa. Uma fileira de fotos emolduradas forrada a cornija da lareira.

O chiado nas orelhas Luce ficou mais alto, tão alto que a fez estremecer. Sem ela perguntar ou fazer nada sobre as fotos, a imagem do Anunciador as ampliou deixando Luce com um sentimento de um golpe de chicote - e um extremo close de uma fotografia emoldurada.

Uma moldura fina banhada a ouro em torno de uma placa de vidro manchado. No interior, a pequena fotografia que tinha uma borda ao redor de uma imagem amarelada em preto-e-branco. Duas faces da fotografia: Dela e de Daniel.

Segurando o fôlego, ela estudou seu próprio rosto, que parecia um pouco mais jovem do que agora.

Cabelos escuros na altura dos ombros com cachos presos. Uma blusa branca com gola estilo Peter Pan. Uma saia ampla, mãos de luvas brancas, segurando Daniel. Ele estava olhando diretamente para ela, sorrindo.

O Anunciador começou a vibrar, em seguida, tremores e, depois, a imagem dentro começou a piscar e desaparecer distante.

"Não", Luce chamou, pronta para entrar dentro da sombra. Seus ombros conectados com a borda do Anunciador, mas que era o mais longe como ela conseguiu. Um sopro de frio empurrou-a para trás e deixou uma sensação da pele úmida. Uma mão apertou ao redor do pulso.

"Não tenha ideias selvagens", Shelby advertiu.

Tarde demais.

A tela ficou preta e o Anunciador caiu de suas mãos no chão da floresta, destruindo em pedaços como vidro preto quebrado. Luce reprimiu um gemido. Seu peito arfava. Sentia-se como uma parte dela tivesse morrido.

Abaixando-se de quatro, ela pressionou a testa no chão e rolou para o lado dela. Estava mais frio, mais turvo do que quando havia começado. O relógio em seu pulso indicava que havia passado duas horas, mas tinha sido de manhã, quando chegaram na floresta. Olhando para o oeste, em direção à borda dos bosques, Luce podia ver a diferença na luz que atingia o dormitório. Os Anunciadores sugavam o tempo.

Shelby se deitou ao lado dela. "Você está bem?"

"Eu estou tão confusa. Essas pessoas" Luce franziu a testa. "Eu não tenho ideia de quem eles são."

Shelby limpou a garganta e parecia desconfortável. "Você não acha que, um, talvez você os conheceu? Como, há muito tempo. Como, talvez fosse seu ... "

Luce esperou que ela terminasse. "Meu o quê?"

"Isso realmente não ocorreu a você que aqueles eram seus pais de outra vida? É como eles se parecem agora?"

O queixo de Luce caiu. "Não. Espera-quer dizer, eu tive pais totalmente diferentes em cada uma das minhas vidas passadas? Eu pensei que Harry e Doreen... Eu só assumi que eles teriam sido meus pais a todo tempo."

De repente ela se lembrou de algo que Daniel havia dito, sobre sua mãe fazendo repolho cozido ruim em uma vida passada. Na época, ela

não tinha se preocupado com isso, mas agora lhe fazia um pouco mais de sentido.

Doreen era uma cozinheira maravilhosa. Todo mundo no leste da Geórgia sabia disso.

O que significava que Shelby deveria estar certa. Luce provavelmente tinha uma nação inteira de famílias passadas, que ela não poderia se lembrar.

"Eu sou tão estúpido", disse ela. Porque não prestou mais atenção à forma como o homem e a mulher parecia? Por que ela não tinha a menor conexão com eles? Ela sentiu como se tivesse vivido toda a sua vida e só agora descobriu que ela era adotada. Quantas vezes teria sido entregue a diferentes pais? "Isto é - Isto é"

"Totalmente confuso", disse Shelby. "Eu sei. Pelo lado positivo, você provavelmente poderia economizar muito dinheiro com a terapia se você pudesse olhar para trás em todas as suas outras famílias, ver todos os problemas que teve com centenas de mães antes desta."

Lúcia escondeu o rosto nas mãos.

"Isto é, se você precisar de terapia de família." Shelby suspirou. "Desculpe, mas quem está falando sobre si mesma de novo?" Ela levantou a mão direita, em seguida, colocá-lo lentamente para baixo. "Você sabe, Shasta não é tão longe daqui".

"O que é Shasta?"

"A Califórnia Mount Shasta. É apenas algumas horas que para fora." Shelby sacudiu seu polegar em direção ao norte.

"Mas os Anunciadores só mostram o passado. Qual seria a causa de ir lá agora? Eles estão provavelmente-" Shelby abanou a cabeça. "'O passado' é um termo amplo. Anunciadores demonstram desde um passado distante até os eventos que acontecem segundos atrás, e tudo mais. Eu vi um laptop sobre a mesa no canto, então há uma boa chance ... você sabe ..."

"Mas nós não sabemos onde eles vivem."

"Talvez você não. Eu, foquei em um pedaço de correspondência e tenho o endereço. Memorizado. 1291 Shasta Shire Circle, apartamento 34."

Shelby encolheu os ombros. "Então, se você quiser ir visitar eles, nós poderíamos totalmente dirigir até lá e voltar em um dia."

"Certo." Luce bufou. Ela queria desesperadamente ir visitá-los, mas simplesmente não parecia possível. "Em que carro?"

Shelby deu uma risada sinistra de pouco caso. "É apenas uma coisa do meu miserável ex-namorado. "Ela cavou no bolso de sua camisola, puxando uma longa cadeia de chave.

"É do seu Mercedes, estacionado aqui no estacionamento dos estudantes. Sorte sua, eu ter esquecido de devolver-lhe a chave extra."

Eles pegaram a estrada antes que alguém pudesse impedi-las.

Luce encontrou um mapa no porta-luvas e traçou a linha até Shasta com o dedo. Ela gritou algumas direções para Shelby, que dirigiu como um morcego fora do inferno, mas o Mercedes marrom quase parecia gostar do abuso.

Luce queria saber como Shelby ficava tão calma. Se Luce tivesse acabado de terminar com Daniel e "emprestado" seu carro por uma tarde, ela não seria capaz bloquear as lembranças das viagens eles tinham tido, ou as conversas que haviam tido durante o caminho para assistir um filme, ou o que tinham feito no banco traseiro com todas as janelas abertas. Certamente Shelby estava pensando em seu ex. Luce queria perguntar, mas Shelby tinha deixado claro que o assunto estava fora de questão.

"Você vai mudar seu cabelo?" Luce finalmente perguntou, lembrando o que Shelby tinha dito sobre rompimentos. "Eu poderia te ajudar, se você for".

O rosto de Shelby se contorceu em uma carranca. "Essa loucura não vale mesmo a pena." Depois de uma longa pausa, acrescentou: "Mas obrigada."

A viagem durou o resto da tarde, e Shelby trabalhou duro nela, brigando com o rádio, procurando os canais mais loucos que ela pudesse encontrar. O ar ficou mais frio, as árvores desbastadas, e a elevação da paisagem aumentou de forma constante o tempo todo. Luce se focou em ficar calma, imaginando uma centena de cenários sobre o encontro destes pais. Ela tentou evitar pensar no que Daniel diria se ele soubesse onde ela estava indo.

"Lá está." Shelby apontou quando uma enorme montanha com neve apareceu diretamente à frente da estrada. "A cidade fica bem naqueles montes. Devemos estar lá logo após pôr do sol."

Luce não sabia como agradecer Shelby por trazê-la até aqui por um capricho. Qualquer que seja a razão por trás da mudança de atitude de Shelby, Luce era grata, ela não teria sido capaz de fazer por conta própria.

A cidade de Shasta era maluca e artística, com um bom número de pessoas idosas andando calmamente nas grandes avenidas. Shelby baixou as janelas e deixou entrar o ar do começo da noite. Isto ajudou o estômago Luce, que estava atado com a perspectiva de realmente ter que falar com as pessoas que ela havia visto através do anunciador.

"O que eu devo dizer a eles? Surpresa, eu sou sua filha que voltou dos mortos", Luce praticava em voz alta, como se eles estivessem sentados em um semáforo.

"A menos que você queira enlouquecer totalmente um doce casal de velhinhos, nós vamos ter que trabalhar nisso", Shelby disse. "Por que você não finge que você é uma vendedora, só para chegar na porta e chamá-los para fora?"

Luce olhou para a calça jeans, bata, tênis e mochila roxa. Ela não se parecia muito como uma impressionante vendedora. "O que eu vendo?"

Shelby começou a dirigir novamente. "Vendedora ambulante de shampoo para carros ou algo parecido. Você pode dizer que você tem comprovaantes em sua mochila. Eu fiz isso em um verão, de porta em porta. Quase levei um tiro". Ela estremeceu, em seguida, olhou para o rosto branco de Luce. "Vamos, sua própria mãe e seu pai não vão atirar em você. Ah, olha, hey, aqui estamos nós! "

"Shelby, podemos apenas sentar em silêncio por um tempo? Acho que preciso para respirar."

"Desculpe". Shelby moveu-se em um amplo estacionamento de frente para um composto de pequenos edifícios de estilo bangalô. "Respirar eu posso."

Totalmente nervosa, Luce teve de admitir que era um lugar muito agradável. Uma série de bangalôs ficavam em um semicírculo ao redor de

uma lagoa. Havia um edifício átrio principal com uma fileira de cadeiras de rodas alinhadas fora das portas. Uma grande faixa lia-se **BEM-VINDO AO SHASTA SHIRE APOSENTADORIA COMUNITÁRIA**.

Sua garganta parecia tão seca que doia para engolir. Ela ainda não sabia se tinha duas palavras para dizer a essas pessoas. Talvez fosse uma daquelas coisas que você simplesmente não podia pensar muito. Talvez que ela precisasse chegar até lá e obrigar sua mão na aldraba e depois que descobrir como agir.

"Apartamento trinta e quatro." Shelby apontou um edifício quadrado de estuque com um telhado vermelho de telhas espanholas.

"Parece que é lá. Se você quiser que eu-"

"Espera no carro até que eu volte? Isso seria ótimo, muito obrigada. Não vou demorar muito!"

Antes Luce pudesse ficar nervosa, ela saiu pela porta do carro e correu pela calçada até o edifício. O ar estava quente e cheio de um perfume inebriante de rosas. Idosos bonitos estavam em toda parte. Divididos em equipes na quadra shuffleboard* perto da entrada, fazendo um passeio noturno pelo jardim de flores cuidadosamente podadas ao lado da piscina. Na luz do começo da noite, os olhos de Luce estavam tensos enquanto tentava localizar o casal em algum lugar na multidão, mas ninguém parecia familiar. Ela teria que ir direto para sua casa.

Uma espécie de jogo

A partir da trilha que conduzia ao seu bangalô, Luce podia ver uma luz no meio da janela. Ela aproximou-se até que tivesse uma visão mais clara.

Era estranho: o mesmo quarto que ela tinha visto mais cedo através do Anunciador. Até os mesmos cães brancos gordos dormindo no tapete. Ela podia ouvir os pratos sendo lavados na cozinha. Ela podia ver a fina meia marrom nos tornozelos do homem que tinha sido seu pai no entanto, há muitos anos.

Ela não o sentia como seu pai. Ele não se parecia com seu pai, e a mulher não lembrava em nada como sua mãe. Não que houvesse nada de errado com eles. Eles pareciam perfeitamente legais. Pareciam

perfeitamente legais ... estranhos. Se ela batesse na porta e mentisse um pouco sobre lavagens de carro, eles poderiam estranhar?

Não, ela decidiu. Mas isso não era tudo. Mesmo que ela não reconhecesse seus pais, se eles realmente tivessem sido seus pais, é claro que eles a reconheceria.

Sentia-se estúpido por não pensar sobre isso antes. Eles lançariam um olhar para ela e saberiam que ela foi sua filha. Seus pais eram muito mais velhos do que a maioria das outras pessoas que tinha visto lá fora. O choque poderia ser demais para eles. Foi demais para Luce, e este casal tinha cerca de setenta anos a mais que ela.

Até então, ela estava pressionada contra a sua janela da sala, agachada atrás de um arbusto de cacto espinhoso. Seus dedos estavam sujos de ficar grudados na janela. Se a sua filha tinha morrido quando ela tinha dezessete anos, seu luto deve ter sido por quase cinquenta anos. Eles estariam em paz agora. Não estariam? Luce aparecendo sem ser convidada por detrás de um cacto seria a última coisa de que eles precisavam.

Shelby ficaria desapontada. Luce se decepcionou. Doeu perceber que isso era o mais perto que ela chegaria deles. Pendurado na janela de fora da sua ex-casa do seus pais, ela sentiu as lágrimas rolarem no seu rosto. Ela nem sequer sabia seus nomes.

Capítulo 8

Onze Dias

Para: thegaprices@aol.com
De: lucindap44@gmail.com

Sent: segunda-feira, 15/11 às 09:49

Queridos mamãe e papai,

Me desculpe, eu estive fora de contato. Na escola as coisas tem me mantido ocupada, mas eu estou tendo um monte de boas experiências. Minha classe favorita nestes dias é das humanidades. Agora estou trabalhando em uma cessão de crédito extra- que ocupa muito do meu tempo. Eu sinto falta de vocês e espero vê-los em breve. Obrigada por grandes pais. Eu não acho que eu lhes diga o suficiente.

Amor,

Luce

Luce clicado em Enviar de seu laptop e rapidamente mudou o seu navegador de volta para a apresentação on-line que Francesca estava dando na frente da sala. Luce ainda estava se acostumando a estar em uma escola onde foram entregues computadores, com Internet sem fios, bem no meio da aula. A Sword & Cross tinha um total de sete computadores para os alunos, que estavam na biblioteca. Mesmo se você conseguisse fazer chegar em suas mãos a senha criptografada para acessar a Web, cada site era bloqueado salvo por poucos de pesquisas acadêmicas.

O e-mail para seus pais tinha sido enviado pela culpa. Na noite anterior, ela teve a estranha sensação de que por apenas dirigir-se à Mount Shasta, estava traindo seus pais verdadeiros, aqueles que a criaram nesta vida. Claro que, em algum momento, esses outros pais também tinham sido

real. Mas esse ainda era um pensamento muito estranho para Luce realmente absorver.

Shelby não tinha ficado um décimo chateada quanto ela poderia ter ficado por ter dirigido até aqui com Luce sem razão. Em vez disso, ela dirigiu o Mercedes até a próxima lanchonete In-N-Out Burger para que pudessem obter um par de sanduíches de queijo grelhado com molho especial.

"Não pense duas vezes", disse Shelby, limpando a boca com um guardanapo. "Você sabe quantos ataques de pânico minha família já me deu? Acredite, eu sou a última pessoa que irá julgá-la sobre isso."

Agora Luce olhava através da sala de aula para Shelby e sentia uma intensa gratidão pela menina que, uma semana antes, tinha medo dela. O loiros e grossos cabelos de Shelby estavam puxados para trás por uma faixa de toalha, e ela estava tomando notas na palestra de Francesca.

A cada tela Luce podia ver em sua visão periférica a apresentação em azul e ouro no PowerPoint que Francesca estava passando completamente no ritmo de um caracol. Até Dawn parecia especialmente irritada hoje em um vestido de t-shirt rosa forte e um rabo de cavalo no alto. Seria possível que ela já tivesse se recuperado do que havia acontecido no barco? Ou ela estava encobrindo o terror que ela deve ter sentido, e talvez ainda sentisse?

Olhando pelo monitor de Roland, Luce viu seu rosto amassado. Não era surpresa para ela que ele tinha ficado invisível desde que chegou em Shoreline, mas quando ele permaneceu em sala de aula, ela estava realmente chateada de ter que seguir as regras como na outra escola.

Pelo menos Roland não parecia especialmente interessado na palestra sobre "Oportunidades de Carreira para Nephilim: Como suas habilidades especiais podem lhe levar ao topo" Na verdade, o olhar no rosto de Roland, estava mais desapontado do que qualquer outra coisa. Sua boca estava em uma careta e ele continuava balançando levemente sua cabeça. Também estranho foi o fato de que cada vez que Francesca fazia contato visual com os alunos, ela claramente evitava Roland.

Luce entrou no bate-papo da sala de aula para ver se Roland estava conectado. Supunha ser uma ferramenta para a classe fazer perguntas uns aos outros, mas as perguntas que Luce tinha para Roland não eram para discussão em classe. Ele sabia de mais alguma coisa, algo que ele ia deixar

no outro dia-certamente tinha a ver com Daniel. Ela também queria perguntar-lhe onde ele tinha ido no sábado, se ele tinha ouvido sobre a viagem de Dawn ao mar.

Exceto porque Roland não estava online. A única pessoa na classe que estava conectado ao chat era Miles. Uma caixa de texto com o nome dele apareceu na sua tela:

Helloooo por aí!

Ele estava sentado ao lado dela. Luce pode até ouvi-lo rindo. Era fofo que ele tivesse deixado de lado suas próprias piadas bobas. Isso era exatamente o tipo de pateta, provocando a harmonia que ela adoraria ter com Daniel. Se ele não estivesse tão pensativo o tempo todo. Se ele estivesse realmente por perto.

Mas ele não estava.

Ela escreveu de volta: *Como está o tempo pela sua redondeza?*

Está ensolarado agora, ele digitou, ainda sorrindo. *Ei, o que você fez na noite passada? Eu passei por seu quarto para ver se você queria pegar o jantar.*

Ela levantou os olhos do computador, direto no de Miles. Seus profundos olhos azuis eram tão sinceros, ela teve uma vontade de derramar tudo sobre ele do que tinha acontecido. Ele tinha sido tão surpreendente no outro dia, escutando ela falar sobre seu tempo na Sword & Cross. Mas não havia maneira de responder a sua pergunta via bate-papo. Por mais que ela quisesse dizer a ele, ela não sabia se deveria falar sobre isso. Mesmo deixando Shelby participar em seu projeto secreto foi praticamente pedir para ter problemas com Steven e Francesca.

A expressão de Miles mudou de seu sorriso normal casual em uma careta estranha. Ele fez Luce se sentir terrível, e também um pouco surpresa, já que ela poderia provocar esse tipo de reação nele.

Francesca desligou o projetor. Quando ela cruzou os braços sobre o peito, as mangas de seda cor de rosa da blusa camponesa floresceu para fora de sua jaqueta de couro. Pela primeira vez, notou Luce quanto longe estava Steven. Ele estava sentado no parapeito da janela no canto oeste da sala. Ele mal tinha dito uma palavra na sala de aula o dia todo.

"Vamos ver o quão bem vocês prestaram atenção", disse Francesca, sorrindo largamente para os alunos. "Por que vocês não se dividem em pares e simulam entrevistas revezando-se".

Ao som de todos os outros alunos levantando de suas cadeiras, Luce gemeu internamente. Ela não tinha ouvido quase nada da palestra de Francesca e não tinha ideia do que se tratava. Além disso, ela sabia que apenas temporariamente no programa Nephilim, mas era demais pedir para seus professores se lembrarem de vez em quando que ela não era como o resto do pessoal na classe?

Miles tocou a tela de seu computador onde ele tinha deixado uma mensagem para ela: *Você quer um parceiro?* Só então, Shelby apareceu.

"Eu digo que fazemos CIA ou os Médicos Sem Fronteiras," Shelby disse. Ela fez sinal para que Miles lhe cedesse a mesa ao lado de Luce. Miles ficou onde estava. "Não há nenhuma possibilidade de qualquer assistente de dentista me fazer uma aplicação fictícia".

Luce olhou para trás e para frente entre Shelby e Miles. Ambos pareciam sentir-se como proprietários dela, algo que ela não tinha percebido até agora. Na verdade, ela queria fazer parceria com Miles -Ela não tinha visto ele desde sábado. Ela tinha sentido um tipo de falta dele. De uma maneira amigável. Com em vamos-pegar-um-copo-de-café-no-caminho, mais do que um vamos-passear-juntos-na-praia-ensolarada-e-você-pode-sorrir-para-mim-com-esses-incríveis-olhos-azuis. Porque ela estava com Daniel, ela não pensava sobre outros garotos. Ela começou a corar intensamente no meio da aula enquanto lembrava a si mesma que ela não pensava em outros garotos.

"Está tudo bem por aqui?" Steven pôs a palma na mesa de Lúcia e lhe deu um grande olhar do tipo você-pode-dizer-me-com-um-aceno-de-cabeça.

Mas Luce ainda estava nervosa na presença dele, após o que ele disse para ela e Dawn no bote salva-vidas no outro dia. Nervosa o bastante para evitar encontrar-se com Dawn novamente.

"Tudo está ótimo", respondeu Shelby. Ela pegou Luce pelo cotovelo e empurrou-a para o convés, onde alguns dos outros estudantes estavam parados, já realizando suas simulações de entrevistas.

"Luce e eu estávamos conversando sobre currículos."

Francesca apareceu atrás de Steven. "Miles", ela disse suavemente, "Jasmine ainda precisa de um parceiro, você gostaria de sentar-se em uma mesa ao lado dela."

Algumas mesas para baixo, Jasmine disse, "Dawn e eu não concordamos sobre quem deve ser uma estrela indie ou quem pode ser um", a voz dela falhou "diretor de elenco. Então, ela me abandonou para ficar com Roland".

Miles parecia desapontado. "Diretor de elenco", ele murmurou. "Finalmente, eu encontrei a minha vocação." Ele dirigiu-se para participar com sua parceira, e Luce o assistiu ir.

Com a situação difusa, Francesca conduziu Steven de trás para a frente da sala. Mas apesar dele caminhar ao lado de Francesca, Luce podia senti-lo olhando para ela.

Ela sutilmente verificou seu telefone. Callie ainda não tinha respondido sua mensagem. Isso não parecia com ela, e Luce estava culpava. Talvez seria melhor para ambas se Luce apenas mantivesse distância. Isso só seria por pouco tempo.

Ela seguiu Shelby para um banco de madeira construída na curva do deck. O sol estava brilhante no céu claro, mas a única parte do deck que já não estivesse lotada de estudantes estava sob a sombra fresca de uma sequóia mais alta. Luce limpou uma camada de agulhas verdes fora do banco e levantou o zíper de seu suéter um pouco mais em seu pescoço.

"Você foi muito legal sobre tudo na noite passada", disse ela em voz baixa. "Eu estava enlouquecendo ...".

"Eu sei", riu Shelby. "Você estava toda-" Ela fez uma cara de zumbi tremendo.

"Dê-me um tempo. Isso foi difícil. Minha única chance de aprender alguma coisa sobre meu passado, e estou totalmente embargada."

"Vocês sulistas e sua culpa." Shelby deu de ombros encolhendo-os. "Você tem que se dar alguma folga. Eu tenho certeza que terão muito mais parentes de onde esses dois velhotes vieram. Talvez até mesmo alguns que não estejam tão perto da morte." Antes de presenciar Luce entrando em colapso, Shelby acrescentou, "Tudo que estou dizendo é que, sempre que

você quiser rastrear outro membro da família, apenas diga uma palavra. Você está crescendo no meu conceito Luce, é meio estranho."

"Shelby", sussurrou Luce, de repente, com os dentes cerrados. "Não se mexa." Além do pavimento, o maior e mais sinistro Anunciador que Luce já tinha visto, estava ondulando na longa sombra projetada por uma sequóia enorme.

Lentamente, seguindo os olhos de Luce, Shelby olhou para o chão. O Anunciador estava usando a real sombra da árvore como camuflagem. Partes dele estava se mexendo.

"Parece doente, ou ariscos, ou, eu não sei..." Shelby parou, ondulando o lábio. "Há algo errado com ele, certo?"

Luce estava olhando Shelby passando na escada em caracol que levava ao nível abaixo. Logo abaixo tinha um bando de suportes de madeira sem pintura que apoiavam o deck. Se Luce pudesse pegar a sombra, Shelby poderia se juntar a ela sob a plataforma antes que alguém visse alguma coisa. Ela poderia ajudar Luce a vislumbrar a sua mensagem e elas poderiam estar de volta para cima a tempo de voltar a classe.

"Você não está considerando seriamente o que eu acho que você está considerando seriamente", disse Shelby. "Você está?"

"Observe daqui por um minuto", disse Luce. "Esteja pronta quando eu te chamar."

Luce desceu alguns passos, de modo que sua cabeça ficou ao nível do pavimento, onde o resto dos alunos estavam ocupados no exercício das suas entrevistas. Shelby estava de costas para Luce. Ela daria um sinal se alguém notasse que Luce tinha ido embora.

Luce podia ouvir Dawn no canto, improvisando com Roland: "Você sabe, eu fiquei chocada quando eu tinha sido nomeada para um Globo de Ouro...."

Lúcia olhou para a escuridão esticada ao longo da grama. Ocorreu-lhe se os outros alunos a tinham visto também. Mas ela não podia se preocupar com isso. Ela estava perdendo tempo.

O Anunciador estava a uns dez metros de distância, mas de onde ela estava perto da plataforma, Luce estava camuflada dos olhos dos outros

alunos. Seria óbvio demais se ela caminhasse até ele. Ela estava indo tentar persuadi-la do chão sem usar as mãos. E ela não tinha ideia de como fazer isso.

Foi quando ela percebeu a figura encostada no outro lado da árvore de pau-brasil. Também oculto da visão dos alunos sobre o convés.

Cam estava fumando um cigarro, cantarolando para si mesmo como se ele não ligasse para o mundo. Salvo que estava totalmente coberto de sangue coagulado. Seu cabelo estava um emaranhado à testa, os braços estavam arranhados e machucados. Sua camiseta estava molhada e manchada de suor, e seus jeans estavam manchados também. Ele parecia sujo e nojento, como se tivesse acabado de sair da batalha. Apenas, que não havia ninguém mais ao redor, sem corpo, sem nada. Apenas Cam.

Ele piscou para ela.

"O que você está fazendo aqui?", Ela sussurrou. "O que você fez?" Sua cabeça balançava do mal cheiro que saía da roupa ensangüentada dele.

"Ah, só salvei sua vida. Mais uma vez. Quantas vezes fiz isso?" Ele bateu as cinzas do cigarro." Hoje foi a turma da Miss Sophia, e eu não posso dizer que não gostei. Monstros sangrentos. Eles estão atrás de você também, você sabe. Souberam que você está aqui. E que gosta de passear no escuro desacompanhada pela floresta." Ele apontou.

"Você apenas os matou?" Ela ficou horrorizada, olhando para o convés para ver se Shelby, ou alguém, podia vê-los. Não.

"Alguns deles, sim, só agora, com minhas próprias mãos." Cam mostrou as palmas das mãos, coberto com algo vermelho e viscoso que Luce realmente não queria ver. "Eu concordo que bosques são adoráveis, Luce, mas eles também são cheios de coisas que querem que você morra. Então me faça um favor-"

"Não. Você não pode me pedir favores. Tudo sobre você me enoja".

"Tudo bem." Ele revirou os olhos. "Então faça isso por Grigori. Mantenha-se no campus. "Ele apagou o cigarro na relva, rolou para trás de seus ombros, e abriu suas asas. "Eu não posso estar sempre aqui olhando por você. E Deus sabe que Grigori também não pode."

As asas de Cam eram altas e estreitas e puxava firmemente por trás de seus ombros, elegante de ouro e salpicado tigrados com listras pretas. Ela desejou que elas a provocasse repulsa, mas não provocou. Como asas de Steven, as de Cam eram irregulares, ásperas, que também parecia como se tivessem sobrevivido a uma vida de lutas. A listras pretas deu às asas de Cam uma qualidade, escuro sensual. Havia algo magnético sobre eles.

Mas não. Ela odiava tudo sobre Cam. Seria assim para sempre.

Cam bateu suas asas uma vez, levantando seus pés do chão. O bater das asas foi tremendamente alto e deixou para trás um redemoinho de vento que levantou as folhas do chão.

"Obrigada", disse Lúcia, secamente, antes que ele contornasse sob o convés. Então ele foi embora na sombra da floresta.

Cam estava protegendo-a agora? Onde estava o Daniel? Não deveria ser seguro em Shoreline?

Depois da partida de Cam, o Anunciador - razão pela qual Luce tinha vindo até aqui em primeiro lugar - espirou para cima de sua sombra, como um pequeno ciclone negro.

Aproximou. Em seguida, aproximou-se um pouco mais.

Finalmente, a sombra pousou há pouco mais de sua cabeça.

"Shelby", Luce sussurrou em voz alta. "Desça aqui".

Shelby olhou para Luce. Através do Anunciador em forma de ciclone oscilando sobre ela. "Por que você levou tanto tempo?", perguntou ela, correndo as escadas a tempo de assistir ao Anunciador todo maciço cair.

Direto para os braços de Luce.

Luce gritou, mas, felizmente, Shelby colocou a mão sobre sua boca.

"Obrigada", disse Luce, suas palavras saíram abafadas contra os dedos de Shelby.

Elas ainda estavam amontoadas três etapas para baixo do convés, à vista de qualquer pessoa que pudesse atravessar para o lado de sombra. Luce

não podia endireitar os joelhos sob o peso da sombra. Era a mais pesada que ela tinha tocado, e mais fria em sua pele. Ele não era negro como a maioria dos outros, mas um cinza esverdeado doentio. Partes dela ainda estavam contraindo-se, iluminando como distantes relâmpagos.

"Eu não tenho um bom pressentimento sobre isso", disse Shelby.

"Vamos", sussurrou Luce. "Peguei. Agora é sua vez de fazer o vislumbre."

"Minha vez? Quem disse que eu tenho uma vez? Você é a único que me arrastou até aqui." Shelby agitou as mãos como se a última coisa na terra que ela quisesse fazer era tocar na sombra nos braços de Luce. "Eu sei que eu disse que iria ajudá-la a localizar seus parentes, mas qualquer tipo de relação que você tenha aqui ... eu não acho que nenhuma de nós vai querer conhecer."

"Shelby, por favor", implorou Luce, gemendo sob o peso, o frio, e a sordidez geral da sombra. "Eu não sou uma Nephilim. Se você não me ajudar, eu não poderei fazer isso. "

"O que exatamente você está tentando fazer?" Uma voz por trás do topo das escadas. Steven estava com suas mãos apertadas contra o corrimão e ficou olhando para as meninas. Ele parecia maior do que quando estava em classe, elevando-se sobre elas, como se tivesse dobrado de tamanho. Seus profundos olhos castanhos olharam tempestuoso, mas Luce podia sentir o calor saindo deles, e ela estava com medo. Mesmo o Anunciador em seus braços estremeceu e se afastou.

Ambas as meninas estavam tão assustadas que gritaram.

Sacudida pelo som, a sombra fugiu dos braços de Luce. Ela se moveu tão rápido que não tiveram nenhuma chance de pará-la, e ele não deixou nada para trás, apenas o frio e o odor fétido.

Ao longe, um sino tocou. Luce podia sentir todos os outros garotos agrupando-se em direção ao refeitório para o almoço. Na saída, Miles enfiou a cabeça sobre o parapeito e olhou para baixo para Luce, mas ele deu uma olhada para a expressão em brasa de Steven, arregalou os olhos, e se saiu.

"Luce", disse Steven, mais educadamente do que ela esperava. "Você se importaria de me ver depois da escola?"

Quando ele ergueu as mãos fora do corrimão, a madeira debaixo delas estava queimada de preto.

Steven abriu a porta antes mesmo de Luce bater. Sua camisa cinza estava um pouco enrugada e sua gravata preta estava solta no pescoço. Mas ele tinha recuperado a aparência de serenidade, que Luce tinha começado a perceber que requeria um esforço para um demônio. Ele limpou os óculos em um lenço com monograma e se afastou.

"Por favor, entre"

O escritório não era grande, apenas larga o suficiente para uma mesa grande e preto, e para três altas e negras estantes de livros, cada uma repleta com centenas de livros bem encapados. Mas era confortável até mesmo acolhedor – não como Luce imaginou que um escritório de um demônio seria. Havia um tapete persa no centro da sala, uma ampla janela que dava para olhar para as sequóias ao leste. Agora, ao anoitecer, a floresta estava etérea, quase cor de lavanda.

Steven se sentou em uma das duas cadeiras da mesa escura e acenou para Luce tomar a outra. Ela reparou nas peças de arte emoldurada, em cada centímetro da parede. A maioria deles eram retratos em diferentes graus de detalhe. Luce reconhecia alguns esboços do próprio Steven e várias representações lisonjeiras de Francesca.

Luce respirou fundo, imaginando como começar. "Sinto muito por ter convocado um Anunciador hoje, eu-"

"Você contou para alguém sobre o que aconteceu com Dawn na água?"

"Não. Você me disse que não."

"Você não disse para Shelby? Miles?"

"Eu não disse a ninguém."

Ele considerou isso por um momento. "Por que você chamou de sombras os Anunciadores no outro dia quando estávamos conversando no barco?"

"Apenas escapou. Quando eu estava crescendo, as sombras sempre estiveram por toda parte. Eles destacavam e vinham a mim. Então era assim que eu as chamava, antes que eu soube o que eles eram." Luce encolheu os ombros. "Estúpido, realmente."

"Isto não é estúpido." Steven se levantou e foi até a estante mais distante. Ele derrubou um livro grosso com uma capa vermelha e empoeirada levou de volta para a mesa. Platão: A República. Steven abriu na página exata que ele estava procurando, virando à direita do livro em frente a Luce.

Era uma ilustração de um grupo de homens dentro de uma caverna, acorrentados um ao lado do outro, de frente para uma parede. O fogo ardia por trás deles. Eles estavam apontando para as sombras na parede de um segundo grupo de homens que caminhavam atrás deles. Abaixo da imagem, uma legenda dizia: O Mito da Caverna.

"O que é isso?" Luce perguntou. Seu conhecimento de Platão começou e terminou com o fato de que ele viveu próximo a Sócrates.

"A prova do porquê de seu nome para o Anunciadores é realmente muito inteligente." Steven apontou para a ilustração. "Imagine que esses homens passam a vida vendo apenas as sombras sobre o muro. Eles compreendem o mundo através do que acontece nessas sombras, sem nunca olhar o que provoca as sombras. Eles não entendem que o que estão vendo são as sombras."

Ela parecia um pouco além do dedo de Steven para o segundo grupo de homens. "Então eles não podiam virar-se, nunca viram as pessoas que estavam criando as sombras?"

"Exatamente. E porque eles não podem ver o que realmente está lançando sombras, eles assumem que as sombras que eles estão vendo na parede são a realidade. Eles não têm ideia de que as sombras são meras representações e as distorções de algo muito mais verdadeiro e mais real." Fez uma pausa. "Você entende porque estou lhe dizendo isso?"

Lúcia balançou a cabeça. "Você quer que eu pare de brincar com os Anunciadores?"

Steven fechou o livro com um estalo, e depois cruzou para o outro lado da sala. Ela se sentiu como se tivesse o decepcionado de alguma forma.

"Porque eu não acredito que você vá parar ... de brincar com os anunciantes, mesmo se eu pedir para você. Mas eu quero que você entenda sobre o que você está lidando da próxima vez que você chamar um. Os Anunciadores são sombras do passado. Elas podem ser úteis, mas também conter algumas informações que distraem muito, às vezes, perigosas distorções. Há muito para aprender. Uma limpa, e segura técnica de convocação; então, naturalmente, uma vez que você aperfeiçoe seu talento, o ruído do Anunciador podem ser rastreados para fora e sua mensagem ser ouvida claramente por "

"Você quer dizer que o ruído chiado? Há um jeito de ouvir isso?"

"Não se preocupe. Ainda não." Steven virou e afundou as mãos nos bolsos. "O que você e Shelby estavam fazendo hoje?"

Luce sentiu liberada e desconfortável. Esta reunião não estava tomando o rumo que ela esperava. Ela pensou que talvez uma detenção, coleta de lixo.

"Nós estávamos tentando aprender mais sobre a minha família", ela finalmente conseguiu dizer. Felizmente, Steven não parecia não ter ideia de que ela tinha visto Cam anteriormente. "Ou a minha família, eu acho que eu deveria ter dito."

"Isso é tudo?"

"Estou em apuros?"

"Você não estava fazendo qualquer outra coisa?"

"O que mais eu poderia estar fazendo?"

Passou por sua mente que Steven pudesse pensar que ela estava tentando chegar a Daniel, tentando mandar uma mensagem ou algo assim. Como se ela soubesse mesmo como fazer isso.

"Invoke um agora", disse Steven, abrindo a janela. Era o crepúsculo e o estômago Luce disse a ela que a maioria dos outros alunos estariam sentados para jantar.

"Eu, eu não sei se eu posso."

Os olhos de Steven pareciam mais quentes do que estavam antes, quase animados. "Quando convocamos Anunciadores, estamos fazendo uma espécie de desejo. Não é um desejo de algo material, mas um desejo de compreender melhor o mundo, o nosso papel nele, e que o espera por nós"

Imediatamente, Luce pensou em Daniel, o que ela mais queria para seu relacionamento. Ela não se sentia qual importância ela teve para eles se tornarem o que eram - e ela que queria sentir. Foi por isso que ela tinha sido capaz de convocar os Anunciadores antes de ela mesmo saber como?

Nervosa, ela se centrou na cadeira. Ela fechou os olhos. Imaginou uma sombra destacando-se da longa escuridão que se estendia desde os troncos das árvores lá fora, imaginava material lá fora e levantando-se, preenchendo o espaço da janela aberta. Então flutuante mais perto dela.

Ela sentiu o cheiro do perfume suave bolor em primeiro lugar, quase como azeitonas pretas, em seguida, abriu os olhos depois de um sopro frio em sua bochecha. A temperatura na sala tinha caído alguns graus. Steven esfregou as mãos por causa da repentina mudança de ar no escritório.

"Sim, aí está você", ele murmurou.

O Anunciador estava flutuando no ar do seu gabinete, fino e transparente, do tamanho de um lenço de seda. Ele deslizou diretamente para Luce, então envolveu mecha do nada em torno de uma bola de vidro que era um peso de papel sobre a mesa. Luce ofegou. Steven estava sorrindo quando pisou em sua direção, moldando verticalmente até que se tornou uma tela em preto e branco.

Em seguida, ele estava nas mãos dela, e ela começou a puxar. O movimento era cuidadoso parecendo como tentar esticar uma massa de torta sem quebrá-la, algo que Luce tinha visto sua mãe fazer pelo menos uma centena de vezes. A escuridão estava rodando em tons de cinza suaves e, depois, a menor imagem em preto-e-branco veio à tona.

Um quarto escuro com uma cama de solteiro. Luce, uma ex-Luce, claramente, deitada de lado, olhando pela janela aberta. Ela deveria ter 16 anos de idade. A porta atrás da cama aberta e um rosto, iluminado pela luz do corredor, apareceu. Sua mãe.

A mãe que Luce tinha ido ver com Shelby! Mas estava jovem, muito jovem, talvez por pelo menos cinquenta anos, os óculos na ponta do

nariz. Ela sorriu, como que com prazer de encontrar a filha dormindo, em seguida, fechou a porta.

Um momento depois, um par de mãos agarrou o fundo da janela. Os olhos de Luce arregalaram-se pela forma como a ex-Luce sentou na cama. Fora da janela, os dedos esticados, depois de um par de mãos tornaram-se visíveis, em seguida, dois braços fortes, acendeu a luz da lua azul. Então o rosto de Daniel brilhante como ele entrou pela janela.

O coração de Luce estava acelerado. Ela queria mergulhar no Anunciador, como ela queria ontem com Shelby. Mas então Steven estalou os dedos e a coisa toda ficou agarrados como em uma veneziana caindo para o batente da janela. Em seguida, ele partiu e derramou para baixo.

A sombra estava em fragmentos moles sobre a mesa. Luce pegou um, mas se desintegrou em suas mãos.

Steven sentou-se atrás de sua escrivaninha, sondando Luce com os olhos como se para ver qual efeito tinha causado o vislumbre para ela. De repente, sentiu-se muito particular, o que ela acabara de testemunhar no Anunciador: ela não sabia se queria que Steven soubesse como tinha balançado ela. Afinal, ele era tecnicamente do outro lado. Nos últimos dias ela tinha visto mais e mais o demônio dentro dele. Não apenas o temperamento explosivo, jorrando até que ele literalmente queimasse, mas as gloriosas asas negras e douradas também. Steven era magnético e encantador, assim como o Cam - e, ela lembrou a si mesma, como Cam, um demônio.

"Por que você está me ajudando com isso?"

"Porque eu não quero que você se machuque", de Steven quase sussurrando.

"Será que isso realmente aconteceria?"

Steven olhou para longe. "É uma representação de algo. E quem sabe o quão distorcida é. É uma sombra de um evento passado, não realidade. Há sempre alguma verdade para o Anunciador, mas nunca é a simples verdade. É isso que torna Anunciadores tão problemáticos e tão perigosos para aqueles sem treinamento apropriado." Ele olhou para o relógio. No andar abaixo veio o som de uma porta abrindo e fechando. Steven endureceu quando ouviu uma série rápida de saltos altos batendo nas escadas.

Francesca.

Luce tentou ler o rosto de Steve. Ele entregou-lhe A República, que deslizou em sua mochila. Pouco antes pelo rosto de Francesca aparecer na porta, Steven disse a Luce, "Da próxima vez que Shelby e você optarem por não concluir uma de suas tarefas, vou pedir para escreverem uma pesquisa de cinco páginas com citações. Desta vez, eu vou deixá-la só com uma advertência."

"Eu entendo". Luce chamou a atenção de Francesca na porta.

Ela sorriu para Luce - embora parecesse tratar de um sorriso você-está-dispensada-agora ou não-pense-que-você-me-engana-com-esse-sorriso-inocente, era impossível dizer. Tremendo um pouco ela se levantou e arremessou sua bolsa por cima do ombro, Luce foi até a porta, se virando para Steven, "Obrigada".

Shelby tinha aceso o fogo da lareira quando Luce voltou para seu quarto no dormitório. Um pote quente estava ligada ao lado da luz noturna de Buda e toda a sala cheirava a tomates.

"Nós saímos do macarrão com queijo, mas eu lhe fiz uma sopa." Shelby pegou a tigela bem quente, picou um pouco de pimenta preta fresca na parte superior, e trouxe para Luce, que havia desmoronado em cima da sua cama. "Foi terrível?"

Luce assistiu a ascensão de vapor de sua tigela e tentou descobrir o que dizer. Esquisito, sim. Confuso. Um pouco assustador. Potencialmente ... educador.

Mas não foi terrível, não.

"Foi tudo bem." Steven parecia confiar nela, pelo menos na medida em que ele estava ainda permitindo que ela continuasse a convocar os Anunciadores. E os outros alunos pareciam confiar nele, mesmo admirá-lo. Ninguém agia preocupado com seus motivos ou suas alianças. Mas com Luce era tão enigmático, tão difícil de ler.

Luce havia confiado nas pessoas erradas antes. Uma descuidada segurança na melhor das hipóteses. Na pior das hipóteses, é uma boa maneira de começar a se matar. Isso foi o que a senhorita Sophia havia dito sobre a confiança da noite ela tentou assassiná-la

Foi Daniel quem tinha aconselhado Luce a confiar em seus instintos. Mas seus próprios sentimentos pareciam os mais incerto. Ela questionou se Daniel já sabia sobre Shoreline quando ele disse isso a ela, se seu conselho foi uma forma de prepará-la para esta longa separação, quando ela se tornaria cada vez menos certa sobre tudo em sua vida. A família dela. Seu passado. Seu futuro.

Ela olhou para cima da tigela de Shelby. "Obrigado pela sopa."

"Não deixe que Steven frustrasse seus planos," Shelby bufou. "Devemos continuar a trabalhar totalmente nos Anunciadores. Eu estou tão cansado desses anjos e demônios e suas viagens de poder. "Oooh, nós sabemos melhor do que você porque somos anjos e você é apenas o filho bastardo de algum anjo que fez sua própria festa por aí".

Luce riu, mas ela estava pensando que a mini-palestra de Steven sobre Platão, dando-lhe A República foi o oposto de uma viagem de poder. É claro que não teve Shelby dizendo que agora não, quando ela caiu em sua rotina habitual de estou-em-um-discurso-em-Shoreline na cama de baixo de Luce.

"Quer dizer, eu sei que você tem esse lance com Daniel," Shelby continuou, "mas sério, o que de bom um anjo já fez por mim?"

Luce encolheu desculpando-se.

"Eu vou te dizer: nada. Nada além de bater na minha mãe e então jogar nós duas numa vala antes que eu nascer. Um verdadeiro comportamento cestestial." Shelby bufou. "O retrocesso é, toda a minha vida, minha mãe me dizendo que eu deveria ser grata. Para quê? Esses poderes fracos e anormais que eu herdei do meu pai? Não, obrigado." Ela deu um pontapé no beliche superior sombriamente. "Eu daria tudo para ser apenas normal."

"Sério?" Luce tinha passado a semana inteira sentindo inferior aos seus colegas Nephilim. Ela sabia que a grama do vizinho era sempre mais verde, mas nisso ela não podia acreditar. Que vantagem poderia possivelmente Shelby ver em não ter seus poderes Nephilim?

"Espere", disse Lúcia, "o miserável do seu ex-namorado. Será que ele ..."

Shelby desviou o olhar. "Estávamos meditando juntos, e eu não sei, de alguma forma durante o mantra, eu acidentalmente levitei. Não era mesmo uma grande coisa, eu estava, tipo, dois centímetros do chão. Mas Phil não deixou passar. Ele começou a chatear-me sobre o que mais eu poderia fazer, e fazendo todas essas estranhas perguntas."

"Como o quê?"

"Eu não sei", disse Shelby. "Algumas coisas sobre você, na verdade. Ele queria saber se você ensinou-me a levitar. Se você podia levitar também."

"Por que eu?"

"Provavelmente mais fantasias sobre colegas de quartos. Enfim, você deveria ter visto o olhar em sua cara naquele dia. Como se eu fosse algum tipo de aberração de circo. Eu não tinha escolha a não ser terminar."

"Isso é terrível." Luce apertou a mão de Shelby. "Mas parece que o problema é dele, não seu. Eu não sei como o resto do pessoal na Shoreline lida com essa coisa de Nephilim, mas eu já fui a um monte de escolas de ensino médio, e eu estou começando a pensar que de alguma maneira a maioria dos alunos enfrentam naturalmente a diferença. Além disso, ninguém é "normal". Phil deve ter algo bizarro sobre ele."

"Na verdade, havia algo em seus olhos. Eles eram azuis, mas fraco, quase desbotado. Ele tinha que usar esses trejeitos especiais para que as pessoas não olhassem para ele." Shelby jogou a cabeça para o lado. "Além disso, você sabe, aquele terceiro mamilo." Ela começou a rir, ficou com o rosto vermelho por um tempo, Luce se juntou e praticamente estavam em lágrimas quando um leve toque na vidraça fechada fez ambas pularem para cima.

"É melhor não ser ele." A voz de Shelby instantaneamente ficou sóbria quando ela pulou da cama e foi abrir a janela, derrubando um vaso de mandioca com sua pressa.

"É para você", disse ela, quase entorpecida.

Lúcia estava à janela num piscar de olhos, porque até então, ela podia senti-lo. Apoiando as palmas das mãos sobre o peitoral, ela se inclinou para a frente no ar da noite.

Ela ficou cara a cara, boca em boca, com Daniel.

Por um breve momento, ela pensou que ele estava procurando por ela, na sala, em Shelby, mas então ele a beijou, colocando a parte de trás da cabeça dela entre suas mãos macias e puxando-a para si, tirando-lhe o fôlego. O valor de uma semana de calor fluía através dela, junto com um pedido de desculpas por ter dito as duras palavras que tinha dito na outra noite na praia.

"Olá", ele sussurrou.

"Olá".

Daniel estava vestindo calça jeans e uma camiseta branca. Ela podia ver o topete no cabelo dele. Suas tremendas asas branco-pérola, bater suavemente atrás dele, sondando a noite negra, seduzindo-a e pareciam bater no céu quase ao mesmo tempo com o coração. Ela queria tocá-las, para enterrar-se nelas do jeito que ela tinha feito na outra noite na praia. Foi uma coisa impressionante vê-lo flutuando fora de sua janela no terceiro andar.

Ele pegou a mão dela e puxou-a sobre o parapeito da janela para os seus braços. Mas então ele a colocou em uma borda larga e nivelada com a janela que ela nunca tinha notado antes.

Ela sempre sentiu vontade de chorar quando ela estava mais feliz. "Você não deveria estar aqui. Mas eu estou tão feliz que você esteja."

"Prove ", disse ele, sorrindo enquanto ele a puxava de volta contra o seu peito de modo que sua cabeça estava um pouco mais de seu ombro. Ele colocou um braço em volta da cintura dela. O calor irradiado a partir de suas asas. Quando ela olhou por cima do ombro, tudo que ela podia ver era branco, o mundo era branco, tudo suavemente texturizados e incandescentes com a luz do luar. E então as grandes asas de Daniel começaram a bater-

Seu estômago apertou um pouco, ela sabia que estava sendo levantada, então, disparou, em linha reta em direção ao céu. O parapeito abaixo deles ficou menor e as estrelas no céu brilhavam e o vento passava pelo seu corpo, despenteando os cabelos em seu rosto.

Até que eles subiram, mais altos para a noite, até que a escola era apenas uma mancha preta no chão. Até que o oceano era apenas um cobertor de prata sobre a terra. Até que perfurou uma camada de nuvem de penas.

Ela não estava com frio ou com medo. Ela sentiu-se livre de tudo o que pesava para baixo na terra. Livre de perigo, livre de qualquer dor que ela sentiu. Livre da gravidade. Era só amor. A boca de Daniel traçou uma linha de beijos ao lado de seu pescoço. Ele passou os braços apertados em volta da cintura e virou seu rosto para ele. Seus pés estavam em cima dos dele, como quando eles dançaram sobre o oceano na fogueira. Não havia mais vento, o ar em torno deles era silencioso e calmo. Os únicos sons eram o bater das asas de Daniel enquanto eles pairavam no céu e as batidas do seu coração.

"Momentos como esse", disse ele, "fazem tudo o que tivemos de passar valer a pena."

Então ele a beijou como nunca havia beijado antes. Um longo beijo prolongado que parecia reivindicar seus lábios para sempre. As mãos dele traçaram a linha de seu corpo, levemente no início e depois com mais força, deliciando-se em suas curvas. Ela se derreteu nele, e ele correu os dedos ao longo das costas das suas coxas, quadris, seus ombros. Ele assumiu o controle de cada parte dela.

Ela sentiu os músculos debaixo da camisa de algodão, com os braços e pescoço tensos, a pequena cavidade em sua volta. Ela beijou o queixo, os lábios. Aqui, nas nuvens, os olhos de Daniel brilhavam mais do que qualquer estrela que ela já tinha visto, este era o lugar ao qual Luce pertencia.

"Nós não podemos ficar aqui para sempre?", Perguntou ela. "Eu nunca terei o suficiente disto. De você."

"Espero que não." Daniel sorriu, mas logo, muito cedo, suas asas mudaram, achatando. Luce sabia o que estava por vir. A lenta descida. Ela beijou Daniel pela última vez e soltou os braços ao redor de seu pescoço, preparando-se para o voo, mas depois que ela perdeu o controle.

E caiu.

Parecia acontecer em câmera lenta. Luce tombamento para trás, balançando os braços freneticamente, e depois o frio do vento enquanto ela caía fez sua respiração falhar. Sua última visão foi dos olhos de Daniel, o choque em seu rosto.

Mas então tudo acelerou, e ela estava caindo tão furiosamente que ela não conseguia respirar. O mundo era um vazio negro girando, e ela se sentiu enjoada e com medo, os olhos ardendo com o vento, a sua visão escurei e girava. Ela ia desmaiar.

E seria isso.

Ela nunca saberia quem ela era realmente, nunca ia saber se tudo tinha valido a pena. Será que nunca saberia ela foi digna do amor de Daniel, e ele dela. Estava tudo acabado, era isso.

O vento era uma fúria em seus ouvidos. Ela fechou os olhos e esperou o fim.

E então ele a pegou.

Havia braços ao redor dela, forte, braços familiares, e ela foi gentilmente a abrandar, já não caía - ela estava sendo embalada. Por Daniel. Seus olhos estavam fechados, mas Luce sabia.

Ela começou a chorar, tão aliviada que Daniel a tinha pego ela, havia salvo ela. Nesse momento, ela não podia amá-lo mais, não importava quantas vidas tinha vivido.

"Você está bem?" Daniel sussurrou, sua voz macia, seus lábios tão perto dela.

"Sim." Ela podia sentir a batida de suas asas. "Você me pegou."

"Eu sempre vou te pegar quando você cair."

Lentamente, eles caíram de volta ao mundo que havia deixado para trás. Para Soreline onde o oceano lambia contra os rochedos. Quando eles se aproximaram do dormitório, ele apertou-a fortemente, e gentilmente ao redor da borda, saindo com um toque de pluma de luz.

Luce plantou os pés no parapeito e olhou para Daniel. Ela o amava. Era a única coisa de que ela estava determinada.

"Então", disse ele, olhando sério. Seu sorriso endureceu, e que o brilho nos seus olhos pareciam desvanecer-se. "Isso deve satisfazer o seu desejo de viajar, pelo menos por um tempo."

"O que quer dizer, desejo de viajar?"

"A maneira como você vive partindo do campus?" Sua voz era muito menos calorosa do que tinha sido há pouco.

"Você tem que parar de fazer isso quando eu não estou por perto para cuidar de você."

"Ah, vamos lá, era apenas uma viagem de campo estúpida. Todo mundo estava lá. Francesca, Steven" Ela parou, pensando sobre a forma como Steven reagiu ao que aconteceu à Dawn. Ela não ousava citar sua viagem com Shelby. Ou correr com Cam sob o convés.

"Você tem dificultado muito coisas para mim", disse Daniel.

"Eu nem tive tempo de facilitar."

"Eu disse que você tinha algumas regras. Eu lhe disse para não deixar este campus. Mas você não escutou. Quantas vezes mais você me desobedeceu?"

"Desobedeci você?" Ela riu, mas por dentro ela se sentiu tonta e doente. "O que você é, meu namorado ou meu mestre?"

"Você sabe o que acontece quando você se perder a partir daqui? O perigo em que se coloca por apenas estar entediada?"

"Olha, os gatos estão saindo do saco", disse ela. "Cam já sabia que eu estava aqui."

"Claro que Cam sabe que você está aqui", disse Daniel, exasperado. "Quantas vezes eu tenho que te dizer que Cam não é uma ameaça agora? Ele não vai tentar influenciar você."

"Por que não?"

"Porque ele sabe melhor. E você deveria saber muito melhor também do que passar despercebida assim. Há perigos que você não pode entender."

Ela abriu a boca, mas não sabia o que dizer. E se ela dissesse a Daniel que tinha falado com Cam hoje, e que ele tinha matado vários da comitiva de Miss Sophia, apenas para provar seu ponto. A raiva irrompeu

em Luce, em Daniel, em suas regras misteriosas, em seu modo de tratá-la como uma criança. Ela faria qualquer coisa para ficar com ele, mas seus olhos tinham endurecido em partes de folhas cinzas e seu tempo no céu parecia um sonho distante.

"Você entende o tipo de inferno que eu passo para mantê-la segura?"

"Como é que eu vou entender quando você não me diz nada?"

A beleza de Daniel estava distorcida em uma expressão assustadora. "Isso é culpa dela?" Ele apontou o dedo para seu quarto do dormitório. "Que tipo de idéias sinistras ela tem colocado na sua cabeça?"

"Eu posso pensar por mim mesmo, obrigada." Luce estreitou os olhos. "Mas como você sabe de Shelby?"

Daniel ignorou a pergunta. Luce não podia acreditar no jeito que ele estava falando com ela, como se ela fosse um tipo de animal de estimação mal comportado. Todo o calor que a tinha enchido um momento atrás, quando Daniel tinha beijado ela, a abraçado, olhado para ela, - não era o bastante para todo o frio que estava sentindo a cada palavra dele.

"Talvez Shelby esteja certa", disse ela. Ela não tinha visto Daniel, em tanto tempo, mas o Daniel que queria ver, a quem amava mais que tudo, a pessoa que ela seguiria por milênios, porque ele não poderia viver sem ela ainda estava lá em cima nas nuvens, não aqui em baixo, mandando ao seu redor. Talvez, mesmo depois de todas essas vidas, ela realmente não o conhecesse. "Talvez os anjos e seres humanos não devessem..."

Mas não podia dizer isso.

"Luce". Seus dedos estavam ao redor de seu pulso, mas ela livrou-se dele. Seus olhos estavam abertos e escuros, e seu rosto estava branco por causa do frio. Seu coração estava pedindo a ela para agarrá-lo e mantê-lo perto, para sentir seu corpo pressionado contra o dela, mas ela sabia que no fundo não era esse o tipo de briga que poderia ser curada com um beijo.

Ela empurrou-o para uma parte mais estreita da borda e abriu sua janela, surpresa ao descobrir que o quarto já estava escuro. Subiu para dentro, e quando ela voltou-se para Daniel, ela percebeu que suas asas estavam trêmulas. Quase como se ele estivesse prestes a chorar. Ela queria voltar para ele, para segurar, acalmá-lo e amá-lo.

Mas ela não podia.

Ela fechou as persianas e ficou em seu quarto escuro sozinha.

Capítulo 9

Dez Dias

Quando Luce acordou na manhã de terça-feira, Shelby já tinha ido. Sua cama estava feita, com a colcha de retalhos feita à mão dobrada a seus pés, e seu colete vermelho inflado havia sido arrancado de seu estaca na porta.

Ainda de pijama, Luce enfiou uma caneca de água no microondas para fazer chá e, em seguida sentou-se para verificar seu e-mail.

Para: lucindap44@gmail.com
De: callieallieoxenfree@gmail.com

Enviado: segunda-feira, 16/11 às 01:34

Assunto: Tentando não levar para o lado pessoal

Querida L,

Recebi seu texto, e antes de tudo, eu sinto sua falta também. Mas eu tenho realmente uma sugestão de esquerda: ela chama-se você-e-eu-fugimos. Callie louca e suas ideias selvagens. Eu sei que você está ocupada. Eu sei que você está sob vigilância pesada e é difícil sair de fininho. O que eu não sei é um único detalhe sobre sua vida. Com quem você almoça? Qual aula você mais gosta? O que aconteceu com aquele cara? Veja, eu nem sei o seu nome. Eu odeio isso. Estou feliz que você tenha um telefone, mas não o texto em que diz que vai ligar. Basta ligar. Eu não ouço sua voz a tempos. Eu não estou brava com você. Ainda.

XoC

Luce fechou o e-mail. Era impossível cair fora de Callie. Ela nunca tinha realmente feito isso antes. O fato de Callie não suspeitar que Luce estava mentindo era apenas mais uma prova do quão distante eles se tornaram. A vergonha que Luce sentia pesada, exatamente entre seus ombros.

Para o próximo e-mail:

Para: lucindap44@gmail.com
De: thegaprices@aol.com

Sent: segunda-feira, 16/11 às 08:30

Assunto: Bem, querida, nós te amamos muito

Luce Baby,

Seus e-mails sempre iluminam os nossos dias. Como está a equipe de natação? Você seca o cabelo agora que está frio lá fora? Eu sei, eu sou chata, mas eu sinto sua falta. Você acha que Sword & Cruz vai conceder-lhe permissão para sair do campus no dia de Ação de Graças na próxima semana? Papai poderia ligar para o reitor? Não vamos comprar as nossas aves ainda, mas seu pai saiu e comprou um Peru para garantir. Enchi o congelador extra com as tortas. Você ainda gosta daquela com batata-doce? Nós te amamos e pensamos em você o tempo todo.

Mamãe

A mão de Luce estava pendurada e congelada em seu mouse. Era uma manhã de terça-feira. Ação de Graças estava a uma semana e meia de distância. Foi a primeira vez que o seu feriado favorito nem tinha passado pela sua mente. Mas tão rápido quanto entrou, Luce tentou bani-lo de sua mente. Não havia nenhuma maneira do Sr. Cole a deixar ir para casa no dia de Ação de Graças.

Ela estava prestes a responder quando um clique em uma caixa laranja piscando na parte inferior da tela chamou sua atenção. Miles estava online. Ele havia tentado conversar com ela.

Miles (08:08): Bom dia, Miss Luce.

Miles (08:09): Eu estou morrendo de fome. Você acorda faminta assim como eu?

Miles (08:15): Quer café? Eu vou passar no seu quarto no meu caminho. 5 minutos?

Lúcia olhou para o relógio. 08:21. Houve uma batida crescente em sua porta. Ela ainda estava de pijama. Ainda estava na cabeceira da cama. Ela abriu a porta um pouco.

O sol da manhã estava derramado sobre o piso de madeira no corredor. Luce lembrou de como era descer a sempre iluminada escada de madeira na casa de seus pais para o almoço, a maneira como o mundo inteiro parecia mais brilhante através da lente de um corredor cheio de luz.

Miles não estava usando o boné dos Dodgers hoje, então era uma das poucas vezes em que ela podia ver claramente os seus olhos. Eles eram realmente de um azul profundo, como nove horas da manhã em um céu azul do verão. Seu cabelo estava molhado, pingando nos ombros de sua camisa branca. Luce engoliu seco, incapaz de parar de imaginar ele em um chuveiro. Ele sorriu, mostrando uma covinha e seu sorriso super-branco. Ele parecia tão Californiano hoje; Luce ficou surpresa ao perceber o quão bom ele aparentava.

"Hey". Luce parou com grande parte do seu corpo, de pijamas, atrás da porta. "Eu só vi suas mensagens agora. Eu indo para o café da manhã, mas eu não estou vestida ainda."

"Eu posso esperar." Miles encostou na parede do corredor. Seu estômago roncou alto. Ele tentou passar os braços sobre a cintura para cobrir o som.

"Eu vou me apressar." Luce riu, fechando a porta. Ela parou diante do seu armário, tentando não pensar no dia de Ação de Graças com seus pais ou em Callie ou porque tantas pessoas importantes foram tiradas dela de uma vez.

Ela puxou uma blusa longa cinza de seu armário e jogou-a sobre um jeans preto. Ela escovou os dentes, colocou os brincos grandes de arco prata e uma bisnaga de creme para as mãos, agarrou sua bolsa dela, e olhou-se no espelho.

Ela não parecia uma garota que havia tido um desentendimento no relacionamento, ou uma menina que não podia ir para casa ficar com sua família no dia de Ação de Graças. No momento, ela parecia uma menina que estava animada para abrir a porta e encontrar um cara lá que a fazia sentir-se normal e feliz e realmente espécie de tudo em volta estar maravilhoso.

Um cara que não era seu namorado.

Ela suspirou, abrindo a porta para Miles. Seu rosto se iluminou.

Quando chegaram lá fora, Luce percebeu que o tempo havia mudado. O ar da manhã ensolarada estava tão fresco como tinha sido na borda do telhado na noite passada com Daniel. E então sentiu-se gelada.

Miles estendeu seu enorme casaco cáqui para ela, mas ela acenou. "Eu só preciso um pouco de café para me aquecer."

Eles se sentaram na mesma mesa onde se sentaram na semana anterior. Imediatamente, uma dupla de estudantes garçons foram atendê-los. Ambos os rapazes pareciam ser amigos de Miles e tinham uma forma fácil de gracejo.

Luce certamente nunca teve esse nível de serviço, quando ela sentou-se com Shelby. Enquanto os rapazes disparavam com perguntas à distância - como Miles havia se fantasiado de equipe de futebol de fantasia na noite anterior, ele tinha visto no YouTube um clip de um cara brincando com sua namorada, ele tinha planos para depois da aula de hoje - Luce olhou ao redor do terraço procurando sua companheira de quarto, mas não conseguiu encontrá-la.

Miles respondeu a todas as perguntas dos caras, mas não pareceu interessado em estender a conversa mais. Ele apontou para Luce. "Esta é Luce. Ela quer uma xícara grande de café e seu mais quente..."

"Os ovos mexidos", disse Lúcia, dobrando o pequeno menu que o refeitório Shoreline tinha impresso para cada dia.

"Mesmo para mim, rapazes, obrigado." Miles devolveu os dois menus e virou foco integral para Luce.

"Parece que eu não te vi muito por aqui fora de classe recentemente. Como estão as coisas?"

A pergunta de Miles a surpreendeu. Talvez porque ela já estivesse se sentindo culpada essa manhã. Ela gostou que não houve "Onde você estava se escondendo?" ou "Você está me evitando?". Só uma pergunta: "Como estão as coisas?"

Ela sorriu para ele, então de alguma forma perdeu a noção do seu sorriso e quase foi se encolhendo a tempo de dizer: "As coisas estão bem."

"Uh-oh".

Uma briga horrível com Daniel. Menti para os meus pais. Perdi a minha melhor amiga. Parte dela queria soltar tudo isso em Miles, mas ela sabia que não deveria. Não era possível. Isso seria tomar a sua amizade a um nível que ela não tinha certeza se era uma boa idéia. Ela nunca teve um

amigo homem realmente próximo antes, o tipo de amigo que partilhava tudo como se fossem namorados. Será que as coisas não se tornariam complicadas?

"Miles", ela finalmente disse, "o que as pessoas fazem por aqui no dia de Ação de Graças?"

"Eu não sei. Eu nunca estive por perto para descobrir. Eu gostaria de poder, às vezes. Ação de graças na minha casa é detestável. Pelo menos uma centena de pessoas. Como dez cursos. E é blacktie".

"Você está brincando."

Ele balançou a cabeça. "Eu gostaria de estar. Sério mesmo. Temos que contratar flanelinhas" Depois de uma pausa: "Por que você pergunta, espere, você precisa de um lugar para ir?"

"Uhh ..."

"Você irá comigo." Ele riu de sua expressão chocada. "Por favor. Meu irmão não vai voltar para casa da faculdade este ano e ele sempre foi minha tábua de salvação. Eu posso mostrar-lhe ao redor de Santa Barbara. Nós podemos esquecer o peru e obter os melhores tacos do mundo em Super Rica." Ele levantou uma sobranceira. "Vai ser assim muito menos tortuoso ter você comigo. Pode até ser divertido."

Enquanto Luce estava meditando sobre a sua oferta, sentiu uma mão nas suas costas. Ela conhecia esse toque - calmante ao ponto de ter poderes de cura - Francesca.

"Falei com Daniel na noite passada", disse Francesca.

Luce tentou não reagir quando Francesca se inclinou. Daniel tinha ido vê-la após Luce brigar com ele? A ideia despertou ciúmes, embora ela realmente não soubesse o porquê.

"Ele está preocupado com você." Francesca fez uma pausa, parecendo buscar o rosto de Luce. "Eu disse a ele que você está indo muito bem, considerando o seu novo ambiente. Eu lhe disse que iria me tornar disponível para você para qualquer coisa que você precise. Por favor, entenda que você deve vir a mim com suas perguntas." A nitidez entrou em seu olhar, uma difícil, e feroz qualidade. Venha a mim, em vez de Steven parecia estar dizendo.

E, em seguida, Francesca saiu, tão rapidamente quanto ela apareceu, o forro de seda do casaco de lã branca açoitava contra a sua meia-calça preta.

"Então...Ação de Graças," Miles finalmente disse, esfregando as mãos.

"Ok, ok". Luce engoliu o resto do seu café. "Eu vou pensar sobre isso."

Shelby não apareceu na classe Nephilim aquela manhã, uma palestra sobre a convocação dos anjos antepassados, como forma de enviar um correio de voz celestial. Na hora do almoço, Luce estava começando a ficar nervosa. Mas chegando em sua aula de matemática, ela finalmente avistou o colete vermelho inchado familiar e praticamente correu em direção a ela.

"Hey!" Ela puxou o cabelo loiro de sua companheira de quarto. "Onde você esteve?"

Shelby virou-se lentamente. O olhar em seu rosto levou Luce de volta ao seu primeiro dia no Shoreline. As narinas de Shelby estavam alargadas e as sobrancelhas eram curvados para a frente.

"Você está bem?" Luce perguntou.

"Sim". Shelby se virou e começou a brincar com o armário mais próximo, girando uma combinação, e depois estourá-lo para abrir. Dentro havia um capacete de futebol e umas garrafas de Gatorade vazias. Um cartaz do Laker Girls estava na parte interna da porta.

"É esse mesmo seu armário?" Luce perguntou. Ela não sabia que um aluno Nephilim usasse armário, mas Shelby estava parada através deste, jogando as meias sujas de suor de forma imprudente sobre o ombro. Shelby bateu no armário fechando, em seguida, mudou-se para rodar a combinação do próximo.

"Agora você está me julgando?"

"Não." Luce abanou a cabeça. "Shel, o que está acontecendo? Você desapareceu esta manhã, você perdeu a aula"

"Estou aqui agora, não estou?" Shelby suspirou. "Frankie e Steven são muito mais relaxados em deixar uma menina tirar um dia de folga do que os humanóides daqui."

"Porque você precisa de um dia de folga? Você estava bem na noite passada, até"

Até Daniel aparecer.

No tempo em que Daniel apareceu na janela, Shelby tinha ido toda pálida e quieta direto para a cama e,-

Enquanto Shelby olhava através de Luce como se seu QI, de repente caísse pela metade, Luce tornou consciencia do resto do salão. Onde os armários cor de ferrugem acabaram, as paredes cinza acarpetadas estavam com meninas alinhadas: Dawn, Jasmine e Lilith. Preppy*, garotas com cardigãs como Amy Branshaw da turma da tarde de Luce. Garotas punks de piercings que pareciam um pouco como Arriane porém bem menos divertidas para conversar. Algumas meninas que Luce nunca tinha visto antes. Meninas com livros apertados contra o peito, e chicletes em suas bocas, e os olhos forçados contra o tapete, o teto com vigas de madeira, de uma para a outra. Em qualquer lugar mas diretamente em Luce e Shelby. Embora fosse evidente que todas elas estivessem espionando.

* espécie de tribo

A sensação de mal estar no estômago começava a dizer-lhe porquê. Foi o maior encontro de Nephilim e não Nephilim que Luce tinha visto até agora em Shoreline. E cada garota neste corredor havia descoberto antes dela: Shelby e Luce estavam prestes a brigar por um rapaz.

"Oh". Luce ingerido. "Você e Daniel."

"Yeah. Nós. Há muito tempo atrás." Shelby não olhava para ela.

"Ok". Luce focou na respiração. Ela podia lidar com isso. Mas os boatos que voam em torno das meninas na parede fez sua pele se arrepiar, e ela estremeceu.

Shelby zombou. "Eu sinto muito se a ideia repugna tanto você".

"Não é isso." Mas Luce sentia nojo. Desgostosa com ela. "Eu sempre... Eu pensei que era o só-"

Shelby colocou as mãos nos quadris. "Você pensou que cada vez que desaparecia por 17 anos, Daniel apenas girasse os polegares? Terra para Luce, há uma Antes por Daniel. Ou uma Entre, ou o que quer que seja." Ela fez uma pausa para dar a Luce um olhar lateral. "Você realmente se envolveu?"

Luce emudeceu.

Shelby resmungou e virou o rosto para o resto da sala. "Este campo de força de estrogênio deve dissipar-se"

Ela bradava, balançando os dedos para eles. "Sigam em frente. Todos vocês. Agora!"

Enquanto as meninas corriam, Luce pressionou a cabeça contra o armário de metal frio. Ela queria rastrear dentro dele e se esconder.

Shelby apoiou as costas contra a parede ao lado do rosto de Luce. "Você sabe", ela disse, com voz de amaciamento,

"Daniel é um namorado porcaria. E um mentiroso. Ele está mentindo para você."

Luce endireitou-se e foi em Shelby, sentindo suas bochechas arderem. Luce podia estar chateada com Daniel agora, mas ninguém podia falar sobre o beijo seu namorado.

"Whoa". Shelby se esquivou. "Calma, não. Eita." Ela deslizou pela parede para se sentar no chão.

"Olha, eu não deveria ter trazido à tona. Foi uma noite estúpida há muito tempo e ele era um cara claramente infeliz sem você. Eu não sabia de você, então, então eu pensei muito no folclore sobre vocês dois...foi extremamente chato. Que, se você deve saber, explica o rancor enorme eu mantive com o seu nome."

Ela bateu no chão ao lado dela, e Luce deslizou pela parede para se sentar também. Shelby fez uma tentativa sorriso. "Eu juro, Luce, eu nunca pensei que eu ia te conhecer. Eu definitivamente nunca esperava que fosse...legal."

"Você acha que eu sou legal?" Luce perguntou, rindo baixinho para si mesma. "Você estava certo sobre mim ser absorvida". "Ugh, era o que eu

pensava. Você é um daqueles impossíveis de ficar-louco com as pessoas, não é?" Shelby suspirou. "Tudo bem. Sinto muito por ter saído com o seu namorado e, você sabe, te odiar, antes de te conhecer. Eu não vou fazer isso de novo."

Isso foi estranho. A única coisa que poderia ter levado dois amigos instantaneamente a se separar era realmente os mantinham mais próximos. Isso não foi culpa de Shelby. Qualquer lampejo de raiva que Luce sentia sobre isso era algo ela precisava tratar com...Daniel. Uma noite, estúpida, Shelby tinha dito. Mas o que realmente tinha acontecido?

O por-do-sol encontrou Luce descendo a escada rochosa da praia. Ele estava com frio, mais frio ainda quando ela ficou mais perto da água. Os últimos raios de luz do dia dançaram finos fora das nuvens, deixando a coloração do oceano, laranja, rosa e azul pastel. O mar calmo esticado na frente dela, olhando como um caminho para o paraíso.

Até que ela chegou ao largo círculo de areia, ainda enegrecidos pela fogueira de Roland, Luce não sabia o que ela estava fazendo lá. Então ela encontrou-se rastejando por trás da rocha alta de lava, onde Daniel esteve e a puxou para longe. Sempre que os dois haviam dançado e, em seguida passado por poucos e preciosos momentos que tiveram juntos, acabavam brigando por algo tão estúpido como a cor de seu cabelo.

Callie tinha tido um namorado em Dover quem ela tinha rompido depois de uma briga por causa de uma torradeira. Um deles tinha enfiado um baguete enorme de Nova York, o outro tinha tirado para fora. Luce não conseguia se lembrar de todos os detalhes agora, mas ela se lembrou de pensar, que rompia um namoro por causa de um utensílio de cozinha?

Mas nunca foi realmente sobre a torradeira, Callie tinha dito. A torradeira foi apenas um sintoma, algo que representava tudo o que havia de errado entre eles.

Luce odiava que ela e Daniel mantinham-se em brigas. A outra na praia, por causa de seu cabelo, lembrou a história de Callie. Parecia um preview de alguma maior, mais feia no caminho.

Apoiando-se contra o vento, Luce percebeu que ela tinha vindo até aqui para tentar rastrear de onde eles começaram mal na outra noite. Ela foi estupidamente à procura de sinais na água, alguma pista esculpida na rocha vulcânica áspera. Ela estava procurando por toda parte, exceto dentro de si. Porque o que estava dentro de Luce era apenas um grande enigma de seu

passado. Talvez as respostas ainda estivessem em algum lugar dentro dos Anunciadores, mas, por enquanto, eles permaneceram frustrantemente fora de seu alcance.

Ela não queria culpar Daniel. Ela foi a única que tinha sido ingênua a ponto de supor que a sua relação era exclusiva ao longo do tempo. Mas ele nunca lhe disse o contrário. Assim, ele praticamente a guiou por este caminho até o choque. Foi embaraçoso. E mais um item para assinalar na longa lista de coisas que ela merecia saber e que Daniel não lhe disse.

Ela sentiu algo que ela achava que era chuva, uma sensação de garoa em seu rosto e nas pontas dos dedos. Mas estava quente, em vez de fria. Era em pó e luminoso, não molhado. Ela virou o rosto para o céu e foi cegada pela luz violeta brilhante. Não querendo proteger os olhos, viu, mesmo quando ela cresceu tão brilhante que doia. As partículas caíam lentamente em direção à água apenas no mar, caindo em um padrão e iluminando a forma que ela conhecia em qualquer lugar.

Ele parecia ter ficado mais lindo. Seus pés descalços pairou polegadas fora da água enquanto ele se aproximava da praia. Suas amplas asas brancas pareciam estar afiadas com luz violeta e pulsavam quase imperceptivelmente, ao vento áspero. Não era justo. A maneira como ele a fazia se sentir quando ela olhava para ele - impressionada e extasiada e com um pouco de medo. Ela mal podia pensar em outra coisa. Todo aborrecimento ou frustração persistente desapareceu. Havia apenas uma inegável força que puxava na direção dele.

"Você fica aparecendo", ela sussurrou.

A voz de Daniel deslizava sobre a água. "Eu disse que queria falar com você."

Luce sentiu franzir a boca para cima. "Sobre a Shelby?"

"Sobre o perigo que você continua a se meter" Daniel falou tão claramente. Ela estava esperando que sua menção de Shelby provocasse alguma reação. Daniel, porém, apenas inclinou a cabeça. Ele chegou à borda molhada da praia, onde a água espumava e rolou, flutuou acima da areia na frente dela. "Sobre Shelby?"

"Você realmente vai fingir que não sei?"

"Espere". Daniel baixou os pés no chão, dobrando os joelhos em um plié profundo quando as suas nuas solas tocaram a areia. Quando ele se endireitou, puxou suas asas para trás, longe do seu rosto, e enviou uma onda de vento de volta com elas. Luce pela primeira vez imaginou em como elas deviam ser pesadas.

Levou menos de dois segundos para Daniel chegar até ela, mas quando seus braços deslizaram em torno de suas costas e puxou-a para ele, ele não poderia ter vindo com a rapidez necessária.

"Não vamos sair para outro mau começo", disse ele.

Ela fechou os olhos e deixou que ele a levantasse do chão. Sua boca encontrou a dela e ela inclinou seu rosto para o céu, deixando a sensação de ele dominá-la. Não houve escuridão, não mais frio, apenas a adorável sensação de ser banhada em seu brilho violeta. Mesmo que a corrida para o mar fora cancelada por um zumbido suave, a energia que Daniel carregava em seu corpo.

Suas mãos estavam embrulhadas e apertadas em volta do pescoço, em seguida, acariciou os músculos firmes em seus ombros, escovou o perímetro, macio e espesso de suas asas. Elas eram fortes, brancas e brilhantes, sempre muito maiores do que ela se lembrava. Duas velas grandes estendidas de seus lados, cada centímetro delas era perfeitas e harmoniosas. Ela podia sentir a tensão contra os dedos, como tocando uma esticada lona. Mas, sedosa, macia e deliciosamente aveludada. Elas pareciam responder ao seu toque, projetando para frente a esfregando contra ela, puxando-a mais perto, até que ela fora enterrada nelas mesmas, mais profunda e mais profundo, e ainda assim não parecendo o suficiente. Daniel estremeceu.

"Isso está tudo bem?" Ela sussurrou, porque às vezes ele ficava nervoso quando as coisas entre eles começavam a esquentar. "Isso machuca você?"

Hoje à noite os seus olhos pareciam ávidos. "É uma sensação maravilhosa. Nada se compara". Seus dedos deslizaram ao longo de sua cintura, deslizando dentro de sua blusa. Normalmente, a mais suave carícia das mãos de Daniel a fazem sentir-se fraca. Hoje à noite o seu toque foi mais forte. Quase bruto. Ela não sabe o que deu nele, mas ela gostou.

Seus lábios traçaram os dela, depois se desviou subindo, após a ponta de seu nariz, descendo suavemente em cada uma de suas pálpebras. Quando ele se afastou, ela abriu os olhos e olhou para ele.

"Você é tão bonita", ele sussurrou.

Foi exatamente o que a maioria das garotas teria apenas gostado de ouvir, logo que ele disse isso, Luce sentiu-se arrancada de seu corpo, substituído por outra pessoa.

Shelby.

Mas não só de Shelby, porque o que foram as chances de que ela tinha sido a única? Teve outros olhos, os narizes e bochechas tomadas de beijos de Daniel? Teve outras pessoas que se reuniram com ele em uma praia? Outros lábios enrolados, outros corações batendo? Tiveram outros elogios trocados e sussurrados?

"O que há de errado?", Perguntou ele.

Luce sentiu-se mal. Eles poderiam levar o vapor até as janelas com os seus beijos, mas logo que eles começaram a usar suas bocas para outras coisas, como conversar, ficou tudo complicado.

Ela virou o rosto. "Você mentiu para mim."

Daniel não ridicularizou ou ficou zangado, como ela esperava que ele fizesse, quase querendo isso. Sentou-se na areia. Apoiou as mãos nos joelhos e olhou para as ondas espumantes. "Sobre o quê, exatamente?"

Mesmo quando as palavras saíram, Luce lamentou onde estava indo. "Eu poderia usar a sua abordagem de não dizer nada, nunca."

"Eu não posso te dizer tudo o que você quer saber se você não vai me dizer o que lhe está incomodando."

Ela pensou em Shelby, mas quando ela imaginou jogando a carta do ciúme, só para vê-lo tratar como uma criança, Luce sentiu-se patética. Em vez disso, ela disse, "Eu sinto que somos estranhos. Como eu não te conhecesse melhor do que ninguém."

"Ah." Sua voz era calma, mas seu rosto era tão irritantemente estóico, Luce queria sacudi-lo. Nada irritava-o.

"Você está me mantendo refém aqui, Daniel. Eu não sei nada. Não conheço ninguém. Eu estou sozinha. Cada vez que te vejo, você coloca algum novo muro, e você nunca me deixe entrar. Você nunca me deixe entrar. Você arrastou-me todo o caminho até aqui"

Ela estava pensando na Califórnia, mas foi mais do que isso. Seu passado, sua limitada concepção de quem ela tinha sido, lançaram em sua mente como a bobina de um filme que caiu, desenrolando no chão.

Daniel havia a arrastado muito, muito mais do que até Califórnia. Ele arrastou-a através de séculos de brigas como esta. Através de mortes agonizantes que causaram a dor de todos ao seu redor, como aqueles bons velhos que ela visitou na semana passada. Daniel havia arruinado a vida do casal. Matou sua filha. Tudo porque ele tinha sido um anjo caído que viu algo que ele queria e foi atrás dele.

Não, ele não tinha acabado de arrastá-la para a Califórnia. Ele arrastou-a em uma maldita eternidade. Um fardo que deveria ter sido só dele para suportar. "Estou sofrendo, eu e todos que me amam, por sua maldição. Durante todo o tempo. Por causa de você".

Ele estremeceu como se tivesse sido golpeado. "Você quer ir para casa", disse ele.

Ela chutou a areia. "Eu quero voltar. Eu quero você leve de volta tudo o que foi que você fez para me colocar nisso. Eu só quero viver e morrer uma vida normal e romper como as pessoas normais com motivos normais como torradeiras, e não os segredos sobrenaturais do universo que você não confia em mim, mesmo com-".

"Espere". O rosto de Daniel estava completamente branco. Seus ombros rígidos e suas mãos estavam tremendo. Mesmo as suas asas, que momentos atrás pareciam tão poderosas, pareciam frágeis. Luce queria estender a mão e tocá-las, como se de alguma forma elas iriam dizer-lhe se a dor que ela via em seus olhos era real. Mas ela manteve sua posição.

"Nós estamos terminando?", Ele perguntou, sua voz fraca e baixa.

"Será que estamos mesmo juntos, Daniel?"

Ele ficou de pé e segurou o rosto dela entre as mãos. Antes que ela pudesse empurrá-lo à distância, sentiu um calor abaixo de suas bochechas.

Ela fechou os olhos, tentando resistir à força magnética de seu toque, mas era tão forte, mais forte do que qualquer outra coisa.

Ele apagou sua raiva, deixou a sua identidade em frangalhos. Quem era ela sem ele? Por que sua atração por Daniel sempre derrotava tudo o que arrancava para fora? Razão, sensibilidade, auto-preservação: Nenhum deles jamais poderia competir. Deveria ser parte do castigo de Daniel. Que ela estava presa a ele para sempre, como uma marionete de seu titereiro. Ela sabia que não devia querer-lhe com todas as fibras do seu ser, mas ela não se conteve. Olhando para ele, sentindo seu toque o resto do mundo estava desbotado em segundo plano.

Ela só queria que amá-lo nem sempre fosse tão difícil.

"O que é esse negócio de querer ganhar uma torradeira?" Daniel sussurrou em seu ouvido.

"Eu acho que eu não sei o que quero."

"Eu sei." Seus olhos tinham intenção, segurando os dela. "Eu quero você".

"Eu sei, mas"

"Nada vai mudar isso. Não importa o que você ouça. Não importa o que aconteça."

"Mas eu preciso mais do que querer. Eu preciso para estarmos juntos, de fato juntos."

"Em breve. Eu prometo. Tudo isso é apenas temporário."

"Então, se você diz." Luce viu que a lua tinha subido em cima. Ela era laranja brilhante e minguante, tranquila. "O que você queria falar comigo?"

Daniel enfiou seu cabelo loiro atrás da orelha, examinando-a por muito tempo. "Escola", disse ele com uma hesitação que a fez pensar que estava a ser menos do que verdadeiro. "Eu falei com a Francesca para cuidar de você, mas eu queria ver por mim mesmo. Você está aprendendo alguma coisa? Você está tendo um bom momento?"

Ela sentiu o súbito desejo de se vangloriar com ele sobre seu trabalho com os Anunciadores, sobre sua conversa com Steven e os vislumbres que ela tinha tido de seus pais. Mas o rosto de Daniel parecia mais ansioso e aberto do que ela tinha visto toda a noite. Ele parecia estar tentando evitar uma briga, por isso Luce decidiu fazer o mesmo.

Ela fechou os olhos. Ela disse a ele o que ele precisava ouvir. Escola estava muito bem. Ela estava bem. Os lábios de Daniel desceram sobre os dela outra vez, brevemente, quente, até que todo o seu corpo estava formigando.

"Eu tenho que ir", disse ele, finalmente. "Eu nem deveria estar aqui, mas eu não posso me manter longe de você. Eu me preocupo com você a cada momento. Eu te amo, Luce. Tanta coisa que dói."

Ela fechou os olhos contra a batida de suas asas e o ferrão da areia que levantou em seu rastro.

Capítulo 10

Nove Dias

Uma série de sons ecoando e tinidos cortaram a música das águias marinhas. Ao longe, cantava uma nota de metal raspando, então o choque da lâmina de prata fina olhava desprevenido seu oponente.

Francesca e Steven estavam lutando.

Bem, não, eles estavam praticando esgrima. Uma demonstração para os alunos que estavam prestes a praticar eles próprios.

"Saber como empunhar uma espada - se são folhas de luz como estamos usando hoje, ou algo como um perigoso como cutelo é uma habilidade de valor inestimável", disse Steven, cortando o ar com a ponta de sua espada, em movimentos curtos e em forma de chicote. "Os exércitos do Céu e do Inferno raramente são engajados na batalha, mas quando o fazem" sem olhar, ele tirou sua lâmina lateralmente para Francesca, e sem estar olhando, ela trouxe a espada para cima e aparou o golpe "que permanecem intocados pela guerra moderna. Punhais, arcos e setas, espadas flamejantes gigantes, estas são as nossas ferramentas eternas."

O duelo que se seguiu foi para mostrar, apenas uma lição, Francesca e Steven não estavam nem mesmo usando máscaras.

Foi no final da manhã de quarta-feira, e Luce estava sentada no banco largo do pátio, entre Jasmine e Miles. A classe inteira, incluindo seus dois professores, tinha trocado de suas roupas regulares pelas roupas brancas de esgrimistas. Metade da turma estava com suas máscaras pretas em suas mãos. Luce chegou ao almoxarifado logo após a máscara última ter sido pega, que não a incomodou. Ela estava desejando evitar o constrangimento de ter toda a classe testemunhar sua falta de habilidade: Foi evidente a partir da forma como os outros estavam fazendo investidas do outro lado do deck que eles já haviam praticado antes.

"A ideia é deixar a mostra para o seu adversário o menor alvo possível", explicou Francesca para o círculo de estudantes em torno dela. "Então, você coloca o seu peso sobre um pé e leva a tua espada com o pé, e depois balance para trás e para frente, na faixa marcada e, em seguida, afaste."

Ela e Steven foram subitamente envolvidos em uma onda de golpes e defesas, faziam um barulho denso com seus golpes um contra o outro em sua luta habilidosa. Quando sua lâmina larga apontou para a esquerda, ele se lançou para frente, mas ela balançou para trás, varrendo a sua espada para cima e ao redor e em seu pulso. "Touché", disse ela, rindo.

Steven voltou para a classe. "Touché, é claro, é “tocar” em francês. Na esgrima, contamos os pontos por toques."

"Estávamos lutando de verdade", disse Francesca, "receio que a mão de Steven esteja sagrando no convés. Desculpe, querido."

"Muito bem", ele disse. "Tudo. Bem." Ele atirou para o lado dela, quase parecendo saltar do chão. No frenesi que se seguiu, Luce perdeu a noção de como a espada de Steven cruzava através do ar de novo e de novo, quase cortando Francesca, que desviava para o lado na hora certa e reaparecia atrás dele.

Mas ele estava pronto para ela e quando ela estava para acertar o seu ponto, ele incrivelmente saía fora do golpe.

"Eu tenho medo que você, minha cara, tenha começado com o pé errado".

"Veremos". Francesca levantou a mão e alisou o cabelo dela, os dois olhando um para o outro com uma intensidade assassina.

A cada nova ronda de jogo violento causava a Luce um alarme tenso. Ela estava acostumada a ser agitada, mas o resto da turma estavam também surpreendentemente nervosos hoje. Nervosos e com entusiasmo. Assistindo Francesca e Steven, nenhum deles podia ficar parado.

Até hoje, ela se perguntava por que nenhum dos outros Nephilins jogavam em qualquer time nas equipes esportivas de Shoreline. Jasmine tinha torcido o nariz quando Luce perguntou se ela e Dawn estavam interessadas em nadar nas eliminatórias da equipe no ginásio. De fato, até que ela ouviu de Lilith, entre bocejos, no vestiário esta manhã, que todos os

esportes, exceto esgrima era "extraordinariamente chatos", Luce pensou ter descoberto que os Nephilins apenas não eram atletas. Mas isso não era tudo. Eles apenas escolhiam cuidadosamente o que jogar.

Luce estremeceu ao imaginar Lilith, que conhecia a tradução francesa de todos os termos de esgrima enquanto Luce não sabia nem mesmo em Inglês, jogando seu esbelto, auto rancor em um ataque. Se o resto da turma fosse um décimo tão hábil como Francesca e Steven, Luce ia acabar com uma pilha de partes do corpo ao final da sessão.

Seus professores eram obviamente especialistas, pisando ágeis dentro e fora das estocadas. A luz do sol brilhava fora de suas espadas, fora de suas vestes brancas acolchoadas. As ondas loiras de Francesca em cascata, numa linda auréola ao redor de seus ombros enquanto ela girava em torno de Steven. Seus pés teciam padrões no deck com tal graça, que a luta parecia quase como uma dança.

As expressões em seus rostos estavam perseguidos e cheios de uma determinação brutal para vencer. Após esses primeiros poucos toques, eles estavam equilibrados. Eles devem ter ficado cansados. Eles tinham lutado esgrima por mais de dez minutos sem um intervalo. Eles começaram tão rapidamente que os arcos das suas lâminas haviam desaparecidos, havia apenas uma fúria fina e um leve zumbido no ar, e o constante barulho de suas espadas contra o outro.

Faíscas começaram a voar cada vez de as suas espadas conectadas. Centelhas de amor ou ódio? Houve momentos em que quase parecia ambos.

E isso irritou Luce. Porque o amor e o ódio era supostamente estar claro em lados opostos do espectro. A divisão parecia tão claro como... bem, anjos e demônios, uma vez que parecia assim para ela. Não mais. Enquanto ela observava seus professores com respeito e temor, as memórias da discussão de ontem à noite com Daniel vedava a sua mente. E seus próprios sentimentos de amor e ódio, ou se não completamente ódio, a fúria crescendo - atado dentro dela.

Um grito ecoou de seus colegas. Parecia que Luce tinha apenas piscado, mas ela tinha saudades dele. A ponta da espada de Francesca espetou no peito de Steven. Perto do coração. Ela apertou contra ele, ao ponto onde sua lâmina fina ficar dobrada em arco. Ambos pararam por um instante, olhando um para o outro nos olhos. Luce não poderia dizer se isto também fazia parte do show.

"Certo através do meu coração", disse Steven.

"Como se você tivesse um" Francesca sussurrou.

Os dois professores pareceram momentaneamente ignorar que a plataforma estivesse cheia de alunos.

"Outra vitória de Francesca", disse Jasmine. Ela inclinou a cabeça para Luce e deixou cair voz. "Ela vem de uma longa linhagem de vencedores. Steven? Nem tanto." O comentário pareceu carregado, mas Jasmine, mas apenas levemente fora do banco, colocou a máscara sobre seu rosto, e reforçou seu rabo de cavalo. Pronta para ir.

Assim como os outros alunos começaram movimentar-se em torno dela, Luce tentou imaginar uma cena semelhante entre ela e Daniel: Luce levantou a mão, segurando sua espada como Francesca e Steven. Foi, francamente, impossível de imaginar. E isso incomodou Luce. Não é porque ela quisesse lutar com Daniel, mas porque ela não queria ser tão dominada. Na noite anterior, ela estava muito à sua mercê. Lembrando que o beijo a deixou ansiosa, corada, e oprimida - e esse não era um bom caminho.

Ela o amava. Mas.

Ela deveria ter sido capaz de pensar a frase sem essa conjugação feia. Mas ela não podia. O que eles tinham no momento não era o que ela queria. E se as regras do jogo fossem sempre ficar desse jeito, ela apenas não sabia se ela ainda queria jogar. Que tipo de jogo era o dela com Daniel? Que tipo de jogo era o dele com ela? Se ele tivesse sido atraído por outras meninas ... em algum momento ele deve ter se perguntado também. Alguém mais poderia dar-lhes um outro nível de jogo?

Quando Daniel beijou-a, Luce conhecia em seus ossos que ele era seu passado. Dobrado em seus braços, ela estava desesperada para que ele permanecesse seu presente. Mas no segundo em que seus lábios se separaram, ela não podia realmente ter certeza de que ele era o seu futuro. Ela precisava de liberdade para tomar essa decisão de uma forma ou de outra. Ela nem sabia o que havia lá fora.

"Miles", Steven chamou. Ele estava totalmente fora do modo de professores, de bainha sua espada estava em uma estreita bainha de couro preto e balançando a cabeça para o canto noroeste do deck. "Você vai jogar com Roland por aqui."

Ao seu lado, Miles se inclinou para sussurrar, "Você e Roland se conheciam, qual é o seu calcanhar de Aquiles? Não vou perder para o garoto novo".

"Hum...eu realmente não..." a mente de Luce passou em branco. Olhando para Roland, cuja máscara já cobria o seu rosto, ela percebeu o quanto pouco ela realmente sabia sobre ele. Diferente do seu catálogo de mercadorias no mercado negro. E sua forma de tocar gaita. E do jeito que ele tinha feito Daniel rir tanto no primeiro dia de Sword & Cross. Ela ainda não descobriu o que eles estavam falando...ou o que Roland estava realmente fazendo em Shoreline de qualquer maneira. Quando chegou ao Sr. Sparks, Luce estava definitivamente no escuro.

Miles deu um tapinha em seu joelho. "Luce, eu estava brincando. Sem chance desse cara não chutar a minha bunda."

Levantou-se, rindo. "Deseje-me sorte."

Francesca tinha se mudado para o outro lado da plataforma, próximo à entrada da loja, e estava tomando uma garrafa de água. "Kristy e Millicent, aproveitar este canto", disse ela para duas meninas Nephilim com tranças combinando as sapatilhas pretas. "Shelby e Dawn, vamos combinar aqui." Ela apontou para o canto da plataforma em frente de Luce. "O resto de vocês vão assistir."

Luce ficou aliviada de seu nome não ter sido chamado. Quanto mais ela via do método de ensino de Francesca e Steven, menos ela entendia. Uma demonstração intimidadora tomou o lugar de qualquer instrução real. Não olhe e aprenda, mas se olhar direito vencerá. Como os primeiros seis estudantes tomaram seus lugares no pavimento, Luce sentiu uma pressão enorme para pegar toda a arte do cerco imediatamente.

"En garde!" Shelby berrou, saltando para trás em um agachamento com a ponta de sua espada apenas alguns centímetros de Dawn, cuja espada ainda estava embainhada.

Os dedos de Dawn estavam ziguezagueando através de seu cabelo preto curto, fixando as mechas em volta com um punhado de prendedores de borboleta. "Você não pode en garde-me enquanto eu estou me preparando para a batalha, Shelby!"

Sua voz ficava ainda mais alta quando ela ficava frustrada. "Você foi o que, criada por lobos?" Ela bufou através da última presilha de plástico entre os dentes. "Tudo bem", disse ela, puxando sua espada. "Agora eu estou pronta."

Shelby, que estava segurando a estocada profunda durante a sessão de Dawn, agora endireitou-se para cima e olhou para suas unhas ásperas. "Espere, eu tenho tempo para uma manicure?", Disse ela, provocando Dawn apenas o tempo suficiente para deixá-la cair em uma postura ofensiva e balançar sua espada ao redor.

"Como é rude!" Dawn latiu, mas para surpresa de Luce, ela imediatamente se intensificou a sua espada, balançando sua lâmina habilmente através do ar e bateu ao lado de Shelby. Dawn era uma esgrimista agressiva.

Passando por Luce, Jasmine se dobrou de rir. "Um acordo feito no inferno."

Um sorriso surgiu no rosto de Luce, também, porque ela nunca havia conhecido alguém tão inabalável e otimista como Dawn. De primeira, Luce suspeitava falsidade, uma fachada - de onde veio Luce, no Sul, muita felicidade, não pareceria real. Mas Luce havia ficado impressionada com a rapidez com que Dawn se recuperava depois daquele dia no iate. O otimismo de Dawn parecia não conhecer limites. Até agora, era difícil para Luce estar em torno da menina sem rir. E foi especialmente difícil quando Dawn foi focando seu elogio feminino, o posto de alguém tão fria como Shelby.

As coisas entre Luce e Shelby ainda estavam um pouco estranhas. Ela sabia, Shelby sabia, mesmo o Buda em seu quarto parecia saber. A verdade era que Luce gostava de ver Shelby lutando por sua vida enquanto Dawn feliz a atacava.

Shelby era uma contante e paciente lutadora. Onde técnica Dawn era vistosa e atraente, seus membros girando em um tango virtual através da plataforma, Shelby era cuidadoso com suas investidas, quase como se ela só tivesse tempo para reagir. Ela manteve os joelhos dobrados e nunca desistia de nada.

No entanto, ela disse que tinha desistido de Daniel depois de uma noite. Foi rápida em dizer que foi por causa dos sentimentos de Daniel de Luce, que eles interferiram em tudo. Mas Luce não acreditava nela. Alguma

coisa estava estranha sobre a confissão de Shelby, algo que não condiz com a reação de Daniel para Luce, quando tinha quase o interposto na noite anterior. Ele agiu como se não tivesse nada para contar.

Um estrondo quebrou e Luce voltou a prestar atenção.

Do outro lado da plataforma, Miles, de alguma forma caiu de costas. Roland pairava sobre ele. Literalmente. Ele estava voando.

Suas enormes asas tinham desfraldado dos ombros de Roland e eram tão grandes como uma grande capa de penas como uma águia, mas com um grau de marmoreio douradas tecidas através de suas asas escuras. Ele deve ter tido as mesmas ranhuras cortadas em sua roupa de esgrima que Daniel tinha na sua t-shirt. Luce nunca tinha visto as asas de Roland antes, e como os outros Nephilins, ela não conseguia parar de olhar. Shelby havia dito que muito poucos Nephilins tinham asas, e nenhum deles estava em Shoreline. Vendo as asas de Roland sair em uma batalha, mesmo em uma prática de espada, enviou uma onda de excitação nervosa através da multidão.

As asas comandaram tanta atenção, que levou Luce um instante para perceber que a ponta da espada de Roland pairava um pouco mais do peito de Miles, prendendo-o ao chão. A roupa de esgrima branca e brilhante de Roland e as asas douradas cortaram uma silhueta recortada contra a escuridão, as árvores exuberantes que faziam fronteira com o baralho.

Com sua máscara de malha preta puxado para baixo, Roland parecia ainda mais intimidante, mais ameaçador do que ela tivesse sido capaz de ver em seu rosto. Ela esperava que a sua expressão fosse divertido, porque ele realmente teve Miles em situação de vulnerabilidade. Luce saltou aos seus pés para ir com ele, surpresa ao constatar seus joelhos tremendo.

"OhmeuDeusMiles!" Dawn gritou do outro lado da plataforma, esquecendo sua própria batalha apenas o tempo suficiente para Shelby entrar com um chicote-over, toque no peito blindado de Dawn, e marcar o ponto para ganhar.

"Não é a forma mais desportiva para ganhar", disse Shelby, guardando sua espada. "Mas às vezes isso é do jeito que é."

Luce se apressou através do resto de Nephilins que não estavam envolvidos em duelos para Roland e Miles. Ambos estavam ofegantes. Até

então Roland tinha se estabelecido para o chão, e as asas retraídas dentro de seu pele. Miles parecia bem, era Luce, que não conseguia parar de tremer.

"Você me pegou." Miles riu nervosamente, afastando a ponta da espada. "Não vi a sua arma secreta vindo."

"Desculpe, cara," Roland disse sinceramente. "Não tinha intenção de libertar minhas asas sobre você. Às vezes, isso só acontece quando eu estou indo."

"Bom, bom jogo. Até então, de qualquer maneira." Miles levantou a mão direita para ser ajudado no chão. "Eles dizem 'bom jogo' na esgrima?"

"Não, ninguém diz isso." Roland trocou sua máscara com uma mão e, sorrindo, deixou cair a espada a partir de seus outros. Ele segurou a mão de Miles e puxou para cima em uma jogada rápida. "Bom jogo mesmo."

Luce soltou a respiração. É claro que Roland não iria realmente prejudicar Miles. Roland foi excêntrico e imprevisível, mas ele não era perigoso, mesmo se ele estando do lado de Cam, como na outra noite no cemitério da Sword & Cross cemitério. Mas não havia razão para temê-lo. Por que ela tinha ficado tão nervosa? Por que não poderia fazer seu coração parar de bater tão forte?

Então, ela entendeu o porquê. Foi por causa de Miles. Porque ele era o amigo mais próximo que ela tinha na Shoreline. Tudo que ela sabia era que, recentemente, cada vez que ela estava perto de Miles, a fazia pensar em Daniel, em como um monte de coisas entre eles estavam numa espécie de arrastar. E como, às vezes, às escondidas, ela desejou que Daniel pudesse ser um pouco mais como Miles. Alegre e descontraído, atencioso e naturalmente doce. Menos apanhado em coisas como estar condenado desde o início dos tempos.

Um flash de branco correu por Luce passando em linha reta aos braços de Miles. Dawn. Ela saltou sobre Miles, de olhos fechados e sua boca em um sorriso enorme. "Você está vivo!"

"Vivo?" Miles a colocou de volta em seus pés. "Mal o vento passou por mim. Boa coisa você nunca vir a assistir a um dos meus jogos de futebol."

Em pé atrás de Dawn, observando enquanto acariciava Miles onde a espada tinha estado em seu colete branco, Luce sentiu-se estranhamente

embaraçada. Não era como se ela quisesse estar acariciando Miles, certo? Ela só queria... Ela não sabia o que queria.

"Quer isto?" Roland apareceu ao lado dela, entregando-lhe a máscara que ele estava usando. "Você é a próxima, não é?"

"Eu? Não." Ela balançou a cabeça. "Não é o sino tocando?"

Roland balançou a cabeça. "Boa tentativa. Apenas isso, e ninguém vai saber que você nunca fez esgrima antes."

"Eu duvido ". Os dedos de Luce na tela de malha fina. "Roland, eu tenho que te perguntar"

"Não, eu não ia correr com Miles. Por que todo mundo ficou tão assustado?"

"Eu sei disso...." Ela tentou sorrir. "É sobre o Daniel."

"Luce, você sabe as regras."

"Regras de quê?"

"Eu posso ter um monte de coisas, mas eu não posso chegar a Daniel por você. Você só vai ter que esperar."

"Espere, Roland. Eu sei que ele não pode estar aqui agora. Mas que regras? O que você está falando?"

Ele apontou para trás. Francesca estava acenando para Luce com um dedo. Os outros Nephilins tinha todos tomados os assentos nos bancos, com exceção de alguns alunos que pareciam que estavam se preparando para lutar. Jasmine e uma menina coreana alta chamada Sylvia, meninos magros cujos nomes Luce nunca poderia manter corretos, e Lilith, sozinha, examinando a ponta de borracha sem corte de sua espada com um cuidado escrutínio.

"Luce?" Disse Francesca em voz baixa. Ela fez sinal para o espaço no deck em frente de Lilith.

"Tome o seu lugar."

"Prova de fogo." Roland assobiou, dando tapinhas nas costas de Luce. "Não mostre medo."

Havia apenas cinco outros alunos em pé no meio do deck, mas para Luce, ele sentiu como se houvesse uma centena.

Francesca estava com os braços cruzados sobre o peito casualmente. Seu rosto estava sereno, mas para Luce isso parecia uma serenidade forçada. Talvez sua intenção fosse fazer Luce perder no mais brutal e vergonhoso jogo possível. Por que mais ela pediria para Luce lutar contra Lilith, que era mais alta que Luce, pelo menos, um pé, e cujo cabelo vermelho ardente saía de trás de sua máscara como a juba de um leão?

"Eu nunca fiz isso", disse Luce sem jeito.

"Está tudo bem, Luce, você não precisa ser hábil ainda", disse Francesca. "Estamos tentando avaliar sua capacidade. Basta lembrar que Steven e eu mostramos no início da sessão e você vai fazer muito bem."

Lilith riu e chicoteado o ponto de sua espada de em Z. ampla "A marca do zero, perdedora", disse ela.

"Demonstrando o número de amigos que você tem?" Luce perguntou. Ela lembrou que Roland tinha dito sobre a não mostrar medo. Ela deslizou para baixo da máscara sobre seu rosto, pegou sua espada de Francesca. Luce nem sequer sabia como segurar isso. Ela se atrapalhou com o punho, perguntando se era para por em sua mão direita ou esquerda. Ela escrevia com a mão direita, rolou e golpeou com a mão esquerda.

Lilith já estava olhando para ela como se ela desejasse que Luce estivesse morta, e Luce sabia que não podia pagar o tempo para testar o seu swing em ambas as mãos. Eles o chamam de swing na esgrima?

Sem palavras, Francesca foi para trás dela. Ela estava com os ombros para trás de Luce, praticamente dobrou seu corpo estreito em torno de Luce e elevando a mão esquerda de Luce, e da espada, na dela.

"Eu sou canhota também", disse ela.

Luce abriu a boca, sem saber se devia ou não protestar.

"Assim como você". Francesca inclinou-se em torno dela e deu a Luce um olhar compreensivo. Como ela reposicionou suas garras, algo

quente e reconfortante tremendamente fluía através dos dedos de Francesca em Luce. Força, coragem, ou talvez Luce não entendesse como funcionava, mas era grata.

"Você vai querer pegar leve", disse Francesca, dirigindo os dedos de Luce ao redor do cabo sob a guarda. "Pegar com muita força o seu sentido da lâmina torna-se menos ágil, seus movimentos defensivos mais limitados. Pegue levemente, que a lâmina pode ser girado para fora de suas mãos."

Seus lisos e finos dedos, guiaram Luce para segurar o cabo curvo de punho da espada sob a guarda. Com uma mão sobre a espada e a outra no ombro de Luce, Francesca levemente deu um galope um passo para o lado, bloqueando a passagem.

"Avançar." Mudou-se para a frente, enfiando a espada na direção de Lilith.

A garota ruiva passou a língua nos dentes e olhou para Luce com se ela tivesse alguma síndrome.

"Solte". Francesca moveu Luce para trás como se fosse uma peça de xadrez. Ela se afastou e circulou para enfrentar Luce, sussurrando: "O resto é apenas enfeitar Lily".

Luce ingeriu. Enfeitar o quê?

"En garde!" Lilith praticamente gritou. As longas pernas estavam dobradas, e seu braço direito estava segurando a espada em linha reta em Luce.

Luce recuou dois passos rápidos e, então, quando ela sentiu a uma distância segura o suficiente, se lançou a frente com a espada estendida.

Lilith cruzou com habilidade para a esquerda da espada de Luce, virou-se, em seguida, voltou a partir de baixo com ela, colidindo contra Luce. As duas lâminas deslizaram uma contra a outro até que chegaram a um ponto médio, e então pararam. Luce teve que colocar todas as suas forças na espada parada de Lilith com a pressão do seus próprios. Seus braços tremiam, mas ela ficou surpreso ao descobrir que ela poderia segurar Lilith de volta nesta posição. Lilith rompeu e recuou. Luce assistiu seu mergulho e girar algumas vezes e começou a figurar fora dela.

Lilith era barulhenta, fazendo toneladas de ruídos cheios de esforço. Foi um pouco de desorientação. Ela fazia um barulho enorme e finta em uma direção, então o chicote ao ponto de sua espada em torno de um grande, apertado arco tentar arranjar uma bracha na defesa de Luce.

Então Luce tentou a mesma jogada. Quando ela virou a ponta de sua espada de volta ao redor para começar seu primeiro ponto, ao sul do centro de Lilith, a moça soltou um rugido ensurdecedor.

Luce estremeceu e se afastou. Ela não achava que ela sequer tocou em Lilith. "Você ok? ", ela gritou, prestes a levantar a máscara.

"Ela não está ferida", Francesca respondeu por Lilith. Um sorriso separou seus lábios. "Ela está com raiva que você está agredindo-a"

Luce não teve tempo de perguntar o que significava que Francesca de repente parecia estar se divertindo, porque Lilith estava indo em direção a ela, mais uma vez, a espada pronta. Luce ergueu a espada para apresentar a Lilith, girando seu punho se chocando três vezes antes delas desembaraçarem.

O pulso de Luce estava forte e ela se sentiu bem. Sentiu uma energia fluindo através dela que não tinha sentido há muito tempo. Ela era realmente boa nisso, quase tão boa como Lilith, que parecia ter sido criada para espetar as pessoas com coisas afiadas. Luce, que nunca tinha sequer pego em uma espada, percebia que ela realmente tinha uma chance de ganhar. Apenas mais um ponto.

Ela podia ouvir os outros alunos aplaudindo, alguns até mesmo chamando o seu nome. Ela podia ouvir Miles, e ela pensou que podia ouvir Shelby, o que realmente a motivou a continuar. Mas o som de suas vozes foram tecidos por meio de outra coisa. Algo de estática e muito alto. Ela e Lilith lutaram tão ferozmente como nunca, mas de repente Luce estava tendo muita dificuldade de concentração. Ela recuou e piscou, olhando para o céu. O sol estava encoberto pelas árvores pendendo elas, mas isso não era tudo. A crescente frota de sombras se estendendo a partir dos ramos, como manchas de tinta prorrogavam a direita acima da cabeça de Luce.

Não, não agora, não em público com todo mundo olhando, e não quando ela pode custar-lhe esta partida. No entanto, ninguém ainda reparava neles, o que parecia impossível. Eles estavam fazendo tanto barulho que era impossível para Luce não fazer nada, mas cobriu suas orelhas e tentou

bloqueá-los. Ela levantou a mãos aos seus ouvidos, que fez sua ponta da espada para o céu, confundindo Lilith.

"Não deixe que ela te apavore, Luce. Ela é tóxica!" Dawn gorjeou do banco.

"Use o prise de fer!" Shelby gritou. "Lilith é uma droga no prise de fer. Correção: Lilith é uma merda em tudo, mas sobretudo o prise de fer".

Tantas vozes, mais, ao que parece, do que havia pessoas no convés. Luce estremeceu, tentando bloquear tudo. Mas uma voz separou da multidão, como se estivesse sussurrando em seu ouvido a partir de apenas atrás da cabeça. Steven:

"Tela fora o deck, Luce. Encontre a mensagem."

Ela balançou sua cabeça ao redor, mas ele estava do outro lado do convés, olhando para as árvores. Estaria ele falando com outro Nephilim? Todo o ruído e vibração que eles estavam fazendo? Ela olhou seus rostos, mas eles não estavam falando mesmo. Então quem foi? Por um breve momento, ela pegou olhos de Steven, e ele ergueu o queixo em direção ao céu. Como se ele estivesse apontando para as sombras.

Nas árvores acima de sua cabeça. Os anunciadores falavam.

E ela podia ouvi-los. Se eles tivessem falado o tempo todo?

Latim, russo, japonês. Inglês com um sotaque sulista. Francês errado. Sussurros, cantos, mau direções, linhas de rimar versos. E um grito horripilante por ajuda. Ela balançou a cabeça, ainda segurando a espada de Lilith na baía, e as vozes acima dela ainda com ela. Ela olhou para Steven, em seguida, Francesca. Eles não mostraram nenhum sinal, mas ela sabia que eles ouviram. E ela sabia que eles sabiam que ela estava ouvindo também.

Para a mensagem por trás do barulho.

Toda a vida que ela tinha ouvido o mesmo barulho quando as sombras vieram, era feio, o ruído molhado. Mas agora era diferente....

Clash.

A espada de Lilith colidiu com Luce. A menina estava bufando como um touro bravo. Luce podia ouvir sua própria respiração dentro da

máscara, ofegante, enquanto tentava segurar a espada de Lilith. Então, ela podia ouvir muito mais entre todas as vozes. De repente, ela poderia incidir sobre eles. Encontrar o equilíbrio só quis dizer separar a estática do material significativo. Mas como?

Il faut faire le coup double. Après ça, c'est facile a gagner, um dos Anunciadores sussurrou em Francês.

Luce tinha apenas dois anos do ensino médio francês para continuar, mas as palavras a tocou em algum lugar mais profundo do que seu cérebro. Não era apenas a cabeça de sua compreensão da mensagem. De alguma forma sabia que era seu corpo também. Ele infiltrou-se dela, até ao osso, e lembrou-se: Ela estava em um lugar como esse antes, em uma luta de esgrimas como esta, um impasse como este.

O locutor estava recomendando a cruz dupla, um movimento de esgrima complicada em que dois ataques separados vieram um após o outro. Sua espada deslizou seu adversário e os dois romperam. Um pouco mais cedo do que Lilith, Luce saltou para a frente em um movimento limpo, intuitivo, empurrando a ponta da espada para direita, depois à esquerda, em seguida, rente à lateral da costela de Lilith. Os Nephilins aplaudiram, mas Luce não parou. Ela desengatou, em seguida, veio direto de volta uma segunda vez, mergulhando a ponta da espada para o preenchimento perto das víceras de Lilith.

Isso era três.

Lilith tracejou sua espada para o convés, arrancou sua máscara, e deu Luce uma terrível careta antes de tornar rapidamente para o vestiário. O resto da turma estava em seus pés, e Luce podia sentir que seus colegas que a rodeavam. Dawn e Jasmine abraçaram de ambos os lados, dando pouco delicados apertões. Shelby veio para a frente ao lado de cinco meninas altas, e Luce podia ver Miles esperando pacientemente atrás dela. Quando era a vez dele, ele a surpreendeu, mergulhando-a fora do deck e em um longo, e apertado abraço.

Ela o abraçou de volta, lembrando quão estranho que sentira antes, quando ela tinha ido até ele depois sua luta, apenas para descobrir que Dawn tinha ido primeiro. Agora ela estava muito feliz por tê-lo, contente de seu apoio fácil e honesto.

"Eu quero ter lições de esgrima com você", disse ele, rindo.

Em seus braços, Luce olhou para o céu, as sombras dos ramos longos. Sua voz estava mais branda do que antes, menos distinta, mas ainda mais clara do que já tinha sido antes, como uma estática de rádio que ela tinha estado a ouvir há anos e que havia sido finalmente sintonizada. Ela não poderia dizer se ela estava grata ou com medo.

Capítulo 11

Oito Dias

"Espere um pouco." A voz de Callie explodiu através da linha. "Permita-me me beliscar para ter certeza que eu não estou"

"Você não está sonhando", disse Luce em seu telefone celular emprestado. A recepção era ruim de sua posição na borda da floresta, mas o sarcasmo Callie veio alto e claro. "Sou eu realmente. Me desculpe, eu tenho sido uma amiga tão porcaria."

Era quinta-feira após o jantar e Luce se encostou ao tronco robusto de uma árvore de pau-brasil atrás de seu dormitório. À sua esquerda estava uma colida que dava em um precipício e, além disso, o oceano. Havia ainda uma luz âmbar pequena no céu sobre a água. Seus novos amigos estariam todos no refeitório fazendo s'mores*, contando histórias de demônios em torno da lareira. Era um evento social de Dawn e Jasmine, parte das Noites Nephilins e supostamente Luce tinha ajudado a organizar, mas tudo o que ela realmente tinha feito era ter pedido alguns sacos de marshmallow e chocolate escuro no refeitório.

*Espécie de sanduíche feito com marshmallow, chocolate e bolachas.

E então ela escapou à margem sombria da floresta para evitar todos em Shoreline e reconectar-se com algumas outras coisas importantes: Seus pais. Callie. E os Anunciadores.

Ela esperou até hoje para ligar para casa. Era quintas-feira significava que sua mãe estaria jogando mahjongg com os vizinhos e seu pai teria ido ao cinema local assistir ao Atlanta Opera em transmissão direta. Ela podia lidar com as suas vozes de dez anos atrás na secretária eletrônica, poderia deixar um correio de voz e trinta segundos dizendo que ela estava pedindo para o Sr. Cole a deixá-la fora do campus de Ação de Graças, que ela amava muito, mas que seria muito difícil.

Callie não ia deixá-la escapar tão fácil.

"Eu pensei que você poderia ligar apenas às quartas-feiras", Callie estava dizendo agora. Luce havia esquecido a política rigorosa de telefone em Sword & Cross. "No começo eu parei de fazer planos às quartas-feiras, à espera de sua chamada" Callie continuou. "Mas depois de um tempo, eu meio que desisti. Como você conseguiu um telefone celular, afinal?"

"Só isso?" Luce perguntou. "Como eu consegui um telefone celular? Você não está brava comigo?"

Callie soltou um longo suspiro. "Você sabe, eu pensava sobre essa loucura. Eu ainda praticava essa luta toda em minha mente. Mas, então, nós duas perdíamos." Fez uma pausa. "E a coisa é, eu sinto sua falta, Luce. Então eu percebi, por que perder tempo?"

"Obrigado", sussurrou Luce, próxima às lágrimas de felicidade. "Então, o que está acontecendo com você?"

"Unh-unh. Eu sou responsável por esta conversa. Esse é o seu castigo por cair fora do meu radar. E o que eu quero saber é: O que está acontecendo com esse cara? Eu acho que seu nome começava com um C?"

"Cam". Luce gemeu. Cam foi o último cara que ela disse sobre Callie? "Ele não vinha a ser ... o tipo de cara que eu achava que ele era. "Ela parou por um momento. "Eu estou vendo outra pessoa agora, e as coisas são realmente ..." Ela pensou na face brilhante de Daniel, do jeito que tinha escurecido tão rapidamente durante seu último encontro, fora de sua janela.

Então ela pensou em Miles. Quente, seguro, charmoso sem Miles-drama, que a tinha convidado para a casa de sua família no dia de Ação de Graças. Quem pediu pickles em seu hambúrguer na bagunça do refeitório agora, mesmo ele não gostando deles - só pediu para poder dar-lhes a Luce. Quem inclinava a cabeça para cima quando ria para que ela pudesse ver o brilho em seus olhos sombreados pelo seu boné-Dodgers.

"As coisas estão bem", ela disse finalmente. "Temos andado muito."

"Ooh, saltitando de um menino de escola reformatória para um próximo. Viver o sonho, não é? Mas este parece ser sério, eu posso ouvi-lo em sua voz. Vocês vão passar Ação de Graças juntos? Trazê-lo para casa e enfrentar a ira de Harry? Hah! "

"Hum ... sim, provavelmente", resmungou Luce. Ela não estava totalmente certa se estava falando sobre Daniel ou Miles.

"Meus pais estão insistindo em alguma reunião de família grande, em Detroit, neste fim de semana", disse Callie "que estou boicotando. Eu queria ir te visitar, mas eu achei que você estaria trancada em reformville." Ela fez uma pausa, e Luce podia imaginá-la enrolada em sua cama no seu quarto do dormitório em Dover. Parecia uma vida anterior desde que Luce tinha estado na escola, ela mesma. Então, muito tinha mudado. "Se você vai estar em casa, porém, e trazendo um menino do reformatório, e tente me parar."

"Ok, mas Callie"

Luce foi interrompida por um grito. "Então está combinado? Imagine: Em uma semana vamos estar enroladas no seu sofá! Vou fazer a minha pipoca famosa para nos ajudar a assistir aqueles slides chatos que seu pai vai mostrar. E o seu poodle louco ficará enlouquecido.... "

Luce nunca tinha ido à casa de Callie, na Filadélfia, e Callie nunca tinha realmente ido para a casa de Luce, na Geórgia. Elas só tinham só visto imagens. A visita de Callie soou tão perfeita, exatamente o que Luce necessitava neste momento. Ela também parecia totalmente impossível.

"Vou procurar voos agora."

"Callie"

"Eu vou lhe enviar e-mail, ok?" Callie desligou antes que Luce conseguisse responder.

Isso não era bom. Luce fechou o telefone. Ela não deveria ter sentido como se Callie estivesse se intrometendo e se convidando para o dia de Ação de Graças. Ela deveria ter se sentido muito bem por sua amiga ainda querer vê-la. Mas tudo o que ela sentia era impotência, saudades de casa, e culpa por perpetuar esse ciclo estúpido de mentiras.

Seria mesmo possível ser apenas normal e mais feliz? Seja na terra ou fora dela, Luce poderia ser tão contente com sua vida como alguém como Miles parecia estar? Sua mente continuava circulando em torno de Daniel. E ela tinha a resposta: A única maneira dela estar despreocupada novamente seria nunca ter conhecido Daniel. Nunca ter conhecido o verdadeiro amor.

Alguma coisa balançou no topo das árvores. Um vento gelado assaltou sua pele. Ela não tinha se concentrado no Anunciador especificamente, mas ela percebeu, como Steven tinha dito a ela que seu desejo por respostas deve ter convocado um.

Não, nem um sequer.

Ela estremeceu, olhando para o emaranhado de galhos. Centenas de sombras camufladas, turvas e com mau cheiro.

Eles fluíam bem nos ramos de sequóias altas sobre sua cabeça. Como se alguém nas nuvens, tivesse derrubado um pote gigante de tinta preta que havia se espalhado por todo o céu e escorria pela copa das árvores, sangrando de um ramo para o outro até que a floresta estava em uma lavagem sólida de escuridão. De primeiro era quase impossível dizer onde uma sombra terminava e começava outra, se a sombra era real ou se era um Anunciador.

Mas logo elas começaram a se transformar e tornar-se óbvias, maliciosamente num primeiro momento, como se estivessem em movimento inocentemente à luz desaparecendo do dia, mas depois, mais ousadamente. Elas apertavam-se livres dos ramos que tinham vindo a ocupar, arrancando seus tentáculos de escuridão para baixo, para baixo, perto da cabeça de Luce. Acenando ou ameaçando-a? Ela acalmou-se, mas não conseguiu recuperar o fôlego. Não eram muitas. Eram demais. Ela ofegou para o ar, tentando não entrar em pânico, sabendo que era já demasiado tarde.

Ela correu.

Ela começou ao sul, em direção ao dormitório. Mas o abismo negro rodopiando no topo das árvores apenas mudou com ela, sibilando ao longo dos ramos mais baixos das sequóias, se aproximando. Ela sentiu as alfinetadas geladas de seu toque em seus ombros. Ela gritou quando elas a agarrou, golpeando-as com suas mãos.

Ela mudou de rumo, girou em torno de si mesma na direção oposta, em direção ao alojamento para Nephilins ao norte. Ela iria encontrar Milhas ou Shelby até mesmo Francesca. Mas os Anunciadores não a deixava ir. Imediatamente, eles deslizavam à sua frente, inchando na sua frente, engolindo a luz e bloqueando o caminho para o refeitório. Seu assobio

abafou os murmúrios distantes da fogueira Nephilim, faziam os amigos de Luce parecerem incrivelmente distantes.

Luce obrigou a parar e respirar fundo. Ela sabia mais sobre os Anunciadores do que ela nunca soube antes. Ela deveria ter menos medo delas. Qual era o seu problema? Talvez ela soubesse que estava se aproximando de algo, alguma memória ou informação que possam alterar o curso da sua vida. E seu relacionamento com Daniel. A verdade era que ela não estava aterrorizada com os Anunciantes. Ela estava com medo do que ela poderia ver dentro deles.

Ou ouvir.

Ontem, a menção de Steven sobre a afinação dos ruídos do Anunciantes finalmente funcionou, ela pode ouvir dentro em suas vidas passadas. Ela podia cortar a estática e se concentrar no que ela queria saber. O que ela precisava saber. Steven deve ter lhe dado esta pista, deve ter sabido o que ela ouvia e levou-a direto para novos conhecimentos dos Anunciadores.

Ela se virou e voltou para a solidão escura das árvores. O ruído do som dos Anunciadores aquietou e liquidou.

A escuridão sob os ramos encobriu seu frio e o cheiro da decomposição de folhas de turfa. No crepúsculo, os Anunciadores rastejaram para a frente, fixando-se na penumbra ao redor dela, camuflando-se novamente entre as sombras naturais. Algumas delas foram de forma rápida e dura, como soldados; outras tinham uma graça ágil. Luce queria saber se as suas aparições refletiam alguma coisa sobre o conteúdo das mensagens.

Tanta coisa sobre os Anunciadores ainda parecia impenetrável. Ajusta-los não era intuitivo, como em um rádio antigo. O que ela ouviu ontem era uma voz entre o tumulto de vozes, tinha chegado a ela por acaso.

O passado pode ter sido incompreensível para ela antes, mas ela podia sentir isso pressionando-se contra as superfícies escuras, esperando para entrar a luz. Ela fechou os olhos e colocou as mãos. Lá, na escuridão, o coração batendo forte, ela quis sair. Ela chamou os mais frios, os mais obscuros, pedindo a eles para entregar seu passado, para iluminar sua história e de Daniel. Chamou eles para resolver o mistério de quem ela era e por que ele a tinha escolhido.

Mesmo que a verdade partisse seu coração.

Um rico, feminino riso ecoou na floresta. Um riso tão claro e cheio, era como se estivesse em torno de Luce, saltando dos galhos das árvores. Ela tentou rastrear sua origem, mas haviam tantas sombras reunidas que Luce não sabia como localizar a fonte. E então ela sentiu seu sangue esfriar.

O riso era dela.

Ou já tinha sido dela, quando ela era criança. Antes de Daniel, antes de Sword & Cross, antes de Trevor ... antes de uma vida cheia de segredos e mentiras e tantas questões sem respostas. Antes que ela tinha visto um anjo. Era um riso muito inocente, muito despreocupado que já perteceu a ela.

Uma lufada de vento rodou na parte de cima ramos, e um galho de pau-brasil marrom rompeu e caiu no chão. Eles tamborilavam como pingos de chuva em que se juntavam a milhares de antecessores no chão da floresta. Entre eles estava uma fronda grande.

Grossa, totalmente intacta, arrastada lentamente, de alguma forma fora da força da gravidade. Era negra, em vez de marrom. E em vez de cair no chão, ela derivou levemente na palma da mão de Luce que estava estendida.

Não era uma fronda, mas um Anunciador. Como ela se inclinou para examinar mais de perto, ouviu o riso novamente. Em algum lugar lá dentro, a outra Luce estava rindo.

Delicadamente, Luce deu um puxão nas bordas espinhosas do Anunciador. Era mais flexível do que ela esperava, mas frio como gelo e de mau gosto contra os dedos. Ele ficou maior no mais leve toque. Quando ele tinha crescido para cerca de um metro quadrado, Luce soltou de suas mãos e ficou contente ao vê-lo passar ao nível dos olhos à sua frente. Ela fez um esforço especial para se concentrar na audição, em sintonia com o mundo ao seu redor.

Nada em primeiro lugar e, em seguida-,

Mais uma risada aumento de dentro para fora da sombra. Então o véu de escuridão ralado e uma imagem interior se tornou mais clara.

Desta vez, Daniel foi o primeiro a entrar em modo de exibição.

Mesmo através da tela do Anunciador, era o paraíso para vê-lo. Seu cabelo estava um par de centímetros mais comprido que ele usava agora. E ele estava bronzeado - os ombros e da ponte de seu nariz estava um tanto marrom dourado. Ele usava sunga guarnição da Marinha, confortavelmente em torno de seus quadris, o tipo que tinha visto em fotos de família a partir dos anos setenta. Ele os fazia parecer tão bom.

Atrás de Daniel estava a borda verdejante de uma espessa floresta, densa, de um verde luxuriante, mas brilhante com bagas e as flores brancas que Luce nunca tinha visto antes. Ele estava na margem de um precipício curto, mas dramático, que olhava para uma piscina de água espumante. Daniel, porém, olhava para cima, em direção ao céu.

A risada novamente. E então a voz da própria Luce, dividida por risadinhas. "Apreste-se e desça aqui!"

Luce se inclinou para frente, mais perto da janela do Anunciador, e a viu na água com um biquíni amarelo na parte superior. Seus longos cabelos dançavam ao redor dela, flutuando na superfície da água como uma auréola preta profunda. Daniel ficou de olho nela, mas também ainda estava olhando para cima. Os músculos em seu peito estavam tensos. Luce tinha um mau pressentimento e que ela já sabia o porquê.

O céu estava enchendo de Anunciadores, como um bando de corvos negros enormes, uma nuvem tão espessa que bloqueou o sol. Luce estava há muito tempo na água, nada viu, não notou nada. Mas vendo todos os Anunciadores reunindo-se no ar úmido da floresta tropical, em uma imagem feita por um Anunciador, Luce teve sentiu uma súbita vertigem na floresta.

"Você me faz esperar para sempre", Luce estava há muito tempo chamado de Daniel. "Muito em breve eu vou congelar".

Daniel tirou os olhos longe do céu, olhando para ela com uma expressão arrazado. Seus lábios estavam tremendo e seu rosto estava branco como um fantasma. "Você não vai congelar", disse ela. Eram as lágrimas que Daniel estava enxugando? Ele fechou os olhos e estremeceu. Então, com as mãos em arco sobre a cabeça, jogou-se para fora da pedra e mergulhou.

Daniel ceio à tona um momento posterior, e Luce nadou na direção dele. Ela colocou os braços em volta do pescoço, o rosto brilhante e

feliz. Luce assistiu todo o jogo com uma mistura de doença e satisfação. Ela queria que ser seu antigo eu para ter o máximo de Daniel que ela pudesse, sentir a proximidade, inocente êxtase de estar com a pessoa que amava.

Mas ela sabia que, assim como Daniel sabia, como o enxame de Anunciadores sabiam exatamente o que iria acontecer assim que esta Luce apertasse os lábios ao dele. Daniel estava certo: ela não ia congelar. Ela estava indo para queimar em uma explosão terrível de chamas.

E Daniel seria deixado para lamentar sua partida.

Mas ele não era o único. Esta menina teve uma vida, amigos e uma família que a amava, que iriam ficar devastados quando a perdessem.

De repente, Luce estava enfurecida. Furiosa com a maldição que havia pairado sobre ela e Daniel. Ela tinha sido inocente, impotente, ela não entendia nada sobre o que ia acontecer. Ela ainda não entendia por que isso aconteceu, porque ela sempre tinha que morrer tão rapidamente depois de encontrar Daniel.

Por que isso não tinha acontecido com ela ainda nesta vida.

A Luce na água ainda estava viva. Luce não podia deixá-la morrer.

Ela agarrou o locutor, ondulando suas arestas em seus punhos. Ele torcia e dobrava, contorcendo as imagens dos nadadores como um espelho de parque de diversões pode. Dentro de sua tela, outras sombras estavam descendo. Os nadadores foram correndo contra o tempo.

Na frustração, Luce gritou e balançou os punhos no anunciador, depois o outro, a chuva soprava sobre a cena à sua frente. Ela bateu para fora uma outra vez, ofegante e chorando enquanto ela tentava o seu melhor para parar o que estava acontecendo a transpirar.

Então aconteceu: Seu punho direito o quebrou e seu braço afundou em até o cotovelo. Imediatamente, ela sentiu o choque de uma mudança de temperatura. O calor de um sol de verão se espalhando pela palma da mão. A gravidade deslocada. Luce não podia dizer que caminho era para cima ou para baixo. Ela sentiu seu estômago e recuando temia que ela fosse vomitar.

Ela poderia passar. Ela poderia salvá-la. Timidamente, ela esticou o braço esquerdo para a frente. Ele, também, desapareceu no Anunciador,

como a passagem através de uma folha brilhante, úmida de Jell-O que ondulava e ampliava, como se pudesse deixá-la passar.

"Ela quer que eu", disse ela em voz alta. "Eu posso fazer isso. Eu posso salvá-la. Eu posso salvar a minha vida." Ela se inclinou para trás ligeiramente e então colocou seu corpo no locutor.

Havia sol, tão brilhante que teve que fechar os olhos e um calor tão tropical que um brilho de suor imediatamente estourou em sua pele. E uma cena nauseante de gravidade, inclinação e derrubada, como a altura de um mergulho. Em um momento ela estaria caindo - salvo que alguma coisa tinha seguraro o seu tornozelo esquerdo. E o seu direito. Que algo estava puxando muito Luce energicamente para trás.

"Não!" Luce gritou, porque ela podia ver agora, podia ver, lá embaixo, uma explosão de cor amarela na água. Demasiado brilhante para ser a parte de cima do seu maiô. Luce antiga já estava queimando?

Então, tudo isso desapareceu.

Luce foi arrancada de volta do Anunciador, das sequóias atrás dos dormitórios em Shoreline. Sua pele estava fria e úmida e seu equilíbrio estava uma porcaria e ela caiu de cara na terra cheia de sujeira de sequóias no chão da floresta. Ela se virou e viu duas figuras na frente dela, mas sua visão estava girando tanto que ela nem podia dizer quem eram.

"Eu pensei que eu iria te encontrar aqui."

Shelby. Luce balançou a cabeça e piscou algumas vezes. Não apenas Shelby, mas Miles também. Ambos pareciam exaustos. Luce estava esgotada. Ela olhou para o relógio, não se surpreendeu até agora para ver como o tempo passava para ela vislumbrar o Anunciador. Passava da uma hora da manhã. O que Miles e Shelby ainda estavam fazendo acordados?

"O q-quê ... o que você estava tentando ...", balbuciou Miles, apontando para o local onde o Anunciador tinha estado. Ela olhou por cima de seu ombro. Ele tinha se espalhado em centenas de agulhas sombrias, frágeis o suficiente para transformar em cinzas, onde eles desembarcaram.

"Eu acho que vou ficar doente", murmurou Luce, rolando para o lado e pontando por trás de uma árvore próxima. Ela forçou o vômito algumas vezes, mas nada apareceu. Ela fechou os olhos, atormentada pela

culpa. Ela tinha sido demasiado fraca e demasiado tarde para salvar a si mesma.

A mão fria puxou as ondas curtas loiras para trás de seu rosto. Luce viu os pés da calça de ioga preta desgastada de Shelby e sentiu uma onda de gratidão.

"Obrigado", disse ela. Após um longo momento, ela limpou a boca e ficou instável a seus pés. Vocês estão bravos comigo?"

"Como brava? Eu estou orgulhosa de você. Você entendeu isto. Por que você ainda precisa gostar de alguém como eu afinal?" Shelby deu de ombros no ombro de Luce.

"Shelby"

"Não, eu vou te dizer porque você precisa de mim", desabafou Shelby. "Para mantê-la fora de catástrofes como a que você quase se jogou a si mesma! Quer queira quer não, eu posso acrescentar. O que você estava tentando fazer? Você sabe o que acontece com as pessoas que vão para dentro dos Anunciadores?"

Luce balançou a cabeça.

"Nem eu, mas eu duvido que seja bonito!"

"Você apenas tem que saber o que você está fazendo", disse Miles, de repente atrás deles. Seu rosto parecia mais pálido do que o normal. Luce realmente deve ter abalado ele.

"Ah, e eu presumo que você saiba o que você está fazendo?" Shelby desafiou.

"Não", ele murmurou. "Mas num verão meus pais me fizeram tomar uma aula com este anjo de idade que sabia, ok?" Ele se virou para Luce. "E o jeito que você estava fazendo? Não foi nem perto. Você realmente me assustou, Luce."

"Sinto muito". Luce estremeceu. Shelby e Miles estavam agindo como se ela tivesse os traído vindo aqui sozinha. "Eu pensei que vocês estavam indo para a fogueira atrás da pousada".

"Nós pensamos que você indo," Shelby disparou de volta. "Nós estávamos ali por um tempo, mas depois Jasmine começou a chorar sobre como Dawn tinha desaparecido, e os professores todos estranhos, especialmente quando eles perceberam que você também estava perdida, então tipo a festa terminou. Então eu mencionei casualmente com Miles que eu tinha uma ideia do que você poderia estar até que eu saí fora para encontrá-la e de repente ele virou o Sr. Super Bonder"

"Espere um minuto", Luce interrompeu "Dawn desapareceu?"

"Provavelmente não", Miles ofereceu. "Quero dizer, você sabe como ela e Jasmine. Elas são apenas levianas."

"Mas era a sua festa", disse Luce. "Ela não perderia sua própria festa."

"Isso foi o que Jasmine continuou dizendo," Miles respondeu. "Ela não veio para o quarto a noite passada, e não estava na confusão desta manhã, assim, finalmente, Frankie e Steven instruíram todos nós para voltar aos dormitórios, mas "

"Vinte dólares como Dawn está com algum enebado não Neph nos bosques ao redor aqui ". Shelby revirou os olhos.

"Não." Luce teve um mau pressentimento sobre isso. Dawn estava tão animada sobre a fogueira. Ela encomendou uma linha de T-shirts, embora não houve nenhuma maneira no mundo de que ela seria capaz de convencer qualquer um dos estudantes Nephilins a usá-las. Ela não iria simplesmente desaparecer, não por vontade própria. "Quanto tempo ela está sumida?"

Quando os três saíram do bosque, Luce estava ainda mais abalada. E não apenas sobre Dawn. Ela estava abalada com o que ela tinha visto no Anunciador. Assistindo perto da morte a tinha deixado em agonia, e essa foi a primeira vez que ela tinha visto. Daniel, pelo outro lado, teve de vê-lo centenas de vezes. Só que agora ela poderia entender por que ele tinha sido tão frio com ela quando eles se encontraram pela primeira vez: para salvá-la de tanto trauma que seria passar por mais uma morte horrível. A realidade da situação de Daniel começou a dominá-la, e ela estava desesperada para vê-lo.

Atravessando o gramado para o dormitório, Luce tinha a sombra de seus olhos. potentes lanternas estavam varrendo sobre o campus. Um

helicóptero estava a distância, o seu holofote traçado da costa, varrendo frente e para trás ao longo da praia. Uma ampla linha de homens em uniformes escuros andou no caminho onde os Nephilins se apresentavam para o refeitório, lentamente, a digitalização do terreno.

Miles disse: "Isso é padrão para a formação de grupos de busca. Forme uma linha e não deixe nenhuma polegada de terreno descoberto."

"Oh Deus," Luce disse baixinho.

"Ela realmente está faltando". Shelby estremeceu. "Não é bom karma".

Luce invadiu uma corrida em direção ao refeitório Nephilim. Miles e Shelby seguiram. O caminho, adornado com flores e tão bonito durante o dia, agora parecia coberto de sombra. À frente deles, a fogueira na cova tinha se desvanecido a brasas, mas todas as luzes estavam acesas no refeitório, no interior de cada das duas histórias, e por todo o convés. O edifício-frame Um grande estava em chamas e parecia formidável na noite escura.

Luce podia ver os rostos assustados de um monte de estudantes Nephilins que estavam sentados nos bancos em torno da plataforma. Jasmine estava chorando, o seu boné vermelho da malha puxado para baixo em sua cabeça. Ela estava segurando mão dura de Lilith para apoio de dois policiais com os cadernos corriam através do refeitório com um monte de perguntas.

O coração de Luce saiu com a garota. Ela sabia como horrível o processo poderia ser.

Os policiais cercaram o convés, passando para fora explodido fotos em preto-e-branco de uma recente fotografia de Dawn que alguém tinha impresso pela Internet. Olhando para baixo na baixa resolução da imagem, Luce ficou surpresa ao ver o quanto ela se parecia com Dawn, pelo menos, antes ela ter tingido os seus cabelos. Ela se lembrou de falar pela manhã depois que ela fez isso, como Dawn tinha brincado sobre a aparência delas.

Luce cobriu o suspiro com a mão. Sua cabeça doía quando ela começava a somar tantas coisas que não fazia sentido. Até agora.

O momento terrível no bote salva-vidas. Steven dando uma dura advertência sobre manter isso em segredo. A paranóia de Daniel sobre "os perigos" que ele nunca explicou a Luce. Os Renegados que tinham a atraído para fora do campus, a ameaça que Cam havia destruído na floresta. A maneira como Dawn parecia tanto com ela na fotografia em preto-e-branco.

Quem pegou Dawn tinha sido enganado. Era Luce que eles queriam.

Capítulo 12

Sete Dias

Sexta de manhã, os olhos de Luce piscou aberto e caiu sobre o relógio. Sete e meia da manhã. Ela tinha apenas começado o sono, ela estava uma bagunça, muito preocupada com Dawn e ainda zangada com a vida passada que ela presenciou no dia anterior, através do Anunciador. Era tão estranho ter visto os momentos que antecederam a sua morte. Será que todos eles tinham sido assim? Sua mente continuava correndo contra o mesmo obstáculo uma e outra vez:

Se não tivesse sido por Daniel ...

Será que ela teria uma chance de uma vida normal, um relacionamento com alguém, casar, ter filhos e envelhecer como o resto do mundo? Se ele tivesse sido por Daniel se apaixonar por ela há séculos, Dawn estaria desaparecida agora?

Estas questões eram todas os desvios, que eventualmente correria de volta para o mais importante: Será que o amor seria diferente com outra pessoa? Era mesmo possível amar outro alguém? Supostamente o amor era para ser fácil, não era? Então, por que ela se sentia tão atormentada?

Shelby balançou a cabeça para baixo do beliche superior, seu rabo de cavalo loiro grosso caindo atrás dela como uma corda pesada. "Você está tão assustada com tudo isso quanto eu estou?"

Luce afagou a cama para Shelby correr para baixo e sentar-se ao lado dela. Ainda com seu espesso pijama de flanela vermelha, Shelby deslizou sobre a cama de Luce, trazendo duas barras gigantes de chocolate ao leite com ela.

Luce ia dizer que não podia comer, mas como o cheiro do chocolate flutuava em seu nariz, ela puxou o papel alumínio de bronze e Shelby deu um sorriso tímido.

"Bate o ponto", disse Shelby. "Você sabe que a coisa que eu disse ontem à noite sobre Dawn estar fazendo com algum ensebado? Eu me sinto realmente mal por isso."

Luce balançou a cabeça. "Oh, Shel, você não sabia. Você não pode se sentir mal por isso." Ela, por outro lado, tinha muitos motivos para se sentir mal sobre o que havia acontecido com Dawn. Luce havia passado tanto tempo já se sentindo responsável pela morte de pessoas próximas dela, Trevor, em seguida, Todd, em seguida, a pobre Penn. Sua garganta fechou-se com a ideia de adicionar Dawn à lista. Ela enxugou uma lágrima silenciosa embora antes que Shelby pudesse ver. Foi chegando a um ponto em que ela ia ter que ficar em quarentena, para ficar longe de todos que amava para que eles pudessem estar seguros.

Uma batida em sua porta fez Luce e Shelby pular. A porta se abriu lentamente. Miles.

"Eles encontraram Dawn".

"O quê?" Luce e Shelby perguntaram, sentando-se em uníssono.

Miles arrastou a cadeira Luce da mesa para a cama e sentou de frente para as meninas. Ele pegou seu boné e enxugou a testa. Estava frisado com suor, como se ele viesse correndo pelo campus para lhes dizer.

"Eu não consegui dormir na noite passada", disse ele, voltando o boné em suas mãos. "Eu estava de madrugada, andando por aí. Eu corri para Steven e ele me contou as boas novas. As pessoas que a levou a trouxe de volta ao nascer do sol. Ela está abalada, mas ela não se machucou."

"Isso é um milagre", Shelby murmurou.

Para Luce era mais duvidoso. "Eu não entendo. Eles só a trouxeram de volta? Ilesa? Quando uma coisa dessas acontece?"

E quanto tempo tinha levado para que eles percebessem que tinham a garota errada?

"Não foi tão simples assim", admitiu Miles. "Steven estava envolvido. Ele a resgatou."

"De quem?" Luce praticamente gritou.

Miles deu de ombros, balançou para trás sobre as duas pernas da cadeira. "Sei lá. Com certeza Steven sabe, mas, uh, eu não sei se sou exatamente a sua primeira escolha para uma conversa de travesseiro".

A ideia apitou em Shelby. Que Dawn tinha sido encontrada, sem ferimentos, pareceu relaxar todos, exceto Luce. O corpo dela estava crescendo dormente. Ela não conseguia parar de pensar: Deveria ter sido eu.

Ela saiu da cama e pegou uma camiseta e jeans do armário. Ela tinha que encontrar Dawn. Dawn era a única pessoa que poderia responder a suas perguntas. E mesmo que Dawn nunca fosse entender, Luce sabia que ela lhe devia um pedido de desculpas.

"Steven disse que as pessoas que a levou não voltará mais", adicionou Miles, observando Luce preocupada.

"E você acredita nele?" Luce zombou.

"Por que não?" Perguntou uma voz da porta aberta.

Francesca estava encostada em um trench coat cáqui. Ela estava radiantemente calma, mas ela não parecia exatamente feliz em vê-los. "Dawn está em casa agora e ela está segura."

"Eu quero vê-la", disse Luce, sentindo-se ridícula lá em pé com a camiseta esfarrapada e shorts que ela dormia.

Francesca franziu os lábios. "A família de Dawn a pegou uma hora atrás. Ela vai voltar para Shoreline quando for a hora certa."

"Por que você está agindo como se nada tivesse acontecido?" Luce levantou os braços. "Como se Dawn não tivesse sido sequestrada"

"Ela não foi seqüestrada," Francesca corrigiu. "Ela foi emprestada, e isso acabou por ser um erro. Steven lidou com isso."

"Hum, isso deveria nos fazer sentir melhor? Ela foi emprestada? Para quê?" Luce procurou nas características Francesca e não viu nada, mas apenas a calma sensata. Mas então algo nos olhos azuis de Francesca mudou: eles se estreitaram, então, ampliaram, e um apelo silencioso passou de Francesca para Luce. Francesca não queria que Luce mostrasse o que ela

suspeitava na frente de Miles e Shelby. Luce não sabia porquê, mas ela confiou em Francesca.

"Steven e eu esperamos que o resto de vocês estarão muito agitados," Francesca continuou, ampliando seu olhar para incluir Miles e Shelby. "As aulas serão canceladas, e estaremos em nossos escritórios se quiserem nos encontrar e conversar." Ela sorriu daquela maneira deslumbrante angelical dela, virou-se em seu salto alto e clicou pelo corredor.

Shelby se levantou e fechou a porta atrás de Francesca. "Você acredita que ela usou o termo 'emprestada' para se referir a um ser humano? Dawn é um livro da biblioteca?" Ela enrolou com as mãos para cima. "Temos que fazer alguma coisa por nossas mentes fora disso. Quer dizer, eu estou contente que Dawn esteja segura e eu confio em Steven, eu acho, mas eu estou ainda bem assustada."

"Você está certa", disse Luce, olhando por cima para Miles. "Nós vamos nos distrair. Nós poderíamos ir para um passeio"

"É muito perigoso." Olhos de Shelby arremessou de um lado para o outro.

"Ou assistir a um filme"

"Muito calmo. Minha mente deriva."

"Eddie disse algo sobre um jogo de futebol durante o almoço", Miles jogou para fora.

Shelby fechou a mão sobre a testa. "É preciso lembrar que eu não sou um dos meninos de Shoreline?"

"Que tal um jogo de tabuleiro"

Finalmente Shelby olhos se iluminaram. "Como sobre o jogo da vida? Como em ... suas vidas passadas? Nós poderíamos fazer aquela coisa para rastrear seus familiares novamente. Eu poderia ajudá-lo."

Luce mastigou o lábio inferior. Pensando que ontem o Anunciador tinha seriamente abalada suas estruturas. Ela ainda estava desorientada fisicamente, emocionalmente esgotada, e nem sequer começou a contemplar o modo como a tinha feito sentir-se sobre Daniel.

"Eu não sei", disse ela.

"Você quer dizer, mais do que você estava fazendo ontem?" Miles perguntou.

Shelby dobrou a cabeça e olhou para Miles. "Você ainda está aqui?"

Miles pegou um travesseiro que tinha caído no chão e o lançou para ela. Ela golpeou novamente para ele, parecendo impressionada com o seu próprio reflexo.

"Ok, tudo bem. Miles pode ficar. Mascotes são sempre úteis. E nós podemos precisar de alguém para jogar ao abrigo de um ônibus. Certo, Luce?"

Luce fechou os olhos. Sim, ela estava morrendo de vontade de saber mais sobre seu passado, mas o que seria tão difícil engolir como tinha sido no dia anterior? Mesmo com Miles e Shelby ao lado dela, ela estava com medo de tentar novamente.

Mas então lembrou-se do dia e Francesca Steven tinha vislumbrado a Sodoma e Gomorra com o Anunciador na frente da classe. Depois, os outros alunos tinham cambaleados, mas Luce ficou pensando que se eles tinham ou não vislumbrado aquela cena horrível não importava, no mínimo: Deveria ainda ter acontecido. Assim como o seu passado.

Pelo amor de todos os seus eus anteriores, Luce não podia voltar agora. "Vamos fazer isso", ela disse a seus amigos.

Miles deu as meninas alguns minutos para se vestir, novamente no corredor. Mas, então, Shelby se recusou a sair para a floresta onde Luce tinha convocado o Anunciador.

"Não olhe para mim assim. Dawn foi apanhada, e as florestas são escuras e assustadoras. Eu realmente não quero ser a próxima, né?"

Foi quando Miles insistiu que seria bom para Luce tentar praticar a convocação dos Anunciadores em algo novo, como o dormitório. "Só apite e traga-os correndo", disse ele. "Faça dos Anunciadores suas vadias. Você sabe, você quer."

"Eu não quero que eles comecem a se espreitar por aqui, pois," Shelby disse, virando-se para Luce. "Sem ofensa, mas uma garota gosta de sua privacidade."

Luce não se ofendeu. Mas não era como os Anunciadores realmente parassem de segui-la, independentemente de quando ela os chamassem. Ela não queria que as sombras passassem pelo quarto do dormitório sem aviso prévio mais do que Shelby queria.

"A única coisa com que os Anunciadores demonstram controle. É como o treinamento de um novo cachorro. Você só tem que deixar ele saiba quem é que manda."

Lúcia ergueu a cabeça para Miles. "Desde quando você sabe tanta coisa útil sobre os Anunciadores?"

Miles corou. "Eu posso não me aplicar em sala de aula, mas eu sou capaz de algumas coisas."

"E daí? Ela apenas está lá e chama?" Shelby perguntou.

Luce estava na esteira arco-íris de yoga de Shelby no centro do quarto e pensou sobre como Steven tinha treinado ela. "Vamos abrir uma janela", disse ela.

Shelby pulou para levantar o caixilho da janela ampla, deixando entrar um sopro de ar fresco do mar frio.

"Boa ideia. Tornar mais receptivo."

"E o frio", disse Miles, puxando para cima o capuz de seu moletom.

Então os dois se sentaram na cama de frente para Luce, como se fosse uma atriz no palco.

Ela fechou os olhos, tentando não se sentir no local. Mas ao invés de pensar nas sombras, ao invés de convocá-las em sua mente, tudo que ela conseguia pensar era em Dawn e em como ela deveria ter ficado aterrorizada na noite anterior, como ela deve estar se sentindo até agora, de volta com sua família. Ela saltou para trás após o incidente bizarro no iate, mas este foi muito mais grave. E a culpa era de Luce.

Bem, de Luce e Daniel, por trazê-la aqui.

Ele continuou dizendo que estava levando-a para um lugar mais seguro. Agora Luce queria saber se tudo o que ele estava realmente fazendo estava tornando Shoreline perigoso para todo mundo.

Um suspiro de Miles fez Luce abrir os olhos. Ela aparecia um pouco acima da janela, onde um grande Anunciador cinza-carvão estava pressionado contra o teto. No início parecia que poderia ser uma sombra normal, lançada pelo chão da lâmpada que Shelby mudou para o canto, quando ela fez o Vinyasa. Mas em seguida, o anunciadorr começou a se espalhar através do teto até que o quarto parecia como se tivesse sido revestido de tinta mortal, deixando um rastro frio, fétido sobre a cabeça de Luce. Fora de seu alcance.

O Anunciador que ela sequer tinha convocado,- o Anunciador, que poderia conter, bem, qualquer coisa - estava provocando ela.

Ela inalou nervosamente, lembrando o que Miles tinha dito sobre controle. Ela se concentrou tão ferozmente que seu cérebro começou a doer. Seu rosto estava vermelho e os olhos dela estavam tensos ao ponto onde ela ia ter que desistir. Mas então:

O Anunciador estava minado, deslizando até os pés de Luce como um parafuso de tecido espesso descartado. Vesga, ela discerniu um menor, uma sombra mais gorda marrom que pairava sobre a maior, mais escura, seguindo seus movimentos, quase o caminho que um pardal poderia voar em estreita conformidade com um falcão. O que seria isso?

"Inacreditável", Miles sussurrou. Luce tentou deixar as palavras de Miles afundar como um elogio. Essas coisas que a aterrorizaram por toda sua vida, que a fez infeliz? Que ela sempre tinha temido? Agora, eles lhe serviram. O que realmente era incrível. Não havia ocorrido a ela até que tinha visto a intriga no rosto de Miles. Pela primeira vez, sentiu-se muito foda.

Ela controlou a sua respiração e teve o seu tempo pegando-a do chão com suas mãos. Uma vez que o Anunciador grande e cinza estava ao alcance, o menor derramado no chão como um dobre de ouro pela luz da janela, misturada com as pranchas de madeira.

Luce pegou as bordas do Anunciador e prendeu a respiração, rezando para que a mensagem no interior fosse mais inocente do que a de

ontem. Ela puxou, surpresa ao sentir essa sombra dar-lhe mais resistência do que qualquer das outras tinham. Parecia tão pura e sem substância, mas se sentiu forte em suas mãos. Por um tempo ela moldou-a em uma janela sobre um quadrado de pé, seus braços estavam doendo.

"Isto é o melhor que posso fazer", disse a Miles e Shelby. Eles levantaram-se e se aproximaram.

O véu cinzento no Anunciador levantou, ou Luce pensou que tinha, mas, em seguida, outro véu cinza estava por baixo. Ela apertou os olhos até que viu a textura cinza turvo e movendo-se, percebendo que não era mais a sombra que ela estava vendo: O véu cinzento que estavam olhando era uma espessa nuvem de fumaça de cigarro. Shelby tossiu.

A fumaça nunca saiu, mas os olhos de Luce se acostumaram a ela, logo ela podia ver uma ampla mesa estilo meia-lua com um feltro vermelho em cima. Um jogo de cartas estava disposto em fileiras por toda a sua superfície. Uma fileira de estranhos estavam sentados amontoados em um dos lados. Alguns pareciam apreensivos e nervosos, como um homem calvo que mantinha sua gravata de bolinhas frouxa e assobiava baixinho. Outros pareciam exaustos, como uma mulher com laquê no cabelo apagando um cigarro em um copo cheio de alguma coisa. Sua máscara pegajosa estava esfarelando em seus cílios superiores, deixando um bocado de grãos pretos embaixo dos olhos.

E sobre a mesa, um par de mãos estava voando através de um baralho de cartas, movendo uma carta de cada vez de maneira esperta para cada pessoa na mesa. Luce aproximou-se um pouco mais de Miles para que ela pudesse ter uma visão melhor. Ela estava distraída pelas luzes de neon piscando de mil máquinas de caça-níqueis um pouco além das mesas. Isso foi antes de ela ver o jogador que dava as cartas.

Ela pensou que iria se acostumar a ver versões de si mesma nos Anunciadores. Jovem, esperançosa, sempre ingênua. Mas esta era diferente. A mulher distribuindo cartas no cassino decadente usava uma camisa branca de Oxford, calças pretas justas e um colete preto que inchava o peito. Suas unhas eram longas e vermelhas, com lantejoulas brilhantes em ambos dedos mínimos, e constantemente usá-los para tirar os cabelos negros de seu rosto. Seu foco ficava pouco acima dos fios de cabelo dos jogadores, então ela nunca olhava alguém nos olhos. Ela era três vezes mais velha que Luce, mas ainda havia algo entre elas.

"É você?" Miles sussurrou, tentando não parecer horrorizado.

"Não!" Shelby disse categoricamente. "Ela é velha. E Luce vive apenas até completar dezessete". Ela deu a Luce um olhar nervoso. "Quero dizer, no passado, era assim. Desta vez, porém, eu tenho certeza que ela vai viver até uma idade madura. Talvez tão velha quanto esta senhora. Eu quero dizer"

"Chega, Shelby," disse Luce.

Miles balançou a cabeça. "Eu tenho tanta coisa ainda para aprender."

"Ok, se não sou eu, nós temos de estar...eu não sei, de alguma forma relacionada a mim." Luce viu quando a mulher sacou fichas para o homem calvo com a gravata. Suas mãos pareciam meio como as de Luce. A sua maneira como a boca ficava era igualmente séria. "Vocês acham que é minha mãe? Ou a minha irmã?"

Shelby estava rabiscando notas furiosamente no verso da capa de um manual de yoga."Só uma maneira de descobrir" Ela passou suas anotações para Luce: Las Vegas: Mirage Hotel e Casino, turno da noite, mesa estacionadas perto do show do tigre de bengala, Vera com o Lee imprenso sobre as unhas.

Ela olhou de volta para o jogador que deu as cartas. Shelby era persistente em detalhes que Luce nunca havia notado. A etiqueta de identificação da moça que deu as cartas estava escrito o nome VERA em letras garrafais brancas. Mas a imagem estava começando a balançar e desvanecer-se. Logo toda a imagem se desfez em pedaços pequenos de sombra que caíram no chão e se enroscaram como cinzas de papel queimado.

"Mas espere, isso não é o passado?" Luce perguntou.

"Não, acho que não", disse Shelby. "Ou, pelo menos, não está muito longe no passado. Havia um anúncio para o novo Cirque du Soleil no fundo. Então o que você diz?"

Ir todo o caminho até Las Vegas para encontrar essa mulher? Uma irmã de meia-idade, provavelmente, seria mais fácil de abordar do que os pais nos seus oitenta anos, mas mesmo assim. E se eles fossem por todo o caminho até Las Vegas e Luce travasse de novo?

Shelby cutucou ela. "Ei, eu devo realmente gostar de você, se eu estou concordando em ir para Las Vegas. Minha mãe foi uma garçonete lá por uns anos, quando eu era criança. Eu estou lhe dizendo, é o inferno na terra".

"Como vamos chegar lá?" Luce perguntou, não querendo pedir a Shelby pra ela pegar o carro do ex-namorado emprestado novamente. "O quão longe é Las Vegas, afinal?"

"Muito longe para ir dirigindo." Miles falou. "O que é bom para mim porque eu tenho vontade de praticar a percorrida".

"Percorrida?" Luce perguntou.

"Percorrida." Miles se ajoelhou no chão e juntou os fragmentos da sombra em suas mãos. Pareciam quase cansado, mas Miles manteve-se amassando-os com os dedos até eles formarem uma bola solta, desarrumada. "Eu disse que não consegui dormir na noite passada. Eu meio que invadi o escritório de Steven pelo vão da janela."

"Sim, certo." Shelby empacou. "Você foi reprovado em levitação. Você definitivamente não é bom o suficiente para flutuar até o vão da janela."

"E você não é forte o suficiente para arrastar a estante até lá", disse Miles. "Mas eu sou, e eu tenho que mostrar isso", ele sorriu, segurando um livro preto e grosso intitulado 'Como Trabalhar com os Anunciadores: Convoque, Vislumbre, e Viaje em Dez Mil Passos Fáceis'. "Eu também tenho um hematoma enorme na minha canela por causa da saída mal planejada pelo vão da janela, mas mesmo assim..." Ele virou-se para Luce, que estava se segurando para não arrancar o livro de suas mãos. "Eu estava pensando, com seu talento evidente para vislumbrar, e meu conhecimento superior"

Shelby bufou. "O que você leu, três por cento do livro?"

"Três por cento muito útil", disse Miles. "Eu acho que poderíamos ser capazes de fazer isso. E não acabar perdidos para sempre."

Shelby inclinou a cabeça com desconfiança, mas não disse mais nada. Miles manteve-se amassando o Anunciador na palma da mão, então começou a esticá-lo. Após um minuto ou dois, ele tinha crescido o que parecia uma folha de cor cinza quase do tamanho de uma porta. Suas bordas

estavam vacilantes e eram quase transparentes, mas quando ele a empurrou para longe de seu corpo um pouco, ela parecia ter tomado uma forma mais firme, como um molde de gesso após secar. Miles chegou para o lado esquerdo do retângulo escuro, tocando ao redor de sua superfície, em busca de alguma coisa.

"Isso é estranho", ele murmurou, guarnecendo o Anunciador com os dedos. "O livro diz que se você fizer a área do Anunciador suficientemente grande, a tensão superficial reduz a uma proporção que permite a penetração."

Ele suspirou. "Isso era para estar..."

"Ótimo livro, Miles. Shelby revirou os olhos. "Você é um especialista de verdade agora."

"O que você está procurando?" Luce perguntou, ficando bem atrás de Miles. De repente, observando a mão dele vaguear, ela o viu.

Uma tranca.

Ela piscou os olhos e a imagem desapareceu, mas ela sabia onde estava. Ela chegou perto de Miles e pressionou sua própria mão contra o lado esquerdo do Anunciador. Ali. O toque daquilo nos seus dedos a fez ofegar.

Parecia uma tranca de metal pesado com um parafuso e ferrolho usado para bloquear uma porta de jardim. Estava congelando, e áspero com uma ferrugem invisível.

"E agora?" Shelby disse.

Ela olhou para seus dois amigos muito confusos, encolheu os ombros, mexendo na fechadura, depois, lentamente, deslizou a trinca invisível para o lado. Com a fechadura liberada, uma porta de sombra balançou, quase jogando os três para trás.

"Nós fizemos isso", sussurrou Shelby.

Eles estavam olhando para um longo e profundo túnel, vermelho e preto. Era úmido por dentro e cheirava a mofo e coquetéis aguados feitos com cachaça. Luce e Shelby entreolharam-se incertas. Onde estava a mesa de Black Jack? Onde estava a mulher que estavam olhando antes?

Uma luz vermelha pulsou de dentro e, em seguida Luce podia ouvir máquinas de caça-níqueis tinindo , moedas tilintando nas cestas de pagamento com estrépito.

"Legal!" Miles disse, agarrando a mão dela. "Eu li sobre essa parte, é uma fase de transição. Nós apenas temos que continuar."

Luce alcançou a mão de Shelby, agarrando-a firmemente quando Miles entrou na escuridão úmida e puxou os três completamente para dentro.

Eles andaram apenas um meio metro para a frente, longe o suficiente para alcançar a verdadeira porta do dormitório de Luce e Shelby. Mas logo que a porta do Anunciador cinzento nublado selou-se atrás deles com um pfffffft profundamente irritante, o quarto delas em Shoreline tinha desaparecido. O que tinha sido um aveludado e profundo vermelho brilhante de longe de repente se tornou um branco intenso. A luz branca apontava para frente, envolvendo-os, enchendo os ouvidos com som. Todos os três deles tiveram que proteger seus olhos. Miles prosseguiu, puxando Luce e Shelby atrás dele. Caso contrário, Luce poderia ter ficado paralisada. Ambas as palmas das mãos dela estavam suando dentro das mãos de seus amigos. Ela estava ouvindo um único acorde de música alta e perfeitamente sonoro.

Luce esfregou os olhos, mas era a cortina de neblina do Anunciador que estava obscurecendo a visão. Miles estendeu a mão e suavemente esfregou-a com um movimento circular, até que ela começou a descascar, como uma velha lasca de tinta descascando de um teto. E em cada floco de queda, explosões de ar do deserto árido golpeavam a frieza tenebrosa, aquecendo a pele de Luce. Enquanto o Anunciador caía em pedaços a seus pés, a vista diante deles de repente fez sentido: Eles estavam olhando para o Las Vegas Strip. Luce tinha apenas visto em fotos, mas agora ela tinha a ponta da Torre Eiffel do Hotel Paris Las Vegas ao nível dos olhos à distância.

O que significava que eles estavam muito, muito alto. Ela ousou um olhar para baixo: eles estavam parados no lado de fora de um telhado em algum lugar, com a beirada apenas um meio metro além de seus dedos. E além disso, a intensidade do trafico de Las Vegas, os topos de uma linha de palmeiras, uma piscina elaboradamente iluminada. Tudo, pelo menos, à uns trinta andares abaixo.

Shelby largou a mão de Luce e começou a andar nos limites do teto de cimento castanho. Três idênticas e longas alas retangulares prorrogavam-se a partir de um ponto central. Luce deu uma volta completa, assimilando trezentos e sessenta graus de luzes de néon brilhantes, e além da Strip, uma série de montanhas áridas à distancia, iluminada estranhamente pela poluição luminosa da cidade.

"Porra, Miles", disse Shelby, pulando sobre as clarabóias para explorar mais do telhado. "Essa percorrida foi incrível. Estou quase atraída por você agora. Quase".

Miles enfiou as mãos nos bolsos. "Hum ... obrigado?"

"Onde estamos exatamente?" Luce perguntou. A diferença entre o seu tombo solo do Anunciador e esta experiência era como noite e dia. Isso foi muito mais civilizado. Não fez ninguém querer vomitar. Além disso, tinha efetivamente funcionado. Pelo menos, ela pensou que tinha. "O que aconteceu com a visão que tínhamos antes?"

"Eu tive que diminuir o zoom, disse Miles. "Achei que ficaria estranho se nós três saíssemos de uma nuvem no meio do assoalho do cassino."

"Só um pouquinho", disse Shelby, puxando uma porta trancada. "Alguma ideia brilhante sobre como descer daqui?"

Luce fez uma careta. O Anunciador estava tremendo em frangalhos aos pés deles. Ela não podia imaginar se ainda tinha força para aguentá-los agora. Não longe deste telhado e sem caminho de volta para Shoreline.

"Não se preocupe! Eu sou um gênio", Shelby chamou do outro lado do telhado. Ela estava debruçada sobre uma das clarabóias, lutando com um cadeado. Com um gemido, ela o forçou a abrir, então levantou um painel de vidro com dobradiças. Ela enfiou a cabeça dentro, apontando para Luce e Miles se juntar a ela.

Cautelosamente, Luce olhou para baixo, através da clarabóia aberta em uma casa de banho, grande e opulenta. Havia quatro boxes de tamanhos generosos de um lado, uma linha de pias de mármore levantadas diante de um espelho dourado no outro. Um sofá roxo de pelúcia estava montado em frente de uma penteadeira e uma única mulher ali sentada, olhando para o espelho. Luce só podia ver a parte superior de seu cabelo

preto bouffant, mas seu reflexo mostrou uma cara muito maquiada, uma espessa franja, e uma mão feita de manicure francesa reaplicando uma camada desnecessária de batom vermelho.

"Tão logo a Cleópatra terminar com aquele batom, vamos descer sorrateiramente até o chão," Shelby sussurrou.

Abaixo deles, Cleópatra levantou-se da penteadeira. Ela apertou os lábios e limpou uma mancha vermelha perdida em seus dentes. Então ela marchou em direção à porta.

"Deixe-me ver se entendi", disse Miles. "Você quer que eu desça “sorrateiramente” até o banheiro feminino?"

Luce deu uma olhada mais ao redor do telhado desolado. Havia realmente apenas uma maneira de entrar "Se alguém vê-lo, basta fingir que você entrou na porta errada".

"Ou que vocês dois estavam dando uns amassos em um dos boxes", acrescentou Shelby. "O quê foi ? É Las Vegas."

"Vamos embora." Miles estava corando quando ele desceu os pés primeiro através da janela. Estendeu os braços lentamente, até que seus pés pairaram apenas sobre o alto tampo de mármore da penteadeira.

"Ajude Luce a descer," Shelby chamou.

Miles se moveu para travar a porta do banheiro, em seguida, levantou os braços para pegar Luce. Ela tentou imitar a sua técnica suave, mas seus braços estavam fracos quando ela desceu da clarabóia. Ela não podia ver muito abaixo dela, mas sentiu o forte aperto de Miles em volta da cintura, mais cedo do que ela imaginava.

"Você pode largar", disse ele, e quando o fez, ele a desceu graciosamente até o chão. Seus dedos espalhados em suas costelas, apenas onde a camiseta preta estava afastada de sua pele. Seus braços estavam ainda ao seu redor, quando seus pés tocaram o piso. Ela estava prestes a lhe agradecer, mas quando ela olhou para seus olhos, ela ficou com a língua presa.

Ela afrouxou o aperto das mãos dele muito rapidamente, murmurando desculpas por ter tropeçado nos pés dele. Ambos inclinaram-

se contra a penteadeira, nervosamente evitando o contato visual, olhando fixamente para a parede.

Isso não deveria ter acontecido. Miles era apenas seu amigo.

"Olá! Alguém vai me ajudar?" Os pés com meias de Shelby estavam balançando pendurados no teto solar, chutando impaciente. Miles passou debaixo da janela e agarrou-a pelo cinto, a baixando pela cintura. Ele soltou Shelby muito mais rápido, Luce notou, do que ele tinha soltado ela.

Shelby saltou para o chão de azulejos de ouro e destrancou a porta. "Vamos lá, vocês dois, o que estão esperando?"

Do outro lado da porta, garçonetes glamurosamente maquiadas com vestidos pretos se movimentavam em saltos altos e paetês, com bandejas de coqueteleiras equilibradas na curvatura de seus braços. Homens em caros ternos pretos amontoados em torno das mesas de Black Jack, onde gritavam como adolescentes cada vez que uma rodada começava. Não havia nenhuma máquina de caça-níqueis tilintando e batendo em seus loops infinitos aqui. Isso era silencioso, e exclusivo, e infinitamente excitante, mas não era nada parecido com a cena que tinham visto no Anunciador.

A garçonete aproximou-se deles. "Posso ajudar?" Ela baixou a bandeja de aço inoxidável para analisá-los.

"Ooh, caviar", disse Shelby, pegando três canapés e entregando um aos outros. "Vocês estão pensando no que eu estou pensando?"

Luce assentiu. "Nós estávamos indo para o andar debaixo."

Quando o elevador abriu as portas para o átrio luminoso e brilhante do cassino, Luce teve que ser empurrada para fora por Miles. Ela poderia dizer que eles tinham finalmente chegado ao lugar certo. As garçonetes de coquetéis eram mais velhas, cansadas, mostrando muito menos carne. Elas não deslizavam pelo tapete laranja manchado, eles batiam com força. E os fregueses pareciam muito mais como os que tinham visto se aglomerando nas mesas no vislumbre: excesso de peso, classe média, meia-idade, tristes, autômatos de carteira vazia. Tudo que eles tinham que fazer agora era encontrar Vera.

Shelby manobrou-os através de um labirinto abarrotado de máquinas caça-níqueis, passando por pessoas imbecis nas mesas de roleta gritando com a bola pequena girando na roda, passando por grandes mesas

quadradas de jogos em que as pessoas sopravam no dado e jogavam-nos e depois comemoravam o resultado, até uma fileira de mesas oferecendo poker e estranhos jogos com nomes como Pai Gow, até que chegaram a um aglomerado de mesas de Black Jack.

A maioria dos fregueses eram homens. Altos, curvados, os homens de cabelos oleosos, com óculos cinza e bigode, um homem vestindo uma máscara cirúrgica no rosto. Shelby não se demorou olhando para qualquer um deles, e ela estava certa em não fazer: Lá, no canto de trás do cassino, estava Vera.

Seu cabelo negro estava penteado em um coque torto. Seu rosto pálido parecia magro e flácido. Luce não sentiu o o jorro emocional que sentiu quando olhou para os pais de sua vida anterior, no Monte Shasta.

Mas, novamente, ela ainda não sabia o que Vera era para ela, além de ser uma mulher cansada de meia-idade, segurando um baralho de cartas para que uma mulher ruiva semi-adormecida cortasse. Descuidada, a ruiva cortou o baralho no meio e, depois, as mãos de Vera começaram a voar.

Outras mesas no cassino estavam superlotadas, mas a ruiva e o marido diminuto eram as únicas duas pessoas na mesa de Vera. Ainda assim, ela colocou as cartas num bom show para eles, tirando as cartas com uma fácil destreza que fez o trabalho parecer sem esforço. Luce podia ver um lado elegante de Vera que ela não tinha notado antes. Um dom para o dramático.

"Então...", disse Miles, deslocando seu peso próximo a Luce. "Nós vamos ... ou ..."

As mãos de Shelby estavam de repente sobre os ombros de Luce, praticamente apertando ela contra uma das cadeiras de couro vazias na mesa.

Embora ela estivesse morrendo de vontade de olhar, Luce evitou o contato visual no começo. Ela estava nervosa que Vera pudesse reconhecê-la antes que ela sequer tivesse uma chance. Mas os olhos de Vera passaram por cada um deles com um pequeno interesse, e Luce lembrou como ela estava diferente agora com os cabelos oxigenados. Ela puxou a cadeira nervosa, não sabia o que fazer. Então Miles arremessou uma nota de vinte dólares na frente de Luce, e ela lembrou-se do jogo que ela era para estar jogando. Deslizou o dinheiro sobre a mesa.

Vera levantou uma sobrancelha feita. "Tem identidade?"

Luce balançou a cabeça. "Talvez pudéssemos apenas assistir?"

Do outro lado da mesa, a ruiva estava cochilando, com a cabeça caindo sobre o ombro duro de Shelby. Vera revirou os olhos para toda a cena e empurrou o dinheiro de Luce de volta, apontando para o cartaz de publicidade em néon do Cirque du Soleil. "O circo é naquela direção, crianças".

Luce suspirou. Eles iam ter que esperar até que Vera saísse do trabalho. E então ela provavelmente estaria ainda menos interessada em falar com eles. Sentindo-se derrotada, Luce estendeu a mão para pegar dinheiro de Miles de volta. Os dedos de Vera estavam se afastando bem no momento em que Luce recolhia o dinheiro, e as pontas dos dedos delas se tocaram. Ambas puseram as mãos na cabeça. O choque estranho momentaneamente cegou Luce. Ela segurou sua respiração. Ela olhou fundo nos olhos avelã de Vera.

E ela viu tudo:

Uma cabine de dois andares em uma cidade canadense com neve. Gelo amontado nas janelas, o vento sussurrante nas vidraças. Uma menina de dez anos, assistia à TV na sala, embalando um bebê no colo. Era Vera, pálida e bonita com jeans lavado com ácido e Doc Martens, um pulôver marinho grosso subindo até o queixo, um cobertor de lã barata amontado entre ela e o encosto do sofá. Uma tigela de pipoca na mesa de café, reduzido a um punhado de milho não estourados. Um gato laranja gordo rondando o manto, assobiando para o radiador. E Luce ... Luce era a irmã dela, a irmã bebê em seus braços.

Luce sentiu-se balançando na cadeira no cassino, querendo lembrar-se de tudo isso. Tão rapidamente, a impressão se desvaneceu, e foi substituída por outra.

Luce como uma criança correndo atrás de Vera, escada a acima, escada a abaixo, os passos largos e cansados embaixo dela batendo os pés, o peito apertado de riso sem fôlego, quando a campainha tocou e um belo rapaz de cabelo lustroso chegou para buscar Vera para um encontro, e ela parou e ajeitou a roupa e virou-se de costas e despediu-se

Num piscar de olhos depois e Luce era uma adolescente, com uma porção de cabelo preto encaracolado na altura do ombro.

Esparramada na colcha denim de Vera, o tecido grosso de alguma forma confortável, folheando diário secreto de Vera. Ele me ama, Vera tinha rabiscado de novo e de novo e de novo, com sua caligrafia ficando cada vez mais curva. E então as páginas se afastaram, o rosto irado de sua irmã se aproximando, os traços de lágrimas claras. ...

E então, novamente, uma cena diferente, Luce maior ainda, talvez dezessete. Ela se preparou para o que estava chegando.

Gelo derramando do céu como uma suave estática branca. Vera e alguns amigos patinavam sobre o lago congelado atrás de sua casa, deslizando em círculos rápidos, felizes e rindo, e na beira do gelo desgastado da lagoa, Luce se agachou, o frio infiltrando-se através de sua roupa fina, enquanto ela amarrava os patins, com pressa, como de costume, para alcançar sua irmã. E ao lado dela, um calor que ela não tinha que olhar para identificar, Daniel, que estava em silêncio, mal-humorado, seus patins já firmemente amarrados. Ela podia sentir o desejo de beijá-lo e ainda nenhuma sombra era visível. A noite e tudo sobre ela estava pontilhada de estrelas e brilhando, infinitamente claras e cheia de possibilidades.

Luce procurou por sombras, então percebeu que a sua ausência fazia sentido. Estas eram as memórias de Vera. E a neve fez tudo mais difícil de ver. Ainda assim, Daniel devia saber, como ele sabia quando ele mergulhou no lago. Ele devia ter percebido isso a cada momento. Será que alguma vez ele se importou com pessoas igual a Vera depois que Luce foi morta?

Houve um som de estouro do lado do lago em que Luce estava, como se abrindo um pára-quadras. E então: Um tiro fluorescente de fogo em brasa no meio de uma nevasca. Uma enorme coluna de chamas laranjas brilhantes atingindo o céu à beira da lagoa. Onde Luce tinha estado. Os outros patinadores correram sem sentido naquela direção, se movendo rápido pela lagoa. Mas o gelo estava derretendo, rapidamente, catastroficamente, fazendo seus patins mergulharem na água gelada lá embaixo.

Vera gritou ecoando na noite azul, seu olhar congelado de agonia era tudo que Luce podia ver.

No cassino, Vera puxou-lhe a mão para trás, sacudindo-a como se tivesse sido queimada. Seus lábios tremeram algumas vezes antes, como se

eles pudessem formar palavras: "É você". Sacudiu a cabeça. "Mas não pode ser."

"Vera", sussurrou Luce, levando a mão dela novamente até a irmã. Ela queria abraçá-la, para tirar toda a dor que já tinha sido causado a Vera e transferi-la para si mesma.

"Não." Vera balançou a cabeça, afastando-se e sacudindo um dedo para Luce. "Não, não, não." Recuou até o cara que joga as cartas, na mesa atrás dela, tropeçando em cima dele e jogando uma enorme pilha de fichas de pôquer em cascata para fora da mesa. Os discos coloridos deslizaram pelo chão, provocando uma onda de oohs e aahs de jogadores que pularam de suas cadeiras para colher-los.

"Droga, Vera!" Um homem atarracado gritou em meio ao barulho. Quando ele gingou para a mesa deles em um terno de poliéster cinza barato e um sapato preto arranhado, Luce trocou um olhar preocupado com Miles e Shelby. Três crianças menores de idade não queriam nada com o supervisor. Mas ele ainda estava censurando severamente Vera, os lábios enrolado em desgosto. "Quantas vezes..."

Vera havia encontrado seus pés novamente, mas continuou olhando, apavorada, para Luce, como se Luce fosse o diabo, em vez de sua irmã numa vida passada. Os olhos delineados de Vera estavam brancos com o terror que ela gaguejou: "Ela c c-não-pode-estar aqui."

"Cristo", o supervisor murmurou, verificando Luce e seus amigos, em seguida, falando no um walkie talkie. "Me chame a segurança. Tenho uns bandidinhos aqui".

Luce encolheu-se entre Miles e Shelby, e disse entre dentes, "Que tal uma daquelas percorridas, Miles?"

Antes que Miles pudesse responder, três homens com enormes pulsos e pescoços apareceram e se elevaram sobre eles. O supervisor acenou com as mãos. "Leve-os para o cercado. Veja que outros tipos de problemas eles estão metidos"

"Eu tenho uma ideia melhor", a voz de uma menina resmungou atrás da parede de seguranças.

Todas as cabeças chicotearam ao redor para encontrar a voz, mas apenas o rosto de Luce se iluminou. "Ariane!"

A pequena menina lançou a Luce um sorriso quando ela se esgueirou por entre a multidão. Com um calçado plataforma de cinco polegadas, o cabelo dela jogado para cima todo louco, e seus olhos quase engolidos por delineadores escuros, Ariane se encaixava perfeitamente com a clientela estranha do cassino. Ninguém parecia saber muito o que fazer com ela, menos Shelby e Miles.

O supervisor virou-se para confrontar Ariane. Ele cheirava a sapato polonês e medicamentos para a tosse. "Você precisa ser levada ao cercado, também, senhorita?"

"Ooh, parece divertido." Os olhos de Ariane se arregalaram. "Ai, eu estou sobrecarregada hoje. Eu tenho uns ingressos na fileira da frente para o Blue Man Group, e é claro que há um jantar com a Cher depois do show. Só mais uma coisa que eu sei que eu tinha que fazer..." Ela bateu em seu queixo, em seguida, olhou para Luce. "Ah sim, mande esses três caras meterem o pé daqui . Nos dê licença!" Ela soprou um beijo para o supervisor enfurecido, encolheu os ombros num pedido de desculpas para Vera, e estalou os dedos.

Então, todas as luzes se apagaram.

Capítulo 13

Seis Dias

Apressando eles através do labirinto escuro no cassino, Ariane movia-se como se tivesse visão noturna. "Fiquem calmos, vocês três", ela cantarolou. "Eu vou tirar vocês daqui num instante."

Ela segurou o pulso de Luce com força, e Luce, por sua vez segurou a mão de Miles, Miles segurou a de Shelby, enquanto ela amaldiçoava a indignidade ao ter de mencionar a saída de escape.

Ariane os guiava infalivelmente, e embora Luce não pudesse ver o que ela estava fazendo, ela podia ouvir as pessoas grunhindo e exclamando quando Ariane esbarrava neles. "Sinto muito por isso!", Ela falava. "Opa!" e "Desculpe-me!"

Ela levou-os a corredores escuros lotados de turistas ansiosos usando seus celulares como lanternas. Até as escadas escuras, abafada com o desuso e repleto de caixas de papelão vazias. Finalmente ela abriu num chute uma saída de emergência, conduzindo-os através dela à um beco estreito e escuro.

O beco estava situado entre o Mirage e um outro hotel mais alto. Uma fila de contêineres de lixo exalavam um mau cheiro de comida cara podre. Um filete de água da calha verde ácido formava um pequeno rio repugnante, dividindo a pista pela metade. Bem na frente, no meio do brilhante e barulhento néon iluminado do Strip, um relógio preto de rua à moda antiga marcou doze horas.

"Ahhh". Ariane inalou profundamente. "O início de mais um dia glorioso na Cidade do Pecado. Eu gosto de iniciá-lo com o pé direito, com um grande café da manhã. Quem está com fome?"

"Hum ... er ...", balbuciou Shelby, olhando Luce, então Ariane, então para o cassino. "O que...Como..."

Miles estava olhando fixamente para uma cicatriz brilhante e marmórea que se estendia por um lado do pescoço de Ariane. Luce estava

acostumada com Ariane até agora, mas estava claro que seus amigos não sabiam o que pensar dela.

Ariane acenou com o dedo para Miles. "Esse cara parece que pode comer waffles a vontade. Vamos lá, eu conheço um restaurante caro."

Enquanto eles cortavam o beco em direção a rua, Miles virou-se para Luce e declamou: "Isso foi incrível."

Luce assentiu. Era tudo o que ela poderia fazer para acompanhar Ariane enquanto ela corria em toda a Strip. Vera. Ela não conseguia superar isso. Todas aquelas lembranças, vislumbradas em um flash. Elas haviam sido dolorosas e surpreendentes, e ela só podia imaginar como tinha sido para Vera. Mas, para Luce, também havia sido profundamente satisfatório. Mais do que com qualquer um de seus vislumbres através dos Anunciadores, até o momento, desta vez ela sentiu como se houvesse experimentado uma de suas vidas passadas. Estranhamente, ela também tinha visto algo que ela nunca tinha pensado: suas formas anteriores tinham vidas. Vidas que haviam sido plenas e significativas antes de Daniel aparecer.

Ariane levou eles até um IHOP*, um pequeno prédio marrom de estuque que parecia tão antigo que poderia anteceder todos os prédios na Strip*. Parecia mais claustrofóbico e mais triste do que os outros IHOPs.

* rede de restaurantes nos EUA

* uma rua famosa em Las Vegas por ter cassinos

Shelby foi entrando, atravessando as portas de vidro, batendo nos sinos baratos no topo dela. Pegou um punhado de balas de menta da tigela na recepção antes de reivindicar uma cabine no canto mais lá atrás. Ariane deslizou ao lado dela, enquanto Luce e Miles ficaram no outro lado da cabine laranja com o couro rachado.

Com um assobio e um rápido gesto circular, Ariane encomendou uma rodada de café com a bela garçonete rechonchuda com um lápis preso em seu cabelo. O resto deles se focaram no menu espesso. Folhear as páginas era uma batalha contra o velho caldo de "maple syrup" colando tudo...era uma boa maneira de evitar falar sobre o problema que eles tinham acabado de escapar por pouco.

Finalmente Luce tinha que perguntar. "O que você está fazendo aqui, Ariane?"

"Fazendo um pedido de algo com um nome engraçado. Rooty Tooty, acredito eu, pois eles não têm Moons Over My Hammy aqui. Eu nunca consigo decidir."

Luce revirou os olhos. Ariane não tinha necessidade de agir tão inocentemente. Era óbvio que seu esforço de resgate não havia sido coincidência. "Você sabe o que eu quero dizer."

"Estamos em dias estranhos, Luce. Pensei em passá-los em uma cidade tão estranha quanto eles."

"Sim, bem, eles estão quase no fim. Não estão, de acordo com o cronograma da trégua?"

Ariane pousou o copo de café e apoiou o queixo na palma da mão. "Bem, aleluia. Afinal, eles estão te ensinando alguma coisa naquela escola."

"Sim e não", disse Luce. "Eu meio que ouvi Roland dizendo algo sobre como Daniel estaria contando os minutos. Ele disse que tinha algo a ver com uma trégua, mas eu não sabia exatamente de quantos minutos nós estávamos falando."

Ao lado dela, o corpo de Miles parecia ter endurecido com a menção do nome de Daniel. Quando a garçonete chegou para anotar os pedidos deles, ele gritou o dele primeiro, praticamente empurrando o menu para ela. "Bife e ovos, mal-passados."

"Oooh, másculo," Ariane disse, olhando Miles com aprovação no meio de seu "mamãe-mandou-escolher-esse-daqui" que estava fazendo em seu menu. "Vai ser esse Rooty Tooty Fresh N' Fruity." Ela enunciou tão corretamente quanto a Rainha da Inglaterra faria, mantendo uma cara extremamente séria.

"Enroladinho de salsicha para mim", disse Shelby. "Na verdade, faça uma omelete de clara de ovo, sem queijo. Ah, que inferno. Enroladinho."

A garçonete se virou para Luce. "E quanto a você, querida?"

"Breakfast Sampler" Luce sorriu pedindo desculpas em nome dos seus amigos. "Ovos mexidos, sem a carne."

A garçonete assentiu com a cabeça indo para a cozinha preenchendo o pedido.

"Ok, então o que mais você ouviu?" Ariane perguntou.

"Hum". Luce começou a brincar com a garrafa de xarope ao lado do sal e pimenta. "Havia alguns papos de, você sabe, Fim dos Tempos".

Dando risinhos, Shelby espirrou três tabletas de creme no café. "Fim dos Tempos! Você realmente caiu nessa asneira? Quero dizer, de quantos milênios estamos esperando por isso? E os seres humanos acham que foram pacientes por meros dois mil anos! Hah. Como se alguma coisa fosse mudar."

Ariane parecia estar a um segundo de insultar Shelby, mas depois ela largou o café. "Que grosseria da minha parte nem ao menos me apresentei aos seus amigos, Luce."

"Hum, nós sabemos quem você é", disse Shelby.

"Sim, havia um capítulo inteiro sobre você no meu livro de História dos Anjos da oitava série" Miles afirmou.

Ariane aplaudiu. "E eles me disseram que aquele livro tinha sido proibido!"

"Sério? Você está em um livro?" Luce riu.

"Por que tão surpresa? Você não me acha histórica?" Ariane se voltou para Shelby e Miles. "Agora, diga-me tudo sobre vocês. Eu preciso saber com quem minha garota tá passando o tempo".

"Uma desacreditada Nephilim hostil." Shelby levantou a mão.

Miles olhou para o seu alimento. "É um inútil tetra-tetra-tetra-neto de um anjo."

"Isso não é verdade." Luce esbarrou no ombro de Miles. "Ariane, você devia ter visto como ele nos ajudou a transpassar a sombra esta noite. Ele foi ótimo. É por isso que estamos aqui, porque ele leu este livro e a próxima coisa que você sabe, ele pode... "

"Sim, eu estava pensando nisso", Ariane disse sarcasticamente. "Mas o que me preocupa mais é esta aqui." Ela apontou para Shelby. A face de Ariane estava muito mais séria do que Luce estava acostumada a ver. "Até mesmo seus olhos azuis claros pareciam firmes." Não é um bom momento para ser hostil a nada agora. Tudo está em fluxo, mas haverá um acerto de contas. E você terá que escolher um lado ou outro."

Ariane encarou Shelby deliberadamente. "Nós todos temos que saber nossas posições."

Antes que alguém pudesse responder, a garçonete reapareceu, brandindo uma enorme bandeja de plástico marrom de comida.

"Bem, quanto é pelo rápido serviço?", Perguntou ela. "Agora, quem de vocês pediu o enroladinho"

"Eu!" Shelby assustou a garçonete com a rapidez que alcançou a bandeja.

"Alguém quer ketchup?"

Eles balançaram a cabeça.

"Manteiga extra"?

Luce apontou para a colher de manteiga já em sua panqueca. "Estamos bem. Obrigado."

"Se precisarmos de alguma coisa", Ariane disse, sorrindo para o rosto feliz feita de chantilly em seu prato, "Agente grita."

"Ah, eu sei que vocês irão." A garçonete riu, colocando a bandeja debaixo do braço. "Grite como se o mundo estivesse prestes a acabar, isto ouvirei".

Depois que ela saiu, Ariane foi a única que comeu. Ela arrancou um mirtilo da ponta da panqueca, e o colocou na sua boca, e lambeu os dedos com prazer. Finalmente, ela olhou ao redor da mesa.

"Cai dentro" Ariane disse. "Não há nada no bife e ovos frios." Ela suspirou. "Vamos, gente. Vocês já leram os livros de história. Você não conhecem as manobras"

"Nunca", disse Luce. "Eu não conheço nenhuma manobra."

Ariane sugou o garfo meditando. "Bem pensado. Nesse caso, permita-me apresentar a minha versão para você. A qual é mais divertida do que as dos livros de história de qualquer maneira porque eu não vou censurar as grandes lutas e maldições e todas as coisas "sexy"s. Minha versão tem tudo, mas em 3-D, que, devo dizer, é totalmente supervalorizada. Você viu aquele filme com...- " ela percebeu os olhares em branco em suas caras. "Ah, esquece. Ok, começa a milênios atrás. Agora, eu preciso falar de Satanás? "

"Travou uma precoce luta de poder contra Deus." A voz de Miles era monótona, como se estivesse repetindo um programa de aula da terceira série, enquanto ele espetava um bocado do bife com o garfo.

"Antes disso, eles eram super-intimos", acrescentou Shelby, encharcando seu enroladinho na calda. "Eu quero dizer, Deus chamava Satanás de sua estrela da manhã. Portanto, não é como se Satanás não fosse digno ou amado."

"Mas ele preferia reinar no inferno do que servir no Céu", Luce interrompeu. Ela podia não ter lido as histórias dos Nephilim, mas ela tinha lido *Paradise Lost* (um poema épico inglês). Ou pelo menos, no *CliffsNotes* (guias de estudo para estudantes americanos).

"Muito bom". Ariane sorriu, inclinando-se para Luce. "Você sabe, Gabbe foi uma grande amiga das filhas de Milton nos dias que se passaram. Ela gostava de ter o crédito sobre aquela frase, aí eu logo digo "Você já não é a queridinha das pessoas? "Mas tanto faz."

Ariane se moveu para dar uma garfada nos ovos de Luce. "Porra, estão bons. Consegue um pouco de pimenta pra gente aqui?", ela gritou para a cozinha.

"Ok, onde estávamos?"

"Satanás", disse Shelby com a boca cheia de panqueca.

"Certo. Então . Diga o que vocês querem do El Diablo Grande, mas ele é...", Ariane sacudiu a cabeça - "...um pouco responsável por introduzir a ideia de livre-arbitrio entre os anjos. Quero dizer: Ele realmente deu ao resto de nós algo para se pensar. De que lado você joga o seu peso? Dada a escolha, uma grande quantidade de anjos caíram."

"Quantos?" Miles perguntou.

"Os caídos? O suficiente para causar uma espécie de impasse". Ariane ficou pensativa por um momento, em seguida, fez uma careta e chamou a garçonete. "A pimenta! Será que existe nesse estabelecimento?"

"E os anjos que caíram, mas não tomaram parte em nenhum lado" Luce rompeu, pensando em Daniel. Ela sabia que ela estava cochichando, mas isso parecia algo muito importante para ser discutido no meio de uma lanchonete. Mesmo uma lanchonete quase vazia no meio da noite.

Ariane baixou a voz também. "Oh, há um monte de anjos que caíram, mas ainda estão tecnicamente aliados a Deus. Mas então há aqueles que se juntaram a Satanás. Nós os chamamos de demônios, mesmo que sejam apenas anjos caídos que fizeram escolhas muito ruins.

"Não é que tivesse sido fácil para ninguém. Desde da Queda, os anjos e os demônios estavam pau a pau, divididos ao meio, e etc." Ela esbajando manteiga na ponta da panqueca. "Mas tudo aquilo pode estar prestes a mudar."

Luce olhou para os seus ovos, sem conseguir comer.

"Então, hum, antes, você parecia estar sugerindo que a minha fidelidade tinha algo a ver com isso?"

Shelby parecia um pouco menos duvidosa do que ela costumava ser.

"Não é exatamente a sua." Ariane abanou a cabeça. "Eu sei que parece que todos nós estivemos pendurados na balança todo esse tempo. Mas no final, ela pesa para um anjo poderoso que escolher um lado. Quando isso acontece, a balança finalmente vai pender. É aí que importa em qual lado você está."

As palavras de Ariane lembraram quando Luce ficou trancada naquela pequena capela com a Senhorita Sophia, como ela ficava dizendo que o destino do universo tinha algo a ver com Luce e Daniel. Tinha soado meio louco naquela época, e a Senhorita Sophia era uma maluca do mal. E mesmo que Luce não estivesse exatamente certa sobre o que todo mundo estava falando, ela sabia que tinha a ver com Daniel estar de volta.

"É Daniel," ela disse suavemente. "O anjo que pode fazer pender a balança é Daniel."

Isso explicava a agonia que ele carregava o tempo todo, como uma mala de duas toneladas. Isso explicava o porque de ele ter estado longe dela por tanto tempo. A única coisa que isso não explicava era porque parecia haver alguma dúvida na mente de Ariane sobre para qual lado a balança iria pender. Sobre qual lado iria ganhar a guerra.

Ariane abriu a boca, mas ao invés de responder, ela atacou o prato de Luce novamente. "Pode conseguir pra gente a merda da pimenta?", ela gritou.

Uma sombra caiu sobre sua mesa. "Eu vou te dar algo flamejante."

Luce olhou para trás e recuou com a visão: Um menino muito alto em um longo casaco marrom desabotoado que onde Luce podia ver um clarão de prata escondido dentro de seu cinto. Ele tinha a cabeça raspada, nariz fino e reto, a boca cheia de dentes perfeitos.

E os olhos brancos. Os olhos completamente vazios de cor. Nenhuma íris, sem pupilas, nada.

Sua expressão estranha e vaga lembrava Luce da menina Renegada. Embora Luce não tenha visto aquela garota perto o suficiente para descobrir o que havia de errado com seus olhos, ela já tinha um palpite muito bom.

Shelby olhou para o rapaz, engoliu em seco, e se enfiou no café da manhã. "Nada a ver comigo", ela murmurou.

"Me poupe", Ariane disse ao menino. "Você pode colocá-lo no sanduíche de punho que estou prestes a servir a você."

Luce assistiu com os olhos arregalados quando a pequena Ariane pequena se levantou e limpou as mãos no jeans. "Volto logo, gente. Ah, e Luce, lembre-me de repreendê-la severamente por isso quando eu voltar." Antes que Luce pudesse perguntar o que esse cara tinha a ver com ela, Ariane o agarrou pela orelha, torceu com força, e bateu a cabeça dele no balcão de vidro perto do bar.

O barulho quebrou a preguiçosa tranquilidade de fim de noite da lanchonete. O cara gritou como uma criança quando Ariane torceu a orelha

de outro jeito e subiu em cima dele. Gritando de dor, ele começou a inclinar seu corpo magro para frente até que arrancou Ariane de suas costas e lançou-a contra a vitrine de vidro.

Ela rolou sobre a vitrine e parou no final, derrubando uma torta merengue de limão, em seguida, então ela ficou de pé no bar. Ela deu uma cambalhota para trás em direção a ele e agarrou-o em um mata-leão com as pernas, em seguida, começou a trabalhar batendo no rosto dele com seus punhos fechado.

"Ariane!" A garçonete gritou. "Não nas minhas tortas! Eu tentei ser tolerante! Mas eu tenho meus meios de subsistência para cuidar!"

"Ah, tudo bem!" Ariane gritou. "Nós vamos levá-lo para a cozinha." Liberou o cara, escorregou para o chão, e deu um chute na bunda dele com seu salto plataforma. Ele cambaleou cegamente em direção a porta que dava para a cozinha da lanchonete. "Venham, vocês três", ela chamou para mesa deles. "Podem muito bem aprender algo."

Miles e Shelby jogaram seus guardanapos fora, lembrando Luce da maneira como ao alunos costumavam largar tudo em Dover e sair correndo e gritando pelos corredores "Briga! Briga!" em qualquer momento que houvesse o menor rumor de uma briga.

Luce seguiu atrás, um pouco mais hesitante. Se Ariane estava sugerindo que esse cara tinha aparecido por causa dela, isso levantava um monte de outras perguntas cabeludas. E as pessoas que tinham pego Dawn? E aquele tiro de flecha da menina Renegada que Cam tinha matado na Noyo Point?

Uma forte pancada soou de dentro da cozinha e três homens aterrorizados de aventais sujos saíram correndo. No momento, Luce já tinha passado por eles através da porta de balanço, Ariane estava segurando o menino com o pé sobre a sua cabeça enquanto Miles e Shelby amarravam-no com um tipo de fio utilizado para amarrar filé mignon. Seus olhos vazios olhavam para Luce, mas também através dela.

Eles o amordaçaram com um pano de cozinha, então quando Ariane provocou: "Você quer relaxar um pouco? No frigorífico de carne?" O menino só conseguia gemer. Ele tinha parado de revidar qualquer tipo de luta.

Agarrando-o pelo colarinho, Ariane o arrastou pelo chão até a entrada do frigorífico, deu-lhe mais alguns chutes pra acrescentar, então, calmamente fechou a porta. Ela tirou o pó de suas mãos e se virou para Luce com um olhar repreensivo em seu rosto.

"Quem está atrás de mim, Ariane?" A voz de Luce estava tremendo.

"Um monte de gente, querida."

"Isso era..." Luce pensou no seu encontro com Cam. "...um Renegado?"

Ariane limpou a garganta. Shelby tossiu.

"Daniel disse que não poderia ficar comigo porque ele atraía muita atenção. Ele disse que eu estaria segura na Shoreline, mas eles chegaram lá, também"

"Só porque eles te rastrearam saindo do campus. Você atrai a atenção também, Luce. E quando você está aí pelo mundo em cassinos e lugares similares, podemos sentir isso. Isso vale para os maus, também. É por isso que você está nessa escola, pra início de conversa."

"O quê?" Era Shelby. "Vocês estão apenas escondendo-a conosco? E a nossa segurança? E se essas pessoas Renegadas apenas aparecerem no campus?"

Miles não disse nada, apenas olhava com alarme de Luce para Ariane.

"Você ainda não entendeu que os Nephilins camuflam você?" Ariane perguntou. "Daniel não lhe contou sobre a sua, bem, coloração protetora?"

A mente de Luce retornou para a noite em que Daniel deixou-a na Shoreline. "Talvez ele tenha falado mesmo algo sobre um escudo, mas..." Havia tantas outras coisas passando pela mente dela naquela noite. Já tinha sido o suficiente tentar processar que Daniel estava deixando ela. Agora, ela sentiu uma onda de enjôo e culpa. "Eu não entendo. Ele não deu detalhes, apenas repetia que eu tinha que ficar no campus. Pensei que ele estava sendo muito protetor."

"Daniel sabe o que está fazendo." Ariane encolheu os ombros. "Na maioria das vezes." Ela enfiou a língua no canto da boca, pensativo. "Ok, às vezes. De vez em quando."

"Então quem quer que esteja atrás dela não pode vê-la quando ela está com um grupo de Nephilins?" Este era Miles, que parecia ter encontrado a sua língua novamente.

"Na verdade, os Renegados não podem ver nada", disse Ariane. "Eles ficaram cegos durante a revolta. Eu estava para chegar nessa parte da história. Bom! A colocação dos olhos pra fora e todo esse jazz edipiano." Ela suspirou. "Oh, bem. Sim, os Renegados. Eles podem ver a queima de sua alma, que é muito mais difícil de discernir quando você está com um monte de outros Nephilins."

Os olhos de Miles arregalaram-se. Shelby estava mordendo nervosamente as unhas.

"Então é assim que eles confundiram Dawn comigo."

"E como o menino do refrigerador de carne encontrou você hoje à noite, na verdade", disse Ariane. "Poxa, é como eu te encontrei também. Você é como uma vela em uma caverna escura aqui fora." Ela pegou uma lata de creme de chantilly do balcão e disparou um jato em sua boca. "Eu gosto de um pouco de energético depois de uma briga." Ela bocejou, o que fez Luce olhar para o relógio digital verde sobre o balcão. Eram duas e meia da manhã.

"Bem, embora eu ame meter porrada e anotar os nomes, já passou da hora de vocês três se recolherem." Ariane assobiou por entre os dentes e uma bolha espessa de um Anunciador escorreu das sombras sob as mesas de preparação. "Eu nunca faço isso, ok? Se alguém perguntar, eu nunca faço isso. Viajar por Anunciadores é muito perigoso. Ouviu isso, herói?" Ela esmurrou Miles na testa, em seguida, sacudiu os dedos abertos. A sombra saltou imediatamente na forma perfeita de uma porta, no meio da cozinha. "Mas eu estou no comando aqui e esta é a maneira mais rápida de vocês voltarem pra casa em segurança."

"Legal", disse Miles, como se estivesse tomando notas.

Ariane sacudiu a cabeça para ele. "Não arrumem nenhuma ideia. Eu vou levar vocês de volta à escola, onde vão ficar ", ela fez contato visual com cada um deles" ou vocês vão ter que se ver comigo."

"Você está vindo com a gente?" Shelby perguntou, finalmente mostrando apenas um mínimo de temor por Ariane.

"Parece que sim." Ariane piscou para Luce. "Você virou uma espécie de fogo de artifício. Alguém tem que manter um olho em você."

Transpassar com Ariane foi ainda mais suave do que tinha sido a caminho de Las Vegas. Parecia como vir para dentro depois de ser exposto ao sol: A luz estava escurecendo um pouco quando você caminha através da porta, mas você pisca algumas vezes e se acostuma.

Luce estava quase desapontada ao descobrir-se de volta em seu quarto de dormitório depois do brilho e emoção de Las Vegas. Mas então ela pensou em Dawn, e em Vera. Quase decepcionada. Seus olhos fixaram-se em todos os sinais conhecidos de que eles estavam de volta: duas camas de beliche desfeitas, a desorganização das plantas no peitoril da janela, os tapetes de yoga de Shelby empilhados em um canto, a cópia de Steven da República de Platão repousando na mesa de Luce e uma coisa que ela não estava esperando por ver.

Daniel, todo vestido de preto, cuidando de um fogo ardente na lareira.

"Aaaugh!" Shelby gritou, caindo de volta para os braços de Miles. "Você me assustou até a morte! E no meu próprio santuário. Não é legal, Daniel." Ela atirou a Luce um olhar feio, como se ela tivesse algo a ver com sua aparição.

Daniel ignorou Shelby, apenas disse calmamente a Luce, "Bem-vindo de volta."

Ela não sabia se corria para ele ou se chorava. "Daniel"

"Daniel?" disse Ariane ofegante. Ela arregalou os olhos como se tivesse visto um fantasma.

Daniel congelou, claramente não estava esperando o encontro com Ariane, tampouco. "Eu, eu só preciso dela por um momento. Então eu vou. "Ele parecia culpado, mesmo com medo.

"Certo", Ariane disse, agarrando Miles e Shelby pelo cangote. "Nós estávamos saindo. Nenhum de nós viu você aqui. "Ela levou os outros atrás dela. "Nos encontramos mais tarde, Luce."

Shelby parecia que não conseguia sair do quarto com rapidez suficiente. Os olhos de Miles olhavam tempestuosos, e ficaram fixos em Luce até Ariane praticamente o jogar para o corredor, batendo a porta atrás deles com um grande estrondo.

Então Daniel veio até Luce. Ela fechou os olhos e deixou o toque de sua proximidade aquecê-la. Ela prendeu o ar, feliz por estar em casa. Não o lar de Shoreline, mas o lar que Daniel a fazia se sentir. Mesmo quando ela estava no mais estranho dos lugares. Mesmo quando o relacionamento deles estava uma confusão.

Como parecia estar agora.

Ele ainda não a estava beijando, nem mesmo a envolvendo em seus braços. O surpreendente era que ela queria que ele fizesse essas coisas, mesmo depois de tudo o que ela tinha visto. A ausência de seu toque causava uma dor profunda dentro de seu peito. Quando ela abriu os olhos, ele estava lá, apenas alguns centímetros de distância, examinando todas as partes dela com seus olhos violetas.

"Você me assustou."

Ela nunca o ouviu dizer isso. Ela estava acostumada a ser a única que estava com medo.

"Você está bem.?", Perguntou ele.

Luce balançou a cabeça. Daniel pegou sua mão e guiou-a sem palavras até a janela, fora da sala quente perto do fogo e de volta para a noite fria, sobre a beirada áspera sob a janela de onde ele tinha vindo até ela antes.

A lua estava longa e baixa no céu. As corujas estavam dormindo nos bosques. Daqui de cima, Luce podia ver as ondas quebrando suavemente na margem, do outro lado do campus, uma única luz no alto do chalé dos Nephilins, mas não podia dizer se era Francesca ou Steven.

Ela e Daniel se sentaram na beirada e balançavam as pernas. Eles encostaram-se na ligeira inclinação do telhado atrás deles e olharam para as

estrelas, que estavam foscas no céu, como se mascaradas pelo mais fino brilho da nuvem. Não demorou muito para Luce começar a chorar.

Porque ele estava bravo com ela ou ela estava brava com ele. Porque o corpo dela tinha acabado de passar por muita coisa, dentro e fora dos Anunciadores, através das fronteiras dos Estados, num passado recente e de volta aqui. Porque seu coração e sua cabeça estavam emaranhados e confusos, e estar perto de Daniel fazia piorar as coisas ainda mais. Porque Miles e Shelby pareciam odiá-lo. Devido ao puro horror no rosto de Vera quando ela reconheceu Luce. Por causa de todas as lágrimas que sua irmã devia ter chorado por ela, e porque Luce a tinha machucado mais uma vez aparecendo na mesa de Black Jack. Por causa de todas as suas outras famílias de luto, afundadas em tristeza, porque suas filhas tiveram o azar de ser a reencarnação de uma garota estúpida no amor. Porque pensar nessas famílias fez Luce desesperadamente sentir falta de seus pais em Thunderbolt. Porque ela era responsável pelo seqüestro de Dawn. Porque ela tinha dezessete anos, e ainda estava viva, contra milhares de anos que custaram as possibilidades. Porque ela sabia o suficiente para temer o que o futuro traria. Porque, entre esse tempo, já que eram três e meia da manhã, e ela não havia dormido em dias, e ela não sabia mais o que fazer.

Agora, ele a abraçava, encaixando o corpo dela em seu calor, puxando-a para ele e embalando-a em seus braços. Ela chorou e soluçou e desejou um lenço de papel para assuar o nariz. Ela se perguntava como era possível sentir tão mal por tantas coisas ao mesmo tempo.

"Shhh", sussurrou Daniel. "Shhh".

Um dia atrás, ela tinha se sentido mal assistindo Daniel amá-la no esquecimento naquele Anunciador. A inevitável violência costurada na relação deles parecia intransponível. Mas agora, especialmente depois de conversar com Ariane, Luce podia sentir algo grande chegando. Algo mudando, talvez todo mundo inteiro mudando, com Luce e Daniel pairando na beirada. Estava tudo ao redor deles, no espaço celeste, e isso afetava a forma como ela se via, e a Daniel, também.

A aparência impotente que ela tinha visto nos olhos dele naqueles momentos antes de morrer: Agora eles sentiam como se eles estivessem no passado. Isso lembrava a ela do jeito que ele a olhou após o primeiro beijo deles nessa vida, na praia pantanosa perto de Sword & Cross. O sabor dos seus lábios nos dela, a sensação da sua respiração no seu pescoço, as mãos fortes em volta dela: Tudo tinha sido tão maravilhoso, exceto pelo medo em seus olhos.

Mas Daniel não olhava para ela daquele jeito a algum tempo. A maneira como ele olhava para ela agora não mostrava nada. Ele olhava para ela como se ela fosse protelar, quase como se ela tivesse que fazer.

As coisas estavam diferentes nesta vida. Todo mundo estava dizendo isso, e Luce podia sentir isso, também: uma revelação crescendo cada vez mais dentro dela. Ela tinha se assistido morrer, e ela tinha sobrevivido. Daniel não tinha mais que levar nos ombros essa punição sozinho. Era algo que eles poderiam fazer juntos.

"Eu quero dizer algo", disse ela dentro de sua camisa, enxugando os olhos em sua manga. "Eu quero falar antes de de dizer qualquer outra coisa."

Ela podia sentir o queixo dele escovando a parte superior de sua cabeça. Ele estava balançando a cabeça.

"Eu sei que você tem que ser cuidadoso sobre o que você me diz. Eu sei que eu morri antes. Mas eu não vou a lugar nenhum mais, Daniel, eu posso sentir isso. Pelo menos, não sem lutar." Ela tentou sorrir. "Eu acho que isso vai nos ajudar a deixar de me tratar como um pedaço de vidro frágil. Então, eu estou perguntando a você, como sua amiga, como sua namorada, como você já sabe, o amor de sua vida, para me deixar entrar um pouco mais. Caso contrário, eu me sinto isolada, ansiosa e..."

Ele pegou o queixo dela com os dedos e inclinou a cabeça para cima. Ele estava olhando para ela com curiosidade. Ela esperou ele interromper, mas ele não o fez.

"Eu não deixei Shoreline para magoar você", continuou ela. "Eu saí porque eu não entendia por que isso importava. E eu coloquei os meus amigos em perigo por causa disso."

Daniel segurou o rosto dela na frente dele. O violeta de seus olhos praticamente brilhava. "Eu falhei com você também muitas vezes antes," ele sussurrou. "E nesta vida talvez eu tenha cometido um erro ao lado da cautela. Eu devia ter sabido que você testaria qualquer limite que lhe fosse imposta. Você não seria...a garota que eu amo, se você não fizesse."

Luce esperou que ele sorrisse para ela. Ele não sorriu.

"Há tanta coisa em jogo desta vez. Eu estava tão focado nos ... "

"Nos Renegados"?

"Foram eles que pegaram sua amiga", disse Daniel. "Eles mal conseguem identificar a direita da esquerda, nem mesmo de que lado eles trabalham."

Luce pensou novamente na menina em que Cam atirou com a flecha de prata, o menino bonito de olhos vazios na lanchonete. "Porque eles são cegos."

Daniel olhou para suas mãos, esfregando os dedos juntos. Ele olhou como se ele pudesse estar doente.

"Cegos, mas muito brutais." Estendeu a mão e delineou um de seus cachos loiros, com o dedo. "Você foi inteligente para tingir seu cabelo. Manteve-se protegida quando eu não podia chegar rápido o suficiente."

"Inteligente?" Luce ficou horrorizada. "Dawn poderia ter morrido porque eu botei minhas mãos num frasco barato de descolorante. Como isso é inteligente? Se...se eu pintar meu cabelo amanhã de preto, você acha que os Renegados de repente, serão capazes de me encontrar? "

Daniel balançou a cabeça com força. "Eles não deviam nem ter encontrado o caminho para dentro do campus. Eles nunca deveriam ter sido capazes de pôr as mãos em nenhum de vocês. Estou trabalhando dia e noite para mante-los longe de você...e desta escola inteira. Alguém está ajudando eles, e eu não sei quem...."

"Cam". O que mais ele estaria fazendo aqui?

Daniel, porém, balançou a cabeça. "Seja quem for vai se arrepender."

Luce cruzou os braços sobre o peito. Seu rosto ainda estava quente de tanto chorar. "Acho que isso significa que eu não vou para casa no dia de Ação de Graças?" Ela fechou os olhos, tentando não imaginar os rostos cabisbaixos de seus pais. "Não responda a isso."

"Por favor." A voz de Daniel estava tão séria. "É só um pouco mais."

Ela assentiu com a cabeça. "O cronograma da trégua."

"O quê?" Suas mãos agarraram seus ombros firmemente. "Como você..."

"Eu sei". Luce esperava que ele não pudesse sentir que seu corpo começou a tremer. A coisa piorou quando ela tentou agir com mais certeza do que ela sentia. "E eu sei que em algum momento em breve, você vai fazer pender a balança entre o Céu e o Inferno".

"Quem lhe disse isso?" Daniel estava arqueando os ombros para trás, o que ela sabia que significava que ele estava tentando manter suas asas desabrochadas.

"Eu percebi isso. Muita coisa acontece aqui quando você não está por perto."

Uma pitada de inveja passou através dos olhos de Daniel. No início, parecia quase bom ser capaz de provocar isso nele, mas Luce não queria fazer-lhe ciúmes. Especialmente com tantas coisas maiores pra lidar.

"Sinto muito", disse ela. "A última coisa que você precisa agora é eu te distrair. O que você está fazendo...parece como um negócio de muita importância."

Ela deixou por isso mesmo, esperando que Daniel fosse se sentir confortável o suficiente para lhe contar mais. Esta foi a mais franca, honesta e madura conversa que tinham tido, talvez de todas.

Mas então, muito rápido, a nuvem, que ela nem sabia que a estava temendo passou pelo rosto de Daniel.

"Tire tudo isso da sua cabeça. Você não sabe o que você acha que sabe."

A decepção inundou o corpo de Luce. Ele ainda estava a tratá-la como uma criança. Um passo em frente, dez passos para trás.

Ela reuniu seus pés sob ela e levantou-se na beirada.

"Eu sei de uma coisa, Daniel", disse ela, olhando para ele. "Se fosse eu, não haveria duvida. Se fosse eu que o universo inteiro estivesse esperando para pender a balança, eu simplesmente escolheria o lado bom".

Os olhos violeta de Daniel olharam para a frente, para dentro da floresta sombria.

"Você simplesmente escolheria o lado bom", repetiu ele. Sua voz soava tão entorpecida e desesperadamente triste. Mais triste do que ela já tinha ouvido antes.

Luce teve que resistir à vontade de se abaixar e se desculpar. Em vez disso, ela virou-se, deixando Daniel atrás dela. Não era óbvio que ele deveria escolher o bem? Qualquer um não faria isso?

Capítulo 14

Cinco Dias

Alguém tinha dedurado eles.

Na manhã de domingo, enquanto o resto do campus ainda estava estranhamente calmo, Shelby, Miles e Luce sentaram em fila ao lado do escritório de Francesca, esperando para serem interrogados. O escritório dela era maior do que o de Steven, mais iluminado também, com um teto alto e inclinado, e três grandes janelas de frente para a floresta ao norte, cada uma com cortinas de veludo grossas cor lavanda, abertas mostrando um chocante céu azul. Uma grande e enquadrada fotografia de uma galáxia, pairava sobre a alta mesa em mármore, era a única peça de arte na sala. As cadeiras de estilo barroco em que eles estavam sentados eram chiques, mas desconfortáveis. Luce não conseguia conter a inquietação.

"Denúncia anônima uma ova ", murmurou Shelby, citando o e-mail rude que cada um deles receberam de Francesca esta manhã. "Isso tem o dedo de Lilith".

Luce não achava que era possível que Lilith ou qualquer um dos outros alunos, realmente tenham sabido que eles deixaram o campus. Alguma outra pessoa tinha contado para os professores deles.

"O que tá fazendo eles demorarem tanto tempo?" Miles acenava na direção do escritório de Steven do outro lado da parede, onde se podia ouvir seus professores discutindo em voz baixa. "É como se eles estivessem arrumando uma punição antes mesmo deles ouvirem nosso lado da história! "Ele mordeu o lábio inferior. "Qual é o nosso lado da história mesmo?"

Mas Luce não estava ouvindo. "Eu realmente não vejo o porque é tão difícil", disse ela, baixinho, mais para ela do que para os outros. "Você só escolhe um lado e segue em frente."

"Hã?" Miles e Shelby disseram em uníssono.

"Desculpe", disse Luce. "É que ... vocês sabem o que Ariane estava dizendo sobre pender a balança naquela noite? Eu comentei com Daniel, e ele ficou todo estranho. Sério, como não é óbvio que haja uma resposta certa e uma errada?"

"É óbvio para mim", disse Miles. "Há uma escolha boa e uma escolha má."

"Como você pode dizer isso?" Shelby perguntou. "Esse tipo de pensamento é exatamente o que nos meteu nesta confusão em primeiro lugar. A fé cega! A total aceitação de uma dicotomia praticamente obsoleta!" Seu rosto estava ficando vermelho e sua voz tinha ficado tão alta que Francesca e Steven poderiam provavelmente ouvir. "Estou tão cansada de todos esses anjos e demônios esolhando lados, blah-blah-blah , eles são maus! Não, eles são terríveis! Toda hora ali ... como se eles soubessem o que é melhor para todos no universo."

"Então você está sugerindo que Daniel está no lado do mal?" Miles zombou. "Que venha o fim do mundo?"

"Eu não dou a mínima para o que Daniel faz", disse Shelby. "E, francamente, acho difícil de acreditar que tudo depende dele, de qualquer maneira."

Mas tinha que ser. Luce não conseguia pensar em outra explicação.

"Olha, talvez as linhas não estejam tão claras como nos ensinam", continuou Shelby. "Quero dizer, quem disse que Lúcifer é tão ruim..."

"Hum, todos?" Miles disse, olhando para Luce pedindo apoio.

"Errado", Shelby latiu. "Um grupo de anjos muito persuasivos, tentando preservar o status quo. Apenas porque venceram uma grande batalha muito tempo atrás, eles acham que lhes dá o direito."

Luce assistiu as sobrancelhas de Shelby se levantarem enquanto ela encostava as costas rígidas na cadeira. As palavras dela fizeram Luce pensar em algo que ela ouviu em outro lugar..."Os vencedores reescrevem a história", ela murmurou. Isso foi o que Cam havia dito a ela naquele dia em Noyo Point. Não era isso o que Shelby queria dizer? Que os perdedores acabavam com uma má reputação? Os pontos de vista de ambos eram

semelhantes - somente, Cam, é claro, era legitimamente mal. Certo? E Shelby estava apenas conversando.

"Exatamente." Shelby acenou para Luce. "Espera -- o quê?"

Só então, Francesca e Steven entraram pela porta. Francesca abaixou-se na cadeira giratória preta em sua mesa. Steven estava atrás dela, as mãos apoiadas levemente sobre as costas da cadeira. Ele parecia tão alegre em sua calça jeans e nítida camisa branca quando Francesca parecia séria em seu vestido preto sob medida com um rígido decote de corte quadrado.

Isso trouxe à mente de Luce o que Shelby havia dito sobre linhas manchadas, e as conotações das palavras anjo e demônio. Claro que era superficial fazer julgamentos baseados apenas nas roupas de Steven e Francesca, mas, novamente, não era só isso. Em muitas vezes, era fácil esquecer quem deles era quem.

"Quem quer falar primeiro?" Francesca perguntou, descansando suas entrelaçadas mãos cuidadas sobre o mármore da mesa. "Nós sabemos de tudo o que aconteceu, então nem se incomodem em contestar esses detalhes. Esta é a chance de vocês de nos dizer o por que."

Luce inalou profundamente. Embora ela não tinha estado preparada para Francesca jogar o assunto assim tão rápido, ela não queria que Miles ou Shelby tentassem encobri-la. "Foi minha culpa", disse ela. "Eu queria..."

Ela olhou para a expressão desenhada de Steven, então para baixo em seu colo. "Eu vi algo nos Anunciadores, algo do meu passado, e eu queria ver mais."

"E então vocês saíram pra uma excursãozinha perigosa -- - um transpassamento não autorizado por meio de um Anunciador, colocando em perigo dois de seus colegas, que realmente deveriam ter pensado melhor -- um dia depois de outra colega de vocês ser seqüestrada?" Francesca perguntou.

"Isso não é justo", disse Luce. "Você foi uma que menosprezou o que aconteceu com Dawn. Pensamos que estávamos indo só para olhar alguma coisa, mas..."

"Mas...?" Steven cutucou. "Mas agora percebe quão idiota essa linha de pensamento foi?"

Luce agarrou os braços da cadeira, tentando conter as lágrimas. Francesca estava chateada com os três, mas parecia que toda a fúria de Steven estava indo apenas para Luce. Não era justo.

"Sim, ok, nós nos esgueiramos pra fora da escola e fomos para Las Vegas", disse ela finalmente. "Mas a única razão de estarmos em perigo foi porque você me deixou no escuro. Você sabia que alguém estava atrás de mim e você provavelmente até sabe porquê. Eu não teria deixado o campus se você tivesse apenas me contado."

Steven olhou para Luce com os olhos em fogo. "Se você está dizendo que honestamente temos que ser tão claros com você, Luce, então estou desapontado. "Ele colocou a mão no ombro de Francesca. "Talvez você estivesse certa sobre ela, querida."

"Espere" Luce disse.

Mas Francesca fez um sinal para parar com a mão. "Precisamos também ser claros sobre o fato de que a oportunidade que lhe foi dada em Shoreline para seu crescimento educacional é pessoal e, para você, uma experiência única-em-um-milhao-de-vidas?" Um rubor apareceu em suas bochechas. "Você criou uma situação muito embaraçosa para nós. A escola principal", ela fez um gesto para a parte sul do campus" tem suas detenções e seus programas de serviços comunitários para os alunos que saem da linha. Mas Steven e eu não temos um sistema de punição apropriado. Temos tido sorte até agora de termos alunos que não ultrapassaram nossas fronteiras brandas."

"Até agora", disse Steven, olhando para Luce. "Mas Francesca e eu concordamos que uma rápida e severa sentença deve ser proferida. "

Luce se inclinou para frente em sua cadeira. "Mas Shelby e Miles não..."

"Exatamente." Francesca assentiu. "É por isso que, quando forem dispensados, Shelby e Miles se reportarão ao Sr. Kramer na escola principal para serviços comunitários. A Festa Anual de Colheita de Alimentos começa amanhã, então eu tenho certeza que vocês vão ter trabalhos esperando por vocês."

"Que conversa fiada é essa...." Shelby interrompeu, olhando para Francesca. "Quero dizer, Festa da Colheita parece o meu tipo de divertimento."

"E Luce?" Miles perguntou.

Os braços de Steven estavam cruzados e seus complicados olhos castanhos olhavam para Luce sobre os aros tartaruga dos seus óculos. "Efetivamente, Luce, você está de castigo."

De castigo? Era isso?

"Classe. Refeições. Dormitório ", Francesca recitou. "Até que você ouça outra coisa de nós, e a menos que você esteja sob a nossa supervisão rigorosa, estes são os únicos lugares que você vai ter permissão de estar. E não mergulhar em Anunciadores. Entendeu?"

Luce assentiu.

Steven acrescentou: "Não nos teste novamente. Até mesmo a nossa paciência chega ao fim."

Classe-refeições-dormitório não deixavam muitas opções a Luce em uma manhã de domingo. O chalé estava escuro, e o refeitório não era aberto para um brunch até as onze. Depois que Miles e Shelby se arrastaram relutantemente para o acampamento do Sr. Kramer para iniciar o serviço comunitário, Luce não tinha escolha senão voltar para seu quarto. Ela fechou a cortina da janela, que Shelby sempre gostava de deixar aberta, em seguida, afundou-se em sua cadeira.

Poderia ter sido pior. Em comparação com as histórias de celas apertadas de blocos de concreto para confinamento solitário em Sword & Cross, isso quase parecia que ela estava se safando no fácil. Ninguém estava jogando um par de pulseiras com dispositivos de rastreamento nela. Na verdade, Steven e Francesca tinha-lhe dado, basicamente, as mesmas restrições que Daniel teve. A diferença era que seus professores realmente poderiam vigiá-la noite e dia. Daniel, por outro lado, não era para estar lá mesmo.

Irritada, ela ligou o computador, meio que esperando que seu acesso à Internet fosse estar subitamente restrito. Mas ela conectou como de costume e encontrou três e-mails de seus pais e um de Callie. Talvez o lado

bom de estar de castigo era que ela seria forçada a finalmente ficar em melhor contato com seus amigos e familiares.

Para: lucindap44@gmail.com
De: thegaprices@aol.com

Enviada: sexta-feira, 20/11 às 08:22

Assunto: O Cachorro-Peru.

Confira essa foto! Vestimos Andrew como um peru para a festa de Outono da vizinhança. Como você pode ver nas marcas de mordidas nas penas: Ele adorou. O que você acha? Devemos fazê-lo usar de novo quando você vier para o dia de Ação de Graças?

Para: lucindap44@gmail.com
De: thegaprices@aol.com

Enviada: sexta-feira, 20/11 às 09:06

Assunto: OS

Seu pai leu meu e-mail e achou que poderia ter feito você se sentir mal. Sem intenção de fazer você se sentir culpada, querida. Se você tiver permissão para voltar para casa no dia de Ação de Graças, nós adoráramos. Se não for possível, vamos remarcar para outro dia. Nós te amamos.

Para: lucindap44@gmail.com
De: thegaprices@aol.com

Enviada em: sábado, 21/11 às 00:12

Assunto: sem assunto

Só nos deixe saber qual dos dois? bjs, mamãe

Luce prendeu a cabeça entre as mãos. Ela tinha estado errada. Todos os castigos do mundo não faria mais fácil para ela responder a seus pais. Eles tinham vestido seu poodle de peru, pelo amor de Deus! Partiu o

seu coração pensar em desapontá-los. Então, sem delongas ela abriu o e-mail de Callie.

Para: lucindap44@gmail.com
De: callieallieoxenfree@gmail.com

Enviada: sexta-feira, 20/11 às 16:14

Assunto: AQUI ESTÁ !

Eu acredito que a reserva de voo abaixo fala por si só. Me manda seu endereço e eu vou tomar um táxi quando eu conseguir a reserva na manhã de quinta-feira. Minha primeira vez na Geórgia! Com a minha melhor amiga há muito perdida! Isso vai ser tão formidável ! Nos vemos em seis dias!

Em menos de uma semana, a melhor amiga de Lúcia estaria aparecendo para o dia de Ação de Graças na casa de seus pais, seus pais estaria esperando ela, e Luce estaria aqui mesmo, de castigo em seu dormitório. Uma tristeza enorme a inundou. Ela teria dado qualquer coisa para ir até eles, para passar alguns dias com as pessoas que amava, que lhe daria um descanso das esgotantes e confusas semanas que ela passou algemada dentro destas paredes de madeira.

Ela abriu um novo e-mail e compôs uma mensagem apressada:

Para: cole321@swordandcross.edu
De: lucindap44@gmail.com

Enviada em: domingo 22/11 às 09:33

Oi, Sr. Cole.

Não se preocupe, eu não vou implorar para você, deixe-me ir para casa no dia de Ação de Graças. Eu conheço um desesperado desperdício de esforço quando vejo um. Mas eu não tenho coragem de dizer a meus pais. Você vai deixá-los saber? Diga-lhes que eu sinto muito. As coisas aqui estão bem. Mais ou menos. Estou com saudades.

Luce

Uma batida forte na porta fez Luce saltar --- e clicar em Enviar no e-mail sem revisar antes para erros de ortografia ou admissões embaraçosas de emoção.

"Luce!" A voz de Shelby chamou do outro lado. "Abre ae! Estou tão ocupada com aquela porcaria de Festa da Colheita. Quero dizer, generosa. "As batidas continuaram do outro lado da porta, mais altas, com o ocasional grunhido choramingado se infiltrando pra dentro.

Abrindo a porta, Luce encontrou uma Shelby ofegante, cedendo sob o peso de uma enorme caixa de papelão. Ela tinha vários sacos esticados de plástico enfiados nos dedos. Seus joelhos tremiam quando ela cambaleou para o quarto.

"Posso ajudar com alguma coisa?" Luce pegou a cornucópia de vime com penas claras que estava descansando na cabeça de Shelby como um chapéu cônico.

"Eles me colocaram em Decorações," Shelby resmungou, jogando a caixa no chão. "Eu daria tudo para estar no lixo, como Miles. Você ao menos sabe o que aconteceu na última vez que alguém me fez usar uma pistola de cola quente?"

Luce se sentia responsável pelas punições tanto de Shelby quanto de Miles. Imaginou Miles penteando a praia com um desses paus que cutuca lixo que ela tinha visto presos usando do lado da estrada em Thunderbolt. "Eu nem mesmo sei o que é a Festa da Colheita".

"Detestáveis e pretensiosas, é o que são", disse Shelby, vasculhando a caixa e jogando para o chão sacos de plástico de penas, potes de glitter e uma resma de papel de construção na cor do outono. "É basicamente um grande banquete, onde todos os doadores de Shoreline saem para levantar dinheiro para a escola. Todos vão para casa sentindo tão caridosos porque descarregaram algumas latas velhas de feijão verde num banco de alimentos em Fort Bragg. Você vai ver amanhã à noite."

"Eu duvido", disse Luce. " Se lembra que estou de castigo?"

"Não se preocupe, você vai ser arrastada pra lá. Alguns dos maiores doadores são defensores de anjo, então Frankie e Steven tem que dar um show. O que significa que os Nefilins todos têm que estar lá, sorrindo muito."

Luce franziu a testa, olhando para seu reflexo não Nephilim no espelho. Mais uma razão, porque ela devia ficar aqui.

Shelby amaldiçoou baixinho. "Deixei a estúpida pintura de peru para a decoração de centro de mesa no escritório do Sr. Kramer ", disse ela, levantando-se e dando na caixa de decorações um pontapé. "Eu tenho que voltar "

Quando Shelby passou por ela indo para a porta, Luce perdeu o equilíbrio e começou a cair, tropeçou sobre a caixa e seu pé esbarrou em algo frio e úmido no caminho para o chão.

Ela deu de cara no chão de madeira. A única coisa que amortecendo sua queda foi o saco de plástico de penas, que estorou, atirando penugens coloridas por debaixo dela. Luce olhou para trás para ver quanto de danos que ela tinha causado, esperando que as sobrancelhas de Shelby fosse se unir, exasperada. Mas Shelby estava parada com uma mão apontando para o centro da sala. Um Anunciador na cor marrom-nevoa estava discretamente flutuando.

"Não é um pouco arriscado?" Shelby perguntou. "Evocar um Anunciador uma hora depois de ser pega porconvocando um Anunciador? Você realmente não escuta nada, não é? Eu meio que admiro isso."

"Eu não o convoquei", Luce insistiu, levantando-se e batendo as penas de sua roupa. "Eu tropecei e ele estava lá, esperando ou algo assim."Ela se aproximou para examinar a folha nebulosa e de cor parda. Estava tão plana como um pedaço de papel e não muito grande para um Anunciador, mas do jeito que pendia no ar na frente de seu rosto, quase desafiando-a a rejeitá-la, fez Luce ficar nervosa.

Nem parecia precisar dela para guiá-lo na forma. Pairou, mal se movendo, parecendo que poderia ter flutuado lá o dia todo.

"Espere um minuto", Luce murmurou. "Esse veio com a outra naquele dia. Não se lembra?"

Esta era a estranha sombra marrom que tinha voado atrelada com a sombra mais escura que os levou para Las Vegas. Tinham ambas vindo pela janela ontem à tarde, então este tinha desaparecido. Luce tinha esquecido o assunto até agora.

"Bem", disse Shelby, encostada na escada do beliche. "Você vai vislumbrar-lo ou o quê?"

O Anunciador estava na cor de uma sala enfumaçada, marrom insalubre e enevoadado ao toque. Luce o atingiu, correndo os dedos ao longo de seus limites úmidos. Ela sentia sua respiração nublada escovar os cabelos dela para trás. O ar em torno deste Anunciador estava úmido, até mesmo salgado. À distancia um murmúro de gaivotas ecoou de dentro dele.

Ela não devia vislumbrá-lo. Não vislumbraria.

Mas lá estava o Anunciador, passando de uma malha de fumaça marrom para algo claro e perceptível, independentemente de Luce. Ali estava a mensagem projetada por esta sombra tomando vida.

Era uma vista aérea de uma ilha. No início, eles estavam lá no alto, então tudo que Luce podia ver era uma pequena protuberância de rocha negra íngreme com uma borda de pinheiros cônicos tocando na base. Então, lentamente, o Anunciador ampliou, como um pássaro descendo para alojar-se na copa das árvores, focou uma pequena e deserta praia.

A água estava escura por causa da argilosa areia prateada. A dispersão de rochas ajustadas com as intenções suaves da maré. E de pé discretamente entre duas das mais altas rochas, Daniel estava olhando para o mar. O galho de árvore em sua mão estava coberto de sangue.

Luce ofegou quando ela se inclinou e viu o que Daniel estava olhando. Não o mar, mas uma sangrenta carcaça de um homem. Um homem morto, deitado na areia dura. Cada vez que as ondas atingiam o corpo, elas recuavam manchadas de um vermelho profundo, escuro. Mas Luce não podia ver a ferida que tinha matado o homem. Uma outra pessoa, em um longo casaco preto, estava agachada sobre o corpo, amarrando-o com uma espessa corda trançada.

O coração dela batia forte, Luce olhou novamente para Daniel. Sua expressão era igual, mas seus ombros estavam contraídos.

"Depressa. Você está perdendo tempo. A maré está subindo agora, de qualquer forma."

Sua voz era tão fria, que fez Luce tremer.

Um segundo depois, a cena do Anunciador desapareceu. Luce prendeu a respiração até que ela caiu no chão. Em seguida, do outro lado da sala, a persiana da janela que Luce tinha puxado para baixo antes, abriram-se com força. Luce e Shelby atiram olhares de ansiedade entre si, em seguida, viram quando uma rajada de vento levou o Anunciador puxando-o para cima e para fora da janela.

Luce agarrou o pulso de Shelby. "Você observou tudo. Quem estava lá com Daniel? Quem estava agachado sobre "-ela tremeu novamente "aquele cara?"

"Pô, eu não sei, Luce. Eu estava meio distraída com o corpo morto. Sem falar no galho sangrento que seu namorado estava segurando." A tentativa de Shelby de ser sarcástica foi diminuída pela forma aterrorizada que ela parecia. "Então, ele o matou?" Ela perguntou a Luce. "Daniel matou quem quer que seja aquela pessoa?"

"Eu não sei." Luce estremeceu. "Não diga isso assim. Talvez haja uma explicação lógica"

"O que você acha que ele estava dizendo no final?" Shelby perguntou. "Eu vi seus lábios se moverem mas eu não pude distinguir. Eu odeio isso nos Anunciadores."

Apresse-se. Você está perdendo tempo. A maré está subindo agora, de qualquer forma. Shelby não ouviu isso? Quão insensível e sem remorso Daniel soou?

Então Luce lembrou: Não foi há muito tempo que ela não conseguia ouvir os Anunciadores também. Antes, seus ruídos costumavam ser apenas isso: ruídos: sussurros e grossos assobios molhados através de árvores. Foi Steven que disse a ela como sintonizar as vozes lá dentro. De certo modo, Luce quase desejava que ele não tivesse dito.

Tinha que haver mais sobre esta mensagem. "Eu tenho que vislumbrar novamente", disse Luce, caminhando em direção a janela aberta. Shelby a puxou de volta.

"Ah, não, você não vai. Aquele Anunciador pode estar em qualquer lugar agora, e você está presa no dormitório, lembra?" Shelby empurrou Luce para sua cadeira. "Você vai ficar aqui enquanto eu vou para o escritório de Kramer recuperar o meu peru. Nós duas vamos esquecer que isso aconteceu. Ok?"

"Ok".

"Ótimo. Estarei de volta em cinco minutos, por isso não me desapareça."

Mas logo que a porta fechou, Luce foi para fora da janela, subindo para a parte plana da borda onde ela e Daniel se sentaram na noite anterior. Colocar o que ela tinha acabado de ver para fora de sua mente era impossível. Ela tinha que convocar novamente aquela sombra. Mesmo que a trouxesse mais problemas. Mesmo que ela veja algo que ela não gostasse.

O final da manhã estava ficando tempestuoso e Luce teve que se abaixar e segurar nas telhas inclinadas de madeira para manter seu equilíbrio. Suas mãos estavam frias. Seu coração estava dormente. Ela fechou os olhos. Toda vez que ela tentava convocar um Anunciador, ela lembrava o quão pouco treinada era. Ela sempre tinha tido apenas sorte -- como se assistir ao seu namorado olhar para alguém que tinha acabado de assassinar pudesse ser considerado sorte.

O toque umido arrastou-se ao longo de seus braços. Era a sombra marrom, a coisa feia que mostrou a ela uma coisa ainda pior? Seus olhos se arregalaram.

Era ele. Rastejando até seu ombro, como uma cobra. Ela puxou-o e segurou-o à sua frente, tentando girá-lo como uma bola com as mãos. O Anunciador rejeitou o seu toque, flutuando para trás, fora do seu alcance, para bem depois da beirada.

Ela olhou para baixo dois andares até o chão. Uma fileira de alunos estava saindo do dormitório em direção ao refeitório para almoçar, um fluxo de cores se deslocando ao longo de uma camada de grama verde brilhante. Luce vacilou. A vertigem a atingiu, e ela sentiu-se caindo para a frente.

Mas, então, a sombra correu como um jogador de futebol, batendo as costas dela contra a inclinação do telhado. Lá ela ficou, presa contra as telhas, ofegante quando o Anunciador preguiçosamente abriu-se novamente.

O véu de fumaça difundiu-se em luz, e Luce estava de volta com Daniel e seu galho ensanguentado. De volta com o crocitar das gaivotas circulando lá em cima e o fedor da espuma podre ao longo da costa, a visão

de ondas congeladas quebrando na praia. E de volta para as duas figuras amontoadas no chão. O morto estava todo amarrado. O outro vivo ficou de pé para encarar Daniel.

Cam.

Não. Tinha de ser um erro. Eles se odiavam . Tinha acabado de travar uma enorme batalha um contra o outro. Ela podia aceitar que Daniel fazia coisas obscuras para protegê-la das pessoas que estavam atrás dela. Mas que tipo coisa horrível faria ele procurar por Cam? Trabalhar ao lado de Cam — que tinha prazer em matar?

Eles estavam em uma acalorada discussão sobre algum tipo de coisa, mas Luce não conseguia distinguir as palavras. Ela não conseguia ouvir nada sobre o relógio no meio do terraço, que tinha acabado de atingir onze horas. Ela se esforçou para ouvir, esperando o cessar dos gongos.

"Deixe-me levá-la à Shoreline," ela finalmente ouviu Daniel suplicar.

Isto deve ter sido um pouco antes de ela chegar na Califórnia. Mas por que Daniel tem que pedir permissão a Cam? A menos que...

"Tudo bem", disse Cam calmamente. "Leve-a até a escola e depois me encontre. Não estrague, eu vou estar assistindo."

"E depois?" Daniel parecia nervoso.

Cam correu os olhos sobre o rosto de Daniel. "Você e eu temos trabalho a fazer."

"Não!" Luce gritou, pondo fim a sombra com os dedos em raiva. Mas logo que ela sentiu as mãos romper a superfície fria e escorregadia, ela se arrependeu. Ele quebrou em fragmentos cansados, acomodando-se em uma pilha de cinzas ao seu lado. Agora ela não podia ver mais. Ela tentou reunir os fragmentos do jeito que ela tinha visto Miles fazer, mas eles estavam tremendo e sem resposta.

Ela pegou um punhado de fragmentos inúteis, chorando sobre eles.

Steven disse que as vezes os Anunciadores distorciam o que era real. Como as sombras da parede da caverna. Mas que sempre havia alguma

verdade para eles também. Luce podia sentir a verdade nos frios pedaços encharcados mesmo quando ela os apertou forte, tentando espremer toda a agonia dela.

Daniel e Cam não eram inimigos. Eles eram parceiros.

Capítulo 15

Quatro Dias

Mais Peru com Tofu?" Connor Madson, um garoto cabeludo da classe de biologia de Luce e um dos alunos-garçons de Shoreline, parou perto dela com uma bandeja de prata na Festa da Colheita na segunda-feira à noite.

"Não, obrigada". Luce apontou para a espessa pilha de fatias de carne mornas ainda em seu prato. "Talvez mais tarde." Connor e o restante do pessoal bolsista em Shoreline estavam vestidos adequadamente para a Festa da Colheita com smokings e chapéus ridículos de viajantes. Eles deslizavam passando entre eles no terraço, que estava quase irreconhecível como um lugar sofisticado e casual para comer algumas panquecas antes da aula, havia sido transformado em um salão de banquetes em pleno ar livre.

Shelby ainda estava resmungando enquanto ela movia-se de mesa em mesa, ajustando os cartões do lugar e reacendendo as velas. Ela e o resto do Comitê de Decorações tinham feito um belo trabalho: folhas de seda em vermelho e laranja tinham sido espalhadas pelas longas mesas com toalhas brancas, um jantar recém-cozido estava arranjado dentro de cornucópias pintadas a ouro, lâmpadas de calor ficavam na borda para tirar o efeito da brisa fresca do oceano. Até mesmo as pinturas de peru que decoravam o centro das mesas pareciam elegantes.

Todos os estudantes, o corpo docente, e cerca de cinquenta dos maiores doadores da escola tinham aparecido bem vestidos para o jantar. Dawn e seus pais tinham vindo para a noite. Embora Luce não tivesse conseguido uma oportunidade para conversar com Dawn ainda, ela parecia recuperada, até mesmo feliz, e tinha acenado para Luce alegremente de seu assento ao lado de Jasmine.

No máximo uns vinte e tantos Nephilim estavam sentados juntos em duas mesas circulares adjacentes, com exceção de Roland, que estava

sentado em um canto distante, com uma pessoa misteriosa. Em seguida, a pessoa misteriosa se levantou, ergueu o chapéu largo em forma de botão de rosa, e deu a Luce um aceno um pouco sorrateiro .

Ariane.

Sem ela mesma querer, Luce sorriu, mas um segundo depois, sentiu-se à beira das lágrimas. Observando os dois dando risadinhas juntos lembrou a Luce da sinistra cena repugnante que tinha vislumbrado no Anunciador no dia anterior. Como Cam e Daniel, Ariane e Roland deveriam estar em lados opostos, mas todos sabiam que eles eram um time.

Ainda assim, parecia de algum modo diferente.

A Festa da Colheita era para ser a última festa pré-Ação de Graças antes das aulas acabarem. Então, todo mundo teria outro Ação de Graças, um Ação de Graças de verdade, com suas famílias. Para Luce, este era o único Ação de Graças que ela iria ter. Sr. Cole não tinha escrito para ela de volta. Depois do castigo de ontem e, em seguida, a revelação em cima do telhado, ela estava tendo um dia difícil para se sentir grata por qualquer coisa.

"Você mal está comendo ", disse Francesca, colocando um bocado grande e brilhante de purê de batatas no prato de Luce. Luce estava cada vez mais sintonizada com o brilho emocionante que caía sobre tudo quando Francesca falava com ela. Francesca possuía um carisma de outro mundo, simplesmente a virtude de ser um anjo.

Ela sorriu para Luce como se não tivesse havido nenhuma reunião em seu gabinete ontem, como se Luce não estivesse trancafiada.

Luce tinha ganho o lugar de honra na expansiva mesa principal do corpo docente, ao lado de Francesca. Todos os doadores vieram juntos apertar as mãos do corpo docente. Os três outros alunos na mesa principal eram Lilith, Beaker Brady, e uma menina coreana de cabelos curto e escuro que Luce não conhecia -- tinham conseguido seus lugares em um concurso de redação. Tudo que Luce teve que fazer era irritar seus professores o suficiente para que eles ficassem com medo de deixá-la fora da suas vistas.

A refeição estava finalmente acabando quando Steven se inclinou para frente em sua cadeira. Assim como Francesca, ele não exibia nenhum veneno de ontem. "Se certifique de Luce se apresente ao Dr. Buchanan."

Francesca deu a última mordida em um bolinho de broa de milho com manteiga. "Buchanan é um dos maiores patrocinadores da escola ", disse para Luce. "Você deve ter ouvido de seu programa Demonios no Exterior?"

Luce encolheu os ombros quando os garçons reapareceram para limpar os pratos.

"Sua ex-mulher tinha linhagem de anjo, mas após o divórcio ele mudou algumas de suas alianças. Ainda assim..." Francesca olhou para Steven "é uma pessoa muito boa pra se conhecer. Oh, Olá, Srta Fisher! Que bom você ter vindo."

"Sim, Olá". Uma mulher idosa com um sotaque britânico forte, um casaco de vison volumoso, e mais diamantes em volta do pescoço do que Luce jamais tinha visto antes, estendeu a mão com luvas brancas para Steven, que se levantou para cumprimentá-la. Francesca se levantou também, inclinando-se para cumprimentar a mulher com um beijo em cada bochecha. "Onde está o meu Miles?", Perguntou a mulher.

Luce pulou. "Oh, você deve ser a avó de Miles...?"

"Meu Deus, não." A mulher recuou. "Não tenho filhos, nunca me casei, boo-hoo-hoo. Sou Srta. Ginger Fisher, um ramo NorCal na árvore genealógica. Miles é o meu sobrinho neto. E você é?"

"Lucinda Price."

"Lucinda Price, sim." Srta Fisher abaixou o nariz para Luce, apertando os olhos. "Li sobre você em uma ou outra história. Embora eu não lembre o que exatamente você fez"

Antes que Luce pudesse responder, as mãos de Steven estava em seus ombros. "Luce é uma das nossas mais novas alunas", ele explodiu. "Você vai ficar feliz em saber que Miles realmente tomou conta de tudo para fazê-la se sentir confortável aqui."

Os olhos estrabicos da Srta Fisher já estavam procurando além deles, examinando o gramado lotado. Os convidados haviam quase terminado de comer, e agora Shelby estava acendendo as tochas tiki espetadas no chão. Quando a tocha mais próxima à mesa principal ficou brilhante, ela iluminou Miles, inclinado sobre a mesa ao lado para limpar alguns pratos.

"Será que é o meu sobrinho-neto...servindo a mesa?" Srta Fisher pressionou uma mão enluvada contra a testa.

"Na verdade", disse Shelby, intrometendo-se na conversa, com o isqueiro da tocha na mão, "ele é o carregador de..."

"Shelby". Francesca cortou. "Eu acho que a tocha tiki perto das mesas dos Nephilins acabou de apagar. Você poderia consertar? Agora?"

"Que saber?" Luce disse a Sra. Fisher. "Eu vou pegar Miles e trazê-lo até aqui. Você deve estar ansiosa vê-lo."

Miles tinha trocado o boné dos Dodgers e camiseta por uma calça de tweed marrom e uma camisa laranja brilhante de botoes. Uma escolha meio ousada, mas parecia bom.

"Ei!" Ele acenou com a mão que não estava equilibrando uma pilha de pratos sujos. Miles não parecia se importar em trabalhar nas mesas. Ele estava sorrindo, sentindo-se a vontade, conversando com todos no banquete enquanto ele limpava os pratos.

Quando Luce se aproximou, ele colocou os pratos na mesa e deu-lhe um grande abraço, apertando-lhe mais perto no final. "Você está bem?", Perguntou ele, inclinando a cabeça para um lado, para que seus cabelos castanhos caíssem sobre os olhos. Ele não parecia acostumado com a maneira que seu cabelo mudava sem o boné, e ele jogou rapidamente para trás. "Você não parece tão bem. Quero dizer...você está linda, não era disso que eu tava falando. De verdade. Eu realmente gostei do vestido. E seu cabelo está bonito. Mas você parece que também tá meio-" ele franziu a testa "para baixo".

"Isso é perturbador." Luce chutou a grama com a ponta do seu salto alto preto. "Porque isso foi o melhor que me falaram a noite toda."

"Sério?" O rosto de Miles iluminou-se apenas o suficiente para ele tomar isso como um elogio. Em seguida, o semblante caiu. "Eu sei que deve estar sendo um saco ficar de castigo. Se você me perguntar, Frankie e Steven estão levando isso mais a sério do que deveria. Mantê-la debaixo das asas a noite toda"

"Eu sei".

"Não olhe agora, eu tenho certeza que eles estão nos observando. Ah, ótimo. "Ele gemeu. "Será que aquela é minha tia Ginger?"

"Eu já tive o prazer de conhecer." Luce riu. "Ela quer vê-lo."

"Tenho certeza que ela quer. Por favor, não pense que todos os meus parentes são como ela. Quando você encontrar o resto do clã no dia de Ação de Graças "

Ação de Graças com Miles. Luce tinha esquecido completamente disso.

"Ah." Miles estava observando o rosto dela. "Você não acha que Frankie e Steven vão fazer você ficar aqui no dia de Ação de Graças?"

Luce encolheu os ombros. "Achei que era isso que 'até outra ordem' significava".

"Então é isso que está deixando você triste." Ele colocou uma mão no ombro nu de Luce. Ela tinha lamentando o vestido sem mangas, até agora, até os dedos pousarem em sua pele. Não era nada parecido ao toque de Daniel ,que era eletrizante e mágico todo tempo, mas era reconfortante, no entanto.

Miles se aproximou, baixando o rosto até o dela. "O que foi?"

Ela olhou em seus olhos escuros azuis. Sua mão ainda estava em seu ombro. Ela sentiu os lábios se partindo com a verdade, ou o que ela sabia da verdade, pronto para sair de dentro dela. Que Daniel não era quem ela pensava que ele era. Significava que talvez ela não era quem ela pensava ser. Que tudo que ela sentia por Daniel na Sword & Cross ainda estava lá, pensar nisso a deixava tonta, mas tudo agora também era tão diferente. E que todo mundo ficava dizendo que esta vida era diferente, que era hora de quebrar o ciclo, mas ninguém podia dizer o que que isso significava. Que talvez isso não terminasse com Luce e Daniel juntos. Que talvez era para ela se libertar e fazer algo por conta própria.

"É difícil colocar tudo isso em palavras", disse ela finalmente.

"Eu sei", disse Miles. "Eu tenho dificuldade com isso. Na verdade, tem algo que eu meio que estou querendo te dizer... "

"Luce". Francesca estava subitamente parada ali, praticamente no meio deles. "É hora de ir. Eu vou levar você de volta para seu quarto agora."

Tanta coisa para fazer ela mesma.

"E Miles, sua tia Ginger e Steven gostariam de vê-lo."

Miles jogou para Luce um último sorriso simpático, antes de marchar em direção a sua tia.

As mesas estavam sendo limpas, mas Luce podia ver Ariane e Roland rindo à toa perto do bar. Um grupo de meninas Nephilins se agruparam em volta de Dawn. Shelby estava de pé ao lado de um rapaz alto, com cabelos descoloridos, loiros e pele pálida, quase branca.

O ex-namorado idiota. Tinha que ser. Ele estava se encostando em Shelby, claramente ainda interessado, mas ela ainda estava claramente irritada. Por estar irritada, ela nem percebeu Luce e Francesca caminhando pra perto, mas o ex-namorado dela percebeu. Seu olhar fixou em Luce. O pálido não-muito-azul de seus olhos estavam assustados.

Então, alguém gritou que a festa estava descendo para a praia, e Shelby ignorou seu ex-namorado virando as costas para ele, dizendo que era melhor não segui-la para a festa.

"Você desejaria poder se juntar a eles?" Francesca perguntou enquanto elas se moviam mais longe da agitação do terraço. O barulho e o vento acalmaram tanto enquanto elas caminhavam ao longo do caminho de cascalho na direção do dormitório, passando por filas de buganvílias rosa forte. Luce começou a se perguntar se Francesca era responsável pela tranquilidade que pairava.

"Não." Luce gostava muito deles o suficiente, mas se fosse para anexar a palavra desejar alguma coisa agora, não seria a ir numa festa na praia. Ela iria desejar...bem, ela não tinha certeza o quê. Algo que tivesse a ver com Daniel, isso ela sabia, mas o quê? Que ele contasse o que está acontecendo, talvez. Que, em vez de protegê-la retendo informação, ele poderia enchê-la com a verdade. Ela ainda amava Daniel. É claro que ela sim. Ele conhecia ela melhor do que ninguém.

Seu coração acelerava cada vez que ela o via. Ela ansiava por ele. Mas o quão bem ela realmente conhecia ele?

Francesca fixou os olhos na grama enfileirada no caminho para o dormitório. Muito sutilmente, os braços dela se estenderam para ambos os lados, como uma bailarina na barra.

"Não era lírios e nem rosas", ela murmurou sob sua respiração enquanto a ponta dos dedos estreitos dela começaram a tremer.

"O que era, então?"

Ouviu-se um som suave de batida, como raízes de uma planta sendo puxadas de um canteiro, e de repente, miraculosamente, uma fileira de flores brancas como um raio de lua surgiu em ambos os lados do caminho.

Densas e viçosas e com uns trinta centímetros de altura, estas não eram flores qualquer.

Elas eram raras e delicadas peônias selvagens, com botões tão grandes quanto bolas de beisebol. As flores que Daniel tinha trago a Luce quando ela estava no hospital -- e talvez outras vezes antes. Beirando o caminho até Shoreline, elas brilhavam na noite como estrelas.

"O que foi isso?" Luce perguntou.

"Pra você", disse Francesca.

"Para quê?"

Francesca tocou-lhe brevemente na bochecha. "Às vezes as coisas bonitas entram em nossas vidas do nada. Nem sempre podemos entendê-las, mas temos de confiar nelas. Eu sei que você quer questionar tudo, mas às vezes vale apenas ter um pouco de fé."

Ela estava falando de Daniel.

"Você olha para mim e Steven," Francesca continuou, "e eu sei que podemos confundir. Se eu amo ele? Sim. Mas quando a batalha final vier, eu vou ter que matá-lo. Isso é apenas a nossa realidade. Nós dois sabemos exatamente onde nós estamos."

"Mas você não confia nele?"

"Eu acredito que ele seja fiel à sua natureza, que é a do demônio. Você precisa confiar que aqueles em torno de você vão ser fieis à sua natureza. Mesmo quando possa parecer que eles estão traindo quem eles são."

"E se não for assim tão fácil?"

"Você é forte, Luce, independente de qualquer coisa ou alguém. A maneira como você respondeu ontem, em meu escritório, eu podia ver isso em você. E me fez muito feliz ...".

Luce não se sentia forte. Sentia-se tola. Daniel era um anjo, por isso a sua verdadeira natureza tinha que ser boa. Então ela deveria aceitar isso cegamente? E a verdadeira natureza dela? Não incondicionalmente. Será que era Luce a razão para as coisas entre eles estarem tão complicadas? Muito tempo depois que ela entrou em seu quarto e fechou a porta atrás dela, não pode tirar as palavras de Francesca da cabeça.

Cerca de uma hora depois, uma batida na janela fez Luce saltar enquanto ela estava sentada observando o fogo diminuir na lareira. Antes que ela pudesse se levantar, houve uma segunda batida na vidraça, mas desta vez parecia mais hesitante. Luce levantou-se do chão e foi até a janela. O que Daniel está fazendo aqui outra vez? Depois de dar tanta importância ao fato de não ser seguro os dois se verem, porque ele continua aparecendo?

Ela não sabia sequer o que Daniel queria dela, além de atormentá-la do jeito que ela tinha visto ele atormentar as outras versões dela nos Anunciadores. Ou, como ele dizia, amado tantas versões dela. Hoje à noite tudo o que ela queria dele era ser deixada sozinha.

Ela escancarou as persianas de madeira, em seguida, empurrou a vidraça, derrubando mais um das mil plantas de Shelby. Ela apoiava as mãos no parapeito e, em seguida mergulhou sua cabeça na noite, pronta para atacar Daniel. Mas não era Daniel em pé na beirada a luz do luar.

Era Miles.

Ele tinha trocado suas roupas extravagantes, mas ele não trouxe o boné dos Dodgers. A maior parte de seu corpo estava na sombra, mas o contorno de seus ombros largos ficava claro contra a noite de um azul profundo. Seu sorriso tímido trouxe um sorriso de resposta ao rosto dela. Ele estava segurando uma cornucópia de ouro cheias de lírios laranja arrancados de uma das decorações de mesa da Festa da Colheita.

"Miles", disse Luce. A palavra estava estranha em sua boca. Estava marcada pela surpresa agradável, quando há pouco tinha estado tão preparada para ser desagradável. Seus batimentos cardíacos voltaram ao normal, e ela não conseguia parar sorrir.

"O quão louco é o fato de eu poder andar pela borda da minha janela até a sua?"

Luce balançou a cabeça, atordoada demais. Ela nunca tinha ido ao quarto de Miles do lado dos meninos no dormitório. Ela nem sabia onde era.

"Viu?" Seu sorriso se ampliou. "Se você não tivesse de castigo, nunca teríamos sabido. É muito bonito aqui, Luce, você devia sair. Você não tem medo de altura ou algo assim, né?"

Luce queria sair para a beirada com Miles. Ela só não queria lembrar dos tempos que ela estava lá fora, com Daniel. Os dois eram muito diferentes. Miles - confiável, doce, preocupado. Daniel - o amor de sua vida. Se fosse assim tão simples. Pareceria injusto e impossível de compará-los.

"Como é que você não está na praia com todo mundo?", Perguntou ela.

"Nem todo mundo está lá embaixo na praia." Miles sorriu. "Você está aqui". Acenou a cornucópia de flores no ar. "Eu trouxe isso para você do jantar. Shelby tem todas aquelas plantas no lado dela do quarto. Eu achei que você poderia colocar essas em sua escrivaninha."

Miles enfiou o chifre de vime através da janela para ela. Estava cheio de flores laranja brilhante. Os estames pretos estremeciam ao vento. Elas não eram perfeitas, algumas estavam mesmo murchas, mas elas estavam muito mais bonitas do que as maiores-que-já-vi-na-vida peônias que Francesca fez florescer. Às vezes coisas bonitas entram em nossas vidas do nada.

Esta foi talvez a coisa mais gentil que alguém já tinha feito por ela em Shoreline — até mesmo na vez em que Miles invadiu o escritório de Steven para roubar o livro para que ele pudesse ajudar Luce a aprender como transpassar uma sombra. Ou na vez em que Miles a convidou para tomar café da manhã, no primeiro dia que ele a conheceu. Ou quão rápido Miles tinha incluído ela nos seus planos de Ação de Graças. Ou a ausência

total de ressentimento no rosto de Miles quando foi-lhe atribuído o serviço de lixo depois que ela o tinha colocado em apuros por fugirem. Ou o jeito como Miles...

Ela poderia levar, ela percebeu, a noite toda. Ela carregou as flores atravessando toda a sala e colocou-as em sua escrivaninha.

Quando ela voltou, Miles estava estendendo a mão para que ela saísse na janela. Ela poderia inventar uma desculpa, algo estúpido de não quebrar as regras de Francesca. Ou ela poderia simplesmente tomar a sua mão quente, forte e segura, e deixar-se deslizar pela janela. Ela poderia esquecer Daniel por apenas um momento.

Lá fora, o céu era uma explosão de estrelas. Elas brilhavam na noite negra como os diamantes da Srta Fisher --- mas mais claras, mais brilhantes, ainda mais bonitas. Daqui, o topo das sequoias ao leste da escola parecia denso, sombrio e sinistro, a oeste estavam a incessantemente água agitada e a luz distante da fogueira ardente na praia tumultuada. Luce tinha notado essas coisas antes da beirada. Oceano. Floresta. Céu. Mas todas as outras vezes que ela esteve aqui, foi com Daniel consumindo seu foco. Quase cegou ela, até o ponto de ela nunca ter notado a paisagem.

Era realmente de tirar o fôlego.

"Você provavelmente está se perguntando por que eu vim", disse Miles, o que fez Luce perceber que os dois haviam ficado um tanto em silêncio por um tempo. "Comecei a falar isso mais cedo, mas...eu não...não tenho certeza"

"Estou feliz que você veio. Estava ficando um pouco chato ali, olhando para o fogo." Ela deu-lhe um meio sorriso.

Miles enfiou as mãos nos bolsos. "Olha, eu sei que você e o Daniel..."

Luce involuntariamente gemeu.

"Você está certa, eu nem deveria falar disso..."

"Não, não foi por isso que eu gemi".

"É só que...Você sabe que eu gosto de você, certo?"

"Hum". É claro que Miles gostava dela. Eles eram amigos. Bons amigos. Luce mordeu o lábio. Agora ela estava se fazendo de boba, o que nunca era um bom sinal. A verdade: Miles gostava dela. E ela gostava dele também. Olhe para o cara. Com seus olhos azul-oceano e pequenas risadas que ele dava toda vez que ele abria um sorriso. Além disso, ele era de longe a pessoa mais legal que ela já conhecera.

Mas havia Daniel, e antes dele tinha havido Daniel também, e Daniel de novo e de novo - isso era infinitamente complicado.

"Estou estragando isso." Miles estremeceu. "Quando tudo que eu mais queria fazer era dizer boa noite."

Ela olhou para ele e descobriu que ele estava olhando para ela. Suas mãos saíram dos bolsos, encontrou com as mãos dela, e apertou-as no espaço entre os peitos deles. Ele se inclinou lentamente, deliberadamente, dando a Luce outra chance de sentir a noite espectacular ao redor deles.

Ela sabia que Miles estava indo beijá-la. Ela sabia que não deveria deixá-lo. Por causa de Daniel, claro --- mas também por causa do que tinha acontecido quando ela tinha beijado Trevor. Seu primeiro beijo. O único beijo que ela já tinha tido com alguém além de Daniel. Poderia estar vinculado a Daniel o motivo de Trevor ter morrido? E se no segundo em que ela beijasse Miles, ele...ela não poderia nem sequer pensar nisso.

"Miles". Ela pressionou-o para trás. "Você não deveria fazer isso. Me beijar é ", ela engoliu "perigoso".

Ele riu. Claro que ria, porque ele não sabia nada sobre Trevor. "Eu acho que vou arriscar."

Ela tentou empurrá-lo para trás, mas Miles tinha um jeito de fazê-la sentir-se tão bem com quase tudo. Até mesmo isso. Quando a boca dele desceu sobre a dela, ela prendeu a respiração, esperando o pior.

Mas nada aconteceu.

Os lábios de Miles eram suaves como penas, beijando-a delicadamente o suficiente para que ela ainda sentisse como seu bom amigo, mas com paixão o suficiente para provar que havia mais de onde este veio. Se ela quisesse.

Mas mesmo que não houvesse as chamas, nem pele queimada, e nenhuma morte ou destruição --- e porque não estavam ali? --- o beijo ainda parecia errado. Por muito tempo, tudo que os lábios dela queriam eram os lábios de Daniel, o tempo todo. Ela costumava sonhar com seu beijo, seu sorriso, seus lindos olhos violetas, seu corpo segurando o dela. Nunca deveria ter sido qualquer outra pessoa.

E se ela tivesse enganada em relação a Daniel? E se ela pudesse ser mais feliz...ou feliz, e ponto...com outro cara?

Miles se afastou, olhando feliz e triste ao mesmo tempo. "Então, boa noite." Virou-se, quase como se ele estivesse voltando para o quarto dele. Mas então ele se virou para trás. E pegou a mão dela.

"Se você sentir que as coisas não estão dando certo, você sabe, com..." Ele olhou para o céu. "Eu estou aqui. Só queria que você soubesse". Luce balançou a cabeça, já lutando contra uma onda de confusão. Miles apertou a mão dela, então saiu na outra direção, saltando sobre o teto inclinado de telhas, de volta para o seu lado do dormitório.

Sozinha, ela tocou nos lábios onde os de Miles tinham acabado de estar. A próxima vez que ela visse Daniel, ela seria capaz de contar? Sua cabeça doía de todos os altos e baixos do dia, e ela queria ir para a cama.

Quando ela deslizou para trás da janela entrando seu quarto, ela virou uma última vez para apreciar a vista, para lembrar de como tudo estava na noite em que tantas coisas haviam mudado.

Mas, em vez das estrelas e árvores e ondas quebrando, olhos de Luce fixaram-se em alguma coisa por trás de uma das muitas chaminés do telhado. Alguma coisa branca e esvoaçante. Um par de asas iridescentes.

Daniel. Agachado, apenas metade escondido da vista, a poucos metros de onde ela e Miles haviam se beijado. Ele estava de costas para ela. Sua cabeça estava pendurado.

"Daniel", ela gritou, sentindo a sua voz capturar o nome dele.

Quando ele se virou para ela, o olhar desenhado no rosto dele era de absoluta agonia. Como se Luce tivesse acabado de rasgar o coração dele. Ele dobrou os joelhos, desfraldou suas asas e decolou na noite.

Um minuto depois, parecia apenas mais uma estrela no céu preto
brilhante.

Capítulo 16

Três Dias

No café da manhã na manhã seguinte, Luce mal conseguia comer nada.

Era o último dia de aula antes de Shoreline dispensar os estudantes para o feriado de Ação de Graças, e Luce já estava se sentindo solitária. Solidão numa multidão de pessoas era o pior tipo de solidão, mas ela não podia fazer nada. Todos os alunos ao seu redor estavam conversando alegremente sobre ir para casa de suas famílias. Sobre a garota ou rapaz que não tinham visto desde das férias de verão. Sobre as festas que seus melhores amigos estavam fazendo no fim de semana.

A única festa que Luce estava indo neste fim de semana era a festa da piedade em seu quarto vazio. É claro que alguns outros alunos da escola principal ficaram hospedados durante o feriado: Connor Madson, que tinha vindo para Shoreline de um orfanato em Minnesota. Brenna Lee, cujos pais viviam na China. Francesca e Steven estavam hospedados também -- surpresa, surpresa -- e estavam fazendo um jantar de Ação de Graças para os desalojados no refeitório na noite de quinta-feira.

Luce tinha esperança de uma única coisa: que a ameaça de Ariane de manter os olhos nela incluísse o feriado de Ação de Graças. Por outro lado, ela mal a viu desde que Ariane tinha trazido os três de volta para Shoreline. Somente naquele breve momento na Festa da Colheita.

Todo mundo estava saindo nos próximos dias. Miles para o evento abastecido de sua família de mais de cem pessoas. Dawn e Jasmine para a reunião de suas famílias na mansão de Jasmine em Sausalito. Até mesmo Shelby, embora ela não tivesse dito uma palavra a Luce sobre voltar para Bakersfield, tinha estado ao telefone com sua mãe um dia antes, gemendo, "sim. eu sei. Eu estarei lá."

Era o pior momento possível para Luce ser deixada sozinha. A agitação de sua confusão interna se densificava todos os dias, até que ela não sabia como se sentir em relação a Daniel ou a qualquer outra pessoa. E ela não podia parar de ficar amaldiçoando-se por ter sido tão estúpida na noite anterior, deixando Miles ir tão longe.

Durante toda a noite, ela continuou chegando à mesma conclusão: Mesmo que ela estivesse chateada com Daniel, o que tinha acontecido com Miles não era culpa de ninguém, apenas dela. Era ela que tinha traído.

Isso a fez fisicamente doente por pensar em Daniel sentado lá fora, olhando, sem dizer nada enquanto ela e Miles se beijavam; imaginar como ele devia ter se sentido quando ele levantou vôo do seu telhado. O jeito que ela se sentira quando ouviu sobre o que tinha acontecido entre Daniel e Shelby — só que pior porque foi uma traição de verdade. Só mais uma coisa a acrescentar à lista de provas de que ela e Daniel não conseguiam se comunicar.

Um riso suave a trouxe de volta ao seu café da manhã não comido.

Francesca estava deslizando ao redor das mesas com uma longa capa de bolinhas em preto-e-branco. Toda vez que Luce olhava para ela, ela tinha aquele sorriso afetuoso preso no rosto e estava absorta na conversa com um aluno ou outro, mas Luce ainda sentia sob forte escrutínio. Como se Francesca pudesse entrar na mente de Luce e saber exatamente o que tinha feito Luce perder seu apetite. Como as selvagens peônias brancas que haviam desaparecido sem deixar vestígios da beirada do caminho durante a noite, assim também a crença de Francesca de que Luce estava saindo da linha pudesse desaparecer.

"Por que tão taciturna, companheira?", Shelby engoliu um grande pedaço grande de bagel. "Acredite, você não perdeu muita coisa na noite passada."

Luce não respondeu. A fogueira na praia era a coisa mais distante de sua mente. Ela acabou de perceber que Miles estava indo tomar o café da manhã, muito mais tarde do que costumava. Seu boné dos Dodgers estava baixo cobrindo os olhos, e seus ombros pareciam um pouco curvados. Involuntariamente, os dedos dela foram para os lábios.

Shelby estava acenando extravagantemente com ambos os braços sobre a cabeça. "Ele tá cego? Terra para Miles!" Quando ela finalmente chamou a atenção dele, Miles deu a mesa delas um aceno desajeitado,

praticamente tropeçando sobre o buffet. Ele acenou novamente, e depois desapareceu atrás do refeitório.

"Sou eu ou Miles tem agido bem desajeitado recentemente?" Shelby revirou os olhos e imitou o tropeço pateta de Miles. Mas Luce estava morrendo de vontade de esbarrar com ele e -- E o quê? Dizer a ele para não sentir vergonha? Que o beijo tinha sido culpa dela também? Que ter uma quedinha por um acidente de trem como ela só iria acabar mal? Que ela gostava dele, mas tinha tantas coisas em relação a isso - eles - era impossível? Que mesmo que ela e Daniel estejam brigando agora, nada poderia realmente ameaçar o amor deles?

"Enfim, como eu estava dizendo," Shelby continuou, enchendo a caneca de café de Luce com a garrafa de bronze na mesa. "Fogueira, hedonismo, blá blá blá. Essas coisas conseguem ser tão tediosas." Um lado da boca de Shelby se encolheu num meio-sorriso. "Principalmente, você sabe, quando você não está por perto."

O coração de Luce se abriu um pouco. De vez em quando, Shelby soltava o mais ínfimo raio de luz. Mas em seguida, sua companheira de quarto rapidamente encolhia os ombros, como se dissesse: Não deixe que isso suba à cabeça.

"Ninguém mais aprecia minha representação de Lilith. Isso é tudo." Shelby endireitou a coluna, botou o peito para frente, e fez o lado direito de seu lábio superior tremer em desaprovação. A representação de Lilith que Shelby fazia nunca tinha deixado de fazer Luce cair na gargalhada. Mas hoje tudo o que ela conseguia era um sorriso de boca fechada.

"Hmmm," Shelby disse. "Não que você tenha ligado pro que perdeu da festa. Eu notei Daniel voando a distância sobre a praia na noite passada. Vocês dois devem ter tido muita coisa para pôr em dia".

Shelby viu Daniel? Por que não havia mencionado mais cedo? Outra pessoa poderia tê-lo visto?

"Nós nem sequer nos falamos."

"É difícil de acreditar. Ele normalmente é tão cheio de ordens para lhe dar"

"Shelby, Miles me beijou", Luce interrompeu. Seus olhos estavam fechados. Por alguma razão, que tornou mais fácil de confessar. "Na noite passada. E Daniel viu tudo. Ele saiu voando antes que eu pudesse..."

"Sim, isso faria ele sair voando." Shelby soltou um assobio. "Isso é meio que demais."

O rosto de Luce queimou de vergonha. Sua mente não conseguia tirar a imagem de Daniel levantando vôo. Parecia tão inalterável.

"Então está, você sabe, tudo acabado entre você e o Daniel?"

"Não. Nunca ". Luce não podia nem ouvir essa frase, sem tremer. "Eu simplesmente não sei."

Ela não tinha dito a Shelby o resto do que ela tinha vislumbrado no Anunciador, que Daniel e Cam estavam trabalhando em conjunto. Eram amigos secretos, até onde ela podia dizer. Shelby não saberia quem era Cam, de qualquer maneira, e a história era muito complicada de explicar. Além disso, Luce não seria capaz de suportá-la se Shelby, com seus pontos de vista oh-tão-deliberadamente-controversos sobre anjos e demônios, comesse a ficar falando que uma parceria entre Daniel e Cam não era lá grandes coisa.

"Você sabe que Daniel está completamente arrazado agora. Mas não é a grande parada de Daniel, a devoção eterna que vocês dois dividem?"

Luce endureceu-se em sua cadeira de ferro branco.

"Eu não estava sendo sarcástica, Luce. Então, talvez, eu não sei, Daniel tem se envolvido com outras pessoas. É tudo muito nebuloso. A mensagem para te levar para casa, como eu disse antes, é porque nunca havia nenhuma dúvida na mente dele de que você era a única que importava."

"Isso é para me fazer sentir melhor?"

"Não tenho a pretensão de fazer você se sentir melhor, eu estou apenas tentando ilustrar uma ideia. Por toda a indiferença irritante de Daniel, e há muito disso, o cara está claramente dedicado. A real questão aqui é: você está dedicada? Com relação ao que Daniel sabe, você poderia deixá-lo tão logo alguém aparecesse. Miles apareceu. E ele é obviamente um cara fantástico. Um pouco bobo para o meu gosto, mas..."

"Eu nunca iria deixar Daniel," Luce disse em voz alta, querendo desesperadamente acreditar. Ela pensou sobre o horror no rosto dele na noite em que eles brigaram na praia. Ela ficou chocada quando ele tinha sido tão rápido em perguntar: nós estamos terminando? Como se ele suspeitasse que houvesse uma possibilidade. Como se ela não tivesse engolido toda a história louca dele sobre o amor infinito deles quando ele disse pra ela debaixo das árvores de pêssago na Sword & Cross. Ela teve de engoli-la, em um único gole de crença, ingerindo em todas fendas dela, as peças demasiado irregulares que não faziam sentido, mas pediu-lhe para crer naquela época. Agora, a cada dia, outras delas a consumiam por dentro. Ela podia sentir uma enorme subindo pela garganta: "Na maioria das vezes, eu nem sei por que ele gosta de mim."

"Vamos lá," Shelby gemeu. "Não seja uma dessas meninas. Ele é muito bom para mim, wah wah wah. Vou te chutar para a mesa de Dawn e Jasmine. Elas são peritas nisso, não eu."

"Eu não queria dizer desse jeito." Luce inclinou-se e baixou a voz. "Eu quero dizer, anos atrás, quando Daniel estava, você sabe, lá em cima, ele me escolheu. Eu, entre todas as outras na Terra"

"Bem, provavelmente havia muito menos opções naquela época, Ai!" Luce havia golpeado ela. "Só estou tentando aliviar o clima!"

"Ele me escolheu, Shelby, ao invés de escolher alguma função importante no Céu, ao invés de uma posição elevada. Isso é muito importante, você não acha?" Shelby assentiu. "Tinha que ter mais do que só o fato dele pensar que eu era bonita."

"Mas...você não sabe o que era?"

"Eu perguntei, mas ele nunca me contou o que aconteceu. Quando eu puxei o assunto, era quase como se Daniel não conseguisse se lembrar. E isso é loucura, porque isso significa que nós dois estamos apenas sendo levados pelo impulso. Com base em milhares de anos de um conto de fadas nem um de nós pode nem mesmo pode voltar atrás".

Shelby esfregou o queixo. "O que mais que Daniel anda escondendo de você?"

"Isso é o que eu pretendo descobrir."

No terraço, o tempo tinha passado rápido, a maioria dos alunos estavam indo para a aula. Os garçons bolsistas estavam se apressando em limpar os pratos. Numa mesa próxima ao oceano, Steven estava bebendo café sozinho. Seus óculos estavam dobrados e descansando sobre a mesa. Seus olhos se encontraram com os de Luce, e ele segurou o olhar dela por um longo tempo, tanto tempo que, mesmo após ela se levantar para ir para a aula, a expressão intensa e vigilante se prendeu nela.

Após o mais longo e mais entorpecente vídeo sobre a divisão celular que ela já viu, Luce saiu da aula de biologia, descendo as escadas do prédio principal, e no lado de fora, ela se surpreendeu ao ver o estacionamento completamente lotado. Os pais, irmãos mais velhos, e mais do que uns poucos motoristas formavam uma longa fila de veículos dos tipos que Luce não tinha visto desde a pista expressa no ensino médio dela na Geórgia.

Em torno dela, os alunos saíram correndo da aula e foram em ziguezague para os carros, com as malas de rodinhas no encalço. Dawn e Jasmine abraçaram-se antes de Jasmine entrar num carro da cidade e os irmãos de Dawn abriram espaço no banco de trás de um carro esportivo. As duas iam se separar apenas por algumas horas.

Luce se esgueirou de volta ao prédio e saiu pela porta traseira raramente utilizada para ir ao dormitório. Ela definitivamente não poderia lidar com despedidas agora. Caminhando sob o céu cinzento, Luce ainda estava super culpada, mas a conversa dela com Shelby havia deixado seu sentimento um pouco mais no controle. Tudo estava ferrado, ela sabia disso, mas ter beijado alguém a fez sentir como se ela finalmente tivesse uma ocasião para falar no seu relacionamento com Daniel. Talvez ela receba uma reação dele, para variar.

Ela poderia pedir desculpas. Ele poderia pedir desculpas. Eles poderiam fazer uma limonada ou tanto faz. Passar por essa porcaria e realmente começar a falar. Então naquele momento, seu telefone tocou.

Uma mensagem do Sr. Cole:

Tomei conta de tudo.

Então o Sr. Cole tinha passado adiante a notícia de que Luce não estava voltando para casa. Mas ele convenientemente deixou de fora de sua mensagem se seus pais ainda estavam querendo falar com ela ou não. Ela não tinha ouvido falar deles há dias.

Era uma situação sem saída: se eles escreveram para ela, ela sentia-se culpada por não escrevê-los de volta. Se eles não escreverem para ela, sentia-se responsável por ser a razão pela qual eles não tentaram se comunicar. Ela ainda não tinha descoberto o que fazer com Callie.

Ela bateu com os pés nas escadas do dormitório vazio. Cada passo ecoava oco no edifício cavernoso. Ninguém estava por perto. Quando ela chegou ao seu quarto, ela esperava não encontrar Shelby, ou pelo menos, não vê-la de mala cheia esperando na porta.

Shelby não estava lá, mas suas roupas ainda estavam espalhadas por todo o lado do quarto. Seu colete vermelho inflado ainda estava no prendedor de roupa, e seu equipamento de yoga ainda estava empilhado no canto. Talvez ela não fosse embora até amanhã de manhã.

Antes que Luce tivesse fechado totalmente a porta atrás dela, alguém bateu no outro lado. Ela enfiou a cabeça para o corredor.

Miles.

As palmas das mãos ficaram úmidas e ela podia sentir a pulsação dela acelerar. Ela se perguntou como seu cabelo estava, se ela se lembrava de ter feito sua cama esta manhã, e quanto tempo ele tinha andado atrás dela. Se ele vira ela se esquivando da caravana de despedidas de Ação de Graças, ou se viu o olhar aflito em seu rosto quando ela tinha verificado suas mensagens de texto.

"Oi", ela disse suavemente.

"Oi".

Miles estava com um grosso sueter marrom sobre uma camisa de colarinho branco. Ele estava usando aquelas calças de brim com um buraco no joelho, aquelas que sempre faziam Dawn pular para segui-lo de modo que ela e Jasmine pudessem perder o sentido atrás dele.

A boca de Miles contorceu-se em um sorriso nervoso. "Quer fazer alguma coisa?"

Os polegares dele estavam colocados sob as alças da mochila azul marinho e sua voz ecoou pelas paredes de madeira. Passou pela mente de

Luce que ela e Miles poderiam ser as duas únicas pessoas em todo o edifício. A ideia era ao mesmo tempo emocionante e desgastante.

"Estou de castigo por toda a eternidade, lembra?"

"É por isso que eu trouxe a diversão até você."

No começo Luce pensou que Miles estava se referindo a si mesmo, mas depois ele deslizou sua mochila para fora do ombro e abriu o zíper do compartimento principal. Dentro havia uma coleção de jogos de tabuleiro: Boggle (uma espécie de caça-palavras). Connect Four. Parcheesi. O jogo do High School Musical. Até mesmo Scrabble pra viagem. Era tão gentil, e nem um pouco inadequado que Luce pensou que poderia chorar.

"Eu pensei que você estava indo para casa hoje", disse ela. "Todo mundo está indo embora."

Miles deu de ombros. "Meus pais disseram que seria legal se eu ficasse. Eu estarei em casa novamente em umas duas semanas, e, além disso, temos opiniões diferentes sobre as férias perfeitas. A deles é algo digno pra um destaque na seção do New York Times Styles".

Luce riu. "E o seu?"

Miles cavou um pouco mais em sua mochila, retirando dois pacotes de cidra de maçã, uma caixa de pipoca de microondas, e um DVD do Woody Allen com o filme Hannah e Suas Irmãs. "Muito modesto, mas você está procurando por isso." Ele sorriu. "Pedi pra você para passar o dia de Ação de Graças comigo, Luce. Só porque estamos mudando de local não significa que temos que mudar nossos planos."

Ela sentiu um sorriso se abrir em seu rosto, e segurou a porta para Miles entrar. O ombro dele tocou no dela, quando ele passou, e se olharam por um momento. Ela sentiu Miles quase girar, como se ele estivesse voltando para beijá-la. Ela ficou tensa, à espera.

Mas ele apenas sorriu, largou a mochila no meio do chão, e começou a descarregar sua Ação de Graças.

"Está com fome?", Perguntou ele, acenando com um pacote de pipoca.

Luce estremeceu. "Eu sou muito ruim em fazer pipoca." Ela estava pensando no tempo que ela e Callie quase incendiou dormitório delas em Dover. Ela não podia fazer nada. Isso fez sentir saudades de sua melhor amiga mais uma vez.

Miles abriu a porta do microondas. Ele ergueu um dedo. "Eu posso apertar qualquer botão com esse dedo e o microondas faz tudo. Você tem sorte de eu ser tão bom nisso."

Era estranho que mais cedo ela tinha se sentido tão deprimida por ter beijado Miles. Agora, ela percebia que ele era a única coisa fazendo-a se sentir melhor. Se ele não tivesse vindo, ela estaria caindo em outro abismo de culpa. Mesmo que ela não conseguisse se imaginar beijando-o novamente, não porque ela não quisesse, necessariamente, mas porque ela sabia que não estava certo, que ela não poderia fazer isso com Daniel...que ela não queria fazer isso com Daniel, a presença de Miles era extremamente reconfortante.

Eles jogaram Boggle até que Luce finalmente entendeu as regras, Scrabble até que perceberam que o conjunto estava faltando metade das letras, e Parcheesi até o sol se pôs no lado de fora da janela e estava muito escuro para ver o tabuleiro sem acender uma luz. Então Miles levantou-se e acendeu o fogo e deslizou Hannah e as Suas Irmãs no leitor de DVD no computador de Luce. O único lugar para sentar e assistir o filme era sobre a cama.

De repente, Luce sentiu-se nervosa. Antes, eles apenas eram dois amigos que jogaram jogos de tabuleiro em um dia útil de tarde. Agora, as estrelas estavam lá fora, o dormitório estava vazio, o fogo crepitava, e, o que isso os tornava?

Sentaram-se lado a lado na cama de Luce, e ela não conseguia parar de pensar onde as mãos dela estavam, se elas pareceriam anormais se ficassem presas no colo, se elas tocariam nas pontas dos dedos de Miles se ela descansassem-nas ao seu lado. No canto dos olhos, ela podia ver o peito dele se movendo enquanto ele respirava. Ela podia ouvir ele coçar a parte de trás do pescoço. Ele havia tirado o boné de beisebol, e ela podia sentir o cheiro cítrico do xampu no cabelo marrom fino dele.

Hannah e Suas Irmãs era um dos poucos filmes de Woody Allen que ela nunca tinha visto, mas ela não conseguia prestar atenção. Ela cruzou e descruzou as pernas três vezes antes da abertura dos títulos.

A porta se abriu. Shelby entrou no quarto, deu uma olhada no monitor do computador de Luce, e desabafou, "Melhor Filme de Ação de Graças de todos os tempos! Posso ver com..." Então, ela olhou para Luce e Miles, sentados no escuro sobre a cama. "Oh".

Luce deu um pulo pra fora da cama. "Claro que pode! Eu não sabia quando você estava indo embora para pra casa- "

"Nunca". Shelby lançou-se no beliche superior, enviando um pequeno terremoto até Luce e Miles na cama de baixo. "Minha mãe e eu brigamos. Não pergunte, foi muito tedioso. Além disso, eu prefiro muito mais sair com vocês, afinal."

"Mas Shelby..." Luce não podia imaginar uma briga tão séria que a impedia de ir para casa no dia de Ação de Graças.

"Vamos apenas nos divertir com a genialidade de Woody em silêncio," Shelby ordenou.

Miles e Luce atiraram-se um olhar de conspiração. "É isso aí," Miles gritou para Shelby, dando a Luce um sorriso.

Sinceramente, Luce ficou aliviada. Quando ela se acomodou na cama, os dedos dela roçaram nos de Miles, e ele lhes deu um aperto. Foi só por um momento, mas longo o suficiente para que Luce soubesse que, no que dizia respeito ao fim de semana de Ação de Graças, as coisas iriam ficar bem

Capítulo 17

Dois Dias

Luce acordou com o ruído de um cabide arrastando na barra do seu armário. Antes que ela pudesse ver quem era o responsável pelo barulho, um monte de roupas bombardearam ela. Sentou-se na cama, abrindo caminho por sob a pilha de calças, camisas e camisolas. Ela arrancou um par de meias argyle da testa.

"Ariane?"

"Você gosta do vermelho? Ou do preto?" Ariane estava segurando dois vestidos de Luce contra o corpo minúsculo dela, balançando enquanto ela exibia cada um.

Os braços de Ariane estavam despidos da pulseira de monitoramento terrível que ela teve que usar na Sword & Cross. Luce não tinha percebido até agora, e estremeceu ao lembrar do choque cruel que era enviado a Ariane quando ela pisava fora da linha. Todos os dias na Califórnia, as lembranças de Luce da Sword & Cross ficavam cada vez mais nebulosas, até que um momento como este a jogava de volta para a turbulenta estadia dela lá.

"Elizabeth Taylor diz que só algumas mulheres podem vestir vermelho", Ariane continuou. "É tudo uma questão de caimento e coloração. Felizmente, você tem ambas." Ela tirou o vestido vermelho do cabide e jogou-o na pilha.

"O que você está fazendo aqui?" Luce perguntou.

Ariane colocou suas pequenas mãos nos quadris. "Ajudando você a fazer as malas, sua boba. Você está indo pra casa."

"O q-quê... pra casa? O que você quer dizer?" Luce gaguejou.

Ariane riu, dando um passo a frente para tomar uma das mãos de Luce e puxa-la para fora da cama. "Para Geórgia, meu amor." Ela deu um tapinha na bochecha de Luce. "Com os bons e velhos Harry e Doreen. E, aparentemente, alguma amiga sua também está entrando nessa"

Callie. Ela realmente iria conseguir ver Callie? E seus pais? Luce cambaleou onde ela estava parada, de repente sem palavras.

"Você não quer passar o dia de Ação de Graças com sua família?"

Luce estava esperando a cilada. "Mas e..."

"Não se preocupe". Ariane torceu o nariz para Luce. "Foi ideia do Sr. Cole. Temos que manter a farsa que você ainda está por perto de seus pais. Esta parecia ser a maneira mais simples e divertida de manter ela."

"Mas quando ele me mandou uma mandou uma mensagem ontem, tudo o que ele disse foi ..."

"Ele não queria te dar esperanças até que ele tivesse tomado conta dos pequenos detalhes , incluindo..."- Ariane fez uma reverência "a escolta perfeita. Uma delas, de qualquer maneira. Roland deve estar aqui a qualquer momento."

Uma batida na porta.

"Ele é tão bom." Ariane apontou para o vestido vermelho, ainda nas mãos de Luce. "Vista logo essa gracinha."

Luce rapidamente se deslizou para dentro do vestido, então se esgueirou para dentro do banheiro para escovar os dentes e pentear os cabelos.

Ariane chegou até ela com uma mudança súbita! Quão grande é a mudança? Você nunca a incomodou com perguntas. Você simplesmente pulava elas.

Ela saiu do banheiro, esperando ver Roland e Ariane fazendo algo no-estilo-Roland-e-Ariane, como um deles de pé em cima da mala dela enquanto o outro tentava fechá-la em cima.

Mas não era Roland que tinha batido na porta.

Era Steven e Francesca.

Merda.

Palavras que posso dizer se formaram na ponta da língua de Luce. Ela não tinha ideia de como se safar desta situação. Ela olhou para Arriane pedindo ajuda. Arriane ainda estava jogando os tênis de Luce dentro da mala. Será que ela não sabia o enorme tipo de problema que estavam prestes a se meter?

Quando Francesca se aproximou, Luce se preparou. Mas então as mangas largas da blusa carmesim de Francesca envolveu Luce em um abraço inesperado. "Nós viemos para desejar-lhe o melhor."

"Claro que vamos sentir sua falta amanhã no que brincamos de chamar de Jantar para Desalojados ", disse Steven, tomando a mão de Francesca e afastando-a de Luce. "Mas é sempre melhor para o aluno estar com a família."

"Eu não entendo", disse Luce. "Vocês sabiam disso? Eu pensei que estava de castigo até segundo aviso."

"Nós conversamos com o Sr. Cole esta manhã", disse Francesca.

"E você não estava de castigo como punição, Luce", explicou Steven. "Era a única maneira que podíamos de garantir que você estaria a salvo sob as nossas ordens. Mas você está em boas mãos com Ariane".

Nenhum deles querendo se demorar mais, Francesca já estava levando Steven em direção à porta. "Nós ouvimos que seus pais estão ansiosos para vê-la. Algo sobre sua mãe encher o freezer com tortas. "Ela piscou para Luce, e tanto ela quanto Steven acenaram, e depois eles foram embora.

O coração de Luce se inchou com a perspectiva de voltar para casa para sua família. Mas não antes sem falar com Miles e Shelby. Eles ficariam chateados, se ela fosse para casa em Thunderbolt e os abandonasse aqui. Ela nem sabia onde estava Shelby. Ela não podia sair sem...

Roland enfiou a cabeça através da porta aberta de Luce. Ele parecia um profissional em seu terno risca de giz e sua viçosa camisa com colarinho branco. Seus dreads negros e dourados estavam mais curtos, mais

pontudos, fazendo a escuridão de seus olhos fundos ainda mais impressionante.

"A costa está limpa?", Perguntou ele atirando a Luce seu sorriso diabólico familiar. "Nós temos um parasita." Ele acenou com a cabeça para alguém por trás dele, que apareceu um momento mais tarde, com uma sacola nas mãos.

Miles.

Ele jogou para Luce um maravilhoso sorriso despreocupado e se sentou na beira da cama dela. Uma imagem dela apresentando-o aos seus pais passou pela mente de Luce. Ele tiraria o boné de beisebol, apertaria as mãos dos dois, elogiaria o bordado semi-acabado de sua mãe...

"Roland, que parte da 'missão ultra-secreta' você não entendeu?" Ariane perguntou.

"É minha culpa", admitiu Miles. "Eu vi Roland vindo pra cá...e eu arranquei isso dele. É por isso que ele está atrasado."

"Assim que esse cara ouviu as palavras Luce e Geórgia" Roland sacudiu seu polegar na direção de Miles "ele levou cerca de um nanossegundo para fazer as malas."

"Nós meio que temos um acordo de Ação de Graças, disse Miles, olhando apenas para Luce. "Eu não podia deixá-la quebrar isso."

"Não." Luce deu de volta um sorriso. "Ele não podia."

"Mmm-hmm". Ariane levantou uma sobrancelha. "Eu só me pergunto o que Francesca diria sobre isso. Se alguém deve comunicar seus pais primeiro, Miles"

"Ah, fala sério, Ariane." Roland acenou com desdém. "Desde quando você reporta algo para uma autoridade? Vou tomar conta do garoto. Ele não vai se meter em problemas."

"Se meter em problemas onde?" Shelby invadiu a sala, o seu tapete de yoga balançando de uma corda nas costas. "Onde estamos indo?"

"Pra casa de Luce na Geórgia para o dia de Ação de Graças", disse Miles.

No corredor, um cabeça loira oxigenada pairava atrás de Shelby. O ex-namorado dela. Sua pele estava branca-fantasma, e Shelby estava certa: havia algo estranho nos olhos dele. Eram muito pálidos.

"Pela última vez, eu disse adeus, Phil". Shelby rapidamente fechou a porta na cara dele.

"Quem era?" Roland perguntou.

"O idiota do meu ex-namorado."

"Parece ser um cara interessante", disse Roland, olhando para a porta, distraído.

"Interessante"? Shelby bufou. "Um mandado de segurança seria interessante." Ela deu uma olhada para a mala de Luce, em seguida, e para a bolsa de Miles, em seguida, começou a atirar a esmo seus pertences numa mala preta grossa.

Ariane ergueu as mãos. "Você não consegue fazer nada sem seus séquitos?" Ela perguntou a Luce. Em seguida, voltando-se para Roland, "Eu suponho que você queira assumir a responsabilidade por essa também?"

"Esse é o espírito do feriado!" Roland riu. "Nós estamos indo para a casa dos Price para o dia de Ação de Graças", disse ele a Shelby, cujo rosto se iluminou. "Quanto mais, melhor."

Luce não podia acreditar como tudo estava funcionando perfeitamente. O dia de Ação de Graças com sua família, Callie, Miles, Ariane, Roland e Shelby. Ela não poderia pedir nada melhor.

Só uma coisa incomodava ela. E isso incomodava pra valer.

"E Daniel?"

Ela queria dizer: Será que ele já sabe sobre essa viagem? E qual é a verdadeira história entre ele e Cam?

Será que ele ainda está zangado comigo por causa do beijo? E será que está errado Miles vir também? E também quais são as chances de Daniel aparecer amanhã na casa dos meus pais, embora ele dissesse que não pode me ver?

Ariane limpou a garganta. "Sim, o que dizer de Daniel?", Ela repetiu em voz baixa. "O tempo dirá."

"Então, nós temos bilhetes de avião ou algo assim?" Shelby perguntou. "Porque se formos voando, eu preciso colocar na mala meu serenity kit, óleos essenciais, e a bolsa termica. Você não querem me ver a dez quilômetros de altura sem eles."

Roland estalou os dedos.

Perto dos pés deles, uma sombra vinda da porta aberta se desgarrou das tábuas de madeira, levantando um alçapão como um caminho que poderia levar até um porão. Uma rajada de frio arrastou-se no chão, seguida por uma explosão gélida de trevas. Cheirava a feno molhado enquanto encolhia em uma esfera pequena e compacta. Mas então, num aceno de Roland, inchou em um portal negro e alto. Parecia o tipo de porta que conduziria a uma cozinha de restaurante, aquele do tipo vai-e-vem com uma janela de vidro redondo no topo. Só que, esta era feita da névoa de um Anunciador negro, e tudo o que era visível através da janela era uma negritude ainda mais escura.

"Isso parece exatamente com o que eu li no livro," Miles disse, claramente impressionado. "Tudo com o que eu pude lidar foi uma espécie estranha de janela trapezoidal." Sorriu para Luce. "Mas nós ainda o fizemos funcionar."

"Fecha comigo, garoto", disse Roland, "e você verá como é viajar em grande estilo."

Ariane revirou os olhos. "Ele é tão exibido".

Luce ergueu a cabeça para Ariane. "Mas eu pensei que você disse que..."

"Eu sei". Ariane levantou a mão. "Eu sei que repeti todo aquele sermão sobre o quão perigoso é viajar num Anunciador. E eu não quero ser um daqueles terríveis anjos faz-o-que-digo-e-não-o-que-faço. Mas nós todos concordamos, Francesca, Steven, Mr. Cole, todos..."

Todos? Luce não conseguia agrupá-los juntos sem ver um pedaço gritante faltando. Onde está Daniel nisso tudo?

"Além disso". Ariane sorriu orgulhosamente. "Estamos na presença de um mestre. Ro é um dos melhores viajantes de Anunciador." E então, num sussuro de lado para Roland: "Não deixe que suba à cabeça." Roland abriu a porta do Anunciador. As dobradiças da sombra gemeram e rangeram e se abriu mostrando um úmido poço vazio.

"Hum ... o que é mesmo, mais uma vez, que torna as viagens pelo Anunciador tão perigoso?" Miles perguntou.

Ariane mostrou ao redor da sala uma sombra sob a lâmpada da mesa, atrás da esteira de yoga de Shelby. Todas as sombras estavam tremendo. "Um leigo pode não saber qual Anunciador transpassar. E acredite em mim, há sempre espreitadores não-convidados, à espera de alguém que acidentalmente os abra."

Luce lembrou-se da sombra marrom doentia que ela tinha tropeçado. O espreitador não-convidado tinha dado a ela um vislumbre do pesadelo de Cam e Daniel na praia.

"Se você pegar o Anunciador errado, é muito fácil se perder", explicou Roland. "Por não ter qualquer ideia de onde ou quando você vai transpassar. Mas enquanto vocês ficarem com agente, não têm nada com que se preocupar."

Nervosa, Luce apontou para a saliência no Anunciador. Ela não se lembrava das outras sombras que eles tinham transpassado parecerem tão sombrias e escuras. Ou talvez ela só não soubesse as conseqüências até agora. "Nós não vamos simplesmente aparecer no meio da cozinha dos meus pais, vamos? Porque eu acho que minha mãe poderia desmaiar por causa do choque"

"Por favor". Ariane estalou a língua, guiando Luce, em seguida, Miles e, em seguida Shelby a ficarem de frente ao Anunciador. "Tenha um pouco de fé."

Era como atravessar uma névoa escura molhada, úmida e desagradável. Ela escorregava e se enrolava na pele de Luce e prendia em seus pulmões quando respirava. Um eco de um ruído puro e incessante encheu o túnel como uma cachoeira. Nas duas outras vezes que Luce tinha viajado no Anunciador, ela se sentiu pesada e apressada, se arremessando na escuridão para sair em algum lugar com luz. Desta vez foi diferente. Ela perdeu a noção de onde e quando ela estava até mesmo de quem ela era e onde estava indo.

Em seguida, uma mão forte puxou-a para fora.

Quando Roland a soltou, uma cachoeira ecoava gotejando, e o cheiro de cloro enchia o nariz. Uma prancha. Uma prancha familiar, debaixo de um alto teto curvado revestido com vitrais quebrados. O sol já tinha passado por cima das janelas altas, mas a luz ainda lançava fraca pelos prismas coloridos sobre a superfície de uma piscina olímpica. Ao longo das paredes, velas tremeluziam nas reentrâncias de pedra, lançando uma luz fraca e inútil. Ela reconheceria o ginásio desta igreja em qualquer lugar.

"Oh, meu Deus", sussurrou Luce. "Estamos de volta a Sword & Cross".

Ariane esquadrinhou o lugar rapidamente e sem afeto. "No que diz respeito a seus pais quando nos pegar amanhã de manhã, você esteve aqui o tempo todo. Entendeu?"

Ariane agia como se voltar pra Sword & Cross por uma noite não fosse diferente do que se registrar em um motel sem graça. Voltar a esta parte da vida dela, entretanto, era pra Luce como receber um tapa na cara.

Ela não tinha gostado daqui. Sword & Cross era um lugar miserável, mas era um lugar onde coisas tinham acontecido com ela. Ela tinha se apaixonado aqui, tinha visto um amigo morrer. Mais do que em qualquer outro lugar, este era um lugar onde ela havia mudado.

Ela fechou os olhos e riu amargamente. Ela não sabia nada naquela época comparado com o que ela sabia agora. E ainda assim ela se sentia mais segura de si mesma e de suas emoções do que ela jamais imaginaria sentir novamente.

"Que diabos é esse lugar?" Shelby perguntou.

"Minha última escola", disse Luce, olhando para Miles. Ele parecia desconfortável, aconchegando-se ao lado de Shelby contra a parede. Luce lembrou: eram boas pessoas --- e mesmo que ela nunca tivesse falado muito sobre o tempo dela aqui, a fábrica de boatos dos Nephilins poderia facilmente ter preenchido as mentes deles com bastante detalhes vívidos para descrever uma noite assustadora em Sword & Cross.

"Aham," Ariane disse, olhando para Shelby e Miles. "E quando os pais de Luce perguntar, vocês estudam aqui também."

"Explica pra mim como isso é uma escola", disse Shelby. "Tipo, vocês nadam e rezam ao mesmo tempo? Isso é um nível de eficiência em bizarrisse que você nunca vê na Costa Oeste. Eu acho que eu só estou com saudades de casa."

"Você acha que isso é ruim", disse Luce, "você deveria ver o resto do campus."

Shelby apertou o rosto dela, e Luce não podia culpá-la. Comparado a Shoreline, este lugar era uma espécie de purgatório horrível. Pelo menos, ao contrário do resto dos alunos daqui, eles só ficam até esta noite.

"Vocês estão exaustos", disse Ariane. "O que é bom, porque eu prometi a Cole que vocês dormiriam."

Roland tinha encostado na prancha de saltos, esfregando as têmporas, os cacos do Anunciador tremendo a seus pés. Agora ele se levantou e começou a tomar o controle. "Miles, você vai para cama no meu antigo quarto comigo. E Luce, o seu quarto ainda está vazio. Nós vamos chegar com uma cama pra Shelby. Vamos todos deixar nossas malas e se encontrar de volta no meu quarto. Vou usar a velha rede do mercado negro para pedir uma pizza."

A menção de pizza era o suficiente para arrancar Miles e Shelby do coma, mas Luce estava levando mais tempo para se adaptar. Não era tão estranho pra ela que o quarto dela ainda estivesse vazio. Contando nos dedos, ela percebeu que ela tinha saído deste lugar a menos de três semanas atrás. Parecia muito mais tempo, como se todo o dia tivesse sido um mês, e era impossível Luce imaginar a Sword & Cross sem qualquer uma daquelas pessoas -- ou anjos, ou demônios -- que tinham construído a vida dela aqui.

"Não se preocupe". Ariane estava ao lado de Luce. "Este lugar é como uma porta giratória marginalizada. As pessoas vêm e vão o tempo todo por causa de algum problema com liberdade condicional, pais loucos, sei lá. Randy saiu hoje a noite. Ninguém mais dá a mínima. Se alguém lhe der um olhar estranho, mande um olhar de volta também. Ou mande eles para mim." Ela fez um punho com a mão. "Vocês estão prontos para sair daqui?" Ela apontou para os outros já seguindo Roland para fora da porta.

"Eu acompanho vocês", disse Luce. "Há algo que eu preciso fazer primeiro."

No extremo leste do cemitério, próximo ao canteiro do pai, o túmulo de Penn era modesto mas limpo.

A última vez que Luce tinha visto este cemitério, ele tinha sido revestido de um espesso feltro de poeira. O resultado de cada batalha de anjo, Daniel havia dito a ela. Luce não sabia se o vento tinha levado a poeira pra longe por agora, ou se a poeira de anjo desapareceu ao longo do tempo, mas o cemitério parecia estar de volta a sua natureza antiga e negligenciada. Ainda cercado por uma floresta de carvalhos, sempre em avanço. Ainda sem graça e escassa, sob o céu sem cor. Só que, estava faltando alguma coisa, algo vital que Luce não conseguia colocar o dedo, mas que ainda a fazia sentir-se solitária.

Uma camada esparsa de grama verde maçante havia crescido ao redor do túmulo de Penn, por isso não parecia tão novo assim, em comparação com os túmulos centenários que o rodeiam. Um buquê de lírios frescos estava em frente da lápide simples cinza, que Luce abaixou para ler: PENNYWEATHER Van Sickle LOCKWOOD-Uma querida amiga 1991-2009.

Luce inalou uma respiração irregular, e as lágrimas saltaram aos olhos. Ela deixou Sword & Cross, antes que tivesse tempo para enterrar Penn, mas Daniel tinha tomado conta de tudo. Foi a primeira vez em vários dias que seu coração doeu por causa dele. Porque ele sabia, melhor do que ela mesma, exatamente o que deveria escrever na lápide de Penn. Luce ajoelhou-se sobre a grama, as lágrimas fluindo livremente agora, com as mãos penteando a grama inutilmente.

"Eu estou aqui, Penn," ela sussurrou. "Me desculpe por ter deixado você. Lamento que você tenha se misturado comigo para começar. Você merecia mais do que isso. Uma amiga melhor do que eu."

Ela desejou que sua amiga ainda estivesse aqui. Ela desejava que ela pudesse falar com ela. Ela sabia que a morte de Penn foi sua culpa, e quase partiu o coração dela. "Eu não sei mais o que estou fazendo, e estou com medo."

Ela queria dizer que ela sentia falta de Penn o tempo todo, mas o que ela realmente sentia falta era a ideia de uma amiga que ela poderia ter conhecido melhor, se a morte não a tivesse levado cedo demais. Nada disso estava certo.

"Olá, Luce."

Ela teve que enxugar as lágrimas antes que ela pudesse ver o Sr. Cole de pé do outro lado do tumulto de Penn. Ela estava tão acostumado à seus professores ríspidos e elegantes em Shoreline que o Sr. Cole parecia quase antiquado em seu terno vinho remendado, com seu bigode, e seu cabelo castanho partido reto como uma régua bem acima da orelha esquerda.

Luce mexeu aos pés dela, fungando contra o punho. "Olá, Sr. Cole".

Ele sorriu gentilmente. "Você está indo bem lá, eu ouço falar. Todo mundo diz que você está indo muito bem."

"Ah ... n-não ...", balbuciou. "Eu não sei disso não."

"Bem, eu sei. Sei também que seus pais estão muito felizes por te ver. É bom quando essas coisas podem acontecer."

"Obrigada", disse ela, esperando que ele entendesse o quanto ela estava grata.

"Eu só vou detê-la, mas apenas para uma pergunta."

Luce esperou ele perguntar sobre algo profundo e escuro e por cima da cabeça dela, sobre Daniel e Cam, o bem e o mal, o certo e o errado, a confiança e a fraude....

Mas tudo o que ele disse foi: "O que você fez com seu cabelo?"

A cabeça de Luce estava de cabeça para baixo na pia do banheiro das meninas no corredor da cafeteria da Sword & Cross. Shelby trouxe as últimas duas fatias de pizza de queijo empilhadas em um prato de papel para Luce. Arianne estendeu um frasco barato de tintura de cabelo preto --- o melhor que Roland podia fazer em tão pouco tempo, mas quase correspondia com a cor natural de Luce.

Nem Arianne nem Shelby haviam questionado Luce sobre a sua súbita necessidade de mudança. Ela tinha ficado grata por isso. Agora, ela viu que ele só tinham esperado ela ficar em uma posição vulnerável com o cabelo meio-tingido para começar a inquisição deles.

"Acho que Daniel vai ficar satisfeito", Ariane disse em seu tom mais modesto de voz. "Não que você esteja fazendo isso por Daniel. Está?"

"Ariane", Luce a advertiu. Ela não ia começar aquilo. Hoje não.

Mas Shelby parecia querer. "Você sabe o que eu sempre gostei de Miles? Que ele gosta de você pelo que você é, não pelo que você faz com seu cabelo."

"Se vocês duas vão ser tão óbvias em relação a isso, por que vocês não começam a preparar uma camisa para equipe Daniel e para equipe Miles?"

"Devemos fazer a encomenda delas", disse Shelby.

"A minha está na lavanderia", disse Ariane.

Luce parou de ouvi-las, concentrando-se na água quente e na confluência de coisas estranhas que fluíam sobre a cabeça dela, em seu couro cabeludo, e pelo ralo: os dedos grossos de Shelby ajudaram Luce na primeira lavagem de tinta, bem quando Luce pensava que era a única maneira de começar de novo. O primeiro ato de amizade de Ariane em relação a Luce foi a de exigir cortar o cabelo preto dela, para torná-la parecida com Luce. Agora as mãos dela trabalhavam no couro cabeludo de Luce no mesmo banheiro onde Penn tinha limpado ela do naco de carne que Molly tinha despejado na cabeça dela em seu primeiro dia na Sword & Cross.

Foi amargo e bonito, e Luce não conseguia descobrir o que aquilo significava. Só que ela não queria mais se esconder, não de si mesma, nem de seus pais, nem de Daniel, ou nem mesmo daqueles que tentaram prejudicá-la.

Ela buscava uma transformação pequena quando ela saiu para ir a Califórnia. Agora, ela percebeu que a única maneira de fazer uma mudança que valia a pena era através uma de verdade. Tingir o cabelo de preto também não era a resposta, ela sabia que não havia chegado lá ainda, mas pelo menos era um passo na direção certa.

Ariane e Shelby pararam de discutir sobre qual cara era a alma gêmea de Luce. Elas olharam para ela em silêncio e balançaram a cabeça. Ela sentiu antes mesmo de ela ver seu reflexo no espelho: O grande peso da

melancolia, que ela nem sabia que estava carregando, tinha saído de seu corpo.

Ela estava de volta às suas raízes. Ela estava pronta para ir para casa.

Capítulo 18

Ação de Graças

Quando Luce entrou pela porta da frente da casa de seus pais em Thunderbolt, tudo estava exatamente o mesmo: O cabide no saguão ainda parecia estar prestes a cair sob o peso dos muitos casacos. O cheiro de amaciante de roupa e desodorizador ainda faziam casa parecer mais limpa do que era. O sofá floral na sala estava desbotado pelo sol da manhã que entrava pelas persianas. Várias revistas de decoração sulista manchadas de chá cobriam a mesa de centro, as páginas favoritas marcadas com recibos de compras, quando a um tempo distante o sonho de seus pais era de liquidar a hipoteca tornar-se realidade e eles finalmente terem um pouco de dinheiro extra para a reforma. Andrew, o poodle histérico de brinquedo da mamãe, trotou até cheirar os convidados e dar na parte de trás do tornozelo de Luce uma familiar mordida.

O pai de Luce largou a mochila no saguão, colocando um braço em torno do ombro dela. Luce viu o reflexo deles no espelho na porta de entrada estreita: pai e filha. Seus óculos sem aro escorregaram no nariz enquanto beijava o topo da cabeça dela com cabelo recém tingido de preto.

"Bem-vinda, Luce", disse ele. "Nós sentimos sua falta por aqui."

Luce fechou os olhos. "Eu senti de vocês também." Foi a primeira vez em semanas que ela não tinha mentido para os pais.

A casa estava quente e cheia de aromas inebriantes de Ação de Graças. Ela inalou e pode instantaneamente imaginar cada prato embrulhado de papel laminado aquecendo no forno. Peru bem assado com recheio de cogumelos — Especialidade de seu pai. Molho de maçã com amora, levemente enchia o ar, e tantas tortas de abóbora com noz-pecã que a mãe fez pra alimentar todo o estado. Ela deve ter sido cozinhado durante toda a semana.

A mãe de Luce tomou os pulsos dela. Seus olhos cor de avelã estava um pouco úmidos em torno das bordas. "Como está você, Luce? ", perguntou ela. "Você está bem?"

Era um alívio estar em casa. Luce podia sentir os olhos lacrimejarem também. Ela assentiu com a cabeça, se inclinando na mãe para um abraço. Os cabelos escuros da mãe na altura do queixo estava esculpidos com laquê, como se ela tivesse acabado de sair do salão de beleza no dia anterior. O que, conhecendo ela, provavelmente tinha. Ela parecia mais jovem e mais bonita do que Luce lembrava. Comparado com os pais idosos que ela tentou visitar em Mount Shasta, mesmo em comparação com Vera, a mãe de Luce parecia feliz e viva, não contaminada pela tristeza.

Talvez era porque ela nunca tenha sentido o que outros sentiram, perder uma filha. Perder Luce. Os pais dela tinham feito toda a vida deles ao redor de dela. Ficariam destruídos se ela morresse.

Ela não pode morrer do jeito que ela morria no passado. Ela não poderia destruir a vida de seus pais neste momento, agora que ela sabia mais sobre seu passado. Ela faria qualquer coisa para mantê-los felizes.

Sua mãe reuniu os casacos e chapéus dos outros quatro adolescentes que estavam no saguão. "Eu espero que seus amigos tenham trago os apetites deles."

Shelby sacudiu o polegar na direção de Miles. "Cuidado com o que você deseja."

Era como se os pais de Luce não se importassem com um carro cheio de convidados de última hora na mesa de Ação de Graças.

Quando o Chrysler New Yorker de seu pai tinha entrado pelos altos portões forjados de ferro de Sword & Cross pouco antes do meio-dia, Luce estava esperando por ele. Ela não tinha conseguido dormir à noite toda. Entre a estranheza de estar de volta em Sword & Cross e seus nervos em se misturar nesse grupo estranho pra Ação de Graças, no dia seguinte -- a mente dela não se acalmava.

Felizmente, a manhã passou sem incidentes, depois de dar em seu pai o mais longo abraço apertado que ela já tinha dado a alguém, ela mencionou que tinha poucos amigos, sem lugares para ir para o feriado. Cinco minutos depois, eles estavam todos dentro do carro.

Agora, eles andavam em volta da casa da infância de Luce, pegando fotos emolduradas dela em diferentes idades embaraçosas, olhando as mesmas janelas francesas que ela ficava olhando para fora sobre as tigelas de cereal por mais de uma década. Era meio surreal. Enquanto Ariane tinha ido para a cozinha para ajudar a mãe dela no creme, Miles apimentava o pai dela com perguntas sobre o enorme telescópio “pedaço de lixo” no escritório dele. Luce sentiu uma onda de orgulho de seus pais por fazer com que todos se sentissem bem-vindos.

O som de uma buzina de carro lá fora a fez saltar.

Ela pousou-se no sofá flácido e ergueu uma das ripas da veneziana na janela. Lá fora, um táxi vermelho e branco estava arado na frente da casa, jogando fumaça no ar frio. As janelas estavam filmadas, mas o passageiro poderia ser apenas uma pessoa. Callie.

Um das botas de couro vermelho na altura do joelho de Callie estendeu-se para fora da porta de trás, plantando-se no concreto da calçada. Um segundo depois, o rosto em forma de coração da melhor amiga de Luce entraram em vista. A pele de porcelana de Callie foi ruborizada, os cabelos ruivos curtos, cortados em um ângulo elegante próximo ao queixo. Seus olhos de um azul pálido brilhavam. Por alguma razão, ela olhava para trás para dentro do taxi.

"O que você está olhando?" Shelby perguntou, puxando para cima outra tira, para que ela pudesse ver. Roland desabou no outro lado de Luce e olhou para fora também.

Apenas a tempo para ver Daniel deslizar para fora do táxi-Seguido por Cam, no assento da frente.

Luce prendeu a respiração ao vê-los.

Ambos os rapazes usavam com longos casacos escuros, iguais aos casacos que tinham usado na praia na cena que ela tinha vislumbrado. Os cabelos deles brilhavam ao sol. E por um momento, apenas um momento, Luce lembrou do por que ela tinha estado, no começo, encantada com os dois em Sword & Cross. Eles estavam lindos. Não havia nada parecido com aquilo. Surrealistamente, extraordinariamente maravilhosos.

Mas o que diabos eles estavam fazendo aqui?

"Bem na hora", disse Roland murmurando.

Em seu outro lado, Shelby perguntou: "Quem os convidou?"

"O mesmo digo eu", disse Luce, mas ela não conseguia evitar de extasiar-se um pouco com a visão de Daniel.

Mesmo que as coisas entre eles estivessem uma bagunça.

"Luce". Roland estava rindo da expressão dela enquanto olhava Daniel. "Você não acha que você deve atender a porta?"

A campainha tocou.

"Será que é Callie?" A mãe de Luce chamou da cozinha sobre o zumbido da batedeira.

"Eu atendo!" Luce gritou de volta, sentindo uma dor fria espalhando em seu peito. É claro que ela queria ver Callie. Mas mais impressionante do que a alegria dela em ver sua melhor amiga, ela percebeu, era a fome dela para ver Daniel. Para tocá-lo, abraçá-lo e cheirá-lo. Para apresentá-lo aos pais dela.

Eles seriam capazes de perceber, não seriam? Eles seriam capazes de dizer que Luce tinha encontrado a pessoa que tinha mudado a vida dela para sempre.

Ela abriu a porta.

"Feliz Dia de Ação de graças!" Uma voz alta sulista se arrastou ao falar. Luce teve que piscar algumas vezes antes que seu cérebro pudesse manter contato com a visão diante de seus olhos.

Gabbe, a mais bela e mais perfeitamente educada anjo em Sword & Cross, estava de pé na varanda de Luce em um vestido-sueter de pêlo de cabra rosa. Seu cabelo loiro estava num lindo frenesi de tranças, fixado em redemoinhos em cima da cabeça dela. A pele tinha uma luz clara linda não muito diferente da de Francesca. Ela segurava um buquê de gladiólos brancos em uma mão e um pote gelado de plástico branco com sorvete na outra.

Ao lado dela, de cabelos descoloridos com tom marrom nas raízes, estava o demônio da Molly Zane. Seu jeans preto rasgado combinava com seu casaco preto desgastado, como se ela ainda estivesse seguindo as regras

de vestimenta da Sword & Cross. Seus piercings no rosto se multiplicaram desde a última vez que Luce a tinha visto. Ela tinha uma chaleira de ferro fundida preta equilibrada na dobra do braço. Ela estava olhando para Luce.

Luce podia ver os outros subindo pela longa calçada em curvas. Daniel tava com a mala de Callie içada por cima do ombro, mas era Cam que estava encostado, sorrindo, com a mão no antebraço direito de Callie enquanto conversava com ela. Ela parecia não saber bem se ficava um pouco nervosa ou absolutamente encantada.

"Nós estávamos na vizinhança." Gabbe sorriu, segurando as flores para Luce. "Eu fiz o meu sorvete caseiro de baunilha, e Molly trouxe uns aperitivos".

"Camarão "El Diablo". Molly levantou a tampa de sua chaleira e Luce respirou um caldo picante de alho. "Receita de família." Molly fechou a tampa, em seguida, passou empurrando Luce para dentro do saguão de entrada, tropeçando em Shelby no caminho.

"Dá licença ", elas disseram rispidamente, ao mesmo tempo, olhando uma para a outra, desconfiadas.

"Ah, que bom". Gabbe se inclinou para dar um abraço em Luce. "Molly fez uma amiga."

Roland levou Gabbe até a cozinha, e Luce teve sua primeira visão clara de Callie. Quando elas trocaram olhares, elas não conseguiram se aguentar: Ambas as meninas abriram sorrisos involuntários e correram para se encontrar.

O impacto do corpo de Callie tirou o fôlego de Luce, mas isso não importava. Os braços delas se arremessaram num abraço, o rosto de cada menina estava enterrado no cabelo da outra, pois elas estavam rindo do jeito que você ria somente depois uma longa separação de um amigo muito bom.

Relutantemente, Luce se afastou e voltou-se para os dois rapazes de pé a poucos metros atrás. Cam parecia o mesmo: controlado e à vontade, pretensioso e bonito.

Daniel, porém, parecia desconfortável e tinha um bom motivo para estar. Eles não se falavam desde que ele viu o beijo em Miles, e agora

eles estavam de pé com a melhor amiga de Luce e o inimigo de Daniel, ou sei lá o que Cam é pra ele. Mas ---

Daniel estava na casa dela. Com os gritos dos pais dela à distância. Será que eles ficariam atônitos se soubessem quem ele realmente era? Como ela apresentaria o cara que era responsável por milhares de suas mortes, a quem ela era magneticamente atraída por quase todo o tempo, que era impossível e indescritível e secreto e por vezes até egoísta, cujo amor ela não entendia, que estava trabalhando com o diabo, para não falar demais, e que, se ele pensava que aparecendo aqui sem ser convidado, com um demônio era uma boa ideia, talvez não a conhecesse mesmo muito bem.

"O que vocês estão fazendo aqui?" A voz dela estava completamente seca, porque ela não podia falar com Daniel sem falar com Cam também, e ela não conseguia falar com Cam sem querer jogar algo pesado nele.

Cam falou primeiro. "Feliz Dia de Ação de Graças para você, também. Ouvimos que sua casa era o lugar para se estar hoje".

"Nós demos de cara com sua amiga aqui no aeroporto", acrescentou Daniel, usando o tom baixo que ele falava quando ele e Luce estavam em público. Era mais formal, fazendo-a ansiar ficar a sós com ele para que ele pudessem apenas ser normal. E para que ela pudesse agarrá-lo pela lapela do casaco estúpido e sacudi-lo até que ele explicasse tudo. Isso tinha ido longe demais.

"Conversamos, dividimos um táxi", Cam acrescentou, piscando para Callie.

Callie sorriu para Luce. "Eu que estava imaginando algum encontro íntimo com a família Price, mas isso é muito melhor. Agora eu consigo me dar bem."

Luce podia sentir sua amiga buscando pistas no rosto dela sobre que negócio que ela tinha com esses dois caras.

A Ação de Graças estava prestes a ficar muito embaraçosa muito rápido. Este não era o jeito que as coisas deviam estar.

"Hora do Peru!" A mãe dela chamou da porta. O sorriso dela transformou-se em uma careta confusa quando viu a multidão no lado de

fora. "Luce? O que está acontecendo?" "Seu velho avental verde-e-branco-listrado estava amarrado na cintura.

"Mãe", Luce disse, gesticulando com a mão ", esta é Callie, e Cam, e ..." Ela queria colocar a mão em Daniel, algo do tipo, qualquer coisa para deixar a mãe dela saber que ele era especial, que ele era o escolhido dela. Para deixá-lo saber, também, que ela ainda o amava, que tudo entre eles iam ficar bem. Mas ela não podia. Ela só ficou lá."...Daniel".

"Tudo bem." Sua mãe olhou de soslaio para cada um dos recém-chegados. "Bem, hum, bem-vindo. Luce, querida, eu posso ter uma palavrinha?"

Luce foi até a mãe dela na porta da frente, levantando um dedo para deixar que Callie soubesse que ela voltaria logo. Ela seguiu a mãe através do saguão de entrada, através do corredor escuro pendurado com fotos emolduradas desde da infância de Luce pra dentro quarto acolhedor e iluminado dos pais dela. Sua mãe sentou-se na colcha branca e cruzou os braços. "Gostaria de me contar alguma coisa?"

"Eu sinto muito, mamãe", disse Luce, afundando-se na cama.

"Eu não quero deixar ninguém de fora de uma refeição de Ação de Graças, mas você não acha que é preciso impor limites por aqui? Um carro inesperado cheio de pessoas já não foi suficiente?"

"Sim, claro que você está certa", disse Luce. "Eu não convidei todas essas pessoas. Estou tão surpresa quanto você que todos eles apareceram."

"É que nós temos tão pouco tempo com você. Nós gostamos de conhecer seus amigos", a mãe de Luce disse , acariciando os cabelos dela. "Mas nós apreciamos o tempo que temos com você."

"Eu sei que esta é uma imposição enorme, mas mãe..." Luce virou o rosto para a mãe dela abrindo as palmas das mãos ", ele é especial. Daniel. Eu não sabia que ele ia vir, mas agora que ele está aqui, eu preciso desse tempo com ele, tanto quanto eu preciso com você e papai. Isso faz algum sentido?"

"Daniel?" A mãe dela repetiu. "Esse rapaz lindo loiro? Vocês dois estão..."

"Nós estamos apaixonados." Por alguma razão, Luce estava tremendo. Mesmo que ela tivesse dúvidas quanto ao seu relacionamento, dizer em voz alta pra mãe dela, que amava Daniel fazia parecer verdade --- a fez lembrar que ela, apesar de tudo, o ama de verdade.

"Eu vejo." Quando a mãe dela concordou, ela cachos castanhos permaneceram no lugar. Ela sorriu. "Bem, nós não podemos expulsar todos os outros, mas ele, podemos?"

"Obrigada, mãe."

"Agradeça a seu pai, também. E querida? Da próxima vez, avise com mais antecedência, por favor. Se eu soubesse que você estava trazendo 'o escolhido', eu teria pego seu álbum de bebê do sótão. "Ela piscou, plantando um beijo na bochecha de Luce.

De volta à sala, Luce correu para Daniel primeiro.

"Estou feliz que você possa estar com sua família depois de tudo", disse ele.

"Eu espero que você não esteja brava com Daniel por me trazer", Cam acrescentou, e Luce procurou por altivez na voz dele, mas não encontrou nenhuma. "Tenho certeza de que vocês prefeririam que eu não estivesse aqui, mas...", ele olhou para Daniel - "Negócio é negócio."

"Tenho certeza", disse Luce friamente.

O rosto de Daniel não demonstrava nada. Até que escureceu. Miles tinha saído da sala de jantar.

"Hum, ei, seu pai está prestes propor um brinde." Os olhos de Miles estavam fixos em Luce de uma forma que a fez achar que ele estava se esforçando para não olhar pra Daniel. "Sua mãe me pediu pra perguntar onde você quer se sentar."

"Ah, tanto faz. Talvez ao lado de Callie? "Um leve pânico golpeou Luce quando ela pensou em todos os outros convidados e à necessidade de mantê-los o mais longe possível um do outro. E Molly longe de quase todo mundo. "Eu deveria ter feito um mapa dos lugares."

Roland e Arriane tinham feito um trabalho rápido colocando uma mesa de jogo no fim da mesa da sala de jantar, então o banquete agora

esticava até a sala. Alguém tinha colocado uma toalha de mesa branca e dourada, e seus pais tinham ainda botado pra fora a louça de casamento. Velas foram acesas e taças foram cheias. E prontamente Shelby e Miles estavam transportando recipientes quentes com vagem e purê de batatas, enquanto Luce tomava seu lugar entre Callie e Ariane.

O íntimo jantar de Ação de Graças agora estava sendo servido para doze: quatro pessoas, dois Nephilins, seis anjos caídos (três de cada lado do Bem e do Mal), e um cão vestido de peru, com sua tigela de migalhas debaixo da mesa.

Miles foi para a cadeira na frente de Luce, até que Daniel lançou-lhe um olhar ameaçador. Miles recuou, e Daniel estava prestes a sentar-se quando Shelby deslizou para a direita se sentando na cadeira. Sorrindo um pouco com olhar de vitória, Miles sentou-se na esquerda de Shelby, em frente a Callie, enquanto Daniel, olhando vagamente irritado, sentou-se a direita, em frente a Ariane.

Alguém estava chutando Luce debaixo da mesa, tentando conseguir a atenção dela, mas ela manteve os olhos no prato.

Uma vez que todos estavam sentados, o pai de Luce levantou-se na cabeceira da mesa, de frente para a mãe no outro lado. Ele bateu o garfo contra o copo de vinho tinto. "Eu sou conhecido por fazer um discurso cansativo ou dois nesta época do ano." Ele riu. "Mas nós nunca servimos tantas crianças com aparência de famintos antes, por isso vou direto ao ponto. Eu sou grato a minha querida esposa, Doreen, a minha melhor filha, Luce, e a todos vocês por se juntarem a nós." Fixou-se em Luce, fazendo um rosto que ele fazia quando estava especialmente orgulhoso. "É maravilhoso te ver prosperando, crescendo em uma bela jovem com tantos amigos maravilhosos. Esperamos que eles retornem novamente. Saúde, pessoal. Aos amigos."

Luce forçou um sorriso, evitando os olhares esquivos que todos os seus "amigos" estavam compartilhando.

"Ouçam, ouçam!" Daniel quebrou o silêncio estranhamente desajeitado, levantando a taça. "Quão bom é a vida sem confiança, amigos fieis? "

Miles mal olhou para ele, mergulhando uma colher de servir profundamente no purê de batatas. "Vindo dele mesmo,o Sr. Fidelidade."

Os Prices estavam muito ocupados passando travessas de uma extremidade a outra da mesa para perceber o olhar desprezível que Daniel dirigiu a Miles.

Molly estava pegando o aperitivo Camarão “El Diablo” que ninguém ainda havia tocado pondo um montão no prato de Miles. "Basta dizer, tio, quando for o suficiente."

"Whoa, Mo guarde um pouco do aperitivo pra mim." Cam se esticou pra pegar o recipiente com o camarão. "Diz ae, Miles. Roland me disse que você mostrou algumas habilidades loucas em esgrima um dia desses. Aposto que as meninas enlouqueceram." Ele se inclinou para a frente. "Você estava lá, né , Luce?"

Miles estava com o garfo suspenso no ar. Seus grandes olhos azuis pareciam confusos em relação as intenções de Cam, era como se ele estivesse esperando ouvir Luce dizer que sim, as meninas, inclusive ela, tinham realmente enloquecido.

"Roland também disse que Miles perdeu", disse Daniel tranquilamente, e espetou um pedaço de recheio.

Na outra ponta da mesa, Gabbe cortou a tensão com um ronronar alto e satisfeito. "Oh meu Deus, Sra Price. Estas couves de Bruxelas estão com um gostinho do céu. Não estão, Roland?"

"Mmm", Roland acordou. "Elas realmente me trazem de volta a um tempo mais puro."

A mãe de Luce começou a recitar a receita, enquanto o pai de Luce passou a falar da produção local. Luce estava tentando aproveitar esse tempo raro com sua família, e Callie inclinando-se para sussurrar que todos pareciam muito legais, especialmente Ariane e Miles, mas havia muitas outras situações pra ficar de olho.

Luce sentiu como se ela pudesse ter que neutralizar uma bomba a qualquer momento.

Poucos minutos depois, passado o recheio por toda a mesa pela segunda vez, a mãe de Luce disse: "Bem , seu pai e eu nos conhecemos quando estávamos bem na idade de vocês. "

Luce já tinha ouvido a história umas três mil e quinhentos vezes.

"Ele era o quarterback em Athens High." Sua mãe piscou para Miles. "Os atletas levavam as meninas a loucura, naquela época, também."

"Sim, os Trojans eram muito loucos na época de colégio." O pai de Luce riu, e ela esperou pela fala memorável. "Eu só tinha que mostrar a Doreen que eu não era um cara tão valentão assim fora do campo."

"Eu acho ótimo esse casamento forte que vocês dois têm", disse Miles, agarrando outro dos famosos pãozinhos de levedura que a mãe de Luce fez. "Luce tem sorte de ter pais que são tão honestos e abertos com ela e entre si."

A mãe de Luce riu.

Mas antes que ela pudesse responder, Daniel fez uma objeção "Há muito mais pra se amar do que isso, Miles. Você não acha, Sr. Price, que um relacionamento de verdade é muito mais do que apenas diversão e jogos? Que é preciso um esforço?"

"Claro, claro." O pai de Luce limpou a boca com o guardanapo. "Por que mais chamariam casamento de compromisso? Claro, o amor tem seus altos e baixos. Assim é a vida."

"Bem falado, Sr. P.", disse Roland, com uma emoção além da aparência de seus bons dezessete anos de idade. "Deus sabe, eu já vi tantos altos e baixos."

"Ah, fala sério", opinou Callie, para surpresa de Luce. Pobre Callie, aceitando todos sem nem mesmo conhecer.

"Vocês fazem parecer tão sério."

"Callie está certa", disse a mãe de Luce. "Vocês são jovens e esperançosos, e vocês realmente deveria só se divertir".

Diversão. Então, esse era o assunto agora? A diversão era mesmo possível para Luce? Ela olhou para Miles. Ele estava sorrindo. "Estou me divertindo", ele murmurou.

Isso fez toda a diferença para Luce, que olhou em volta da mesa de novo e percebeu que, apesar de tudo, ela estava se divertindo muito. Roland estava fazendo um show abrindo a boca com camarão para Molly,

que ria, por quizá, primeira vez na história. Cam tentou flertar com Callie, até mesmo oferecendo passar manteiga nos pãezinhos dela , o que ela recusou com as sobrancelhas levantadas e com uma tímida sacudida de cabeça. Shelby comia como se ela fosse treinar para uma competição. E alguém ainda estava cutucando Luce com o pé debaixo da mesa.

Ela encontrou os olhos violeta de Daniel. Ele piscou, tirando o folego dela.

Havia algo de notável sobre esta reunião. Era o jantar de Ação de Graças mais animado que tinha tido desde que a avó de Luce morreu e os Prices pararam de ir à baía de Louisiana para o feriado.

Então, esta era a sua família agora: todas essas pessoas, anjos, demônios, e tudo aquilo que eles fossem. Bem ou mal, complicada, traiçoeira, cheia de altos e baixos, e até mesmo divertida vezes. Assim como o pai dela tinha dito: Aquilo era a vida.

E para uma menina que teve alguma experiência com a morte, a vida – ponto - era a coisa pela qual Luce era, de repente, esmagadoramente agradecida.

"Bem, eu já tive quase o suficiente", Shelby anunciou após mais alguns minutos. "Você sabe. Comida. Alguem mais acabou? Vamos terminar com isto. "Ela assobiou e fez um gesto de laço com o dedo. "Estou ansiosa para voltar para aquela escola reformatório que todos nós vamos."

"Eu vou ajudar a limpar a mesa". Gabbe saltou e começou a empilhar os pratos, arrastando uma Molly relutante para a cozinha com ela.

A mãe de Luce ainda estava atirando seus olhares furtivos, tentando ver o recolhimento através dos olhos da filha. O que era impossível. Ela se agarrou à ideia de Daniel muito rapidamente e ficava olhando pra frente e para trás entre os dois. Luce queria uma chance para mostrar a sua mãe que o que ela e Daniel tinham era sólido e era maravilhoso e diferente do que qualquer outra coisa no mundo, mas havia também muitas outras pessoas ao redor. Tudo o que devia ter sido fácil parecia difícil.

Então Andrew parou de mastigar as penas de feltro no pescoço e começou a latir na porta.

O pai de Luce se levantou e pegou a coleira. Que alívio. "Alguém quer a caminhada pós-jantar ", anunciou ele. Sua mãe levantou-se, também, Luce a seguiu até a porta e ajudou-a com seu sobretudo. Luce entregou a seu pai o cachecol. "Obrigado pessoal por ter sido tão legal esta noite. Vamos lavar as louças quando se forem."

A mãe dela sorriu. "Você nos deixa orgulhosos, Luce. Não importa o que. Lembre-se disso."

"Eu gosto daquele Miles", disse o pai de Luce, prendendo a corrente na coleira do Andrew.

"E Daniel é ... simplesmente extraordinário", a mãe dela disse ao pai em um tom de voz de liderança.

As bochechas de Luce coraram e, ela olhou para trás pra mesa. Ela deu a seus pais um olhar de por-favor-não-me-envergonhe. "Ok! Tenham uma caminhada longa e agradável!"

Luce abriu a porta e assistiu-os sair na noite com o cão ansioso praticamente se asfixiando na coleira. O ar frio entrando pela porta aberta era refrescante. A casa estava quente, com tantas pessoas dentro dela. Pouco antes de seus pais desaparecerem no fim da rua, Luce pensou ter visto um clarão de algo no lado de fora.

Algo que parecia uma asa.

"Você viu isso?", Disse ela, nem sabendo com quem ela estava falando.

"O quê?" Seu pai gritou, de volta. Ele parecia tão satisfeito e feliz que quase partiu o coração de Luce.

"Nada". Luce forçou um sorriso quando ela fechou a porta. Ela podia sentir alguém atrás dela.

Daniel. O calor que a fez balançar onde estava.

"O que você viu?"

Sua voz estava gelada, não com raiva, mas com medo. Ela olhou para ele, pegando as mãos dele, mas ele virou para o outro lado.

"Cam", ele chamou. "Pegue o seu arco."

Do outro lado da sala, a cabeça de Cam disparou. "Já?"

Um som zunindo fora da casa o silenciou. Ele se afastou da janela e entrou no blazer dele. Luce viu o brilho prata, e lembrou-se: as setas que havia coletado com a menina Renegada.

"Conte aos outros", disse Daniel antes de virar para encarar Luce. Seus lábios se separaram e o olhar desesperado em seu rosto a fez pensar que ele poderia beijá-la, mas tudo que ele fez foi dizer: "Você tem um porão pra furacões?"

"Diga-me o que está acontecendo", disse Luce. Ela podia ouvir a água correndo na cozinha, e Ariane Gabbe harmoniosamente cantando "Heart and Soul" com Callie enquanto elas lavavam a louça. Ela podia ver as expressões nervosas de Molly e Roland enquanto limpavam a mesa. E de repente, Luce percebeu que este jantar de Ação de Graças foi todo simulado. Um disfarce. Só que ela não sabia por quê.

Miles apareceu ao lado de Luce. "O que está acontecendo?"

"Nada do que você precisa se preocupar" Cam disse. Não foi rude, apenas disse os fatos. "Molly.Roland".

Molly largou sua pilha de pratos. "O que vocês precisam que nós façamos?"

Foi Daniel quem respondeu, falando com Molly como se fossem de repente, do mesmo lado. "Conte aos outros. E encontre escudos. Eles estarão armados."

"Quem?" Luce perguntou. "Os Renegados"?

Daniel pousou os olhos sobre ela e seu rosto desmoronou. "Eles não deveriam ter nos encontrado hoje à noite. Sabíamos que havia uma chance, mas eu realmente não queria trazer isso aqui. Sinto muito"

"Daniel". Cam interrompeu. "Tudo o que importa agora é lutar contra eles."

Um barulho forte golpeou a casa. Cam e Daniel moveram-se instintivamente para a frente da porta, mas Luce sacudiu a cabeça. "A porta de trás", ela sussurrou. "Pela cozinha."

Todos eles pararam por um momento e ouviu o rangido da porta de trás se abrindo.

Depois veio um longo e perfurante grito.

"Callie!" Luce saiu correndo pela sala, estremecendo ao imaginar que cena sua amiga estaria enfrentando. Se Luce soubesse que os Renegados iriam aparecer, ela não teria deixado Callie vir. Ela nunca teria vindo para casa. Se algo de ruim acontecesse, Luce jamais se perdoaria.

Entrando pela porta da cozinha de seus pais, Luce viu Callie, protegida pelo corpo esguio de Gabbe. Ela estava segura, pelo menos por agora. Luce exalou, quase desmaiando pra trás na parede de músculos que Daniel, Cam, Miles e Roland formaram atrás dela.

Ariane estava na porta caída, com uma mesinha de madeira erguida em suas mãos. Ela parecia pronta para golpear alguém que Luce quase não conseguia ver ainda.

"Boa noite." A voz de um homem, firme com formalidade.

Quando Ariane abaixou a mesinha de madeira, lá na porta estava um rapaz alto e magro em um sobretudo marrom. Ele estava muito pálido, com um rosto estreito e um nariz forte. Ele parecia familiar. Cabelos loiros cortados. Olhos brancos.

Um Renegado.

Mas Luce o tinha visto em outro lugar antes.

"Phil?" Shelby chorou. "Que diabos você está fazendo aqui? E o que aconteceu com seus olhos? Eles estão muito..."

Daniel se virou pra Shelby. "Você conhece este Renegado?"

"Renegado?" A voz de Shelby tremeu. "Ele não é um --- Ele é o idiota do meu ex-namorado --- ele é"

"Ele tem usado você", disse Roland, como se soubesse de algo que o resto deles não soubesse. "Eu deveria ter percebido. Deveria tê-lo reconhecido pelo o que ele era."

"Mas você não o fez", disse o Renegado, sua voz estranhamente calma. Ele colocou as mãos no casaco, no bolso interno, puxou um arco de prata. Do outro bolso veio uma flecha de prata, que ele encaixou no arco rapidamente. Ele apontou para Roland, em seguida, moveu-se contra a multidão, mirando em cada um deles por vez. "Por favor, me desculpem por entrar sem pedir licença. Eu vim para buscar Lucinda."

Daniel avançou na direção do Renegado. "Você não vai levar ninguém e nada", disse ele, "exceto uma morte rápida a menos que você saia agora."

"Desculpe, não, não posso fazer isso", respondeu o menino, seus braços musculosos ainda segurando a flecha de prata tensos.

"Nós tivemos tempo para se preparar para esta noite de restituição abençoada. Nós não vamos sair de mãos vazias."

"Como você pôde, Phil?" Shelby gemeu, virando-se para Luce. "Eu não sabia...Sinceramente, Luce, não sabia. Eu só pensava que ele era um canalha."

Os lábios do menino formaram um sorriso. Os olhos brancos horríveis e sem profundidade pareciam saídos de um pesadelo. "Me dêem ela sem uma luta, ou nenhum de vocês serão poupados."

Então Cam explodiu uma gargalhada longa e profunda. Isso balançou a cozinha e fez o garoto na porta contorcer-se desconfortavelmente.

"Você é que exército?" Cam disse. "Sabe, eu acho que você é o primeiro Renegado que eu já encontrei com um senso de humor. "Olhou em torno da cozinha apertada. "Por que você e eu não resolvemos isso lá fora? Acabamos com isso, vamos?"

"Com prazer", respondeu o menino, com um sorriso simplório em seus lábios pálidos.

Cam virou os ombros para trás, como se estivesse trabalhando num nó, e lá, exatamente onde os ombros ficavam, um enorme par de asas

douradas se abriu atrás de seu suéter de cashmere cinza. Elas se desfraldaram por trás dele, tomando quase toda a cozinha. As asas de Cam eram tão brilhantes que quase cegavam enquanto elas vibravam.

"Meu Deus do Céu" Callie sussurrou, piscando.

"Quase isso", disse Ariane quando Cam arqueou as asas para trás e varou o menino Renegado pela porta em direção ao quintal." Luce vai explicar, eu tenho certeza!"

As asas de Roland desfraldaram-se com um som de um grande bando de pássaros voando. A luz da lâmpada na cozinha iluminou as marmoreas asas douradas e pretas quando ele se espremeu para fora da porta atrás de Cam. Molly e Ariane foram logo atrás dele, se estranhando, Ariane pressionando suas brilhantes asas iridescente na frente da nebulosa e bronzeada de Molly, saindo o que parecia pequenas faíscas elétricas quando elas se arrastaram para fora da porta. Em seguida foi Gabbe, cujas asas brancas e macias se abriram como a normalidade de uma borboleta, mas com uma velocidade que elas jogaram uma rajada de vento com um aroma floral na cozinha.

Daniel pegou as mãos de Luce na dele. Ele fechou os olhos, inalou, e deixou as suas enormes asas brancas desfraldarem.

Totalmente estendida, teria preenchido a cozinha inteira, mas Daniel freou-las, perto do corpo. Elas brilhavam e irradiavam e pareciam no todo muito bonitas. Luce estendeu as mãos e tocou-nas. Quentes e lisas como cetim por fora, mas por dentro, cheias de energia. Ela podia senti-la percorrendo Daniel, dentro dela. Sentia-se tão perto dele, o compreendendo completamente.

Como se eles se tornassem um.

Não se preocupe. Tudo vai ficar bem. Eu sempre vou cuidar de você.

Mas o que ele disse em voz alta foi "Fique segura. Fique aqui."

"Não", ela implorou. "Daniel".

"Eu já volto." Então ele arqueou as asas para trás voou para fora da porta.

Deixados sozinhos lá dentro, os não-angelicais se reuniram. Miles se pressionou contra a porta de trás, pasmo com a janela. Shelby tinha a cabeça nas mãos. O rosto de Callie parecia tão branco quanto a geladeira.

Luce escorregou uma mão pra dentro da de Callie. "Eu acho que tenho algumas coisas a explicar."

"Quem é esse menino com o arco e flecha?" Callie sussurrou, recuando mais ainda segurando firme na mão de Luce. "Quem é você?"

"Eu? Eu sou apenas ... eu." Luce encolheu os ombros, sentindo um frio se espalhar sobre ela. "Eu não sei."

"Luce", disse Shelby, claramente tentando não chorar. "Eu me sinto como uma idiota. Eu juro que eu não tinha ideia. As coisas que eu disse a ele, eu estava apenas desabafando. Ele estava sempre perguntando sobre você, e ele era um bom ouvinte, então eu ... eu ... Quero dizer que eu não tinha ideia do que ele realmente era ... Eu nunca, nunca ..."

"Eu acredito em você", disse Luce. Moveu-se até a janela, ao lado de Miles, com vista para uma pequena varanda de madeira que seu pai tinha construído há alguns anos atrás. "O que você acha que ele quer?"

No quintal, folhas de carvalho caídas foram juntadas em pilhas. O ar cheirava a fogueira. Em algum lugar ao longe, uma sirene começou a soar. Ao pé dos três degraus da varanda, Daniel, Cam, Ariane, Roland e Gabbe ficaram lado a lado, de frente para o muro.

Não era o muro, Luce percebeu. Eles enfrentavam uma multidão de Exilados, em posição de sentido com flechas de prata apontadas para a linha de anjos. O menino Renegado não estava sozinho. Ele formou um exército.

Luce teve de se equilibrar sobre o balcão. Além de Cam, os anjos estavam desarmados. E ela já tinha visto o que poderia fazer as flechas.

"Luce, para!" Miles chamou por ela, mas ela já estava correndo para fora da porta. Mesmo na escuridão, Luce podia ver que todos os Renegados tinham semelhantes aparências sem expressões.

Havia tantas meninas quanto meninos, todos eles pálidos e vestidos com o mesmo sobretudo marrom, com cabelos curtos loiro-

descoloridos para os meninos e rabos de cavalo apertados quase brancos para as meninas.

As asas dos Renegados desfraldaram de suas costas. Eles estavam em péssima forma – esfarrapados, desgastados e revoltantemente imundos, praticamente cobertos de sujeira. Nada parecida com as asas gloriosas de Daniel ou Cam, ou de qualquer um dos anjos e demônios que Luce conhecia.

Permanecendo em unidade, com os seus estranhos olhos vazios encarando, suas cabeças inclinavam em direções diferentes, os Renegados fizeram um pesadelo horrível de exército. Só que, Luce não podia acordar.

Quando Daniel a notou parada com os outros na varanda, ele dobrou para trás e agarrou as mãos dela. Seu rosto perfeito parecia selvagem com medo. "Eu disse para você ficar lá dentro."

"Não", ela sussurrou. "Eu não vou ficar presa enquanto o resto de vocês lutam. Eu não posso simplesmente continuar assistindo pessoas que me rodeiam morrer sem nenhum motivo."

"Nenhuma motivo? Vamos ter essa briga outra hora, Luce. "Seus olhos continuavam lançados na direção da linha escura de Renegados, perto do muro.

Ela colocou os punhos na cintura. "Daniel"

"Sua vida é preciosa demais para desperdiçar em um acesso de raiva. Fique lá dentro. Agora".

Um grito forte ecoou no meio do quintal. A linha de frente com dez Renegados levantaram suas armas para os anjos e soltaram suas flechas. A cabeça de Luce levantou apenas a tempo de pegar a visão de algo ou alguém, se arremessando do telhado.

Molly.

Ela voou para baixo, uma massa negra manejando dois ancinhos de jardim, girando-os como bastões em cada uma de suas mãos.

Os Renegados ouviram, mas não conseguiram vê-la chegando. Mas os ancinhos de Molly giraram, pegando as flechas no ar como se fossem uma colheita no campo. Ela aterrisou com suas botas de combate pretas, as

flechas prata com a ponta cega bateram e rolaram no chão, parecendo tão inofensivas quanto galhos. Mas Luce esperou o melhor.

"Não haverá misericórdia agora!" Um Renegado - Phil - gritou do outro lado do quintal.

"Bote-a pra dentro, e pegue as starshots!" Cam gritou para Daniel, subindo no balaustre da varanda e colocando para fora o seu próprio arco de prata. Repetidamente, ele encaixou as flechas e soltou três raios de luz.

Os Renegados se contorceram quando três de sua fileira desapareceram numa lufada de poeira.

Com velocidade de um relâmpago, Ariane e Roland dispararam pelo quintal, varrendo as flechas com as asas.

Uma segunda linha de Renegados estavam avançando, preparando uma nova saraivada de flechas. Quando eles estavam na beira de um tiroteio, Gabbe saltou sobre o balaustre da varanda.

"Hmmm, vamos ver." Com um olhar feroz nos olhos, ela apontou a ponta de sua asa direita para o solo abaixo dos Renegados.

O gramado estremeceu e, em seguida uma fenda regular na terra - do comprimento do quintal e alguns metros de largura se abriu. Jogando pelo menos vinte Renegados no negro e profundo abismo.

Eles gritaram no vazio, choros solitários no caminho para baixo. Para Deus sabe onde. Os renegados atrás deles derraparam, parando em frente ao desfiladeiro terrível que Gabbe tinha aberto do nada. Suas cabeças moviam da esquerda para a direita, como se para ajudar os seus olhos cegos ver sentido no que aconteceu. Uns poucos Renegados oscilaram na beira e caíram. Seus gemidos ficaram fracos, até que nenhum som podia ser ouvido. Um instante depois, a terra estalou como uma dobradiça enferrujada e fechou de volta.

Gabbe puxou sua asa felpuda de volta para seu lado com a maior elegância. Limpou a testa. "Bem, isso deve ajudar."

Mas, em seguida, outra chuva brilhante de fragmentos pratas correu no céu. Um deles infincou-se no degrau mais alto da varanda aos pés de Luce. Daniel puxou a flecha do degrau de madeira, tensionou os braços,

e arremessou-a bruscamente, como um dardo letal, em linha reta na testa de um Renegado que avançava.

Houve um flash de luz, como um flash de câmera e, em seguida: O menino de olhos brancos nem sequer teve tempo de gritar com o impacto, ele simplesmente desapareceu no ar. Daniel correu os olhos sobre o corpo de Luce, e ele a acariciou, na descrença de que ela ainda estivesse viva.

Ao lado dela, Callie engoliu em seco. "Ele acabou ...Será que aquele garoto realmente ..."

"Sim", disse Luce.

"Não faça isso Luce," disse Daniel. "Não me faça te arrastar para dentro. Eu tenho que lutar. Você tem que ficar o mais longe daqui. Agora".

Luce tinha visto o suficiente para concordar. Ela se virou de volta para casa, pegando Callie, mas então, na porta aberta da cozinha, ela teve um vislumbre brutal dos Renegados.

Três deles. De pé dentro da casa dela. Com arcos de prata prontos pra atirar.

"Não!" Daniel gritou, correndo para blindar Luce.

Shelby cambaleou para fora da cozinha, indo pra varanda, batendo a porta atrás dela.

Três golpes diferente de flechas atingiu o outro lado da porta.

"Ei, ela se livrou!" Cam chamou do gramado, balançando a cabeça para Shelby rapidamente antes de atirar uma flecha no crânio de uma menina Renegada.

"Okay, novo plano", murmurou Daniel. "Encontre um lugar para se esconder em algum lugar próximo. Todos vocês." Ele dirigiu-se a Callie e Shelby, e, pela primeira vez em toda a noite, a Miles. Ele agarrou Luce pelos braços. "Fique longe das starshots", suplicou ele. "Prometa-me." Beijou-a rapidamente e, em seguida enxotou todos eles contra a parede atrás da varanda.

O brilho das asas de tantos anjos era brilhante o suficiente para que Luce, Callie, Shelby e Miles tivessem que fazer sombras nos olhos. Eles se agacharam e se arrastaram ao longo da varanda, as sombras do balaustre dançava diante deles, enquanto Luce dirigiu a todos para o lado do quintal. Procurando abrigo. Tinha que haver algum, em algum lugar.

Mais Renegados saíram das sombras. Eles apareceram nos ramos altos das árvores distantes, vindo a passos lentos dos canteiros levantados e do antigo balanço comido de cupins que Luce utilizava quando criança. Seus aros de prata brilhavam ao luar.

Cam era o único do outro lado com um arco. Ele nunca parou para contar quantos Renegados ele já tinha apanhado. Ele apenas soltava flecha após flecha com precisão mortal nos corações deles. Mas para cada um que desaparecia, parecia que outro aparecia.

Quando ele ficou sem flechas, ele arrancou a mesa de piquenique de madeira do chão e segurou-a na frente dele com um braço como um escudo. Saraivadas após saraivadas de flechas saltavam no topo da mesa e caíam no chão a seus pés. Ele só se abaixava, pegava uma e disparava; se abaixava, pegava uma e disparava.

Os outros tinham de ser mais criativos.

Roland batia suas asas de ouro com tanta força que o ar ao redor delas enviava as flechas de volta na direção em que tinham vindo, pegando em vários Renegados cegos de uma vez. Molly recarregava as flechas de novo e de novo, com seu ancinhos girando como uma espada de samurai.

Arriane arrancou o balanço de pneu velho de Luce da árvore e girou como um laço, desviando flechas para o muro, enquanto Gabbe corria pra pegá-las. Ela girava e golpeava, atacando qualquer Renegado que chegasse muito perto, sorrindo docemente enquanto as flechas pegavam na pele deles.

Daniel tinha confiscado as ferraduras enfurrajadas dos Prices debaixo do alpendre. Lançava-nas nos Exilados, às vezes deixando três deles sem sentido com uma ferradura, uma vez que ricocheteou nos crânios deles. Então ele se lançava sobre eles, pegava as starshots dos arcos, e enfiava as flechas nos corações deles com as mãos nuas.

Na beirada da varanda, Luce avistou o galpão de armazenamento de seu pai e fez sinal para os outros três a seguirem. Eles rolaram por sobre um balaustre indo para a grama abaixo e, abaixados, correram para o galpão.

Estavam quase na entrada quando Luce ouviu um zumbido rápido no ar. Callie gritou de dor.

"Callie!" Luce rodopiou.

Mas a sua amiga ainda estava lá. Ela estava esfregando seu ombro onde a flecha tinha passado, mas por outro lado, ela saiu ilesa. "Isso dói demais!"

Luce estendeu a mão para tocá-la. "Como você...?"

Callie abanou a cabeça.

"Abaixem-se!" Shelby gritou.

Luce caiu de joelhos, puxando os outros para baixo com ela e puxando-os para dentro do galpão.

Entre as sombras das ferramentas sujas, do cortador de grama, e dos equipamentos esportivos antigos do pai de Luce, Shelby se arrastou até ela. Seus olhos brilhavam e seus lábios estavam tremendo.

"Eu não posso acreditar que isso está acontecendo", ela murmurou, agarrando o braço de Luce. "Você não sabe como estou arrependida. É tudo culpa minha."

"Não é culpa sua", disse Luce rapidamente. Claro Shelby não sabia quem realmente era Phil. O que ele realmente queria com ela. O que esta noite poderia trazer. Luce sabia o que era carregar culpa por fazer algo que você não entendia. Ela não desejaria a ninguém. Muito menos a Shelby.

"Onde ele está?" Shelby perguntou. "Eu poderia matar aquele doido idiota."

"Não." Luce segurou Shelby. "Você não vai lá fora. Você poderia ser morta."

"Eu não entendo", disse Callie. "Por que alguém iria querer machucá-la?"

Foi quando Miles avançou para a entrada do galpão, como um relâmpago. Ele estava carregando um dos caiaques do pai de Luce sobre a cabeça.

"Ninguém vai machucar Luce," ele disse enquanto ele saiu. Direito para a batalha.

"Miles!" Luce gritou. "Volte"

Então ela levantou-se para correr atrás dele, então congelou, atordoada com a visão dele arremessando o caiaque bem em cima de um dos Renegados.

Era Phil.

Seus olhos brancos se abriram e ele gritou, caindo na grama quando o caiaque o feriu. Imobilizado e desamparado, suas asas sujas se contorciam no chão.

Por um instante Miles parecia orgulhoso de si mesmo e Luce sentiu um pouco de orgulho também. Mas, então, uma pequena menina Renegada se adiantou, inclinou a cabeça como um cão ouvindo um assobio no silêncio, levantou o arco prata, e apontou à queima-roupa no peito de Miles.

"Sem misericórdia," ela disse sem emoção.

Miles estava indefeso contra essa menina estranha, que parecia que não tinha conhecimento da misericórdia, nem mesmo pela criança mais bonita e mais inocente do mundo.

"Pare!" Luce gritou, o coração batendo forte em seus ouvidos enquanto ela correu para fora do galpão. Ela podia sentir a batalha acontecer ao seu redor, mas tudo que ela podia ver era aquela flecha, prestes a entrar no peito de Miles.

Preparada para matar mais um de seus amigos.

A cabeça da menina Renegada virou-se no pescoço. Seus olhos vagos ligados em Luce, em seguida, abriram-se ligeiramente, assim como Ariane havia dito, ela realmente podia ver a queima da alma de Luce.

"Não atire nele." Luce estendeu as mãos em sinal de rendição. "Eu sou o que você quer."

Capítulo 19

A Trégua está Acabada

A menina Renegada abaixou o arco. Quando a seta relaxou ao longo da corda, esta rangeu, como se abrindo uma porta de sótão. Seu rosto estava calmo, como um lago tranquilo, num dia sem vento. Ela era da altura de Luce, com pele clara e úmida, lábios pálidos e covinhas mesmo na ausência de um sorriso.

"Se você quer que o menino viva", ela disse, com uma voz monótona: "Eu entregarei a você."

Ao redor deles, os outros tinham parado de lutar. O balanço de pneu rolou até parar, batendo contra o canto da cerca. As asas de Roland desaceleraram até uma batida suave e que o levou para o chão. Todos estavam parados, mas o ar estava carregado com um silêncio elétrico.

Luce podia sentir o peso de tantos olhares caírem sobre ela: Callie, Miles e Shelby. Daniel, Arriane, e Gabbe. Cam, Roland, e Molly. Os olhares cegos dos Renegados. Mas ela não podia se deslocar para longe da garota com os olhos brancos.

"Você não vai matá-lo...se eu não mandar?" Luce estava tão confusa, ela riu. "Eu pensei que você queria me matar."

"Matá-la?" A voz mecânica da menina se agitou-se, registrando surpresa. "De jeito nenhum. Nós morreríamos por você. Nós queremos que você venha conosco. Você é a última esperança. A nossa entrada."

"Entrada?" Miles falou o que Luce estava surpresa demais para dizer. "Para quê?"

"Para o Céu, é claro." A menina olhou para Luce com seus olhos mortos. "Você é o preço."

"Não." Luce sacudiu a cabeça, mas as palavras da menina bateu na porta de sua mente, ecoando de um modo que a fez se sentir tão vazia que ela mal podia suportar.

Entrada no Céu. O preço.

Luce não entendeu. Os Renegados iriam levá-la, e fazer o quê? Usá-la como uma espécie de barganha? Esta menina nem sequer podia ver Luce para saber quem ela era. Se Luce havia aprendido uma coisa em Shoreline, era que ninguém podia manter os mitos no lugar. Eles estavam muito velhos, muito envolvidos. Todo mundo sabia que havia uma história, uma que Luce tinha sido envolvida há um longo tempo, mas ninguém parecia saber o porquê.

"Não dê ouvidos a ela, Luce. Ela é um monstro." As asas de Daniel estavam tremendo. Como se ele achasse que ela fosse sentir vontade de cair na história. Os ombros de Luce começou a coçar, um formigamento quente, que deixou o resto do seu corpo frio.

"Lucinda?" A menina Renegada chamou.

"Ok, espere um minuto", Luce disse para a garota. Ela virou-se para Daniel. "Eu quero saber: O que é essa trégua? E não me diga que não é nada e não me diga que você não pode explicar. Me diga a verdade. Você deve isso a mim."

"Você está certa", disse Daniel, surpreendendo Luce. Ele continuava olhando furtivamente para a Renegada, como se ela pudesse desaparecer com Luce a qualquer momento. "Cam e eu que a estabelecemos. Nós concordamos em deixar de lado nossas diferenças por dezoito dias. Todos os anjos e demônios. Nós nos unimos para caçar os outros inimigos. Como eles." Apontou para a Renegada.

"Mas por quê?"

"Por causa de você. Porque você precisava de tempo. Nossos objetivos finais podem ser diferentes, mas por agora, Cam e eu --- e todos de nossa espécie --- trabalhamos como aliados. Nós temos uma prioridade em comum."

O vislumbre que Luce tinha visto no Anunciador, aquela cena repugnante com Daniel e Cam trabalhando juntos ... era para aceitar na boa porque eles tinham concordado por uma trégua? Para dar tempo a ela?

"Não se você nem mesmo se mantém na trégua." Cam cuspiu na direção de Daniel. "Quão bom é uma trégua, se você não honrá-la?"

"Você também não se manteve nela", disse Luce a Cam. "Você estava na floresta no lado de fora de Shoreline."

"Protegendo você!", Disse Cam. "Não levando-a pra sair para uma passeata ao luar!"

Luce virou-se para Ariane. "O que quer que seja essa trégua ou que não seja, uma vez que esteja acabada, isso significa que que...Cam de repente é o inimigo novamente? E Roland, também? Isso não faz nenhum sentido."

"Diga a palavra, Lucinda", disse a Renegada. "Vou levá-la para longe de tudo isso."

"Para o quê? Para onde?" Luce perguntou. Havia algo de atraente em apenas fugir. De toda a mágoa e da luta e confusão.

"Não faça algo que você vai se arrepender, Luce," Cam advertiu. Era estranho o jeito como ele soava como a voz da razão, em relação a Daniel, que parecia praticamente paralisado.

Luce olhou à sua volta, pela primeira vez desde que saiu do galpão. Os combates cessaram. O mesmo feltro de poeira que havia revestido o cemitério de Sword & Cross agora endurecia a grama do quintal.

Enquanto o grupo de anjos parecia totalmente intacto e contabilizado, os Renegados haviam perdido a maioria do seu exército. Cerca de dez estavam à distância, observando. Seus arcos de prata estavam abaixados.

A menina Renegada ainda estava esperando pela a resposta de Luce. Seus olhos brilhavam no meio da noite e os pés avançavam para trás quando os anjos pressionavam-se mais perto dela. Quando se aproximou de Cam, a menina levantou o arco de prata de novo, lentamente, e apontou-a no coração dele.

Luce assistiu-o endurecer.

"Você não quer ir com os Renegados", ele disse a Luce, "ainda mais nesta noite."

"Não diga a ela o que querer ou não querer." Shelby intrometeu-se "Eu não estou dizendo que ela deva ir com os retardados albinos ou qualquer coisa assim. Apenas parem de tratá-la como bebê e deixe-a fazer as coisas sozinhas uma vez. Já chega disso".

A voz dela explodiu em todo o quintal, fazendo a menina Renegada saltar. Ela virou-se para apontar sua flecha para Shelby.

Luce prendeu a respiração. A seta de prata tremia nas mãos da Renegada. Ela puxou a corda. Luce prendeu a respiração. Mas antes que a menina pudesse disparar, os olhos brilhantes se abriram. O arco caiu-lhe das mãos. E seu corpo desapareceu em um clarão ofuscante de luz cinzenta.

Dois pés atrás de onde a menina Renegada estava, Molly abaixou o arco de prata. Ela atirou hábilmente na menina pelas costas.

"O quê?" Molly latiu quando todo o grupo voltou-se para se embasbacar com ela. "Eu gosto da Nephilim. Ela lembra-me de alguém que eu conheço."

Ela puxou o braço para dar um aceno a Shelby, que disse: "Obrigada. Sério mesmo. Isso foi legal."

Molly deu de ombros, ignorando a gigantesca presença negra subindo por trás dela. O menino Renegado que Miles tinha jogado no chão com o caiaque. Phil.

Ele lançou o caiaque para atrás do corpo, como se fosse um bastão de beisebol, e golpeou Molly, a jogando no gramado. Ela caiu com um grunhido na grama. Jogando o caiaque de lado, o Renegado enfiou a mão no bolso do sobretudo para pegar uma última flecha que brilhava. Seus olhos mortos eram a única parte sem expressão de seu rosto. O resto dele, o seu rugido, sua testa, até as maçãs do rosto, pareciam totalmente ferozes. Sua pele branca parecia esticada no crânio. Suas mãos pareciam mais com garras. A raiva e o desespero tinham mudado de um cara pálido e estranho para o que mais parecia com um monstro de verdade. Ele ergueu seu arco de prata e mirou em Luce.

"Eu estive esperando pacientemente a minha chance com você por semanas. Agora, eu não me importo de ser um pouco mais forte do que a minha irmã", ele rosnou. "Você virá conosco".

Em ambos os lados de Luce, arcos de prata estavam levantados. Cam pegou a dele de volta de dentro do casaco outra vez, e Daniel mexeu no chão para pegar o arco que a menina Exilada tinha acabado de deixar cair.

Phil parecia esperar isso. Seu rosto em um sorriso torcido e escuro.

"Eu preciso matar seu amado pra fazê-la vir comigo?", Perguntou ele, apontando sua flecha, agora para Daniel. "Ou eu preciso matar todos eles?"

Luce olhou para a ponta estranha e plana da flecha de prata, menos de dez metros do peito de Daniel. Sem chance de Phil errar a essa distancia. Ela viu as flechas extinguirem uma dúzia de anjos esta noite com aquele flash insignificante de luz. Mas ela também tinha visto a flecha se desviar da pele de Callie, como se não fosse nada mais que um graveto cego. As flechas de prata matavam anjos, de repente ela percebeu, não humanos.

Ela pulou na frente de Daniel. "Eu não vou deixar você machucá-lo. E as suas flechas não podem me machucar."

Um som escapou de Daniel, um som estranho meia riso, meio soluço. Ela se virou para ele, de olhos arregalados. Ele olhou com medo, mas mais do que isso, ele olhou culpado.

Ela pensou na conversa que tiveram debaixo do pessegueiro retorcido em Sword & Cross, na primeira vez que ele tinha contado a ela sobre suas reencarnações. Lembrou-se de estar com ele na praia em Mendocino quando ele falou do seu lugar no Céu antes dela. Que luta que foi fazer com que ele se abrisse sobre aqueles dias antigos. Ela ainda sentia como se houvesse mais. Tinha que haver mais.

O ranger da corda trouxe sua atenção de volta para o Renegado, que estava puxando para trás a flecha de prata. Agora se destinando a Miles. "Chega de conversa", disse ele. "Eu vou matar seus amigos um a um até que você se entregue a mim."

Em sua mente, Luce viu uma luz brilhante piscar, um redemoinho de cores e um rodopio de imagens de suas vidas passando como flash diante de seus olhos, sua mãe e seu pai e Andrew. Os pais que ela tinha visto no Monte Shasta. Vera esquiando sobre o lago congelado. A menina que tinha nadado na cachoeira em um maiô amarelo de alças. Outras cidades, casas, e os tempos que ela não conseguia reconhecer ainda. O rosto de Daniel de milhares de ângulos diferentes, sob mil luzes diferentes. E incêndio após incêndio.

Então ela piscou os olhos e estava de volta ao quintal. Os Renegados estavam se aproximando, juntando-se e sussurrando para Phil. Ele estava mandando eles se afastarem com as mãos, agitado, tentando se concentrar em Luce. Todo mundo estava tenso.

Ela viu Miles olhando para ela. Ele deve ter ficado apavorado. Mas não, não apavorado. Ele fixava-se nela com tanta intensidade que seu olhar parecia vibrar no interior dela. Luce ficou tonta e sua visão ficou turva. O que se seguiu foi uma sensação estranha de algo a ser tirado dela. Como um revestimento a ser removido de sua pele.

E ela ouviu sua voz dizer: "Não disparem. Eu me rendo".

Só que estava ecoando e desencarnando, e Luce não tinha realmente dito essas palavras. Ela seguiu o som com os olhos, e seu corpo ficou rígido com o que viu.

Outra Luce de pé atrás do Renegado, batendo-lhe no ombro.

Mas esta não era nenhum vislumbre de uma vida anterior. Esta era ela, em sua calça jeans skinny preta e camisa xadrez com um botão faltando. Com seu cabelo preto cortado e recém-tingidos. Com os olhos cor de avelã provocando o Renegado. Com a queima da mesma alma claramente visível para ele. Claramente visível para todos os outros anjos, também. Isto era uma imagem de espelho dela. Isto era-Miles está fazendo isso.

O dom dele. Ele tinha fragmentado Luce em outra Luce, assim como ele disse a ela que podia fazer em seu primeiro dia na Shoreline. Dizem que é fácil de fazer com as pessoas que meio que ama, ele disse.

Ele a amava.

Ela não podia pensar nisso agora. Enquanto todos os olhos estavam atraídos para a reflexão, a Luce de verdade recuou dois passos e se escondeu dentro do galpão.

"O que está acontecendo?" Cam gritou para Daniel.

"Eu não sei!" Daniel sussurrou com voz rouca.

Só Shelby parecia entender. "Ele fez isso", disse ela baixinho.

O Renegado girou seu arco para mirar esta nova Luce. Como se ele não confiasse muito na vitória.

"Vamos fazer assim", Luce ouviu sua própria voz dizendo no meio do quintal. "Eu não posso ficar aqui com eles. Muitos segredos. Muitas mentiras."

Uma parte dela se sentia dessa forma. Que ela não podia continuar assim. Que algo tinha que mudar.

"Você vai vir comigo, e se juntar aos meus irmãos e minhas irmãs?" O Renegado disse, soando esperançoso. Os olhos dele lhe causou náuseas. Ele estendeu a mão fantasmagoricamente branca.

"Eu vou", a voz de Luce projetou-se.

"Luce, não." Daniel prendeu a respiração. "Você não pode."

Agora, os Exilados restantes levantaram seus arcos contra Daniel e Cam e o resto deles, para que eles não interferissem. O espelho de Luce avançou. Enfiou a mão dentro das de Phil. "Sim, eu posso".

O monstro Exilado embalou-a em seus rígidos braços brancos. Houve um grande retalho de asas sujas. Uma nuvem de poeira saiu solo. Dentro do galpão, Luce prendeu a respiração.

Ela ouviu o suspiro de Daniel quando o espelho de Luce e os Renegados dispararam para cima e para fora do quintal. O resto deles olharam incrédulos. Exceto Shelby e Miles.

"O que diabos aconteceu?" Ariane disse. "Será que ela realmente"

"Não!" Daniel chorou. "Não, não, não!"

O coração de Luce doeu quando ele puxou o cabelo, girou em um círculo, e deixou suas asas florescerem para fora para o seu real tamanho.

Imediatamente, a frota dos Renegados restantes abriram suas próprias asas marrons sujas e levantaram vôo. Suas asas eram tão finas que eles tinham que bater freneticamente, só para ficar no ar. Eles estavam se aproximando de Phil. Tentando formar um escudo em torno dele para que ele pudesse levar Luce para onde quer que ele pensasse que a estava levando.

Mas Cam foi mais rápido. Os Exilados estavam, provavelmente, a vinte metros no ar quando Luce ouviu uma última flecha solta de seu arco.

A flecha de Cam não era para Phil. Ela era para Luce.

E sua mira era perfeita. Luce congelou quando sua imagem de espelho desapareceu em um grande brilho de luz branca. No céu, as asas esfarrapada de Phil estremeceu abertas. Vazias. Um rugido horrível escapou de sua boca. Ele começou a girar de volta na direção de Cam, seguido por seu exército de Exilados. Mas então ele parou no meio caminho. Como se ele tivesse percebido que não havia mais motivo para voltar.

"Então começa de novo", ele falou para Cam. Para todos eles. "Poderia ter terminado de forma pacífica. Mas esta noite você fez uma nova seita de inimigos imortais. Da próxima vez não vamos negociar".

Em seguida, o Renegados desapareceram na noite.

De volta ao quintal, Daniel se lançou em Cam, jogando-o ao chão. "O que há de errado com você?" Ele gritou, seus punhos chorosos se debatendo no rosto de Cam. "Como você pôde?"

Cam se esticou para detê-lo. Eles rolaram um sobre o outro na grama. "Foi um fim melhor para ela, Daniel".

Daniel estava perturbado, atacando Cam, batendo a cabeça dele no chão. Os olhos de Daniel brilhavam. "Eu vou matar você! "

"Você sabe que eu tenho razão!" Cam gritou, sem nem lutar de volta.

Daniel congelou. Ele fechou os olhos. "Eu não sei de nada agora." Sua voz era áspera. Ele tinha agarrado Cam pela lapela, mas agora ele apenas deixou-se cair no chão, enterrando seu rosto na grama.

Luce queria ir até ele. Para cair em cima dele e dizer-lhe que tudo ia ficar bem.

Só que não ia.

O que ela tinha visto esta noite foi demais. Ela sentiu-se mal ao ver --- sua imagem no espelho de Miles --- morrer por uma starshot.

Miles tinha salvado sua vida. Ela não conseguia se recuperar disso.

E o resto deles pensaram que Cam tinha terminado isso.

Sua cabeça estava tonta quando ela avançou das sombras do galpão, planejando contar aos outros para não se preocuparem, que ela ainda estava viva. Mas então ela percebeu a presença de outra coisa.

Um Anunciador estava tremendo na porta. Luce saiu do galpão e se aproximou dele.

Lentamente, libertou-se de uma sombra projetada pela lua. Ele deslizou ao longo da relva em direção a ela por uns metros, pegando uma camada suja de poeira deixada pela guerra. Quando chegou em Luce, ele estremeceu-se e subiu ao longo do corpo dela, até que pairou sombriamente sobre a cabeça .

Ela fechou os olhos e sentiu-se levantar a mão para encontrá-lo. A escuridão caiu descansando na palma da mão dela.

Ele fez um som frio escaldante.

"O que é isso?" A cabeça de Daniel girou rapidamente por causa do barulho. Ele se levantou do chão.

"Luce!"

Ela ficou parada enquanto os outros engasgavam ao vê-la de pé em frente ao galpão. Ela não queria vislumbrar um Anunciador. Ela tinha visto o suficiente por uma noite. Ela nem sabia por que ela estava fazendo isso...

Até que ela vislumbrou. Ela não estava procurando por uma visão, ela estava procurando uma saída. Algo distante o suficiente para se transpassar. Tinha passado muito tempo desde que ela tinha tido um momento para pensar por conta própria. O que que ela precisava era de um tempo. De tudo.

"Hora de ir", disse ela para si mesma.

A porta-sombra que se apresentava à sua frente não era perfeita, estava recortada em torno das bordas e fedia a esgoto. Mas Luce rompeu a superfície dele mesmo assim.

"Você não sabe o que está fazendo, Luce!" A voz de Roland chegou a ela na beira da porta. "Isso pode levá-la a qualquer lugar!"

Daniel estava em pé, correndo na direção dela. "O que você está fazendo?" Ela podia ouvir o profundo alívio em sua voz porque ela ainda estava viva, e o puro pânico por ela poder manipular o Anunciador.

A ansiedade dele só a impulsionou pra dentro.

Ela queria olhar para trás para se desculpar com Callie, para agradecer Miles pelo que ele tinha feito, para dizer a Ariane e Gabbe para não se preocuparem da maneira que ela sabia que elas iriam de qualquer maneira, para deixar uma palavra para os pais. Para dizer a Daniel que não a seguisse, que ela precisava fazer isso por si própria. Mas sua chance de se libertar estava se fechando. Então ela deu um passo a frente e chamou por cima do ombro por Roland, "Acho que vou ter que descobrir."

Com o canto do olho, viu Daniel correndo em sua direção. Como se ele não tivesse acreditado até agora que ela faria isso.

Ela sentiu as palavras subindo na garganta. Eu te amo. Ela amava. Ela amava para sempre. Mas se ela e Daniel sofreram desde sempre, o amor deles podia esperar até que ela descobrisse algumas coisas importantes sobre si mesma. Sobre suas vidas e a vida que tinha à sua frente. Esta noite só tinha tempo de dar adeus, dar uma respiração profunda, e saltar para a sombra triste.

Para dentro da escuridão.

Para dentro do passado dela

Epílogo

Pandemonio

"O que aconteceu?"

"Para onde ela foi?"

"Quem lhe ensinou como fazer isso?"

As vozes frenéticas no quintal pareciam vacilantes e distantes para Daniel. Ele sabia que os outros anjos caídos estavam discutindo, procurando por Anunciadores nas sombras do pátio. Daniel era uma ilha, fechado para tudo, exceto sua própria agonia.

Ele havia fracassado com ela. Ele havia fracassado.

Como pode ser? Durante semanas, ele tinha se esforçado tanto, seu único objetivo de mantê-la segura até o momento quando ele já não podia mais oferecer-lhe proteção. Agora aquele momento tinha chegado e acabado — o mesmo aconteceu com Luce. Qualquer coisa pode acontecer com ela. E ela poderia estar em qualquer lugar. Ele nunca se sentira tão vazio e com vergonha.

"Por que não podemos achar o Anunciador que ela transpassou, recompor os pedaços, e ir atrás dela?"

O menino Nephilim. Miles. Ele estava de joelhos, penteando a grama com os dedos. Como um idiota.

"Eles não trabalham dessa forma", Daniel rosnou para ele. "Quando você pisa no tempo, você leva o Anunciador com você. É por isso que nunca dá pra fazer, a menos que ... "

Cam olhou para Miles, quase com pena. "Por favor diz pra mim que Luce sabe mais sobre viagens no Anunciador do que você."

"Cale a boca", disse Shelby, que repousava sobre Miles de forma protetora. "Se ele não tivesse criado a imagem de Luce, Phil teria levado ela."

Shelby parecia guardada e com medo, se sentindo deslocada entre os anjos caídos. Anos atrás, ela tinha tido uma paixão por Daniel, que ele nunca retribuiu, é claro. Mas até hoje, ele sempre tinha gostado da menina. Agora ela estava apenas no caminho.

"Você mesmo disse que Luce estaria melhor morta do que com os Renegados", disse ela, defendendo Miles ainda.

"Os Renegados que todos vocês convidaram até aqui." Ariane entrou na conversa, virando-se pra Shelby, cujo rosto ficou vermelho.

"Por que você assumiria que alguma criança Nephilim conseguisse detectar os Renegados?" Molly desafiou Ariane. "Você estava naquela escola. Você deve ter notado alguma coisa."

"Todos vocês:. Quietos " Daniel não conseguia pensar direito. O quintal estava cheio de anjos, mas a ausência de Luce o fez parecer totalmente vazio.

Ele mal conseguia ficar ali olhando para os outros. Shelby, por cair fácil na armadilha dos Renegados. Miles, por pensar que ele tinha algum interesse no futuro de Luce. Cam, pelo que tentou fazer ...

Ah, aquele momento em que Daniel pensou que ele a tinha perdido para a starshot de Cam! Suas asas pareciam muito pesadas para se levantar. Mais frias que a morte. Nesse instante, ele havia perdido toda a esperança.

Mas era apenas uma ilusão. Uma reflexão criada, nada de especial em circunstâncias normais, mas esta noite era a última coisa que Daniel tinha esperado. Tinha-lhe dado um choque horrível. Um que quase o matou. Até a alegria da ressurreição dela.

Ainda havia esperança.

Contanto que ele pudesse encontrá-la. Ele havia ficado atordoado, vendo Luce abrir a sombra. Aterrorizado e impressionado e dolorosamente

atraído por ela, mas mais do que tudo isso, chocado. Quantas vezes ela tinha feito isso antes, sem mesmo ele saber?

"O que você acha?" Cam perguntou, chegando ao lado dele. Suas asas se fecharam uma em direção a outro, aquela antiga força magnética, e Daniel estava muito esgotado para se afastar.

"Eu estou indo atrás dela", disse ele.

"Bom plano." Cam zombou. "Apenas 'vá atrás dela'. Qualquer lugar no tempo e no espaço através dos muitos milhares de anos. Por que você precisaria de uma estratégia, hein?"

Seu sarcasmo fez com que Daniel quizesse atacar-lhe pela segunda vez.

"Eu não estou pedindo sua ajuda e seus conselhos, Cam".

Apenas duas starshots permaneceram no quintal: a que ele pegou da Renegada que Molly matara, e a que Cam tinha encontrado na praia no começo da trégua. Teria havido uma boa simetria se Cam e Daniel viessem trabalhando como inimigos até agora, dois arcos, duas starshots, dois inimigos imortais.

Mas não. Ainda não. Eles tinham que eliminar a tantos outros antes que eles pudessem voltar-se um contra o outro mais uma vez.

"O que Cam quer dizer é ...", Roland ficou entre eles, falando com Daniel em voz baixa "é que isto pode precisar algum esforço de equipe. Eu já vi a forma como estas crianças atravessam os Anunciadores. Ela não sabe o que está fazendo, Daniel. Ela vai se meter em problemas muito rápido."

"Eu sei".

"Não é um sinal de fraqueza nos deixar ajudar", disse Roland.

"Eu posso ajudar", Shelby falou. Ela estava sussurrando com Miles. "Eu acho que eu sei onde ela está."

"Você?" Daniel perguntou. "Você já ajudou bastante. Vocês dois".

"Daniel ... "

"Eu conheço Luce melhor do que ninguém no mundo." Daniel se afastou de todos eles, em direção ao espaço escuro e vazio no quintal onde ela transpassou. "Muito melhor que qualquer um de vocês jamais conheceria. Eu não preciso da ajuda de vocês."

"Você conhece o passado dela", disse Shelby, entrando na frente dele para que ele tivesse que olhar para ela. "Você não sabe o que ela passou nas últimas semanas. Eu sou aquela que tem estado por perto enquanto ela vislumbra suas vidas passadas. Eu sou a única que viu o rosto dela quando ela encontrou a irmã que ela perdeu quando você a beijou e ela ..." a voz de Shelby morreu. "Eu sei que vocês todos me odeiam agora. Mas eu juro por - Ah, em quem quer que seja que vocês acreditam. Vocês podem confiar em mim daqui pra frente. Em Miles também. Nós queremos ajudar. Nós vamos ajudar. Por favor." Ela estendeu a mãos até Daniel. "Confiem em nós."

Daniel se livrou dela. Confiança como uma atividade sempre o incomodava. O que ele tinha com Luce era inabalável. Nunca houve nenhuma necessidade ainda de trabalhar por confiança. O amor deles apenas era a confiança.

Mas por toda a eternidade, Daniel nunca tinha sido capaz de encontrar a fé em ninguém ou nada. E ele não queria começar a encontrar agora. Descendo a rua, um cão latiu. Então, novamente, mais alto. Mais perto.

Os pais de Luce, voltando do passeio.

No quintal escuro, os olhos de Daniel se encontraram com os de Gabbe. Ela estava em pé perto de Callie, provavelmente, consolando ela. Ela já tinha recolhido as asas.

"Apenas vá", Gabbe falou afetadamente com ele no quintal desolado e poeirento. O que ela quis dizer era Vão buscar ela. Ela iria lidar com os pais de Luce. Ela iria cuidar pra que Callie chegasse em casa. Ela cobriria todas as bases a fim de que Daniel pudesse ir atrás do que importava. Nós vamos encontrá-lo e ajudá-lo o mais rapidamente possível.

A lua se escondeu por de trás de uma névoa de nuvem. A sombra de Daniel alongou-se na relva à seus pés. Ele observou-na inchar um pouco, depois começou a formar o Anunciador dentro dela. Quando a fria e úmida escuridão encostou nele, Daniel percebeu que não tinha atravessado no tempo em anos.

Olhar para trás não era normalmente o seu estilo.

Mas os gestos ainda estavam nele, enterrados em suas asas, ou em sua alma ou seu coração. Moveu-se rapidamente, desgarrando o Anunciador para fora de sua própria sombra, dando-lhe um rápido beliscão para soltá-lo do chão.

Então ele a lançou, como um pedaço de barro, no ar diretamente na frente dele.

Ela formou um portal limpo e finito.

Ele tinha feito parte de cada uma das vidas passadas de Luce. Não havia razão para ele não ser capaz de encontrá-la.

Ele abriu a porta. Não há tempo a perder. Seu coração ia levá-lo até ela.

Ele tinha um senso natural de que algo ruim estava pra acontecer, mas uma esperança de que algo incrível estava esperando à distância.

Tinha que estar.

Seu amor ardente por ela percorria por ele até que sentiu tão cheio que não sabia se ele iria caber através do portal. Ele colocou suas asas perto contra o seu corpo e saltou para o Anunciador.

Atrás dele, no quintal, uma comoção distante. Sussurros, cochichos e gritos.

Ele não se importava. Ele não se importava com nenhum deles, de verdade.

Somente ela.

Ele gritou quando rompeu.

"Daniel".

Vozes. Atrás dele, seguindo, ficando mais perto. Chamando o nome dele enquanto ele entrava num túnel profundo e mais profundo para o passado.

Será que ele a encontraria?

Sem sombra de dúvida.

Será que ele a salvaria?

Sempre.

Fim!!!!